UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Mariana Campeti Cuoghi Rocco

Experiência materna, psicodinamismos e o desenvolvimento do *self* de mulheres e meninas vítimas de abuso sexual: um estudo transgeracional

Ribeirão Preto
2019

Mariana Campeti Cuoghi Rocco

Experiência materna, psicodinamismos e o desenvolvimento do *self* de mulheres e meninas vítimas de abuso sexual: um estudo transgeracional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientadora: Profa Dra Valeria Barbieri

Versão corrigida

Ribeirão Preto
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Cuoghi-Rocco, Mariana Campeti

Experiência materna, psicodinamismos e o desenvolvimento do *self* de mulheres e meninas vítimas de abuso sexual: um estudo transgeracional, 2019.

227 p. : il

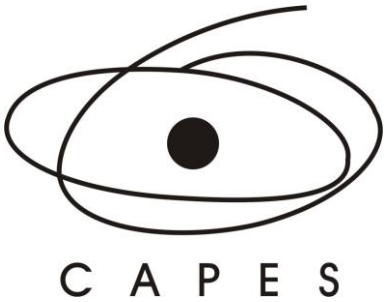
Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientador: Barbieri, Valeria.

1. Abuso sexual na infância. 2. Provisão ambiental. 3. *Self*. 4. Transmissão psíquica entre gerações. 5. Psicanálise.

Apoio financeiro:

Este trabalho foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com bolsa de mestrado de agosto de 2016 a agosto de 2018.



Nome: Cuoghi-Rocco, Mariana Campeti

Título: Experiência materna, psicodinamismos e o desenvolvimento do *self* de mulheres e meninas vítimas de abuso sexual: um estudo transgeracional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências. Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr.:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr.:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr.:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Dedico este trabalho a todas as crianças que vivenciaram o abuso sexual, suas famílias e as futuras gerações destas vítimas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e pela oportunidade de viver esta experiência.

Aos meus pais, Osmar e Rosana, que me concederam a oportunidade da vida e me deram todo o suporte necessário para viver, material e emocional, possibilitando-me a realização desta pesquisa.

À minha irmã Isabela, por toda a admiração e respeito, e por sempre acreditar na minha capacidade de alcançar meus objetivos.

Ao meu marido Thomas, pelos bilhetes de incentivo, pelo companheirismo e parceria infinitos, e por nunca me deixar esquecer que seria capaz de chegar até aqui.

À minha orientadora, Profª Valeria, que me aceitou em seu grupo de pesquisa e me oportunizou esta vivência inesquecível, agradeço especialmente a confiança e a paciência.

À todos os amigos, professores, colegas de profissão e de grupo de pesquisa, que de alguma maneira fizeram parte desta trajetória.

À equipe profissional do SEAVIDAS, especialmente às psicólogas Gisele e Thaís, que me oportunizaram o acesso às participantes do serviço e o local para a realização da coleta.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e aos que irão compor a banca de defesa, agradeço de antemão o aceite e a atenção a este trabalho.

Por fim, agradeço às quatro participantes desta pesquisa, que gentilmente me concederam parte de suas árduas histórias e proporcionaram que este trabalho trilhasse um caminho tão profundo e enriquecedor.

PREÂMBULO

O interesse pelo tema do abuso sexual infantil me acompanha há alguns anos. Desde o segundo ano da graduação, comecei a me inteirar no mundo das pesquisas e, aos poucos, fui me inserindo no tema da violência. Concomitantemente, o contato com a psicanálise me deixava cada vez mais encantada e intrigada para conhecer o rico e curioso funcionamento mental.

Durante a graduação, participei de Projeto de Extensão e desenvolvi uma pesquisa de Iniciação Científica, os quais percorriam os temas da violência e do abuso sexual infantil, que me mobilizaram e me inquietaram. A experiência clínica, ao final deste período, encantou-me e me fez sentir que este era o caminho que eu gostaria de percorrer como psicóloga. No entanto, o meu anseio por compreender com mais profundidade o funcionamento psíquico e poder, posteriormente, transmiti-lo a estudantes e profissionais, fez-me desejar buscar a carreira acadêmica e, assim, encaminhei-me para o mestrado.

Na realização da pesquisa atual, encarei inúmeros desafios e, mesmo em momentos de angústia, nunca deixei de me sentir realizada pela minha escolha. A vivência acadêmica me possibilitou enxergar novos horizontes e descobrir novas capacidades, pessoais e profissionais, ao mesmo tempo que me oportuniza a possibilidade futura de disseminar estas experiências e conhecimentos como professora universitária. Esta pesquisa, ancorada na teoria psicanalítica e abordando o tema do abuso sexual, possibilitou-me vivências únicas e espero que ela contribua de alguma maneira à academia e aos profissionais da área, da mesma maneira que o fez na minha vida.

RESUMO

Cuoghi-Rocco, M. C. (2019). *Experiência materna, psicodinamismos e o desenvolvimento do self de mulheres e meninas vítimas de abuso sexual: um estudo transgeracional* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).

O abuso sexual infantil é um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo, tratando-se de um fenômeno complexo, universal e de elevada prevalência na população. A instituição familiar é composta de histórias e heranças que foram transmitidas por gerações anteriores que interferem na constituição do *self* da criança, assim como a maternagem é uma reedição das memórias dos vínculos primitivos da mãe. A partir disso, o objetivo desta pesquisa é investigar as condições do desenvolvimento do *self*, os psicodinamismos e a experiência materna de mulheres vítimas de abuso sexual de uma mesma família, cujas filhas também sofreram esse tipo de violência, entrecruzando os resultados da avaliação de mães e filhas, de modo a identificar possíveis padrões na maternidade susceptíveis de serem transmitidos entre as gerações. Para isto, foi realizada uma pesquisa clínico-qualitativa e psicanalítica com a utilização de técnicas projetivas de avaliação psicológica em uma família composta de uma mãe, uma avó e duas meninas, todas elas vítimas de abuso sexual. A avaliação das mães implicou uma entrevista semidirigida, a apresentação de uma obra de arte como mediadora da comunicação, e a aplicação do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias. Nas crianças, foram aplicados o Teste das Matrizes Coloridas Progressivas de Raven, o Teste do Desenho da Casa, Árvore e Pessoa - HTP e o Procedimento de Desenhos-Estórias. Para a análise dos dados, utilizou-se o método da livre inspeção do material, empregando a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional e a da Transmissão Psíquica Transgeracional como *background* para a compreensão dos casos. Os resultados mostraram que a repetição da vivência do abuso nas gerações da família revela a transmissão de uma cripta, a qual comporta um conteúdo referente aos abusos, à fragilidade e aos maus tratos (característicos da erosão do campo da ternura), e também referente à culpa, à sedução, à sexualidade (característicos do campo da paixão). Observou-se nas participantes uma reprodução da deficiência de *holding* da figura materna, poucas experiências de cuidado e proteção, negligência, desamparo e um amadurecimento precoce "superficial". Conclui-se que o cerne da problemática desta família é a busca de um encontro afetivo para suprir as necessidades de dependência não atendidas, o qual nunca foi vivenciado. Esta pesquisa tentou elucidar e aprofundar o entendimento de casos de abuso sexual caracterizados por uma

repetição da violência nas gerações e evidenciou a importância de um manejo específico dos psicólogos para estes casos.
Palavras-chave: Abuso sexual na infância. Provisão ambiental. *Self*. Transmissão psíquica entre gerações. Psicanálise.

ABSTRACT

Cuoghi-Rocco, M. C. (2019). *Maternal experience, psychodynamics and the development of the self of women and girls victims of sexual abuse: a transgenerational study* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).

Child sexual abuse is a serious public health issue both in Brazil and worldwide, being a complex and universal phenomenon, with a high prevalence in the population. The family institution is composed of stories and inheritances that have been passed on by previous generations that interfere with the constitution of the child's self, just as mothering is a repetition of the mother's primitive bonds. Considering this, the objective of this research is to investigate the conditions of the self's development, the psychodynamics and the maternal experience of women of the same family who were victims of sexual abuse, and whose daughters were victims of this kind of violence as well, crossing the results of the evaluation of mothers and daughters, in order to identify possible patterns in motherhood susceptible to transmission between generations. For this, a clinical-qualitative and psychoanalytic research was carried out using projective techniques of psychological evaluation in a family composed of a mother, a grandmother and two girls, all of them victims of sexual abuse. The evaluation of the mother consisted of a semi-directed interview, the presentation of a work of art as a mediator of communication and the use of the Draw a Family- and- Tell a Story Procedure. On the children, it was used the Raven's Colored Progressive Matrices test; the House- Tree-Person test- HTP and the Story-Drawing Procedure. For data analysis, the method of free material inspection was used, employing the winnicottian theory of emotional maturation and of the Transgenerational Psychic Transmission as background for the comprehension of the cases. The results showed that the repetition of the experience of abuse in the generations of the family reveals the transmission of a crypt, which holds content concerning abuses, fragility and ill-treatment (characteristic of the erosion of the field of tenderness), as well as guilt, seduction and sexuality (characteristic of the field of passion). It was observed in the participants a reproduction of the maternal figure's holding disability, few experiences of care and protection, neglect, helplessness and a "superficial" precocious maturation. It is concluded that the heart of the problematic of this family is the search for an affective encounter to supply the unmet needs of dependence, which has never been experienced. This research has attempted to elucidate and deepen the understanding of cases of sexual abuse

characterized by a repetition of violence in the generations and evidenced the importance of a specific management by psychologists for such cases
Keywords: Child sexual abuse. Ambient provision. Self. Psychic transmission between generations. Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira UP de Joana..... 79
Figura 2 - Segunda UP de Joana..... 83
Figura 3 - Terceira UP de Joana..... 87
Figura 4 - Quarta UP de Joana..... 89
Figura 5 - Desenho da casa de Beatriz..... 96
Figura 6 - Desenho da árvore de Beatriz..... 99
Figura 7 - Desenho da pessoa de Beatriz..... 102
Figura 8 - Primeira UP de Beatriz..... 105
Figura 9 - Segunda UP de Beatriz..... 107
Figura 10 - Terceira UP de Beatriz..... 108
Figura 11 - Quarta UP de Beatriz..... 110
Figura 12 - Quinta UP de Beatriz..... 111
Figura 13 - Primeira UP de Marina..... 127
Figura 14 - Segunda UP de Marina..... 130
Figura 15 - Terceira UP de Marina..... 135
Figura 16 - Quarta UP de Marina..... 138
Figura 17 - Desenho da casa de Eduarda..... 149
Figura 18 - Desenho da árvore de Eduarda..... 155
Figura 19 - Desenho da pessoa de Eduarda..... 158
Figura 20 - Primeira UP de Eduarda..... 162
Figura 21 - Segunda UP de Eduarda..... 164
Figura 22 - Terceira UP de Eduarda..... 166
Figura 23 - Quarta UP de Eduarda..... 167
Figura 24 - Quinta UP de Eduarda..... 169

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

1.1 Violência, abuso sexual e trauma 15

1.2 A mãe e a família da criança vítima de abuso sexual 21

1.3 O desenvolvimento emocional segundo a teoria de Winnicott 25

1.4 Transmissão psíquica transgeracional 31

2 JUSTIFICATIVA 39

3 OBJETIVO 41

3.1 Objetivo geral 41

3.2 Objetivos específicos 41

4 MÉTODO 43

4.1 Delineamento da pesquisa 43

4.1.1 Método qualitativo 43

4.1.2 Método clínico e psicanalítico 45

4.1.3 Estratégia metodológica 47

4.1.4 Instrumentos do método psicanalítico 48

4.2 Participantes 49

4.3 Instrumentos 49

4.3.1 Para a avaliação da mãe 49

4.3.2 Para a avaliação da criança 51

4.3.3 Com a criança e com a mãe 52

4.4 Procedimento 52

4.5 Análise de dados 54

5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS 57

6 RESULTADOS 59

6.1 Joana 59

6.1.1 Entrevista semiestruturada 59

6.1.2 Obra de arte “Maternal Kiss” 64

6.1.3 Procedimento de Desenho de Famílias com Estórias (DF-E) 76

6.2 Beatriz 91

6.2.1 *Rapport* 92

6.2.2 Aplicação de Matrizes Progressivas Coloridas de Raven 95

6.2.3 Aplicação do HTP 96
6.2.4 Procedimento de Desenhos-Estórias 104
6.3 Marina 112
6.3.1 Entrevista semidirigida 112
6.3.2 Obra de arte “Maternal Kiss” 116
6.3.3 Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E) 127
6.4 Eduarda 140
6.4.1 *Rapport* 140
6.4.2 Aplicação das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven 149
6.4.3 Aplicação do HTP 149
6.4.4 Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) 160
7 SÍNTESES 171
7.1 Síntese do caso Joana 171
7.2 Síntese do caso Beatriz 174
7.3 Síntese da díade Joana e Beatriz 175
7.4 Síntese do caso Marina 177
7.5 Síntese da díade Joana e Marina 181
7.6 Síntese do caso Eduarda 182
7.7 Síntese da díade Marina e Eduarda 184
7.8 Síntese familiar 186
8 DISCUSSÃO 195
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS 203
REFERÊNCIAS 209
APÊNDICES 217
ANEXOS 227

1 INTRODUÇÃO

Acordar viver

Como acordar sem sofrimento?
Recomeçar sem horror?
O sono transportou-me
àquele reino onde não existe vida
e eu quedo inerte sem paixão.

Como repetir, dia seguinte após dia seguinte,
a fábula inconclusa,
suportar a semelhança das coisas ásperas
de amanhã com as coisas ásperas de hoje?

Como proteger-me das feridas
que rasga em mim o acontecimento,
qualquer acontecimento
que lembra a Terra e sua púrpura
demente?
E mais aquela ferida que me inflijo
a cada hora, algoz,
do inocente que não sou?

Ninguém responde, a vida é pétrea.

Carlos Drummond de Andrade

1.1 Violência, abuso sexual e trauma

O abuso sexual infantil se configura como um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Trata-se de um fenômeno complexo, universal, de rápido crescimento e elevada prevalência na população (Souza & Adesse, 2005), por isso exige estratégias de abordagem multidisciplinar. Por se tratar de um assunto cercado de mitos e tabus, a identificação do abuso sexual é sempre problemática e difícil; além disso, sua descoberta provoca fortes reações emocionais em toda a família (Fuks, 2006). Em vista disto, a transmissão de informação é imprescindível para a construção e o desenvolvimento deste campo de pesquisa e para ajudar a criança e a família que tendem a se encontrar em intenso sofrimento, aparente ou não.

Pesquisas recentes mostram um alto número de crianças vítimas de violência no Brasil. O serviço do governo federal para receber denúncias de violação de direitos humanos, Disque 100, recebeu mais 20 mil notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no ano de 2017, equivalente à média de 55 por dia (Brasil, 2018). O agravante é

que normalmente nos episódios de abuso sexual, outras violações ocorrem contra a criança, isto é, estão acompanhados de negligência e provavelmente violência física e psicológica (Childhood Brasil, 2014). O Disque-Denúncia Nacional da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) revela que o estado de São Paulo lidera o número total de denúncias (19%), seguido do Rio de Janeiro (11%) e da Bahia (8%) (Childhood Brasil, 2014). Segundo o Boletim Epidemiológico (Ministério da Saúde, 2018), as principais vítimas de violência sexual no Brasil são meninas na faixa etária de 1 a 5 anos de idade, sendo que 71,2% dos abusos notificados ocorreram dentro da residência das crianças, perpetrados principalmente por parentes próximos (Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendoza, 2009). Neste cenário, o maior problema encontrado é que as instituições de proteção não conseguem monitorar todos os casos que estão sob a sua responsabilidade e, muitos deles nem sequer chegam ao conhecimento desses órgãos (Ferreira, 2005). Apesar disso, o número de denúncias aumentou em 29% de 2016 para 2017 no país (Ministério dos Direitos Humanos, 2018), fato que pode estar relacionado à maior viabilização de acesso à rede do Disque 100, via aplicativos de celular e internet, e a uma crescente divulgação midiática sobre casos de abuso sexual.

O tema da violência tem sido discutido há muitos anos nos âmbitos internacional e nacional, sendo hoje considerado como um dos cernes da inquietação cotidiana. O termo deriva do latim *violentia,* que significa qualquer comportamento aplicador de força, vigor (Zaluar, 1999). No entanto, não se trata somente de força, cujo termo remete ao dispêndio de energia física; a violência é todo e qualquer comportamento intencional que provoca danos físicos, morais e/ou psicológicos em outro ser vivo.

Na Psicanálise não há uma conceituação plenamente definida do termo violência; contudo, há autores que buscam defini-la. Costa (2003), por exemplo, afirma que “Violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional” (p. 30). Nesse sentido, ele destaca a especificidade da violência humana como portadora da marca de um desejo, ao contrário do animal, que não a deseja, mas dela necessita. Para este estudo, consideraremos a violência segundo esta concepção de Costa (2003), portanto, ela não será definida como agressividade, nem equiparada a um impulso instintivo.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), violência sexual é todo ato sexual não desejado, podendo envolver comentários, insinuações, tráfico, sendo direcionado contra a sexualidade de uma pessoa, independente da relação com a vítima e do contexto; pode

envolver penetração ou não (Jewkes, Sen & Garcia-Moreno, 2002). Mais detalhadamente, violência sexual infantil é:

> Todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. (Azevedo & Guerra, 1989, p. 42)

É possível ainda distinguir alguns tipos de violência sexual com características diferentes, tais como: abuso sexual, exploração sexual, estupro, assédio sexual, pedofilia. Contudo, não há um consenso na literatura sobre a definição e a distinção plena destes termos, especialmente entre abuso e violência sexual. Esta ainda pode ser categorizada como extrafamiliar ou intrafamiliar. Geralmente, o primeiro ocorre em um episódio único, como nos casos de estupro ou pornografia infantil, envolvendo um agressor desconhecido. No intrafamiliar, é uma ação que ocorre na família, envolvendo parentes que vivem ou não sob o mesmo teto; tende a ocorrer de maneira silenciosa, com um início sutil e gradual. Conforme o abusador vai conquistando a confiança da vítima, o contato sexual vai se tornando mais íntimo (Araújo, 2002; Borges & Dell'Aglio, 2008). Portanto, para fins deste trabalho, será utilizado o termo abuso sexual intrafamiliar, que é caracterizado como:

> Um tipo de agressão definido como o envolvimento de crianças e adolescentes dependentes e evolutivamente imaturos em atividades sexuais que eles não compreendem, para os quais não são capazes de dar consentimento informado, e que violam os tabus sexuais dos papéis familiares. Fundamentalmente, estabelece-se uma relação de poder ou controle entre o agressor e a vítima que, não necessariamente, é uma pessoa adulta. (Pimentel & Araujo, 2006, p. 40)

Quando o abuso sexual é cometido contra uma criança dentro do contexto familiar, existe um agravante que é a presença de um adulto como agente da violência, o qual é o representante do poder e portador dos emblemas da cultura para a criança. Este ocupa o lugar de dominante, sem considerar as necessidades que possa ter o abusado (Fuks, 2006). O abuso sexual infantil intrafamiliar, desse modo, remete à consumação do incesto, um assunto muito abrangente e que também não possui uma definição única na literatura. De acordo com Forward e Buck (1989), por exemplo, em uma abordagem psicológica, ele pode ser considerado como qualquer contato abertamente sexual entre pessoas que tenham um grau de parentesco, por consanguinidade ou por afinidade, ou que acreditam tê-lo. Para Fuks (1998), no entanto, o abuso sexual infantil que ocorre no contexto familiar é a consumação do incesto, caracterizado por uma relação de poder sobre a criança e a incapacidade desta para dar um consentimento informado. Este trabalho não tem a pretensão de aprofundar esta discussão, contudo, sob o vértice de alguns autores, como Fuks (1998), abuso sexual infantil intrafamiliar também pode ser entendido como a consumação do incesto.

Um ponto importante em relação ao abuso sexual é a falta de materialidade do fato, pois na maioria dos casos não se observa marcas físicas, o que pode acarretar em

desconfiança da veracidade da fala da criança e até mesmo na suspenção da investigação do caso (Borges & Dell'Aglio, 2008). Nesse sentido, a avaliação das alterações emocionais e comportamentais é essencial para a identificação da violência e, para isso, o psicodiagnóstico é fundamental. A técnica projetiva gráfica é um recurso importante na realização de psicodiagnósticos, pois a liberdade de associação proporciona uma ampla exploração da personalidade e oferece acesso à dinâmica emocional dos processos inconscientes (Trinca, 1997). Há vários estudos científicos no Brasil que utilizaram técnicas como essas para melhor compreender as dinâmicas emocionais de crianças que sofreram violência sexual.

Albornoz (2011), por exemplo, fez uma investigação a partir do Desenho da Figura Humana (DFH) com 378 crianças, divididas em grupo clínico (abusadas sexualmente) e grupo controle, com o objetivo de verificar os itens mais frequentes dos desenhos de crianças abusadas sexual e fisicamente, negligenciadas e abandonadas; os resultados revelaram vários sinais de indicadores emocionais. Com a mesma técnica de desenho (DFH), Tardivo (2017) desenvolveu uma pesquisa para apresentar os indicadores mais frequentes em crianças vítimas de violência doméstica, com base nos dados de 634 meninas, divididas em grupo clínico e grupo controle. Ela encontrou 30 categorias que indicam dificuldades emocionais, impulsividade, insegurança, possíveis sinais de imaturidade, ansiedade e dificuldade de estruturação da personalidade. Favaretto e Valle (2011) aplicaram em adolescentes vítimas de violência sexual o Teste do Desenho em Cores da Família (TDCF) e um questionário sobre as figuras idealizadas e as interações familiares; foram identificados conflitos entre os membros familiares, provavelmente relacionados com a situação abusiva, assim como dificuldades de comunicação entre a família, a presença de uma figura de liderança autoritária e de regras rígidas advindas da figura paterna.

No que diz respeito às pesquisas psicanalíticas na área do abuso sexual que utilizaram técnicas projetivas, Malgarim e Benetti (2011) utilizaram a Hora de Jogo Diagnóstica, o teste do Rorschah e o HTP para compreender o funcionamento psíquico em duas pré-adolescentes vítimas de abuso; os resultados apontaram para uma dinâmica dissociativa de enfrentamento do trauma e um processo de identificação ambivalente, que prejudicava suas capacidades simbólicas. Chagas e Moretto (2013) tiveram contato com mulheres adultas vítimas de abuso sexual na infância que nunca havia sido revelado e que, na idade adulta, apresentavam psicopatologias e continuavam sofrendo violência doméstica. Elas entrevistaram 24 participantes com o objetivo de elucidar a principal razão da manutenção do segredo; a conclusão foi que o segredo mantido não era propriamente do abuso sexual, mas de toda a trama da relação da fantasia infantil com a demanda de amor, que incide na maneira como a

mulher lida com o seu desejo e fantasia atualmente. Cuoghi e Carrijo (2018), com o objetivo de compreender elementos da personalidade e principais áreas de conflito, aplicaram o teste do HTP em oito pré-adolescentes e adolescentes vítimas de abuso sexual; os resultados apontaram principalmente para uma tendência a se fixar no passado, sensação de aprisionamento, tentativa de evitar estímulos visuais, falta de acolhimento do ambiente, imaturidade emocional, agressividade e sensação de aprisionamento.

Amazarray e Koller (1998), por sua vez, identificaram algumas consequências comumente observadas em crianças e adolescentes que sofreram violência sexual, tais como: comportamentos sexuais inapropriados, ódio, medo, relações interpessoais disruptivas, isolamento, tendências suicidas, baixa autoestima, tendência a revitimização, pesadelos, comportamento regressivo e agressão. Todavia, apesar de existirem vários estudos como estes, que elencam fatores emocionais comuns em crianças abusadas, é importante salientar a especificidade de cada caso, tendo em vista as inúmeras variáveis envolvidas no ato de violência sexual contra a criança. Nesse sentido, a literatura descreve alguns fatores que podem fazer variar o grau de severidade dos efeitos do abuso sexual, tais como: a idade da criança no início do abuso (quanto mais nova, maiores são os agravantes), a frequência, a duração, a presença ou não de penetração, a importância da relação entre o abusador e a vítima, o grau de segredo e ameaças contra a criança, o impacto que ocorre após a revelação, as reações das pessoas de seu meio de convívio e as decisões sociais, judiciárias e médicas que intervirão no caso (Amazarray & Koller, 1998; Rouyer, 1997).

Todas estes trabalhos elucidam uma crescente preocupação com o fenômeno do abuso sexual no âmbito acadêmico, em virtude especialmente de sua complexidade e das graves consequências acarretadas nas vítimas. Segundo Costa (2003), o indivíduo que sofre violência é um sujeito que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem estar, ainda que isto não seja compreendido nem sentido conscientemente por ele. A partir disto, a violência sexual pode provocar um trauma, sendo este definido como uma incapacidade do sujeito responder adequadamente a acontecimentos de tamanha intensidade, de modo a acarretar uma desorganização psíquica (Laplanche & Pontalis, 2001).

Para Winnicott (1965/1994) “o trauma é um fracasso relativo à dependência” (p. 113), em outras palavras, é uma ruptura na continuidade do ser, provocada pelas falhas ambientais. De acordo com o autor, o trauma varia de significados de acordo com a fase de desenvolvimento; todavia, o termo implica um conjunto de dois fatores relacionais: a intrusão

do ambiente e a reação automática da criança a esta intrusão, o que provoca distorção ou interrupção do processo de amadurecimento (Dias, 2006).

> Ao fim das contas, o trauma é a destruição da pureza da experiência individual por uma demasiada intrusão súbita ou impredizível de fatos reais, e pela geração de ódio no indivíduo, ódio do objeto bom experienciado não como ódio, mas delirantemente, como sendo odiado. (Winnicott, 1965/1994, p. 114)

Um autor que merece destaque a respeito de estudos sobre o trauma, principalmente relacionado à violência sexual, é Ferenczi (1933/1992). Ele revela que o trauma do abuso sexual é patogênico, pois a consumação desta violência implica uma criança que, tomada pela sexualidade infantil e fantasias edípicas, possui atitudes como beijar, sentar no colo, que podem "facilitar" a aproximação de um adulto que busca, patologicamente, um substituto para suas insatisfações. Desse modo, o último confunde as brincadeiras do *infans* (do campo da ternura) com seus desejos já constituídos pela maturidade sexual (do campo da paixão) e, aproveitando da ignorância e da inocência da criança, a seduz e abusa dela. A linguagem da ternura definida por Ferenczi (1933/1992) é usada para mencionar uma sexualidade não genital e essencialmente lúdica, isto é, uma modalidade particular do erotismo infantil; ao mesmo tempo, refere-se à necessidade infantil de ternura, essencialmente materna[1], denominada por ele como "amor objetal passivo ou estádio da ternura" (p. 103). Desse modo, as brincadeiras infantis sedutoras deveriam ser compreendidas no sentido de conquista do objeto de amor pelo *infans*, referente às suas necessidades de cuidado e proteção. Todavia, quando há uma imposição do desejo sexual do adulto, as fantasias de sedução infantis são confundidas com a realidade, revelando um intenso sentimento de culpa na criança, uma vez que sua onipotência produz a crença de que ela foi capaz de suscitar o desejo no adulto e por isso merece ser punida pelo seu próprio desejo. Logo, há uma "confusão de línguas" instaurada, no sentido de que há uma confusão entre o que a criança espera e precisa do adulto com aquilo que lhe é oferecido por ele, acarretando em uma perda de confiança, pois este não respeita as suas necessidades infantis do campo da ternura (Ferenczi, 1933/1992; Mendes & França, 2014).

De acordo com Ferenczi (1933/1992), não é o ato violento do adulto que torna o trauma patogênico, mas sim a impossibilidade da criança dar um sentido ao ocorrido, que pode ser facilitada ou não pela reação dos adultos e pela indiferença dos mesmos frente ao sofrimento dela. Mendes e França (2014), referindo-se à teoria de Ferenczi, afirmam que "o traumatismo não era apenas o resultado de uma hipersensibilidade constitucional da criança, mas uma consequência do choque entre a ternura da criança e as respostas passionais ou

[1] Conceito que remete à imprescindibilidade de uma mãe suficientemente boa que seja capaz de se adaptar sensivelmente às necessidades do bebê (Winnicott, 1983/2007).

perversas do adulto" (p. 124). Desse modo, sem a ajuda de um terceiro que possibilite compreender o que houve e que reconheça o sofrimento da vivência da criança vítima, ela fica abandonada com seus precários recursos psíquicos (Lejarraga, 2008).

Conforme Ferenczi (1933/1992), a reação imediata da criança ao abuso sexual intrafamiliar é uma comoção psíquica, isto é, uma apreensão psíquica e física que acarreta uma dor tão extrema, que ela precisa afastar-se de si mesma, distanciar-se de seu psiquismo e de seu corpo; é um choque equivalente à extinção do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar como um eu próprio (Lejarraga, 2008). Estes sentimentos vão se transformando em um medo profundo que surge principalmente porque o abusador tem uma autoridade esmagadora sobre ela, já que é o representante do superego diante de um ego ainda frágil. Então, a criança passa a ser tão submissa e obediente que isso a leva a adivinhar o desejo do agressor e a um esquecimento de si, até o ponto em que o agressor passa a estar dentro dela, como realidade intrapsíquica. Este processo leva a uma identificação com o agressor e, com isso, ela também passa a sentir a culpa do abusador, o que novamente provoca confusão; a criança é então regida pelos processos primários na defesa patológica (Ferenczi, 1933/1992).

Fuks (2006) assevera que o abuso sexual provoca uma devastação na estrutura psíquica da criança. Os efeitos incluem uma ameaça de bloqueio dos processos de subjetivação, provocando uma lesão e uma impossibilidade da criança simbolizar o trauma vivenciado sem a ajuda dos outros. Os casos de abuso, todavia, provocam um traumatismo diferente do que geralmente pode ocorrer na vida das crianças (como no caso de lutos ou acidentes), pois o primeiro transcorre por um tempo, às vezes muito longo, em uma trama baseada em vergonha e solidão, na qual não houve acompanhamento, nem testemunhas, ou, se houve, geralmente foram testemunhas temerosas de um envolvimento prejudicial.

1.2 A mãe e a família da criança vítima de abuso sexual

As mães apresentam papel de destaque quando se fala na consumação de abuso sexual infantil, haja vista que, na maioria das vezes, a violência se dá dentro de casa e por isso pensa-se que há, direta ou indiretamente, certo envolvimento da genitora. Além disso, o desdobramento do caso de abuso sexual intrafamiliar é influenciado pelo valor e o papel que a figura materna ocupa naquela família, já que o apoio familiar é imprescindível para o encaminhamento da situação de violência (Lima & Alberto, 2010). Diante disso, Habigzang e cols. (2005) identificaram que a maior parte dos casos de abuso sexual é denunciada pela mãe

da vítima (37,6%), em seguida pela própria vítima (29%), por instituições (15,1%) e por último pelo departamento de polícia (6,5%). Um dado relevante, porém, é que em 61,7% dos casos a situação abusiva já era conhecida e não havia sido denunciada, principalmente pela mãe (55,2%), depois irmãos (54,3%), parentes (22,4%), pai (5,2%), escola (1,7%) e outros (10,3%). Essas informações são importantes para evidenciar algo que a literatura mostra com frequência: a dificuldade da família, especialmente da mãe, de denunciar e enfrentar situações de suspeita e/ou comprovadas de abuso sexual intrafamiliar.

Um estudo realizado por De Antoni e cols. (2011) com três mães de meninas abusadas revela que a genitora está tão envolvida na situação do abuso quanto a criança, podendo vivenciar a violência de três formas: como vítima, como testemunha e como perpetuadora. A dificuldade para enfrentar a situação do abuso da filha após a revelação é observada, por exemplo, em um comportamento de relutância para aceitar a veracidade da violência, o que acaba por gerar desconfiança na criança e uma percepção de pouca preocupação com a gravidade das consequências sofridas; nesse mesmo sentido, algumas mães minimizam e banalizam o abuso especialmente quando não há penetração, pois acreditam que uma carícia ou manipulação é algo quase "normal" de acontecer. Outro ponto enfatizado pelos autores foi o de que há uma tendência das mães a culparem as filhas, acreditando que estas são fracas e incontroláveis e, assim, acabam por desresponsabilizar o agressor. Tudo isto contribui para aumentar a vulnerabilidade de riscos de abusos para as crianças.

Nesse sentido, Santos e Dell'Aglio (2009) observaram que o fato de uma mãe acreditar na veracidade do abuso não implica necessariamente a denúncia da violência, assim como não acreditar no relato da filha também não acarreta a recusa para denunciar. As reações maternas são complexas e estão relacionadas com a história de vida da genitora; nesse aspecto, o modelo parental recebido por ela é determinante na maneira como vai oferecer cuidado e proteção para a filha. Além disso, não acreditar ou punir a vítima pela ocorrência da violência pode ser visto pela mãe como uma maneira de suportar a destruição da unidade familiar e conjugal; o silêncio da genitora pode revelar assim uma cumplicidade secreta com o agressor, consciente ou inconsciente (Araújo, 2002).

França e Matos (2014) descrevem que, após a denúncia do abuso sexual intrafamiliar, as mães passam a enfrentar uma tempestade: depoimentos para conselheiros tutelares, assistentes sociais, psicólogos judiciais, promotores e juízes, além de normalmente serem encaminhadas para serviços de atendimento especializados, onde também precisam estar em contato constante com a realidade do abuso. O estado emocional decorrente de tudo isto tende a impregnar seu discurso com um misto de angústia, raiva, culpa e revolta, uma vez que a

família também sofre discriminações do meio social. No entanto, em algumas vezes se observa outro quadro nestas mães: a presença de um discurso vazio de afeto, empobrecido de emoções, acompanhado de um olhar desvitalizado e distante, como se nada daquilo lhe pertencesse. Esta realidade revela que a dificuldade das mães para lidar com a situação não se trata somente de negligência ou omissão de informação, mas de um embotamento psíquico grave, que as deixa imersas em uma condição emocional na qual a realidade é pouco perceptível, um estado denominado pelas autoras de *nonsense*. Desse modo, elas concluem que essas genitoras normalmente são portadoras de grandes fragilidades emocionais.

O abuso sexual da criança atinge diretamente a mãe: "Através do corpo da criança, o abusador atinge a mente da mãe" (Iencarelli, 2013, p. 83). Iencarelli (2013) afirma que quando este segredo é revelado, a mãe se fragmenta psiquicamente, sua função materna é derrubada e ela é invadida pelo questionamento e pela culpa de ter sido enganada pelo seu companheiro. Normalmente, a genitora entra em um estado depressivo e de desorientação, no qual a negação é um frequente mecanismo de defesa empregado. Ao mesmo tempo, ela passa a viver intensamente um conflito: identificar-se com a criança ou com o abusador. Isto acontece porque ora ela se sente isolada como a filha, com a sensação de estar enganando os outros; ora tem o sentimento de dúvida sobre o ocorrido; logo depois vem a certeza, a qual gera tristeza, decepção e desejo de vingança. Todos estes sentimentos a consomem demasiadamente e algumas delas não conseguem sair dessa avalanche, fazendo uma espécie de acordo interno no qual há um mistura de negação, idealização, ilusão e repressão, que escondem a representação da sua criança abusada, o que significa abandoná-la (a criança abusada) e legitimar a conivência com o abusador (Iencarelli, 2013).

Outro ponto observado nos casos de abuso é que as mães declaram saber que ele ocorria, mas que não podiam fazer nada. Normalmente, esta situação se refere a mães que também sofreram violência na infância (Iencarelli, 2013). Esta repetição da violência é observada com frequência em casos de abuso, o que intensifica a dificuldade das mães em enfrentar a situação. Mesmo com sua própria experiência incestuosa, algumas delas não conseguem acreditar na ocorrência do abuso nas filhas; em alguns momentos, elas justificavam o ocorrido por meio da ideia de que as filhas eram responsáveis por terem provocado o desejo no agressor (Figaro-Garcia, 2004). O mecanismo de identificação projetiva parece desempenhar um importante papel nesta situação, na medida em que há um sentimento de culpa avassaladora das mães pela sua própria vivência e agora, uma raiva intensa por ser obrigada a revivê-la. Segundo Iencarelli (2013), nesses casos, observa-se um ponto de difícil acesso que é a inveja que a mãe sente da filha, especialmente quando as

primeiras são inseguras quanto ao corpo, possuem baixa autoestima e se sentem desvalorizadas; nesses casos, a filha é percebida como rival e isto torna ainda mais difícil exercer a tarefa de cuidar e proteger a garota.

Santos e Dell'Aglio (2008) descrevem que geralmente as mães de crianças abusadas apresentam histórias de vida difíceis, marcadas por abandono, violência, carências afetivas e instabilidade em relação aos cuidados parentais primários. Além disso, as famílias abusivas costumam apresentar conflitos sexuais por parte do casal. A relação conjugal dessas mães normalmente é rodeada de cautelas, no sentido de oferecer atenção para prevenir agressões dos companheiros. Elas costumam mostrar uma dependência afetiva e financeira dos mesmos, e são submissas às ordens da família de origem, tendendo a mostrar obediência aos pais e, consequentemente, reproduzem esse comportamento com os maridos, a fim de evitar confrontos (Amendola, 2004).

No que concerne à relação conjugal de uma família na qual ocorreu abuso sexual cujo pai é o agressor, Cromberg (2001) afirma: "Há cumplicidade das mães dos pais incestuosos". Segundo ela, a constatação do incesto implica um envolvimento de ambos os genitores nesta relação, revelando um equilíbrio frágil de uma família que busca evitar uma desintegração total. Geralmente, a criança vítima deste tipo de abuso carrega inúmeras funções parentais (como a carga pesada transferida pela mãe de ser esposa e amante do pai), enquanto os pais tendem a mascarar uma boa competência em suas respectivas funções. Segundo Forward e Buck (1989), o incesto ocorre como o resultado de um abandono conjugal e materno, na medida em que a mãe, consciente ou inconscientemente, é incapaz de manter uma relação afetuosa com o marido e com a filha; além da carência de afeto, existe um desejo de abdicar de obrigações emocionais tanto dirigidas à filha, quanto ao marido. Nesses casos, as mães se encontram tão mergulhadas em suas próprias necessidades psíquicas que não têm condições de enxergar as demandas de amor e proteção dos filhos que não estão sendo garantidas por elas (França & Matos, 2014).

De acordo com Figaro-Garcia (2004), as famílias incestuosas costumam apresentar uma confusão de funções familiares observadas pela falta de assimetria nas relações entre os membros e na perda da organização hierárquica. A partir disso, podem aparecer transtornos que prejudicam a adequação ao princípio da realidade dos membros da família. Razon (2007), na mesma direção, escreve que na família em que ocorre o incesto, há uma organização incestuosa. Isto acontece porque os membros não reconhecem o outro em sua função e em sua diferença: ninguém tem um lugar e o sistema incestuoso funciona em torno deste lugar vago. Nesses casos, principalmente quando o abuso acontece com crianças muito pequenas, o

vínculo familiar não é formado pelo apego, mas sim pelo abandono. Com isso, as psicopatologias dos membros de uma família incestuosa dizem respeito a uma "filiação vazia", e o efeito disto é uma sequência de rupturas, separações, abandonos, os quais podem se repetir ou já ser uma repetição de gerações anteriores.

Esta exposição teórica a respeito da família e das mães de crianças abusadas revela que existe um sofrimento intenso por parte dos membros familiares após a denúncia da violência, principalmente das mães, o que acaba por dificultar o enfrentamento da situação abusiva e muitas vezes a incapacita de exercer a função de cuidado e proteção com a criança vítima. Além disso, os dados apontados mostraram que geralmente existe certo envolvimento (consciente ou inconsciente, direto ou indireto) dos membros familiares (principalmente da mãe) na concretização do abuso sexual intrafamiliar, especialmente quando o agressor é o pai ou o representante paterno. Este envolvimento, contudo, deve ser entendido dentro de um contexto familiar e social desta família, tendo em vista principalmente os vínculos (passados e atuais) de cada membro e os conluios inconscientes que existem entre eles. No que diz respeito às mães, especificamente, analisar estas questões é essencial para compreender o lugar que ela ocupa para a família e para a criança abusada e a maneira como ela vivencia suas próprias condições para desempenhar as funções de mãe e esposa. Considerar estas questões implica compreender que cada relação é única e singular e que cada indivíduo age e se vincula de acordo com sua história e condições psíquicas e emocionais para isso, inclusive para exercer a maternidade, portanto, esta compreensão não se aplica a uma culpabilização da genitora pela concretização da violência.

1.3 O desenvolvimento emocional segundo a teoria de Winnicott

Winnicott (1983/2007) foi um psicanalista que deixou contribuições importantes sobre o amadurecimento emocional infantil, propondo uma teoria própria a esse respeito. Ao longo de toda a sua obra, ele ressaltou a importância de um ambiente suficientemente bom para que haja um desenvolvimento saudável da criança. A importância do ambiente é uma realidade desde o início da vida, desde a consumação de uma gravidez e até mesmo antes disso, evidenciando o encontro ou desencontro dos pais ou representantes parentais com a criança.

O desenvolvimento saudável, para Winnicott (1983/2007), relaciona-se à maturidade do indivíduo de acordo com a sua idade: isto significa que saúde é uma criança de cinco anos poder ser uma criança de cinco anos, assim como nas outras idades (Motta & Rosa, 2008). Na teoria winnicottiana o bebê é visto como alguém que já nasce com predisposições

extremamente fortes para a vida, para a integração da personalidade e para a independência, as quais são determinantes para o amadurecimento. Contudo, para que essas tendências se atualizem é fundamental a provisão de um ambiente que ofereça condições suficientemente boas para que a criança progrida, ou seja, um ambiente que facilite a saúde mental individual e o desenvolvimento emocional (Winnicott, 1983/2007).

Winnicott (1965/2011) definiu o desenvolvimento como "uma função da *herança* de um processo de maturação, e da acumulação de experiências; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador" [grifo nosso] (p. 27). A partir da proposição de que há nos seres humanos uma tendência inata ao amadurecimento, mas que não se concretiza na ausência de condições suficientemente boas, a herança desse processo está relacionada ao acúmulo de vivências do desenvolvimento emocional, as quais promovem marcas no *self* que serão carregadas ao longo da vida. O conceito de s*elf* na teoria winnicottiana representa uma organização dinâmica que possibilita ao indivíduo tornar-se uma pessoa em integridade; é um fenômeno processual, na medida em que se dá continuamente durante o processo maturacional (Safra, 1999); no início, existe apenas em potencial e vai se tornando real ao longo do desenvolvimento. Winnicott (1958/2000) define o *self* central como um potencial herdado experienciado como uma continuidade de ser e que adquire características próprias de acordo com a realidade psíquica e o esquema corporal pessoal.

Para que um desenvolvimento saudável se estabeleça, é necessário uma mãe que seja sensível às necessidades do bebê e que se identifique com ele, cumprindo as funções maternas[2] de *holding*, *handling* e apresentação de objetos. O *holding* diz respeito à sustentação física e psíquica do bebê em alto nível de dependência; determina a provisão de determinados cuidados, tais como a proteção do bebê da agressão fisiológica e a consideração da sensibilidade cutânea (tato, temperatura, audição, visão, sensibilidade à queda), o desempenho da rotina de cuidados dia e noite e a atenção às mudanças imprevistas do dia a dia. A oferta de *holding* proporciona o estabelecimento das primeiras relações objetais e as primeiras experiências de gratificação do lactente, além de ser a única forma da mãe demonstrar seu amor ao filho no início de sua vida. Quando ele é deficiente, produz na criança uma extrema aflição, desencadeando uma sensação de despedaçamento, de estar caindo em um poço sem fundo e um sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para reconfortá-lo. O *handling* (ou manipulação), refere-se ao manejo materno no dia-a-

[2] Função materna é referente à imago que se cria (pela realidade interna) da mãe real, portanto, refere-se à realidade subjetiva do bebê; não precisa ser desempenhada necessariamente pela mãe biológica, mas por qualquer pessoa capaz de exercê-la.

dia do bebê, como a alimentação, o toque, a higienização, o qual facilita a formação de uma parceria psicossomática da criança e contribui para a capacidade da mesma de se apossar da experiência do funcionamento corporal. A última função de uma mãe suficientemente boa é a apresentação de objetos, que diz respeito à apresentação gradual da realidade externa, a qual deve ser oferecida gradualmente, respeitando a condição do bebê para suportá-la. Esta função faz com que o impulso criativo da criança se torne real, proporcionando-lhe a capacidade de se sentir viva em sua relação com o mundo dos objetos e fenômenos (Winnicott, 1965/2011; Winnicott, 1983/2007).

De acordo com Winnicott (1983/2007), o bebê passa por três estágios iniciais do desenvolvimento emocional: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. No primeiro, o bebê é totalmente dependente dos cuidados maternos; nesta etapa é necessária uma adaptação sensível e ativa da mãe às necessidades do filho. No segundo estágio, o bebê começa a desenvolver a distinção entre o Eu e o Não-eu, que tem início com o processo de desilusão provocado pela mãe, por meio de pequenas falhas, que são percebidas, porém suportadas por ele. No último estágio, a criança vai se tornando mais autônoma, um processo que permanece durante toda a vida, pois a etapa de "rumo à independência" é perdida e conquistada ao longo das experiências e depende dos recursos internos e externos da criança para conviver nos círculos sociais e suportar as dificuldades desse convívio.

Na fase da dependência absoluta, para que a mãe consiga suprir as necessidades do bebê de maneira precisa e delicada, ela precisa estar identificada com ele. Este estado psicológico de identificação, consciente e inconsciente, é possibilitado pela capacidade de preocupação materna primária, uma condição que tem início nas últimas semanas da gestação e deve finalizar após as primeiras semanas do nascimento do bebê. Ao atingir esta estado, a mãe se detém de uma sensibilidade extrema que faz com que seja capaz de sentir-se no lugar do bebê e, assim, consegue corresponder às suas necessidades, a princípio corporais e paulatinamente às do ego (Winnicott, 1956/2000). Segundo Winnicott (1956/2000), esta capacidade é semelhante a um estado de retraimento ou dissociação, que poderia ser confundido com uma doença, se não fosse a gravidez. Desse modo, ao desenvolver este estado, a mãe oferece condições para que o bebê comece a se constituir como eu, para que as tendências ao desenvolvimento progridam e ele consiga experimentar os primeiros movimentos espontâneos. Alcançar o estado de preocupação materna primária exige o reconhecimento de uma dependência absoluta da mãe, algo que pertence a um alto grau de sofisticação, nem sempre possível para os adultos. Além disso, a identificação com o bebê

praticamente completa requer um alto grau de sensibilidade materna, o que implica a revivência das próprias experiências primitivas da mãe. Assim, quando ela não consegue atingir esta condição, o ambiente não é sentido como suficientemente bom pelo bebê e, na medida em que não há um reconhecimento de suas necessidades primitivas, aquilo que é externo é percebido como intrusivo e o lactente passa a ter fases de reação à invasão. Esta realidade interrompe a continuidade de existir da criança, impossibilitando o seu acesso às primeiras experiências e às condições para constituir um ego pessoal. O excesso de reações à intrusão provoca uma ameaça de aniquilação do eu, uma ansiedade primitiva. Nesse sentido, as falhas da mãe não são sentidas como falhas, mas sim como ameaças à existência pessoal do eu (Winnicott, 1956/2000).

Quando a mãe é capaz de alcançar o estado da preocupação materna primária, sua adaptação quase perfeita provoca no bebê a ilusão de que ele tem um controle mágico para criar tudo aquilo de que necessita para se satisfazer. Por exemplo, cada vez que o bebê precisa do seio[3], ele cria esta imagem interna; quando a mãe, devido à sua adaptação constante e sensível às necessidades do filho, oferece-lhe o seio real precisamente onde ele é capaz de criá-lo e no momento certo, ela ecoa a criatividade dele e lhe dá realidade. Em outras palavras, a partir de seu potencial criativo, que é surgido da necessidade, o bebê produz uma espécie de alucinação, originando o sentimento de onipotência. Na medida em que há esta adaptação da mãe (suficientemente boa), a alucinação se transforma em ilusão e o bebê passa a ter a sensação de que a realidade externa corresponde à sua capacidade de criar. Este processo é essencial para o desenvolvimento do viver criativo e para que gere no bebê o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida (Winnicott, 1958/2000).

No período próximo ao início do desmame, a mãe tem a árdua tarefa de desiludir o bebê. A desilusão acontece conforme a adaptação materna vai gradualmente diminuindo, de acordo com a crescente capacidade do filho de lidar com suas falhas. Se tudo ocorrer bem, o bebê tem ganhos com a experiência da frustração, já que esta adaptação incompleta da mãe torna os objetos reais (amados e odiados). Isto acontece porque este processo permite que o *infans* comece a entrar em contato com a realidade externa propriamente dita, o que, ao mesmo tempo, gera um sentimento de ansiedade intensa, em virtude da dúvida em relação ao que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido – problema que persiste por toda a vida (Winnicott, 1958/2000).

[3] O seio, para Winnicott, representa não só a amamentação em si, mas toda a técnica da maternagem (Winnicott, 1956/2000).

Em meio à angústia do bebê, desencadeada pelo processo de ilusão-desilusão, há um estado intermediário da experimentação, o qual é composto tanto pela realidade interna, quanto pela externa, denominado espaço transicional. Esta região serve como um descanso para o indivíduo que pretende manter estas duas realidades separadas, e ao mesmo tempo inter-relacionadas, o que proporciona oportunidades do início da integração do objeto (bom e mau). O espaço transicional é essencial para que o indivíduo suporte o processo de ilusão-desilusão, o qual perdura por toda a vida. Ele promove uma união entre o lactente e o objeto externo, que é a base para a criação dos símbolos. Nesta etapa, algumas crianças costumam utilizar um objeto transicional, como paninhos, cobertores, fronhas, bichos de pelúcia e até mesmo o polegar, o punho, que representam este espaço e aliviam esta angústia. O uso destes objetos representa a primeira posse da criança, a qual revela o estado intermediário entre a sua incapacidade de reconhecer e aceitar a realidade e sua capacidade gradual de fazê-lo. O objeto transicional auxilia, no terceiro estágio do desenvolvimento, na distinção entre objetos internos e externos, fato e fantasia, criatividade primária e percepção, na medida em que há um simbolismo empregado (com isso, o *self* verdadeiro que existia em potencial torna-se atual). Todavia, o uso do objeto transicional só é possível se houver um objeto interno vivo, real e suficientemente bom, o qual, por sua vez, depende da existência, vitalidade e constância do objeto externo. Se o último falhar ou não for suficientemente bom, isso ocasiona indiretamente a morte do objeto interno ou lhe atribui um caráter persecutório. Isto significa que o objeto interno perde o sentido para criança e, logo, acontece o mesmo com o objeto transicional. Uma consequência possível desta falha é o desenvolvimento prematuro do ego, ocasionando uma distinção precoce entre objeto bom e objeto mau; com isso, o período da ilusão sofre uma perturbação. Assim, o indivíduo tenderá a ficar à procura de um lugar de descanso propiciado pela ilusão (Winnicott, 1958/2000; Winnicott, 1983/2007).

Segundo Winnicott, (1983/2007), uma mãe suficientemente boa é aquela que, no início do desenvolvimento, nutre a onipotência do bebê repetidamente no processo de ilusão. É a partir desta complementação à onipotência que começa a surgir um *self* verdadeiro. Quando algo impede a mãe de ser suficientemente boa e ela falha em satisfazer os gestos do bebê e os substitui pelos seus próprios, ocorre uma invasão e o lactente pode reagir a ela por meio da submissão a estas atitudes maternas para sobreviver. Nesse caso, o processo de formação de símbolos não se inicia ou se torna fragmentado. Este é o início do desenvolvimento do falso *self*, construído com base na submissão e que não proporciona a sensação de sentir-se real e nem a expansão da criatividade, dado que o gesto espontâneo é manifestação do *self* verdadeiro; ao contrário disso, o falso *self* desencadeia um sentimento de

futilidade e sensação de irrealidade. O bebê tende, então, a sobreviver falsamente e cresce construindo relacionamentos falsos, com aparência verdadeira. O falso *self* surge como uma defesa para ocultar o *self* verdadeiro, pois manifestá-lo poderia acarretar o seu aniquilamento.

É essencial, para a teoria winnicottiana, considerar que a saúde mental dos pais faz parte da qualidade do ambiente da criança. Por exemplo, no caso da depressão materna, a criança pode, ela mesma desenvolver uma depressão que é reflexo da patologia de sua genitora. Nos casos mais graves, a criança recebe uma tarefa que jamais consegue cumprir: lidar com o estado de espírito da mãe. Então, a criança apresenta uma falsa reparação que não se refere à sua culpa pessoal, mas sim a uma identificação dela com a mãe, sendo predominante a defesa organizada da última e a culpa inconsciente. Estas crianças, se não tratadas, não conseguem estabelecer uma identidade pessoal, pois a personalidade da genitora é dominante, fazendo com que ela fique envolta em um círculo formado pela personalidade da mãe e do pai (Winnicott, 1958/2000). A ausência do sentimento de existir da criança ocasionada pela patologia compartilhada da mãe para o filho remete à possibilidade da transmissão psíquica transgeracional. A incumbência recebida pela criança de lidar com o estado de espírito da mãe pode ser entendida como fruto de uma transmissão que busca por um trabalho inconsciente constante, de transformação e elaboração, tendo em vista a incapacidade de realizá-lo pela genitora. É por isso que, na tentativa de simbolizar e interromper este processo, a criança, agindo de acordo com a personalidade da mãe, manifesta uma falsa reparação, o que acaba por intensificar o seu sofrimento decorrente da alienação de si mesma (Correa, 2003). Nesse sentido,

> Quando Winnicott afirmou que não existe um bebê sem a sua mãe, estava assinalando um princípio para a compreensão do *self,* que na verdade está presente a cada momento do processo maturacional: não existe o *self* sem o outro, o *self* acontece no mundo. O acontecer humano demanda a presença de um outro. As primeiras organizações psíquicas do bebê, a entrada na temporalidade, a abertura da dimensão espacial, a personalização só se constituem e ganham realização pela presença de alguém significativo. (Safra, 2002, p. 22)

Esta breve contextualização evidencia que a proposta teórica de Winnicott apresenta como ponto central a compreensão de que o desenvolvimento emocional se dá apenas e exclusivamente por intermédio do outro: no início da vida, a mãe ou alguém que ocupe este lugar. Isto significa que a função materna é o elemento fundamental para prover um desenvolvimento saudável. É importante destacar, entretanto, que esta mãe já dispõe de uma história que interfere na formação do vínculo afetivo com o filho. A vivência da maternidade sempre estará permeada por outros vínculos que constituem a vida da mesma, especialmente o mais primitivo (com seus próprios pais). Desse modo, a capacidade de uma genitora ser suficientemente boa depende de como ela recebeu esta condição desde o seu nascimento e ao

longo de seu desenvolvimento; logo, considerar a existência das transmissões psíquicas (inter e transgeracionais) leva a uma compreensão mais aprofundada a respeito da relação estabelecida entre a mãe e o bebê. Uma mãe suficientemente boa não existe sem os outros, sem sua história e seus vínculos, e ela ainda depende de um campo sociocultural que lhe dê possibilidades de exercer sua função (Gutierrez, Castro & Pontes, 2011; Safra, 2002).

> A boa maternagem, assim como suas falhas, têm origem na mãe, no pai, nos ancestrais, na situação social em que a mãe se encontra, nas características da sua cultura e de sua época. Trata-se de um fenômeno de grande complexidade, pois cada gesto materno presentifica a memória do que é o cuidado materno naquele grupo cultural. (Safra, 2002, p. 23)

Desse modo, a teoria da transmissão psíquica transgeracional pode aprofundar a compreensão da relação mãe-bebê, haja vista que a qualidade dos cuidados oferecidos à criança e a capacidade de envolvimento emocional dos pais são influenciadas pelas suas vivências anteriores. Nesse sentido, a articulação entre a teoria winnicottiana e a teoria da transmissão psíquica transgeracional parece constituir um campo frutífero para uma compreensão mais profunda dos processos de constituição do *self* do indivíduo, conforme possibilitada pelo ambiente em que ele vive. Em outras palavras, a transmissão do psiquismo está necessariamente vinculada à constituição psíquica do sujeito, particularmente a do seu *self*. Portanto, a maternagem tem como pano de fundo todos os vínculos já vividos pela mulher e recebe a influência de transmissões psíquicas de outras gerações, que repercutem no modo como uma mãe exerce sua função materna e experimenta a maternidade.

1.4 Transmissão psíquica transgeracional

O conceito de transmissão psíquica transgeracional pertence à teoria da Psicanálise Vincular e tem como principal precursor René Kaës. Esta teoria surge a partir de questões teóricas e práticas da psicanálise de família, de casal e de grupo, as quais concebem que o sujeito, para além de uma realidade construída de fantasias inconscientes e vida pulsional (intrapsíquica), é constituído no espaço da intersubjetividade – baseado no encontro entre duas ou mais pessoas que leva a reconhecer novos elementos – e compreendido em sua dimensão familiar, geracional, social e cultural. Logo, é a partir do vínculo que se forma um sujeito e sua ligação com os processos grupais e sociais; este é o objeto de estudo da Psicanálise Vincular (Gomes & Levy, 2016; Puget, 2000; Rehbein, & Chatelara, 2013). Segundo Puget (2000), "vínculo é uma construção que se origina como efeito de um trabalho realizado entre dois ou mais sujeitos, como uma produção psíquica resultante da imposição de presenças (alteridade)" (p.75).

A fim de uma breve contextualização a respeito do tema, é importante destacar as primeiras ideias referentes à transmissão psíquica e herança, que foram escritas por Freud. Algumas questões desenvolvidas por ele estão vinculadas à herança arcaica da humanidade, tais como a transmissão da culpa e os interditos, as consequências do crime contra o pai e a paternidade (Kaës, 2001). Nesse movimento, em *Totem e Tabu*, Freud (1913/1996) ressaltou sua posição sobre a herança de um crime de ancestrais: o mito do parricídio (a horda primitiva e o assassinato do pai pelos irmãos) e a transmissão do tabu que tem como premissa a proibição de matar o animal totêmico como representante do pai, e a consequente interdição do incesto, instaurando o sentimento de culpa como organizador social e cultural (Correa, 2000). Completando esta ideia, Freud (1914/1996) ressalta que o sujeito singular é um elo, servidor, beneficiário e herdeiro da cadeia intersubjetiva que o precede, e assinala, então, a continuidade da vida psíquica entre as gerações e os diversos mecanismos de identificação (Kaës, 2001; Correa, 2000). Ainda Freud (1923/1996) descreve o Ideal de Ego individual a partir de um objeto ideal comum, com identificações imaginárias compartilhadas (Correa, 2003).

De acordo com Kaës (2001), as contribuições de Freud levam a considerar o sujeito do inconsciente como um sujeito da herança e do grupo. O último se constitui como sujeito do inconsciente a partir de duas determinações: uma que depende do próprio funcionamento no espaço intrapsíquico, e a outra que ocorre em virtude da exigência do trabalho psíquico devido à sua ligação com o intersubjetivo (subordinação aos espaços que o sujeito procede – família, grupos, instituições). Nesse sentido, o grupo antecede o sujeito do grupo, ou seja, um indivíduo nasce por mais de um outro, homem e mulher, os quais já dispõem de uma história, desejos, recalcamentos, sonhos, fantasias, dos quais o *infans* se torna herdeiro, inelutavelmente. Esta pré-história, tramada antes do nascimento, faz de todo ser humano um sujeito do conjunto intersubjetivo como condição de existência.

Nesse bojo, a transmissão, entre e pelas gerações, assinala um caráter de continuidade e evolução para cada indivíduo e para o conjunto da sociedade. Existe, inclusive, uma urgência e obrigação de transmitir, a fim de garantir que cada geração não precise partir novamente do zero, mas que consiga chegar à vida, tomando lugar com uma herança apreendida por gerações passadas; isto implica progresso (Granjon, 2000).

> Transmitir é fazer passar um objeto, um pensamento, uma história, afetos... de uma pessoa para outra. Isso implica que o que é transmitido abandone um pelo outro, que haja uma distância e um laço entre o "transmissor" e o "receptor", acolhimento e apropriação pelo adquirente, até mesmo herdeiro, mas também, eventualmente, modificação daquilo que é transmitido, em função dos intermediários capazes de intervir nesta transmissão. O sujeito é beneficiário, herdeiro, servidor forçado, mas também adquirente singular do que é transmitido. (Granjon, 2000, p. 24)

Destaca-se dois tipos de transmissão: a intergeracional e a transgeracional. A primeira é transmitida pela geração mais próxima (pais) e se refere a um material que pode ser transformado e metabolizado, ou seja, acompanha uma modificação daquilo que é transmitido; é estruturante e nucleada na existência de um espaço de transcrição transformadora; é constituída por fantasias, imagos, identificações, organizando uma história familiar. A segunda é aquela que atravessa o psiquismo em várias gerações, invadindo-o violentamente; constitui-se de um material inconsciente e não simbolizado, o qual não pode se beneficiar de modificações que permitam integração psíquica, e não há preservação dos espaços ou bordas da subjetividade (Granjon, 2000; Trachtenberg, 2012).

> Este processo [transmissão psíquica intergeracional] permite que cada geração possa situar-se em relação às outras, bem como inscrever cada sujeito em uma cadeia como pertencente a um grupo, dono de uma história e de um lugar. Em outro extremo [transmissão psíquica transgeracional], quando o herdado é apenas acatado, sem elaboração, estamos no território da compulsão à repetição, da alienação. O herdado adquire então, o status de um destino a cumprir. (Piva, 2009 p. 78)

Para os fins deste trabalho, atentar-se-á à transmissão psíquica transgeracional. De acordo com Granjon (2000), esta possui as seguintes características: ocorre pelas gerações e não entre as gerações; é uma violência imposta, que suscita a alienação do sujeito; é uma transmissão direta, sem espaço de retomada e transformação, correspondente a uma continuidade e repetição de acontecimentos vividos; ocorre a transmissão de formas psíquicas negativas (irrepresentável e irrepresentada), com função desligadora, que ocorre a partir de uma falha no aparelho de transformação da família, afetando o sujeito individualmente e a intersubjetividade do grupo. O herdeiro desta herança é um sujeito convidado a isto, alguém que recebe esta proposta, mesmo que de maneira imposta, e logo, se não puder transformá-la ou modificá-la, deve se alienar e renunciar (em parte ou totalmente) de sua subjetividade.

Os acontecimentos familiares são transpassados por diversas vivências. Quando, na transmissão, não se adquire o caráter simbólico, eles passam a habitar um espaço desligado, não transformável e não simbolizado, que busca um receptáculo para se alojar. Nada pode escapar à transmissão, de uma forma ou de outra. Transmite-se afetos, representações, fantasias, sistemas de relações de objeto, ideais e valores, mecanismos de defesa, culpa, mitos e o vazio, o significante em bruto, o negativo (Piva, 2009). Na transmissão psíquica transgeracional, o objeto transmitido apresenta o caráter da negatividade, pois é organizado não só a partir daquilo que falta e falha, mas também daquilo que não adveio, que é ausência de inscrição e representação ou que está em estase sem estar inscrito (encriptação) (Kaës, 2001).

Segundo Correa (2000, 2003) esta "patologia transgeracional" está relacionada à vivência de um trauma, mais especificamente, à transmissão de um traumatismo cumulativo,

que está, na sua origem, relacionado à eclosão de vínculos intra, inter e transubjetivos derivados de distintas situações de violência. O traumatismo é compreendido como uma vivência acumulativa não transformável, tendo em vista que a sua transmissão psíquica ocorre por meio de: "1) imagens psíquicas originadas na vida libidinal do sujeito e alimentadas pelas experiências dolorosas dos pais ou ascendentes; 2) censura e segredos não traumáticos inicialmente, mas que assim se tornam pela confluência de diversas situações" (Correa, 2003, p. 42).

> Se considerarmos o traumatismo como uma vivência acumulativa não-metabolizada, devemos considerar os diversos mecanismos defensivos que a transformam em impensável, à medida que envolvem uma dimensão de transgressão às regras fundamentais e fundadoras do grupo ou da sociedade. Uma referência são as violências sexuais, tais como incesto, ou sociais as quais mencionamos anteriormente [holocausto e ditadura latino-americana]. (Correa, 2000, p. 66)

Um dos mecanismos de defesa observado quando há a vivência de um traumatismo é a clivagem, como forma de evitar o sofrimento no sujeito e nas pessoas próximas a ele, dando origem a pactos denegativos (Correa, 2000). Este é um conceito proposto por Kaës (2000), definido como um acordo inconsciente que é imposto ou concluído a fim de que o laço se organize e se mantenha em seu interesse pelos indivíduos e para que seja assegurada a continuidade dos benefícios relacionados à subsistência dos Ideais e do contrato narcísico. O pacto faz referência às questões que dentro do vínculo devem ser rejeitadas (submetidas ao recalque ou à negação) para sustentar e manter a vinculação da família (Correa, 2003). "O pacto denegativo comporta, portanto, duas polaridades: uma é a *organizadora* do laço e do conjunto intersubjetivo, a outra é *defensiva*" [grifos do autor] (Kaës, 2000, p. 46). Desse modo, cada grupo se organiza positivamente sobre investimentos mútuos, identificações comuns, ideias, crenças, desejos; e também negativamente em relação a renúncias, sacrifícios, apagamento, rejeições, recalcamentos, um "deixado de lado", criando, então, zonas de silêncio, bolsões de intoxicação, espaços-lixeiras, os quais conservam o indivíduo alheio à sua própria história (Kaës, 2000).

O excesso de excitação do acontecimento traumático, associado à incapacidade de transformá-lo e contê-lo, gera uma angústia intensa e provoca desorganizações secundárias e efração dos envoltórios individuais e grupais, o que eleva a violência nos espaços psíquicos (Correa, 2003). De acordo com Puget (2000), ao afetar o conjunto familiar, a transmissão de eventos traumáticos cria novos conjuntos baseados na memória e no esquecimento do evento desencadeador. A memória, traumática, é uma fixação da experiência que provoca nos sujeitos uma redução na produção de novas significações e nos tipos de troca e de expressão, favorecendo a repetição (não igual à cena primeira, mas na maioria das vezes distorcida e ampliada). Esta memória se estabelece em um conjunto que se refere a um não-falado, isto

porque além de não haver linguagem possível de apreendê-lo, formam-se os pactos inconscientes entre os membros da família, transmitindo um não-trabalho compartilhado. É por isso que o conjunto familiar se congela em torno de tal evento ou sofre uma desorganização.

Para melhor compreensão sobre a transmissão psíquica transgeracional do trauma, Abraham e Torok (1995) consideram os conceitos de introjeção e incorporação. Eles partem do pensamento de Ferenczi (1912/1988), que compreende a introjeção como uma inclusão do objeto de amor no ego, tendo como consequência o alargamento e enriquecimento do mesmo; não se trata de introjetar o objeto em si, mas sim o conjunto das pulsões e sua vicissitudes, cujo objeto é o próprio contexto e mediador. Assim, é possível transformar a pulsão em desejos e fantasias de desejo, tornando-os aptos a serem nomeados, processo que dá acesso à linguagem e tende a colocar fim na dependência objetal.

A incorporação, por outro lado, ocorre quando há uma perda súbita de um objeto narcisicamente indispensável, que resulta em uma proibição da comunicação. Dada esta censura, há uma recusa do luto e de todas as suas consequências, ou seja, recusa-se *saber* o verdadeiro sentido da perda, criando um bloqueio intransponível para a introjeção. Assim, a única solução encontrada é "engolir" o objeto. Abraham e Torok (1995) utilizam a metáfora da digestão para entender este processo: o obstáculo com que a introjeção se depara está localizado na boca, pois é ela que não consegue enunciar nem articular frases. Impossibilitada de nutrir-se de uma troca de palavras, a boca vai introduzir (em fantasia) o inominável, isto é, a própria coisa – a pessoa inteira ou parte dela. "Desde a introjeção, considerada impossível, a passagem decisiva à incorporação se efetua, pois, no momento em que as *palavras* da boca não vêm preencher o vazio do sujeito, este introduz no lugar uma *coisa* imaginária" [grifos do autor] (Abraham & Torok, 1995, p. 247). A boca, então, tende a usar de um artifício ilusório (fantasia) para preencher a ausência do alimento: trata-se, desse modo, de uma fantasia de incorporação, a qual aparece para substituir a introjeção irrealizável e dar segurança ao ego. Logo, toda incorporação nasce de um interdito (Abraham & Torok, 1995).

A introjeção é um processo sofisticado que envolve todo o psiquismo, abarcando inclusive os objetos do mundo exterior, segundo o princípio da realidade. Quando ela falha, há um sofrimento psíquico correspondente a um traumatismo, haja vista que não foi possível elaborar, nem apropriar-se do acontecimento[4]. Sem a metabolização da perda, o objeto é

[4] Nesse sentido, reitera-se a ideia de que não é a experiência em si que desencadeia um trauma, mas a impossibilidade de lidar com a intensidade com que este invade o psiquismo e a consequente incapacidade de simbolização (Piva, 2009).

paralisado e não há o reconhecimento subjetivo da experiência da mesma, evidenciando dois procedimentos: a desmetaforização (tomar ao pé da letra o que era para ser entendido no sentido figurado) e a objetivação (o sofrimento não se refere a uma ferida do sujeito, mas sim à perda do objeto). Logo, o indivíduo incorpora o objeto, não como objeto, mas como coisa, pois confunde-se o objeto com a relação que ele representa (Abraham & Torok, 1995; Piva, 2009). O objetivo final da incorporação é recuperar, de maneira mágica e oculta, o objeto que teria a função de mediatizar a introjeção do desejo. Uma vez que a incorporação recusa a resolução do objeto e da realidade, ela não deve ser percebida por nada nem ninguém, portanto, o segredo é obrigatório. No entanto, o objeto incorporado no lugar do objeto perdido sempre lembrará algo perdido, pois ele marca o lugar, a data, a situação em que determinado desejo foi proibido da introjeção (Abraham & Torok, 1995).

> O processo de incorporação é resultante de uma rejeição radical da perda, quando todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser lembradas, todas as lágrimas não choradas são engolidas, assim como o traumatismo que gerou a perda: "O luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta". (Abraham, 1995, p. 249 apud Piva, 2009, p. 80)

Esta sepultura secreta é denominada por Abraham e Torok (1995) de cripta. Diante da impossibilidade de confessar as perdas como perdas e da realização da introjeção, a recusa do luto concebe uma proibição de se fazer linguagem e significação da vivência. Então, o sujeito se opõe ao fato através de uma denegação radical, fingindo nada ter acontecido. "Criou-se, assim, todo um mundo fantasístico inconsciente que leva uma vida separada e oculta" (Abraham & Torok, 1995, p. 249). O conteúdo ocultado na cripta tem a especificidade de não poder se mostrar em palavras, contudo, é de palavras que é composta: "palavras enterradas vivas" (Abrahan & Torok, 1995). As cenas, as falas, os afetos, passarão pelo processo de incorporação e serão conservados em uma área clivada do ego. Em sua origem, a cripta sempre será precedida de um segredo compartilhado; todavia, para que ela se forme, é necessário que este segredo, vergonhoso, seja de responsabilidade de alguém que se encontre em um lugar de ideal para o sujeito (Piva, 2009). Portanto,

> A definição de cripta refere-se ao enterro intrapsíquico de uma vivência vergonhosa e indizível, traduzindo-se num fantasma de incorporação, sendo este o resultado dos efeitos de um segredo inconfessável. O sujeito portador de uma cripta é levado a simbolizar em relação a um outro presente em si, sob a forma de um objeto psíquico interno, num estado de "morto vivo". (Correa, 2003, p. 37)

Para Abraham e Torok (1995), o fantasma é uma invenção dos seres humanos (vivos) que tem o sentido de objetivar uma lacuna (mesmo de modo alucinatório) que se cria a partir da ocultação de uma parte da vida de um objeto amado – lacuna deixada pelos segredos dos outros. Ele é, portanto, o resultado de um luto falho e é originado a partir da cripta de uma outra pessoa, consistindo de um segredo ou de uma realidade vergonhosa que o descendente carrega sem saber. Assim, ele opõe-se à introjeção, ou seja, à apreensão das palavras.

Entretanto, ele está sempre pronto para retornar por meio de outras palavras, às vezes percebidas pela criança em um dos pais, caracterizando-se com uma lacuna no dizível. Quando um dos pais é portador de uma cripta, o funcionamento psíquico da criança é afetado pelo efeito de um fantasma e, então, ela enfrentará o silêncio seletivo sobre tudo o que se aproxima, de alguma maneira, do segredo encriptado. "O que era *indizível* para os pais, torna-se *inominável* para os filhos" (Piva, 2009, p. 82).

> A ideia do *indizível* evoca a proibição que atinge a palavra, a do inominável, a exclusão do Nome do Pai (Kaës, 1989). A ideia do *impensável* evoca um espaço inapreensível, com paredes escorregadias, às quais a criança tem dificuldade de se agarrar. No nível da família, o *inominável* acaba por colocar em questão a pertinência: a recusa ou a forclusão do ancestral dos pais ou de um dos pais engendra confusão entre as gerações, distorções de papeis e dos lugares que cada um ocupa [grifos do autor]. (Eiguer, 1998, p. 30)

Diante de toda esta contextualização e a partir deste pensamento de Eiguer (1998), a vivência do abuso sexual e sua repetição nas gerações pode ser compreendida a partir da ideia de uma transmissão traumática do não processado. Quando uma criança sofre um abuso (já sofrido em gerações antecedentes), além de ter que lidar com a sua própria experiência traumática, tem que lidar com a violência de ser portadora de fantasmas transmitidos pelo silêncio do fato vergonhoso encriptado pelos pais. Desse modo, a recusa da vivência traumática do abuso e a formação da cripta torna-se um delito que precisa ser enterrado. Esta realidade acaba por produzir uma organização dos membros na qual não se reconhece o outro em sua função e diferença, fazendo com que a família se organize em torno de um lugar vago. Esta confusão leva à distorção da percepção da diferença das gerações, do tempo e dos papéis (Piva, 2011). Portanto, o abuso sexual pode ser definido como uma catástrofe psíquica:

> Uma catástrofe psíquica se produz quando as modalidades habituais empregadas para dar conta da *negatividade* inerente à experiência traumática se mostram insuficientes, especialmente quando não podem ser utilizadas pelo sujeito devido às particulares qualidades da relação entre realidade traumática interna e o meio ambiente [grifos nosso]. (Piva, 2011, p. 549)

O trauma do abuso, assim como o objeto da transmissão transgeracional, possui este caráter da negatividade, pois se refere àquilo que é ausência, de inscrição, de representação e de simbolização, e por isso permanece no terreno do não processado, da cripta (no caso da repetição das gerações). Os "restos insensatos" de um abuso sexual estão fora do alcance de um trabalho psíquico e permanecem em estado bruto. A transmissão para a criança se dá, então, com a secreta esperança de que esta consiga realizar este trabalho fracassado; à vista disso, transmitir é mais importante do que aquilo que é transmitido (Granjon, 2000; Piva, 2011). A partir do momento em que há a repetição da violência na geração seguinte, o que se mantinha excluído resgata e exige trabalho psíquico, o qual é sempre doloroso e intenso. Revelar o abuso e enfrentar as consequências deste ato provoca uma modificação nas alianças

e no pacto denegativo dos membros e, como resultado, faz questionar a organização vincular e a estabilidade psíquica dos sujeitos. É por isso que a descoberta e denúncia de uma situação de abuso enfrenta tantas resistências (Piva, 2011). Em virtude de tudo isso, nos casos de abuso sexual transmitido entre as gerações, é imprescindível o atendimento psicoterapêutico não só para a criança, mas também para as vítimas das outras gerações. A fala e escuta sensível e atenta de todos os membros da cadeia é o que possibilita o rompimento desta transmissão nociva.

2 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista o exposto no tópico da Introdução, é necessário indagar, no caso do abuso sexual infantil, como este pode ser experienciado e elaborado pela criança que o sofreu, a partir das condições do *self* infantil, dos seus psicodinamismos e daqueles dos seus familiares, compreendidos no contexto da teoria winnicottiana e das transmissões psíquicas transgeracionais. A teoria winnicottiana evidencia como a família, principalmente a mãe, tem papel fundamental para propiciar um desenvolvimento harmônico e a construção do *self* verdadeiro do filho. Esta mãe, no entanto, dispõe de uma história de relações que influenciam na maneira como irá viver e exercer a maternidade e estabelecer o vínculo afetivo com a criança. O exercício bem sucedido das funções maternas depende de como a genitora recebeu esta condição, o que remete à sua história de vida e às suas vivências primitivas. Portanto, é fundamental considerar as transmissões psíquicas inter e transgeracionais para uma compreensão mais profunda destes casos, com vistas a nortear intervenções psicoterapêuticas mais eficazes.

A ocorrência do abuso sexual intrafamiliar é traumática, atinge intensamente toda a família em diversos aspectos (intelectuais, emocionais, físicos, sociais) e pode ser a repetição de uma história de violência de outras gerações. Por essas razões, este trabalho se propôs a investigar, à luz de uma articulação entre a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional e a teoria da transmissão psíquica transgeracional, as condições do desenvolvimento do *self*, os psicodinamismos e a experiência materna de mulheres de uma mesma família em que elas mesmas e suas filhas foram vítimas de abuso sexual, entrecruzando os seus resultados com os da avaliação da personalidade das filhas, de modo a identificar possíveis padrões na maternidade susceptíveis de serem transmitidos entre as gerações.

O abuso sexual infantil intrafamiliar é um assunto complexo e espinhoso, por isso as equipes de profissionais de Psicologia que trabalham nestes casos têm dificuldades para abordá-lo, o que por vezes prejudica o atendimento psicológico das famílias que necessitam deste auxílio após a comprovação da violência. Apreender de forma dinâmica e profunda estes casos, especialmente aqueles nos quais se trata de repetição da violência pelas gerações (que tendem a ser ainda mais complexos), possibilitará aos psicólogos melhor compreender a dinâmica psíquica das vítimas, oportunizando condições mais favoráveis para as atuações profissionais e, consequentemente, um auxílio mais efetivo às vítimas e suas famílias.

3 OBJETIVO

3.1 Objetivo geral

Investigar as condições do desenvolvimento do *self*, os psicodinamismos e a experiência materna de mulheres vítimas de abuso sexual de uma mesma família, cujas filhas também sofreram esse tipo de violência, entrecruzando os resultados da avaliação de mães e filhas, de modo a identificar possíveis padrões na maternidade susceptíveis de serem transmitidos entre as gerações.

3.2 Objetivos específicos

1. Conhecer o nível de integridade do *self*, os psicodinamismos e a experiência materna de mulheres de uma mesma família em que elas e suas filhas foram vítimas de abuso sexual, incluindo a imagem da filha, a imagem do cônjuge, a autoimagem, os vínculos familiares, principais angústias e defesas, o impacto psicológico da experiência do abuso sofrido por si mesma e pela filha e suas capacidades e limites para a elaboração dessa experiência.
2. Conhecer os psicodinamismos e a qualidade do desenvolvimento do *self* das filhas que sofreram abuso sexual intrafamiliar, incluindo a natureza da figura materna e paterna, o tipo de relação objetal dominante, a expressão do viver criativo no mundo, as principais angústias e defesas, dificuldades e recursos para a elaboração do trauma.
3. Aproximar, mediante uma avaliação psicológica cruzada, as condições do *self*, os psicodinamismos e a experiência materna das mães com os psicodinamismos e o desenvolvimento de *self* da filha;
4. Compreender o padrão de repetição do abuso sexual entre as diferentes gerações da família.

4 MÉTODO

4.1 Delineamento da pesquisa

Segundo Minayo (2012), fazer ciência é trabalhar simultaneamente com um tripé: teoria, método e técnicas. Isto significa que fazer pesquisa depende daquilo que o objeto exige, ao mesmo tempo que a resposta ao objeto depende dos questionamentos, dos instrumentos e das estratégias metodológicas utilizadas para a coleta de dados. Além disso, Minayo (2012) evidencia que a realização de uma boa análise depende da arte, da experiência e da capacidade do pesquisador para se aprofundar no trabalho; isto é o que proporciona refinamento e especificidade ao estudo.

Diante desta linha de pensamento, esta pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia qualitativa de investigação científica; é caracterizada como aplicada, pois tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à compreensão de problemas específicos: os objetivos (Silveira & Córdova, 2009); e exploratória, na medida em que a principal finalidade é desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias acerca de determinado fenômeno: o abuso sexual infantil (Silveira & Córdova, 2009). Este estudo se insere em uma particularidade do enfoque qualitativo: o método clínico e psicanalítico. Como estratégia metodológica de investigação, optou-se pela realização de um estudo de caso (uma família), utilizando para isso técnicas projetivas para a coleta de dados. Estas características serão melhor descritas a seguir.

4.1.1 Método qualitativo

A metodologia qualitativa de investigação científica tem como objetivo entender ou dar um sentido às significações dos fenômenos atribuídas pelos sujeitos participantes. Desse modo, o foco do estudo não é diretamente o fenômeno em si, o abuso sexual, mas sim a significação que tal fenômeno ganha para os que o experienciam. Neste propósito, a abordagem qualitativa auxilia na compreensão profunda das ligações entre os elementos, isto é, aquilo que se manifesta ou acontece e que não é visível ao olhar comum; não objetiva, portanto, um enquadramento matemático dos dados (Turato, 2005). Em outras palavras, "*Qualitativa* significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana" [grifos do autor] (Stake, 2011, p. 21).

De acordo com Stake (2011), a investigação qualitativa é considerada interpretativa, experiencial, situacional e personalística. A primeira característica diz respeito às diferentes posições em relação aos significados das relações humanas, ou seja, o pesquisador apresenta

uma postura receptiva e intuitiva para reconhecer os fenômenos, admitindo que desenvolvimentos inesperados podem ocorrer durante a investigação e tendo em mente que as descobertas e análises são resultado da interação entre pesquisador e sujeitos. A segunda característica aponta para uma pesquisa empírica e direcionada ao campo; o enfoque é na observação e no contato com os participantes, levando em consideração a maneira como enxergam o mundo. O terceiro ponto se refere à oposição à generalização, isto é, o estudo se detém a determinado contexto e momento únicos, os quais revelam características específicas; por isso, não comporta comparações diretas e exige descrições detalhadas de tudo o que é observado e analisado. A última característica revela que a pesquisa qualitativa é empática e visa compreender a singularidade dos sujeitos, de acordo com suas percepções individuais; os problemas retratados normalmente surgem dos mesmos, ao invés de serem levantados pelo pesquisador e, por fim, as interpretações não seguem construções muito elaboradas.

Diante disso, o pesquisador qualitativo tem papel essencial no processo da pesquisa, pois é ele quem se depara com a essência da questão em estudo; logo, são suas percepções que apreendem o fenômeno e sua consciência os representa e os elabora. À vista disso, ele é tido como o principal instrumento de coleta e registro de dados do campo (Turato, 2003, 2005). Pode-se dizer que o observador/pesquisador está implicado na pesquisa, ou seja, ele está incluído em sua prática dialógica do estudo e valoriza o envolvimento afetivo com os participantes, pois isto irá elucidar subentendidos que se manifestam na investigação (Vieira Filho & Teixeira, 2003).

Segundo Barbieri (2008), ao contrário da metodologia quantitativa, que se configura a partir de passos estruturados, cujo estabelecimento da hipótese inicial é essencial para definir as conclusões, a pesquisa qualitativa não se restringe às hipóteses, já que todas as etapas estão suscetíveis a questionamentos e reformulações conforme o andamento do estudo. Nesta perspectiva, o foco é no objetivo final, que marca toda a investigação. Ao mesmo tempo, enquanto a primeira metodologia concebe a realidade como alopoética, isto é, o indivíduo é compreendido como algo dado, a pesquisa qualitativa entende a realidade como autopoética, o sujeito é autoconstituinte, concebido como protagonista do processo (Davila, 1995).

A característica principal da pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2012), é compreender, ou seja, desempenhar a capacidade de colocar-se no lugar do outro, respeitando a singularidade dos sujeitos, no sentido de que esta é a manifestação do viver total dos mesmos. A experiência retratada por eles é individual e ao mesmo tempo revela a história coletiva e o contexto sociocultural no qual estão inseridos. Esta compreensão, portanto, é parcial e inacabada, do ponto de vista do participante e do pesquisador, haja vista que é

preciso considerar a limitação humana às interpretações e análises. Além disso, o ato de compreender guarda em si mesmo a interpretação, pois interpretar sucede à compreensão, ao mesmo tempo em que é um ato contínuo a ela: toda compreensão contém uma possibilidade de interpretação, na medida em que esta é realizada a partir daquilo que é compreendido.

4.1.2 Método clínico e psicanalítico

Esta pesquisa é realizada de acordo com uma particularidade e refinamento do método qualitativo: o método clínico e psicanalítico. Turato (2003) especificou e particularizou o primeiro denominando-o como método clínico-qualitativo, cujo objetivo é descrever e interpretar os sentidos e significados dados aos fenômenos relacionados à vida dos indivíduos participantes. Ele está voltado às vivências de saúde em seus diferentes *settings*; por isso, mostra-se extremamente útil em casos de fenômenos que tenham estruturação complexa e de difícil verbalização emocional, como é o abuso sexual.

Segundo Turato (2003), o método clínico-qualitativo possui um pilar teórico baseado em três atitudes do pesquisador: existencial, clínica e psicanalítica. A primeira parte da premissa de que todo homem é portador de angústias e ansiedades (entendidas de um ponto de vista existencialista), as quais determinam e impulsionam a investigação científica; o pesquisador precisa capturar este sofrer existencial, um processo que tende a mobilizá-lo e proporciona autenticidade ao trabalho. A segunda atitude do cientista diz respeito ao pesquisador se colocar à disposição, em uma postura de empatia, para compartilhar suas angústias e ansiedades pessoais, a partir de um ato programado de acordo com conhecimentos sistematizados e recursos técnicos para elaborar um diagnóstico; esta postura objetiva acolher o sofrimento emocional da pessoa, inclinando a ela a escuta e o olhar, movida pelo desejo de proporcionar ajuda. A atitude psicanalítica, por fim, implica na utilização de alguns conceitos da psicanálise como ferramentas para a compreensão mais satisfatória do fenômeno, tais como: inconsciente, desejo, transferência, atos falhos, mecanismos de defesa, entre outros; considerar estes conceitos é significante para o sujeito e para o pesquisador, além de possibilitar análises mais profundas do objeto de estudo.

A metodologia clínico-qualitativa possui algumas características importantes que ancoram o posicionamento do pesquisador durante toda sua investigação: 1) a interpretação dos sentidos e significados dos fenômenos da saúde-doença em contraposição à enunciação de fatos, ou seja, a atenção é dada para a captação dos sentidos e significados e para a interpretação dos fenômenos; 2) o campo de coleta de dados deve ser o ambiente natural do sujeito, isto é, o local da prestação de serviços clínicos em que as pessoas já estão adaptadas,

pois é geralmente nele que se encontram as informações realmente válidas; 3) a valorização das angústias e ansiedades existenciais é fundamental, pois isto move o pesquisador; 4) a valorização de elementos psicanalíticos (mencionados acima) que são tidos como ferramentas básicas; 5) o pesquisador é o instrumento principal na investigação em campo, além de ser um "*bricoleur"* no trato com a pesquisa, o que significa que ele deve produzir uma teoria a partir de fragmentos encontrados em campo, sem estar rigidamente atrelado ao projeto inicial; 6) o processo da pesquisa é o norteador do interesse do pesquisador, ou seja, há especial atenção para a maneira como os fenômenos ocorrem naturalmente; 7) os saberes teóricos e práticos ocorrem concomitantemente durante a pesquisa; 8) os fenômenos são explicados num processo dialético indutivo-dedutivo, ou seja, compreendidos em sua totalidade, intuitivamente; 9) a validade dos dados é aquilo que é apreendido pela consciência do pesquisador; 10) a apresentação dos resultados e interpretação são fases que ocorrem simultaneamente; 11) é possível generalizar apenas pressupostos finais, que foram confirmados e revistos em relação aos iniciais (Turato, 2003).

A atitude psicanalítica proposta por Turato (2003) recebe atenção especial neste estudo, na medida em que a psicanálise consiste no *background* teórico desta investigação. Por isso, a metodologia psicanalítica, proposta por Figueiredo e Minerbo (2006) também está implicada nesta pesquisa. A psicanálise foi definida por Freud (1923/1990) como sendo, simultaneamente, um método de investigação dos processos mentais inconscientes, um procedimento terapêutico e um conjunto de conhecimentos em processo de constante transformação e expansão. Desse modo, a pesquisa, a prática clínica e a teoria estão implicadas no processo de fazer psicanálise.

Figueiredo e Minerbo (2006) distinguem a pesquisa em psicanálise da pesquisa com o método psicanalítico. A primeira se refere a um conjunto de atividades que objetivam a produção de conhecimento, que estabelece com a psicanálise relações distintas; neste caso, o pesquisador não precisa necessariamente ser psicanalista e sua função principal é, utilizando conceitos, instrumentos e técnicas da psicanálise, debruçar-se metodicamente sobre o seu objeto de estudo para verificar ou refutar suas hipóteses iniciais. Na pesquisa com o método psicanalítico é preciso um psicanalista atuante e o alvo do estudo são os processos socioculturais e fenômenos psíquicos existentes fora de uma situação analítica tradicional. Neste caso, o pesquisador deixa-se fazer sobre o objeto e o constrói à medida que avançam suas descobertas e elaborações, em outras palavras, esta metodologia é determinada pela constituição e transformação de objetos, pesquisadores, meios e instrumentos de investigação.

O método psicanalítico contém em sua essência a interpretação. Segundo Laplanche e Pontalis (1996), a interpretação coloca em evidência os sentidos latentes das palavras e comportamentos dos sujeitos, elucidando os aspectos do conflito defensivo e do desejo inconsciente. É o ato de interpretar que possibilita a análise, no sentido de uma decomposição de elementos (Lowenkron, 2006). Para Herrmann (2004), nas pesquisas psicanalíticas, interpretar não significa antecipar algo, como acontece nos estudos científicos que visam comprovar as hipóteses iniciais, mas sim revelar a pluralidade dos sentidos, acarretando em uma ruptura de campo, que é essencial para a psicanálise. O objetivo inicial se cumpre após seus pressupostos passarem por uma crise de conceituação e significação, e isto é o que gera legitimidade nas pesquisas psicanalíticas.

Nesse sentido, Pinto e Aiello-Vaisberg (2001) referem à pesquisa clínica psicanalítica como constituinte de três momentos: o do ato/relação clínica, o da elaboração teórica e o da transmissão do conhecimento para a comunidade científica. No primeiro, o pesquisador tem como foco o relacionamento presente e atual com os participantes; o segundo momento implica na construção do conhecimento a partir de uma troca reflexiva e compreensiva com a teoria e com outros pesquisadores; o último revela o momento em que a elaboração é comunicada e são propiciadas as descobertas e reelaborações, em uma situação contínua e dialógica. Herrmann (2004) assinala que o procedimento clínico não mantém o estado teórico rigidamente; ao contrário, ele desmancha sua estrutura, reagrupa, reorganiza, transformando-os em um fluido que sustenta a análise propriamente dita e a pesquisa psicanalítica.

4.1.3 Estratégia metodológica

A estratégia metodológica utilizada nesta pesquisa é a do estudo de caso, o que significa que esta visa adquirir um conhecimento de determinado fenômeno social complexo, o abuso sexual infantil intrafamiliar, a partir da exploração profunda de um único caso, tendo em mente que este é um sistema delimitado de partes integradas, uma unidade específica (Stake, 2011; Ventura, 2007; Yin, 2010). Segundo Yin (2010), o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo em seu contexto real e pressupõe um entendimento contextual e particular do caso. A sua realização possibilita ao pesquisador a descoberta de inúmeras variáveis de interesse e por isso conta com múltiplas fontes de evidência.

De acordo com Ventura (2007), o estudo de caso é útil para pesquisas do tipo exploratórias, pois possibilita novas descobertas, as quais geram novas hipóteses e teorias. Esta é, portanto, a maior vantagem desta estratégia metodológica: favorecer novas

descobertas, visto que há uma flexibilidade no seu planejamento, um enfoque nas múltiplas dimensões do problema, assim como permite uma análise profunda dos processos e relações entre eles. A maior limitação, contudo, é a dificuldade para generalizar, principalmente quando a unidade de investigação é atípica em relação ao seu grupo. Logo, tendo em vista que esta pesquisa visa conhecer aspectos específicos e profundos do fenômeno do abuso sexual, esta estratégia é considerada ideal para atingir este objetivo.

4.1.4 Instrumentos do método psicanalítico

Para a realização desta pesquisa tal como ela se delimita, há a necessidade de utilizar instrumentos de coleta não estruturados, entre eles as técnicas projetivas de avaliação da personalidade, pois a ambiguidade dos seus estímulos e da situação avaliativa proporciona liberdade ao participante para organizá-los a partir de seus referenciais pessoais e íntimos (Barbieri, 2008). Fundamentadas na associação livre, as técnicas projetivas permitem o acesso aos conteúdos inconscientes do participante e, por isso, são consideradas uma forma especial de diálogo, na qual o sujeito responde entendendo que sua mensagem não será compreendida como nas situações cotidianas, mas de outra forma que ele desconhece. “As associações livres devem, assim, ser provocadas. Donde decorre a necessidade de lhe apresentar um material desencadeador de tais associações” (Anzieu, 1986, p. 24).

A aplicação de testes projetivos implica em introduzir determinado material prévio (como pranchas, desenhos livres, gravuras vagas) e “submeter o indivíduo a uma situação de liberdade” dentro do tempo de duração da sessão; ao final, geralmente realiza-se um inquérito. Este processo funciona como uma psicanálise condensada, pois consiste naquilo que vem espontaneamente à consciência e os instrumentos não exigem um tempo limitado para serem respondidos, assim como a análise não determina sua finalização. Logo, tal qual a situação analítica, a aplicação de testes projetivos caracteriza-se por dois princípios: a liberdade de expressão e de tempo (Anzieu, 1986).

Os testes projetivos oportunizam a revelação da personalidade, superando as constatações de observações diretas, e possibilitam atingir mecanismos de defesa, conflitos e a dinâmica pulsional (Douville, 2004). “O espaço projetivo é tanto realidade objetiva como subjetiva, campo dinâmico no qual as possibilidades de construção e corporeidade e das primeiras relações se encontram e se projetam” (Douville, 2004, p. 137). Portanto, eles permitem um diálogo lúdico em que o rigor e a cientificidade estão presentes na própria estruturação da situação dialógica pelo sujeito, que será correspondente à do seu ambiente natural, organizada a partir de sua personalidade (Aiello-Vaisberg, 1995).

Diante disso, considera-se que os métodos projetivos são importantes para acessar os conteúdos que almejamos ter acesso nessa pesquisa, particularmente o nível de integridade do *Self* e os psicodinamismos da personalidade das participantes. Tendo em vista que o tema abordado é complexo e que as vítimas tendem a se encontrar bastante fragilizadas, a mediação de procedimentos não estruturados e não diretivos pode facilitar a comunicação com as participantes, na medida em que o contato é estabelecido a partir de desenhos, personagens e histórias.

4.2 Participantes

As participantes da pesquisa são duas meninas e suas mães, que compõem uma única família: Joana, de 44 anos; duas de suas filhas: Marina, 27, e Beatriz, 11 anos; e Eduarda, filha de Marina e neta de Joana, 7 anos. Todas sofreram abuso sexual na infância e estavam iniciando atendimento no SEAVIDAS (Serviço de Atenção à Violência Doméstica e Agressão Sexual), instituição cuja finalidade será descrita mais adiante.

4.3 Instrumentos

4.3.1 Para a avaliação da mãe

a) Entrevista semidirigida (APÊNDICE C)

A entrevista semidirigida foi realizada a fim de coletar informações a respeito da história de vida da família, aspectos do ambiente atual e pregresso, a situação do abuso sexual (histórico, frequência, descoberta), a relação entre mãe e filha e relação entre pai/padrasto e filha, atual e pregressa. O uso da entrevista em pesquisa qualitativa proporciona um encontro interpessoal que fornece informações e é um instrumento importante para apreender características e elementos de identificação do participante e também do pesquisador (Turato, 2003). A entrevista semidirigida possibilita conhecer mais detalhadamente o participante e elaborar as primeiras hipóteses diagnósticas. A interpretação da mesma inclui identificar o tipo de vínculo estabelecido, a transferência e a contratransferência, ansiedades predominantes, as defesas mais utilizadas, aspectos patológicos e adaptativos (Oampo & Arzeno, 2001).

b) Apresentação da obra de arte “Maternal Kiss”, de 1897, de Mary Cassatt (ANEXO A)

O quadro foi apresentado às mães como um mediador da comunicação sobre a sua experiência materna, visando facilitar a associação livre sobre esse tema. A imagem é composta de uma mulher que segura sua filha no colo, cujo foco é o rosto da garota, a qual

parece observar algo. Esse quadro foi escolhido porque ele evidencia um contato entre mãe e filha e pode remeter à experiência materna da participante. Ao apresentar o quadro, a participante deveria olhá-lo e dizer o que pensa e sente como mãe de sua filha, a partir do que viu na imagem. A mediação pela arte convoca atitudes relacionadas à compreensão de elementos que nela se inserem, principalmente porque proporciona observar uma diversidade de narrativas e linguagens que se incorporam a ela, conforme a subjetividade de cada um (Martins, 2011).

A apresentação de um mediador da comunicação tem sido utilizada em pesquisas acadêmicas porque tem a função de facilitar a expressão do gesto espontâneo, por meio da associação livre, possibilitando que o participante saia de um estado de passividade para começar a agir no mundo, de modo a existir de modo criativo (Tardivo, 2007). Esta mediação pode ser comparada ao Jogo do Rabisco proposto por Winnicott, um elemento facilitador do brincar (Aiello-Vaisberg, 2004).

c) Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E)

Foi criado por Walter Trinca (2013b) em 1978 como um desdobramento do Procedimento de Desenhos-Estórias[5]. O DF-E proporciona o acesso a dados sobre as relações familiares internalizadas, fornecendo informações sobre as situações intrapsíquicas e intrafamiliares do indivíduo (Trinca, 2013b). Segundo Barbieri (2013), sua aplicação possibilita conhecer as imagos parentais e fraternas do sujeito, assim como a qualidade dos vínculos entre elas; desse modo, ele indica as características do meio familiar a partir da concepção do sujeito, e os focos centrais e nodais de sua personalidade. Assim, este procedimento favorece o estudo das relações familiares.

Na presente pesquisa, o DF-E foi utilizado para revelar, do ponto de vista da mãe, a dinâmica familiar, suas imagos sobre os membros da família e os relacionamentos estabelecidos entre eles, as angústias e as defesas empregadas para dominá-las. A aplicação consiste na solicitação à mãe de quatro desenhos: o primeiro de uma família qualquer, o segundo de uma família que ela gostaria de ter, o terceiro de uma família em que alguém não está bem e por último o da sua própria família. Ao término de cada desenho, é solicitada uma história a partir do que foi desenhado, seguida de inquérito e título. O inquérito sobre os desenhos e as histórias tem o intuito de elucidar pontos ainda não compreendidos pelo psicólogo e promover associações livres complementares. Os materiais utilizados são folhas

[5] O Procedimento de Desenhos-Estórias será descrito no tópico relativo aos instrumentos utilizados para a avaliação da criança.

de papel sulfite brancas, lápis grafite e uma caixa de lápis colorido de 12 cores[6]. (Trinca, 2013).

4.3.2 Para a avaliação da criança

a) Caixa lúdica

Foi utilizada para realizar a sessão de *rapport*, com a função de estabelecer uma primeira relação com a criança, de modo não intrusivo. Neste momento, foi realizada uma apresentação à criança e um convite para participar da pesquisa. O objetivo foi semelhante ao da sessão lúdica psicodiagnóstica, na qual as associações livres e as brincadeiras devem ser predominantes, a fim de obter as primeiras ideias sobre o funcionamento mental da criança, sem o uso de instrumentos. Os materiais constantes na caixa lúdica foram uma caixa com brinquedos não estruturados, como boneca, dominó, animais, lego, quebra cabeça, etc.

b) Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven

Este teste foi elaborado por J. C. Raven em 1947 como uma variação da forma original, o Teste das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Geral. Ele é destinado para aplicação em crianças e idosos e foi criado com o objetivo de avaliar a capacidade intelectual geral – fator "G", mais especificamente, a capacidade edutiva (Bandeira et al., 2004). A aplicação desta técnica consta da apresentação de diversas figuras para a criança completar (Raven, Raven, & Court, 1988). Para esta pesquisa, esse instrumento teve a finalidade de avaliar o nível cognitivo das crianças e excluir os casos em que houvesse comprometimento intelectual profundo, o que não foi detectado.[7]

c) Teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (HTP)

O HTP (Buck, 2003) fornece informações, para propósitos diagnósticos, sobre conflitos e interesses do indivíduo, aspectos ambientais que lhe são problemáticos, permitindo ainda conhecer a pré-estrutura da personalidade e o nível de integridade do ego. Esta técnica tem a finalidade de avaliar aspectos projetivos e expressivos da personalidade, possibilitando observar as vivências emocionais do sujeito, sua forma de ser e sua visão de mundo (Silva & Villemor-Amaral, 2006).

A aplicação do HTP implicou em solicitar à criança a realização de três desenhos, o de uma casa, o de uma árvore, o de uma pessoa, acromáticos. Após cada desenho, são realizados

[6] O mesmo material é utilizado na aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias.

[7] Caso este teste revelasse a existência de comprometimento intelectual e fossem verificadas psicopatologias psiquiátricas na criança e/ou na mãe, isso seria comunicado à equipe do SEAVIDAS e a díade seria desligada da pesquisa embora fosse mantido o atendimento no serviço normalmente.

os respectivos inquéritos a fim de elucidar e compreender aquilo que foi graficamente expresso. Os materiais utilizados são folhas de papel sulfite brancas e lápis grafite.

d) Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E)

Foi criado em 1972 por Walter Trinca (2013b) com o objetivo de promover o conhecimento da dinâmica psíquica no diagnóstico psicológico e para outros fins, expandidos posteriormente, como em pesquisas. O conjunto unitário dos desenhos livres, das histórias associadas, do inquérito e dos títulos compõem uma estrutura unificada e um processo unitário de comunicação. O D-E se aplica a qualquer pessoa que possa expressar algum conteúdo interno, simbolicamente, a partir de grafismos e verbalmente (Trinca, 2013a).

O acesso ao mundo interior do sujeito é possibilitado pela liberdade do espaço em branco do papel, pela receptividade do psicólogo, a continência emocional, a utilização de construções verbais metafóricas, a possibilidade de simbolização do indivíduo e pelo uso de linguagem simples e direta. Estes aspectos favorecem um acesso ao mundo mental que raramente ocorre através de outros métodos (Trinca, 2013a). Para esta pesquisa, o objetivo da aplicação do D-E foi o de permitir o acesso aos pontos conflitivos nucleares da dinâmica psíquica da criança (psicodinamismos), a partir da emergência de conteúdos inconscientes profundos, e esclarecer formas de relações objetais das mesmas, angústias predominantes e defesas, natureza das imagos parentais, condições da expressão do *self* (viver criativo), recursos e dificuldades para a assimilação do trauma vivido. A aplicação consiste em solicitar ao participante a realização de cinco desenhos livres, acompanhados de uma história, de um inquérito e finalmente de um título.

4.3.3 Com a criança e com a mãe

a) Entrevista devolutiva

A devolução de informações é importante do ponto de vista ético, implicando em considerar os participantes da pesquisa como sujeitos de suas existências, além de lhes possibilitar a oportunidade de retomar conteúdos da sua identidade que foram projetados no psicólogo e que incluem não apenas aspectos fragilizados e temidos, mas também enriquecedores e adaptativos (Ocampo, Arzeno & Piccolo, 2001).

4.4 Procedimento

Inicialmente, entrou-se em contato com a equipe do SEAVIDAS do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP), para ter acesso às participantes da pesquisa. O serviço viabiliza uma assistência multiprofissional para as vítimas de agressão sexual da cidade de Ribeirão Preto e região. A

pesquisa e seus objetivos foram apresentados para a coordenadora do serviço e, com a autorização para a realização da mesma, foi assinado o Termo de Autorização da Instituição (APÊNDICE B).

Posteriormente, os critérios de inclusão e exclusão das participantes foram esclarecidos para a equipe profissional do SEAVIDAS com vistas ao recrutamento doscasos para a pesquisa. A população atendida no local é encaminhada pelo serviço de saúde pública (SUS) e logo são iniciados os atendimentos. Assim, a família foi convidada a participar da pesquisa a princípio pela equipe do local, sendo que as atividades a serem realizadas foram posteriormente explicadas em mais detalhes às participantes pela pesquisadora. A partir desse aceite preliminar, foi agendado o primeiro encontro com Joana.

Neste primeiro encontro, Joana recebeu mais esclarecimentos sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos; mantendo o aceite da participação, ela assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Logo em seguida, foi realizado um *rapport* breve e iniciada a entrevista semidirigida (APÊNDICE C). Foi marcado um segundo encontro, no qual foi apresentada a ela a imagem da obra "Maternal Kiss", sendo-lhe solicitado que olhasse para o quadro e dissesse, a partir dele, como se sentia como mãe de sua filha. No terceiro e último encontro com Joana, foi aplicado o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias.

Concomitantemente, foram realizados os encontros com a filha Beatriz. No primeiro dia do encontro com a mãe, também foi apresentada a pesquisa, seus objetivos e procedimentos para a criança, que também aceitou participar. No segundo encontro com Beatriz, foi realizado a sessão de *rapport* e aplicado o Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven para avaliar se a criança apresentava comprometimentos intelectuais profundos. Adquirindo um resultado satisfatório, foi feita a aplicação do teste do HTP. No último encontro, ocorreu a aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias.

Finalizada a aplicação dos procedimentos em Joana e Beatriz, os mesmos passos se seguiram com a díade Marina e Eduarda. A princípio, foi agendado o contato com a mãe, no qual foi apresentada a pesquisa, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aplicada a entrevista semiestruturada. No segundo encontro, foi apresentada a imagem da obra "Maternal Kiss" e, no último, a aplicação do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias. Paralelamente, foi feita a coleta de dados com Eduarda. Após o primeiro encontro com a mãe, foi agendado o primeiro encontro com a garota, no qual foi realizada a sessão de *rapport*. Em um segundo momento, houve a aplicação do Teste das Matrizes Progressivas

Coloridas de Raven e do HTP e, em um terceiro encontro, a do Procedimento de Desenhos-Estórias.

A coleta de dados foi realizada no SEAVIDAS, em sala que apresentava condições necessárias para a aplicação dos procedimentos de avaliação psicológica. Os encontros tiveram duração de aproximadamente uma hora e foram registrados em um gravador de áudio, com o consentimento das participantes, sendo o acesso ao conteúdo restrito à pesquisadora e sua orientadora.

Um tempo após a coleta e análise dos dados das participantes, foi feito um novo contato para o agendamento das entrevistas devolutivas. Infelizmente, não foi possível que elas ocorressem, em virtude da impossibilidade de comunicação com as participantes. O atendimento psicológico realizado pelos psicólogos do SEAVIDAS era bastante irregular, em virtude do alto índice de faltas da família. Em determinado momento, as participantes que ainda não haviam recebido alta, romperam com o tratamento por conta própria. A equipe da psicologia do serviço tentou entrar em contato para prosseguir com o tratamento e, posteriormente, para o agendamento das devolutivas, porém não obtiveram sucesso. Foram realizadas várias tentativas de contato, mas não houve nenhum retorno, o que inviabilizou as entrevistas.

4.5 Análise de dados

A análise dos dados do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven foi realizada a partir das instruções do manual (Raven, Raven, & Court, 1988), assim como a análise do HTP (Buck, 2003), a qual foi acrescida de uma análise psicodinâmica psicanalítica. Em relação à imagem da obra de arte, à entrevista, ao Procedimento de Desenhos-Estórias e ao Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, a interpretação foi feita com base no método da livre inspeção do material (Trinca, 2013b), empregando a teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional e posteriormente, no entrecruzamento dos dados de todas as participantes, a teoria da transmissão psíquica transgeracional como *background* para a compreensão dos casos.

O método da livre inspeção do material consiste em um levantamento e verificação do material clínico coletado, com base na teoria psicanalítica e na experiência do profissional/pesquisador, em função dos conteúdos e processos próprios de cada paciente e cada situação vivenciada. Por conta disso, não existem roteiros prévios e validações sistemáticas para a interpretação, cuja finalidade é que a atenção seja dispendida para aquilo que ressalta diretamente do material clínico (Trinca, 2013b).

Segundo Trinca (2013b), há três condições gerais para o uso da livre inspeção do material: a importância das partes, a interpretação do conjunto e o contexto clínico global. A primeira se refere a uma atitude globalística do psicólogo para o tratamento do material, isto significa que as partes (cada encontro) são importantes para adquirir uma compreensão do contexto por inteiro da comunicação (todo o contato com elas). A interpretação do conjunto se refere às produções, à verbalização ou junção de ambos e esta interpretação consiste em analisar os aspectos relevantes que se configuram em unidade e em totalidade; são atos de síntese verificados em cada encontro e depois, em todo o processo de coleta. O conjunto clínico global ressalta a importância de considerar o meio no qual o indivíduo está inserido para fazer as interpretações, pois estas só fazem sentido dentro de um contexto (história de vida, relações transferenciais, dinâmica família, ambiente atual e pregresso, forças psicopatológicas e psicopatogênicas atuantes).

De acordo com Trinca (2013b), na livre inspeção a interpretação de todo o material coletado é realizada a partir de uma síntese compreensiva, levando em conta todos os aspectos importantes apresentados, sem perder de vista a valorização do todo (que inclui os instrumentos, a verbalização e a junção de ambos). Esta visão de conjunto tende a evitar a atomização das interpretações e a aplicação da teoria a cada elemento desconectado do contexto; ao contrário disto, todos os elementos serão considerados partes da significação do conjunto, que sobressai do contexto geral.

Primeiramente, foram feitas as análises de cada um dos instrumentos individualmente, com o apoio do manual no caso do HTP e do Teste das Matrizes Progressivas de Raven. No caso do D-E e DF-E, foi analisada cada unidade de produção, seguindo o método da livre inspeção, também utilizado para a interpretação da narrativa das mães após a apresentação da obra de arte e da entrevista. A seguir, com base nas interpretações de todos os instrumentos, foi realizada a síntese psicodiagnóstica de cada participante, incluindo a identificação das repercussões emocionais do abuso sexual e dos recursos e os limites para assimilar essa experiência. Em sequência, foi feita uma articulação entre as avaliações da mãe e da filha, compondo uma síntese da díade: Joana e Beatriz; Joana e Marina; e Marina e Eduarda. Por fim, foi redigida uma síntese familiar, cujo objetivo foi alcançar uma compreensão cruzada do grupo, buscando o entendimento do fenômeno da repetição do abuso sexual nas gerações, onde se fez um esforço de conexão da teoria winnicottiana do amadurecimento emocional com a teoria da transmissão psíquica transgeracional.

5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e aprovado. A todos os participantes foi garantida a liberdade de participação e de desistência a qualquer momento, sem consequências para o atendimento no SEAVIDAS, esclarecida a ausência de ônus e garantido o sigilo quanto aos resultados. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelas mães, após a garantia de entendimento e esclarecimento de dúvidas das participantes.

Esta pesquisa trabalha com uma temática delicada, tendo em vista que falar sobre a violência sexual pode gerar angústias intensas e mobilizar defesas inconscientes que causam grande sofrimento. Por isso, a pesquisadora teve o cuidado ético de acolher as participantes em caso de qualquer situação de sofrimento excessivo e, se fosse necessário, a coleta seria interrompida. As participantes já recebiam atendimento psicológico no próprio SEAVIDAS. Caso houvesse alguma impossibilidade de atendimento neste local, a pesquisadora se encarregaria de atender os casos.

6 RESULTADOS

6.1 Joana

6.1.1 Entrevista semiestruturada

Joana, de 44 anos, está desempregada atualmente, mas exercia a função de cuidadora de idosos. Ela possui Ensino Fundamental incompleto. Está separada do marido há dois meses[8], em virtude da descoberta do abuso sexual da filha mais nova por parte dele. Mora em um apartamento com Beatriz, filha de 11 anos, e Flávia, de 22. Possui outra filha, Marina, de 27 anos, casada e que tem uma filha, Eduarda, de 7 anos. As três filhas são de pais diferentes. O marido de Joana exerce a função de mestre de obras, mas hoje trabalha como pedreiro; também possui Ensino Fundamental incompleto.

O primeiro contato com Joana foi realizado pela equipe de psicólogos do SEAVIDAS, onde ela e Beatriz estavam iniciando o atendimento, após a constatação do abuso sexual por perícia médica e convocação do Conselho Tutelar da cidade de Ribeirão Preto. Ela foi convidada a participar da pesquisa e foi agendado o primeiro encontro, no qual seria explicado com maiores detalhes do que se tratava. Neste, Joana se mostrou bem arrumada, tranquila e bem humorada; parecia disponível ao contato. A pesquisa foi apresentada brevemente e explicado como seria sua participação e a de sua filha. Com o seu consentimento rápido e sem que ela pedisse mais explicações, foi assinado o Termo de Consentimento Esclarecido. A seguir, no mesmo encontro, iniciou-se a entrevista semiestruturada.

Na entrevista, Joana relatou que Beatriz tem pesadelos frequentes e sono agitado: costuma ir dormir tarde, não quer ir para a cama e acorda muito durante a noite; dorme na mesma cama que a mãe desde sempre, segundo ela. Joana disse que quando a filha tem pesadelos, acorda gritando, e certa vez sonhou que tinha alguém que a estava matando. Joana contou que hoje o sono está um pouco mais tranquilo, porque estão dormindo juntas[9] e que, recentemente, Beatriz fez xixi na roupa.

Em relação à saúde física da filha, Joana relatou que Beatriz tem adenoide desde bebê; fez tratamento quando pequena, mas agora voltou o problema. Atualmente, costuma se queixar de dor no peito, na região do estômago, e quando isso acontece, chora e fica pálida. Em relação à alimentação, Beatriz está ansiosa e quer comer a toda hora; Joana lhe chama a atenção para que ela não engorde. Ela contou que Beatriz sempre foi ruim para comer, até os 10 anos (ano passado): só tomava leite na mamadeira; não gostava de comer e teve anemia;

[8] Referente à data da entrevista.
[9] Beatriz contou para a psicóloga do Seavidas que não gosta de dormir na cama da mãe.

era muito magra. Hoje, há dias que passa o período da manhã sem comer e na hora do almoço quer comer miojo ou pão e vai fazer uma refeição completa apenas no jantar. Joana disse que ela própria não come nada o dia todo.

Sobre a rotina de vida da família, não há horários regulares para as refeições. Beatriz vai para a escola de manhã e não tem atividades fora da escola; a mãe queria que ela fizesse ballet, mas ela não gosta. A filha nunca apresentou dificuldades escolares e de aprendizado, é dedicada, mas ambas não gostam da escola em que está hoje, pois é perigosa, os alunos são agressivos e Beatriz tem medo, inclusive já foi empurrada da escada. Quando ela entrou na escola, sofreu muito bullying, pois gostava de ir arrumada e maquiada para a escola e as outras meninas iam vestidas como "crianças da favela" (sic); então ela passou a se vestir como elas[10]. Beatriz tem algumas amigas e o relacionamento com a professora é bom. Aos finais de semana, elas ficam em casa, pois estão sem condições financeiras para sair.

O abuso sexual aconteceu desde que Beatriz tinha 7 anos, mas há 2 anos não acontecia mais, segundo Joana. Foi descoberto porque Beatriz contou para uma amiga do prédio em que moram e pediu segredo, mas a amiga contou para a família. O síndico ficou sabendo e denunciou o caso para o Conselho Tutelar. Joana não acreditou e continuou morando com o marido. O Conselho as intimou a comparecerem e Joana faltou duas vezes, pois "não tinha dinheiro para ir" (sic). Ela ia pagar multa, caso não comparecesse outra vez. Quando relatou isso, ela parecia com raiva, diz que "estava pagando por algo que não cometeu" (sic). Foi dito a elas que se não comparecessem novamente, a filha teria que ser afastada e levada a um abrigo. Isto as assustou muito, foi então que Joana decidiu dar início às investigações. Ela só passou a acreditar na ocorrência do abuso quando esteve presente na perícia judiciária e ouviu a filha dizendo para a equipe de psicólogos que o pai, durante a noite, colocava um travesseiro em seu rosto e abusava dela. Até então, a filha só dizia que o pai havia feito uma coisa horrível. Joana ficou muito chocada e chorou ao contar isso. Beatriz também passou por exame de corpo de delito e foi comprovado o abuso. A partir daí, o pai saiu de casa e a filha ficou morando com a mãe. No meio do discurso, Joana contou que "também passou por isso" (sic), que também foi abusada quando pequena[11] e que "quando foi comigo, eu não passei por nada disso" (sic), referindo-se à investigação e atendimentos que estão recebendo.

Joana relatou que durante o período em que aconteciam os abusos, a filha estava revoltada e tinha corrimento vaginal. Ela pedia para que a mãe se separasse do pai, e esta pensava que este pedido era devido às brigas do casal. Ambas têm medo de o pai ser preso.

[10] É interessante notar que Beatriz compareceu aos encontros bem arrumada, inclusive maquiada.
[11] Esse assunto será explorado nos próximos encontros com Joana.

Hoje, Beatriz mantém um pouco de contato com o pai pelo WhatsApp, a pedido da mãe. Esta relatou que enfrenta uma situação muito difícil porque depende financeiramente dele e, por isso, pede para a filha lhe dar um "oi" às vezes.

Joana disse que "o psicológico da filha está muito abalado por conta do abuso" (sic), principalmente por ela ter ficado calada todo esse tempo. A relação de ambas é boa, Beatriz diz que a mãe é brava, mas é questão de educar, segundo ela. A filha está mais companheira da mãe e ajuda nos deveres da casa, mas não gosta que ela a coloque de castigo. Joana disse que Beatriz é fechada, guarda as coisas para ela e chora com frequência, principalmente quando a mãe nega coisas que ela quer, como sapatos.

Joana não contou para ninguém da família sobre o abuso de Beatriz, com exceção de uma irmã (tia de Beatriz) e sua filha mais velha, Marina. O maior sentimento que ela tem em relação à filha é de protegê-la, quer deixá-la sempre perto de si, não quer deixá-la com ninguém.

Em relação à sociabilidade de Beatriz, Joana disse que a filha não tem muitos amigos, tem apenas uma amiga. Ela costuma brincar na piscina do prédio em que moram e gosta de bola. A filha descia bastante para a área de lazer do condomínio para brincar, mas agora o síndico não está deixando mais que ela faça isto, segundo ela. Quanto às frustrações, Beatriz costuma guardar para si, fica quieta.

Beatriz não tem paqueras/namorados, "ela não idade para saber o que é amor" (sic). Joana orientou que ela precisa estudar antes de namorar, diz que as coisas têm a hora certa e que é normal gostar de alguém na idade dela. Em relação a sexo, elas não conversam devido ao abuso, pois Joana tem medo que isso a faça sofrer, relembrando da violência.

Joana relatou que começou a se relacionar com o pai de Beatriz quando a filha do meio, Flávia, tinha 5 anos, portanto há 17 anos. A única gravidez desejada foi a de Beatriz. Quando esta tinha 1 ano e 8 meses, Joana teve uma crise de depressão e ficou 5 anos sem trabalhar.

Joana e o pai de Beatriz compraram o apartamento em que moram hoje. Ele a traiu por 13 anos com outra mulher. Nesse período, ele não dormia em casa e ela não entendia por que não progrediam financeiramente, já que o marido e ela trabalhavam e cada um ganhava o seu dinheiro. Depois, descobriu que foi devido à amante que ele sustentava. O pai chegou a levar Beatriz para a casa da amante sem que esta soubesse quem ela era. Certa vez, a amante ligou para Joana e disse que quem era a amante era ela (Joana). Depois, o marido se separou da amante.

Após a separação recente entre Joana e o pai de Beatriz em virtude do abuso, Joana está dependendo do marido financeiramente e esta é uma questão muito complicada para ela, falou que precisa ter paciência. Disse que ele quer voltar para casa, que chora porque está arrependido e ela não sabe se acredita; sente que está na mão dele, sem poder se defender.

Análise da entrevista com Joana

Joana se mostrou aberta e disponível durante toda a entrevista, inclusive trouxe informações além das perguntas da entrevista e, nesse sentido, parece apresentar uma necessidade de falar sobre si. Ela mostra ser uma pessoa que busca alguém em quem se apoiar, rendendo uma postura de rápida aceitação em participar da pesquisa, tendo sido necessárias poucas explicações sobre o que seria realizado. Esta atitude despertou em mim a angústia do abandono que está vivenciando agora e uma necessidade de encontrar alguém que possa se vincular.

Parece haver de parte dela uma necessidade de colocar a filha no lugar do pai, no momento em que este sai de casa, mostrando a necessidade de vinculação e a dependência afetiva do objeto. Ao relatar que a filha se sente melhor dormindo com ela, revela a projeção do seu próprio desejo/necessidade de ter alguém ao seu lado na cama, para não se sentir sozinha e desamparada.

Em relação à alimentação de Beatriz e da mãe, o receio de a filha engordar parece ser preocupante para ela. É importante considerar que Joana se encontra, ela mesma, um pouco acima do peso. A valorização da aparência física é observada inclusive no modo como se veste, bem arrumada e de salto fino.

A dependência financeira do pai de Beatriz é algo difícil para ela e gera alguns sentimentos, como submissão e fracasso. Todavia, também parece constituir um modo de manter o vínculo com ele. Nesse sentido, Joana é uma pessoa que se vincula ao outro em uma relação de dependência. Quando ela relata que ele quer voltar para casa, está arrependido e que ela sente que está nas mãos dele, mostra o desejo de retomar o relacionamento com ele a qualquer momento e de “perdoar”; está sofrendo muito com a perda do marido.

Quanto ao relacionamento com a filha, Joana mostra-se ambivalente: ora ela é vista como um bebê, ora é vista como um adulto – ora a filha toma mamadeira, ora ela se maquia para ir para a escola. Ela repete, assim, com a filha, o padrão ambivalente relacional com o ex-marido em que, ao mesmo tempo em que se coloca em uma posição infantil ao não trabalhar, mantém com ele uma relação de dependência.

Ao contar sobre o abuso da filha, Joana disse que “também passou por isso”, revelando, a partir da descoberta da violência com a filha, as suas memórias a respeito da sua própria vivência, as quais pareciam estar abandonadas até então. Agora ocorre uma situação diferente de sua experiência, o que emerge certa raiva e ciúme pela filha estar recebendo algo que ela não teve: cuidado e proteção e uma possibilidade de elaboração.

Joana acreditou na veracidade do abuso sofrido pela filha após ouvir o relato da mesma para a perícia judiciária, no qual esta descreveu detalhes de como isso acontecia. Até então, a filha dizer que “o pai fazia coisas horríveis” não era suficiente para que ela acreditasse que fosse verdade; é ainda muito difícil para ela admitir que o seu marido é o abusador da filha. Esta dificuldade em perceber a realidade faz com que ela tente mascarar de todas as formas, pois não se sente em condições de lidar com ela. Então, ela entende como verdade aquilo que é comprovado concretamente, o que mostra a ação do mecanismo da negação, que também é observado quando ela diz que ela e Beatriz não conversam sobre sexualidade e sexo devido ao abuso que a menina sofreu. A distorção e a negação também surgem no relato de que o síndico não está deixando Beatriz descer para a área de lazer, negação esta acompanhada pela projeção nessa figura da própria proibição que infringia a filha.

Seguindo este pensamento, Joana declara que o maior sentimento que tem pela filha é de proteção, não quer deixá-la com ninguém. Não descer para a área de lazer faz parte desta proteção, mas também evita que ela conte a outro sobre o abuso, o que desencadearia sentimentos de vergonha e raiva, tanto pela filha, quanto pelos condôminos. Tal proteção à filha pode gerar mais dificuldades para Beatriz, a saber, a exclusão social após a descoberta do abuso. Esse cuidado restringe-se, contudo, aos contatos sociais da filha, pois em outros momentos ela se mostra distante da menina, por exemplo, deixando-a comer o que quiser (miojo, pão no almoço), ou não comer, e quando mantém a filha em uma escola que ambas não gostam e consideram perigosa.

A característica ambivalente dos vínculos de Joana também se estende ao abordar a temática da sexualidade de Beatriz. Ela diz que a filha “não tem idade para saber o que é o amor” e que “as coisas tem a hora certa para acontecer”, e ao mesmo tempo diz que “é normal gostar de alguém na idade dela”.

A entrevista mostra que Joana se encontra em um momento bastante difícil. A descoberta do abuso da filha faz com que ela esteja revivendo a sua própria experiência do abuso, além da vivência da filha mais velha. Ela parece ser uma pessoa frágil e que estabelece vínculos de dependência com o outro. A situação que está vivendo hoje parece acarretar um

humor depressivo, especialmente devido à recente perda do marido. A relação ambivalente dos vínculos é observada com Beatriz, em que ela quer proteger a filha, mas ao mesmo tempo negligencia o cuidado[12].

6.1.2 Obra de arte "Maternal Kiss"

Joana retorna neste dia simpática e bem humorada. Logo que se acomoda, disse que Beatriz havia me achado muito bonita, o que mostra novamente seu mecanismo de projeção e me dá indícios de estar sendo estabelecida uma transferência positiva. Rapidamente, ela começa contando de um contato anterior a este que teve no SEAVIDAS. Neste período, foi sugerido pela equipe profissional que o marido também fizesse acompanhamento terapêutico, mas ele não quis. Eu solicito a sua autorização para ligar o gravador e a gravação se inicia após este curto discurso de Joana.

Ele não quis, ele se recusou, falou que a gente convivia bem e que me amava muito e que ele não ia dizer mais, de novo, não ia dar motivos pra me perder. Só que ele recusou e impediu, todas as vezes ele vinha comigo, ele poderia ter acompanhado o tempo que ele vinha comigo, não precisava ser nós dois juntos, poderia ser individual e ele não quis. Foi indo, foi indo, todas as vezes que eu vinha, ele perguntava e chegou uma hora que a psicóloga falou "Você tem que tomar uma decisão, você não tem como mudar a pessoa, tem como você mudar". E aí eu... ele perguntava, queria saber o que era, curioso, queria saber todas as coisas que eu conversava, e aquilo ia me irritando. Eu começava a chorar, porque é uma coisa confidencial e eu acabava comentando, de tanto ele insistir, de tanto ele falar. Aí ele começou a achar ruim, falava que a psicóloga estava fazendo eu me afastar dele, que o conselho dela era pra eu me afastar e não sei o quê, aí eu, por fim, acabei não vindo mais. Enfim, atrapalhou um pouco a minha vida. E agora ele está pedindo essa ajuda, eu não sei se eu, dando o primeiro passo, que como eu fiz, eu pedi pra ele vir aqui e ele se recusou, agora talvez ele aceite, talvez agora ele esteja precisando realmente. Porque, na época, eu perdoei quando eu estava com ele, mas eu estava fazendo esse acompanhamento, porque eu estava muito... assim, eu estava com uma depressão muito forte e não quis... Então, eu falei, que nem a médica falou, eu... ele, não tem como, o certo seria a gente se separar, como eu resolvi dar a chance pra ver se ele melhorava e nada melhorou, e agora ele quer essa ajuda, então eu estou, assim... perguntando pra mim, pra Deus, se eu ajudo, se eu deixo ele se virar, não sei. Porque, o que

[12] No primeiro encontro, além da realização da entrevista com Joana, eu chamei Beatriz logo em seguida e a convidei para participar da pesquisa, explicando-lhe seus procedimentos.

eu prometi pra ele foi que eu poderia ir lá no HC marcar uma consulta e depois ele mesmo ia falar o que ele sente. [Sim, é importante que ele busque, que ele também tenha a iniciativa de ir atrás, de buscar um profissional.] *É, ele está pedindo, todo dia ele pede. Acho que ele está sufocado parece, sabe. E no caso como foi... assim... de abuso, eu acho que isso sufoca ele um pouco também, de ele achar constrangedor, de comentar com alguém, então isso está corroendo ele, entendeu? Então aí ele chora, chora e não consegue comer, não consegue dormir. Então acho que se ele tiver uma ajuda talvez ele ponha isso pra fora.* [Sei.] *Entendeu, talvez ele tenha essa ajuda, e eu conversei com ele, eu falei que o que é conversado com um psicólogo, é só ele e o psicólogo. O psicólogo não vai falar para o vizinho, nem pra ninguém. E esse assunto é um assunto que ele não pode conversar com um amigo: "Ó, eu mexi com a minha filha". Então acho que isso está sufocando, está deixando ele deprimido. Entendeu, e de ele querer tentar consertar, querer voltar atrás. Eu não tenho como ajudar, eu vou dar prosseguimento no que eu já comecei.* [É, Joana, realmente, o que aconteceu, é como você disse, não tem como ajudá-lo ao que já foi feito.] *É que eu seria hipócrita, sabe, de não ajudar minha filha e... passar por cima, fingir que não aconteceu nada e... me embrulha o estômago isso, sabe? Eu passei por isso e eu sei, eu não quero que ela sofra o que eu sofri. Eu sofro com isso até hoje.* [Eu imagino.] *Entendeu? É um nó, é uma dor, uma coisa que parece que nunca sara, sabe? É uma tristeza, profunda, uma mágoa... que não sai. Aí junta com as consequências da vida, aí piora tudo.* [Aham.] *Então, isso, eu quero ajudar ela e minha neta, pelo menos de, se não ajudar muito, pelo menos eu tentei.* [É, eu acho que é muito importante, Joana, você, ter passado por tudo isso, você sabe como foi difícil. E assim, de elas terem essa ajuda, esse acompanhamento frequente, as duas.] *Uhum.* [Porque elas são novas e acabou de acontecer, então, é muito importante que elas tenham esse espaço, que aconteça... eu não sei como aconteceu com você, se você teve essa oportunidade...] *Não.* [Então, inclusive pra você também fazer um atendimento, pra poder falar disso tudo.] *Eu já conversei com a minha psicóloga. Inclusive minha filha também, a mais velha, já passou por isso, mas não com um companheiro meu, foi com um irmão de um companheiro meu. Ela também passou por psicóloga muito tempo, uns três, quatro anos. Depois ela cresceu e acabou desistindo. Então, assim...* (choro) *é uma coisa que parece que assim, não é de Deus sabe?* [Aham...] *Parece que dá sequência, sabe? E...* (choro) [Quando vai parar, né?] *Quando? Por quê?* (choro) [É por isso que é muito importante que vocês sejam atendidas, que vocês tenham esse acompanhamento, sabe? Justamente pra que, assim, isso tenha uma possibilidade de acabar mesmo, que esse ciclo rompa. E é muita dor, é muito sofrimento.] *Muito* (choro). *Eu estou de pé, mas por dentro, parece que estou, que eu não estou viva,*

sabe? [Aham.] *Eu não tenho vontade fazer nada. Tem dias que eu fico dois, três dias sem tomar banho, sem pentear o cabelo, sabe?* (choro). *Não tenho vontade nem de fazer minhas próprias coisas do dia a dia.* [Aham.] *Parece que eu morri.* [É por isso que vocês precisam mesmo de ajuda, porque eu imagino o quanto deve ser difícil você saber, está passando por tudo isso com a sua filha agora, o quanto isso não mexe com você, com as suas vivências, o quanto isso não te faz lembrar, pensar em tudo o que você passou também e como que é difícil passar por tudo isso.] (choro) *E outra coisa que eu também estou muito triste, porque eu estou dependendo dele e ele está me colocando contra a parede pra voltar, porque... que sem a gente ele não vive, e não sei o que. Fica falando que vai se suicidar e eu me sinto como se eu estivesse espremida, esmagada, sabe?* [Aham. É, isso é muito delicado mesmo. Eu acho que depois você deve conversar aqui com as psicólogas e dizer isso, porque isso é uma coisa muito importante e que, eu entendo que você depende financeiramente dele, mas até que ponto ele está querendo usar disso como uma ameaça pra você.] *Eu já conversei com ele que se for pra ele estar ajudando pra querer algo em troca, me obrigar a voltar com ele, eu prefiro que ele não ajude, que aí eu vou entrar na justiça pra ele dar só a parte da Beatriz e cortar o vínculo.* [Sim, essa é uma alternativa.] *Eu conversei com ele sobre isso, mas aí ele passa um, dois, três dias sem falar. A gente se fala, aí ele começa tudo de novo, sabe? É como se eu estivesse sendo esmagadinha aos poucos, aos poucos, aos poucos* (choro). *Como se eu chegasse ao ponto de 'expandir' e acabar falando "Eu não aguento mais e vou ter que aceitar", sabe? E eu não quero isso.* [É, até porque agora envolve a Beatriz nisso tudo, não é só uma questão do dinheiro, uma questão sua com ele né, envolve outras coisas.] (choro) *Eu já falei pra ele, falei: "Olha pra sua filha, com que cara? A gente vai voltar junto e ver sua filha?"* [É, não tem como.] *O que vai resolver eu correr atrás de tudo e depois eu continuar errando?* [Aham.] *E aí ele chora, chora, chora e...* [Eu acho que você tem que tomar muito cuidado isso, Joana, até que ponto que ele não está te ameaçando já que ele passa esse dinheiro pra vocês, sabe? E usar disso como uma forma de se aproximar.] *É como se: "Eu te ajudo, mas em troca eu quero voltar, quero que você me aceite", como se eu fosse obrigada a aceitar, entendeu?* [É, e você não é.] *Eu não quero.* [Não é principalmente pelo o que aconteceu com a Beatriz, pelo o que ele fez com ela.] (choro) *Exatamente. Porque eu já passei por tudo, já aceitei traição, perdoei. A gente vivia brigando, mas eu sempre estava ali, sabe, perdoando as falhas, mas agora não tem mais condições.* [É... porque agora também, pela própria lei, ele não pode ficar perto dela.] *Eu sei.* [Pelo menos nesse período, até ser resolvido na justiça.] *Eu queria que esse negócio, eu não sei aonde recorrer, não sei como...* [É um processo mesmo e que leva um tempo, o processo jurídico.] *Porque, então... eu achei*

errado de... quando eu fiz o boletim eles deveriam ter me dado um... ah, não sei, alguma coisa que eu pudesse entregar pra ele um aviso, uma lei que especificasse que era pra ele fazer, o que não era, o que ele podia, não podia, pra ele acreditar, porque às vezes eu acho que ele não acredita que eu fiz o boletim, que ela passou pelo perito, que eu estou cuidando dela com a psicóloga. [Ah, você acha que ele não está acreditando?] *É porque não foi nada de intimado, de... eu pedi... eu falei "mas como eu vou manter ele afastado se não tenho nada em mãos pra dar pra ele?" Uma lei, um código que ele leia e entenda que foi feito um boletim de ocorrência e que foi feito, ele está com o processo, aí eles falaram que a justiça que vai resolver isso.* [É, eles vão intimar ele ainda, vai chegar até ele sim.] *Então, mas, demora, né?* (chorosa) [É, eu não entendo muito, sabe, os passos que tem que passar lá, porque é uma coisa bem específica deles, dos profissionais de lá, mas assim, eu sei que é um processo, sei que às vezes demora mesmo. Você tem que ter um pouco de paciência...] *Então, eu achei que eu já tinha que sair de lá, no dia que eu fiz a perícia ali e tudo, já com esse, sei lá, alguma coisa judicial já, pra entregar pra ele, pra ele ter entendimento, ter noção que é fato, aconteceu, eu fiz um boletim de ocorrência contra ele e...* [Você não ficou com a cópia do boletim de ocorrência?] *Eu acho que está na pasta.* [Então, você pode usar isso.] *Eu posso fazer uma cópia e dar pra ele. É, eu não pensei... eu achei que aquilo lá não servia pra ele.* [Não, já que você está com o boletim e ele não está acreditando, você tira uma cópia desse boletim e entrega pra ele.] *Ah, eu vou fazer isso, porque eu estava... não sei pra quem pedir ajuda, socorro, porque eu falei "gente, está demorando, não chega nada", sabe?* (choro). *O que eu tenho que fazer pra ele acreditar, se eu não entreguei nada pra ele, se não veio nenhuma lei pra ele, sei lá o que ele pode fazer, o risco que ele tem e o que separa nós dele?* [Uhum.] *Então, ele acha que eu não fiz nada, como não tem nada contra ele, ele acha que não virou nada, entendeu? Ele acha que eu estou enrolando, que eu estou mentindo, tipo isso sabe? E está difícil fazer acreditar. Então eu vou fazer isso.* [Faz e depois vai ter que esperar, até eles irem, até chegarem até ele, o pessoal da justiça e chamarem ele né, porque ele vai ter que depor... é um processo mesmo, jurídico. Tá bom?] *É que demora né?* [Demora um pouco.] *Deveria ser um pouco mais rápido, né?* [Deveria, é muito angustiante todo esse processo.] *Porque aí já resolveria tudo. O problema é esse, a demora, vai saber quando?* [Mas tenha paciência, vocês estão caminhando da maneira que dá, manda esse, mostra pra ele esse boletim, às vezes ele fica mais ciente do que está acontecendo e vocês continuam vindo aqui, fazendo todos os procedimentos que precisa e a justiça, o processo jurídico, vai caminhando... Está certo?] *Aham.*

[Joana, agora eu quero te mostrar uma fotografia, que é essa daqui (mostro a ela). É um quadro e eu queria que, olhando pra esse quadro, você me diga como você pensa e como você se sente como mãe da Beatriz.] Espera 5 segundos. *Eu me sinto...* (choro) *não só da Beatriz né, como todas as outras. Se eu pudesse eu colocava tudo debaixo do meu braço como se fosse uma galinha, sabe? Colocava seus pintinhos embaixo, é assim... sabe?* (choro). *Eu acho que eu não consigo viver sem minhas filhas porque é tudo o que eu tenho na minha vida.* [Uhum.] *E... eu tenho medo de tudo da Beatriz, de tudo. Eu estava... eu estou com medo, até quando ela desce lá.* [No prédio?] *No prédio... sabe, eu tenho medo de tudo* (choro). *É como se eu quisesse proteger 24 horas* (pausa). *É difícil me expressar sabe, porque eu não só tenho ela.* [Aham, mas você pode falar das outras, não tem problema.] *E a proteção que eu... se eu pudesse, eu colocava tudo debaixo da minha asa e protegia como se fosse...* (pausa) *uma galinha que põe tudo debaixo os pintinho, sabe, e protege de tudo o que é ruim... é assim.* [Você fala que você tem medo, medo, medo... medo do que você tem?] *Medo de...* (pausa) *alguém mexer* (pausa), *sei lá, fazer a mesma coisa. Eu não confio nem nas amiguinhas mais, eu falo pra ela conversar o menos possível* (pausa). *Sei lá, medo de tudo... eu estou segurando ela o máximo dentro de casa possível, pra eu estar perto, pra eu estar vendo. Eu tenho que trabalhar, mas não tenho com quem deixar, eu tenho medo de deixar com alguém. Eu estou como se eu tivesse* (pausa), *como se eu perdesse a confiança em tudo, sabe? Como se ela não estivesse segura em lugar nenhum. Eu vou fazer um exame amanhã e eu não tenho com quem deixar ela, aí ela fica com meu genro, aí eu já estou... antes ela ficava e eu não tinha essa insegurança, sabe? Minha filha trabalha, ela não vai poder ir comigo, nenhuma das duas. E eu vou internar amanhã e sair na quinta e...* (choro) *a única pessoa que pode ficar com ela é ele. Até isso eu estou privando, sabe?* [Aham, você está com medo.] *Eu estou aflita, sabe, só de saber que ela vai ficar dois dias... mesmo que tem minha neta, não sei, eu não tenho mais em quem você confiar, sabe? Isso está me corroendo, eu tomei remédio pra dormir ontem, não consegui dormir, eu estou desde às 4h de pé, preocupada, porque... sabe, que eu não confio mais em nada e ninguém. Não que ele faça, sabe... mas eu queria levar ela comigo* (choro). *Se eu pudesse, é assim que eu sinto...* [Você quer proteger ela.] (pausa). [Você acha que você se sentiu assim também? (pausa) Quando era pequena? Você queria que tivesse alguém que te protegesse?] (pausa/choro) *Mas eu não tive, infelizmente* (pausa). *Na verdade o meu pai faleceu, eu fiquei com três anos, e minha mãe, como até hoje, minha mãe... hoje ela não está mais, ela era alcoólatra. Minha mãe não tinha um parceiro só.* [Aham.] (choro) *Minha mãe nunca parou em casa, apanhei muito da minha mãe, fui criada mais pela minha avó, a minha avó faleceu, eu tinha nove anos. Foi como se fosse minha mãe que tivesse*

morrido, porque a mãe que eu conhecia era minha avó, ela me protegia mais que minha mãe. E daí pra frente só piorou, porque ela arrumou meu padrasto, começou a ter os filhos com ele, e eu fiquei... como se fosse... o patinho feio da família, que tudo tinha que ser para os meus irmãos. Se ela me desse alguma coisa, tinha que ser escondido, uma roupa, um calçado, porque meu padrasto não deixava. Eu cuidei de todos os meus irmãos, não fui na escola por causa dos meus irmãos, porque ela ia trabalhar e eu tinha que cuidar deles (pausa/choro). *Apanhei muito, muito, muito* (pausa/choro). *Eu tenho cicatrizes que ela me batia.* [Por que ela te batia?] *Porque não sei, ignorante, não sei... acho que ela queria que eu fosse um adulto, que eu fizesse tudo certo. Eu fui criada como... escrava, eu tinha que cuidar da casa, cuidar dos irmãos, e eu não tinha direito de brincar, não tinha direito de ter infância* (choro/pausa). *Na verdade nunca tive* (pausa/choro). *Desculpa...* (choro). [Está tudo bem... você pode falar de você também aqui.] *Aí eu casei cedo, saí de casa achando que eu ia me livrar dos maus tratos, aí piorou... o pai da minha filha mais velha também me batia, só apanhava... aí ele começou a fumar droga, a beber, e me batia todo dia, todo dia... e foi assim minha vida...* (pausa). [É, realmente você teve uma vida difícil, Joana, de muita dor, muito sofrimento.] (choro/pausa). *Pode continuar falando da Beatriz.* [Não tem problema (pausa). A história dela tem a ver com a sua história, não são histórias independentes. Porque você é uma pessoa fruto da história, das suas experiências, como todos, como todo mundo... a gente vive, a gente passa por situações...] (choro) *A única proteção que eu tive foi da minha avó, mas por pouco tempo, proteção entre aspas, né, não tinha psicóloga, mas ela me amou muito.* [Aham...] *Me deu muito carinho sabe, as coisas boas vão logo, né? E ela faleceu, eu estava com nove anos e daí pra frente...* (pausa) [Mas antes da sua avó falecer, você já sofria violência, por esses parceiros da sua mãe?] *Minha mãe... eu parei de sofrer violência depois que eu fui morar com a minha avó.* [E você tinha quantos anos, você lembra?] *Eu tinha uns 5 anos, 6 anos, por aí... porque com uns 9, 10 anos minha avó faleceu.* [Aí você voltou a morar com a sua mãe?] (choro) *Voltei a morar com a minha mãe, mas aí ela já estava com esse meu padrasto que faleceu faz pouco tempo também. Esse nunca mexeu comigo, mas eu... eu era assim, aquela pessoa que não fazia parte da família sabe, eu tinha que lavar o pé dele, eu tinha que cuidar dos filhos dele, ele brigava com a minha mãe por minha causa, quantas vezes eles não se separaram por minha causa, sabe?* [Por quê?] (choro). *Eu não sei, as brigas, sabe, eu acho que ele não queria que minha mãe fizesse as coisas pra mim, só para os meus irmãos e... chegou uma época que eu não tinha roupa nem pra ir pra escola, sabe? Que... faltavam as coisas para mim, que tudo era para os meus irmãos, é como se a vida dele e dela fosse só eles... meu padrasto, minha mãe e meus irmãos, como se eu não existisse ali, sabe. Mas, por*

ele eu nunca sofri abuso, mas passei por isso... [Aham.] *Como se eu não fosse parte da família, entendeu? E que eu tinha que cuidar da casa, cuidar dos meus irmãos. Parei de estudar por causa dos meus irmãos, ele fez minha mãe me tirar da escola... então, foi assim, não foi um abuso, mas foi... uma violência...* [Sim, foi sofrido.] *É, de qualquer forma foi uma violência, porque... se ele aceitou minha mãe e não me aceitava, é como se eu tivesse... rejeitada.* [Sim.] (choro) *E foi assim que eu me senti a vida inteira, rejeitada. E até hoje eu me sinto rejeitada* (choro). *Eu não tenho amigos, não tenho amiga, não tenho ninguém aqui, eu vivo trancada* (pausa). [Olha, mas eu acho que hoje, apesar de tudo o que você viveu, que não tem como ser apagado...] *Não.* [Eu acho que o que é possível, diante de todas essas dificuldades que se passa, sem ter controle, sem querer passar, o que é possível pensar é na maneira de olhar pra tudo isso e, sabe, não é tarde pra você olhar pra isso e ter ajuda, não é tarde.] *Eu me fiz de forte a vida inteira, sabe, eu luto sempre, nunca tive preguiça de trabalhar, nunca deixei faltar nada para as minhas filhas, dentro das condições. Eu sempre tentei ser forte, o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo. Mas chega uma hora que parece que... ou chega uma fase que parece que você perde todas as forças sabe, eu acho que é o momento que eu estou passando agora. Parece que eu já caí várias vezes, consegui levantar e ser mais forte, agora parece que eu não estou conseguindo nem levantar, é assim que eu estou me sentindo.* [Aham. Como foi com a sua filha mais velha? Você descobriu por alguém que ela estava sendo abusada?] *Eu ouvi ela gritando "para, para", porque eu morava junto, na mesma casa, e ela... eu tinha um quarto, ficava no quarto e ela ficava na sala assistindo televisão e chegou o irmão dele, o irmão desse meu companheiro, desse parceiro.* [Seu?] *Isso, e ela estava assistindo desenho e ele chegou, ele era casado e ela estava assistindo desenho. Eu não vi quando ele chegou, eu só vi quando ela começou a chorar e falar "para, para, para" e aí eu fui ver e ele estava deitado no sofá, disfarçou e deitou no sofá e ela chorando, acuada no sofá, e eu levei ela para o quarto e comecei a conversar com ela. Ela não parava de chorar, chorar, chorar e ela falou que ele estava pegando na... na... e ela pôs a mão onde ele estava pegando. E eu contei pra esse meu parceiro, ele não acreditou, porque a família era tudo crente, evangélico, e aí eu deixei... a gente acabou brigando, tudo e... como eu precisava dele e... esse companheiro, ele não era bem um "Ah, eu amava", sabe? Ele me ajudou porque eu estava na rua, ele me ajudou, me levou pra casa deles, pra casa dos pais, contra a família, contra pai, contra irmão, contra tudo... brigava com eles por minha causa. E eu já tinha a Flávia e a Marina e eu estava como se ele estivesse me ajudando, não como se ele fosse meu parceiro.* [Entendi.] *E a forma de agradecer, com 3, 4 meses depois que eu estava ali foi... a gente se aproximando e... acabamos virando marido e mulher. Mas nunca*

foi por amor. E eu contei pra ele e foi... se eu contasse para a família, como eu era a intrusa ali, ninguém me conhecia, entendeu? Ele me levou pra casa dele com duas filhas, como eu ia fazer um inferno pra família da pessoa que está me ajudando? [Sei...] *Entendeu? E aí isso foi me sufocando, sabe... e ela foi também, ela teve crise de gritar, de chorar, aí eu tive que chamar a ambulância porque ela paralisou. Foi quando eu levei ela no médico, no posto central e eles falaram que ela estava com uma crise de depressão, muito, forte. E daí ela já começou a fazer esse acompanhamento.* [Quantos anos ela tinha na época?] *Ah ela tinha uns... 7 anos mais ou menos. É uma fase pior... parece que dá sequência sabe?* (choro). *Sempre a mesma etapa, a mesma idade, sabe? E passado o tempo, como Deus é justo, Deus... eu tenho um escudo, que Ele nunca falha, isso você pode ter certeza. E... uma filha do irmão dele casou e entrou em depressão e ela contou que o tio tinha abusado dela por muito tempo. Aí foi quando veio à tona a verdade...* [Eles descobriram.] *Eles descobriram e virou um reboliço na família, ele me pediu perdão, entendeu? Por não ter acreditado e Deus... acho que a justiça melhor é a de Deus, que ele não falha. Então, através disso foi descoberto, que ele mexeu com ela e ele me pediu perdão, tudo. E foi aí que a gente acabou saindo da casa do pai dele, fomos morar numa casa e a gente acabou se separando, entendeu?* [Sei.] *Ele era muito bom, como companheiro, mas também não tenho raiva dele, porque, afinal, é irmão, é uma família evangélica, não era ele e eu era uma pessoa desconhecida, que eu não tinha que falar para fazer um tumulto na família de uma pessoa, entendeu? Então, o que eu pedi a Deus foi que uma hora Deus mostrasse e... não demorou muito essa moça casou e ela contou, não sei se o marido descobriu que ela não era virgem, sei lá o que aconteceu, sei que foi após o casamento. Ela foi hospitalizada porque estava com uma depressão muito forte e aí foi onde ela confessou que ele abusou dela por muito tempo. E ele não abusou muito, assim, frequente porque a Beat... ela, a Flávia... a Marina deu alarme, eu ouvi ela gritando "para, para" e chorando. Então, eu me afastei e aí não deu pra ele dar sequência, entendeu? Porque, eu acho que, se eu não tivesse visto, eu acho que teria abusado muito mais.* [Sim.] *E por esse motivo, até hoje ela... ela tem depressão.* [A sua filha?] *É, até hoje.* [E a sua outra filha, a Flávia?] *Essa não, essa graças a Deus, ninguém mexeu nela. Pelo menos eu pergunto sempre e ela fala que não.* [Sei...] *E ela vai na igreja, tudo, ela é uma ótima moça, ela está com... vai fazer 22 anos. Agora que ela está começando a namorar, nunca namorou, então essa daí graças a Deus não tem nada, não aconteceu, graças a Deus! Agora ela começou a namorar, tal, está feliz com o namorado, ela fala que pretende casar virgem* (choro), *até brinco com ela, que Deus abençoe que ela continue assim, mas se ela pretende casar com o rapaz, que é o primeiro namorado, que... homem não espera muito tempo, né?* [Pra ter relação...] *Isso, se*

ela pensa em construir uma família, ela tem que pensar bem nesse aspecto de casar virgem, porque homem não espera 2, 3 anos. Tendo contato, namorando, beijando, abraçando, porque... é um homem e uma mulher... você está entendendo o que eu estou dizendo? [Sim.] *Então, eu já dei muito conselho pra ela, eu falei "se vocês pretendem, vocês tem que pensar bem, ou vocês pretendem casar rápido, tipo assim, namorar um ano e casar, ou você tem que pensar melhor".* [Abrir mão disso?] *É, de casar virgem, porque hoje o homem não espera 2, 3, 5 anos casar, namorar, ficar noivo, entendeu? Isso não existe hoje em dia mais... se existiu um dia, eu não sei, né, mas... isso porque ela vai na igreja e a igreja dela tem esse...* [Sei...] *Entendeu? Que a moça tem que namorar pouco tempo pra casar pra poder, pra não cometer atos sexuais antes do casamento porque pra igreja é um pecado. Então eu já conversei sobre isso muito com ela. Ela é uma pessoa muito inteligente e o que me dá um pouco de medo também é isso, de casar precipitado. Namorar um ano e já casar, entendeu? E um pouco me preocupa também isso, esse... essa religião de... entendeu? De apressar pra casar, porque é como se fosse apressar pra casar.* [Sim...] *Entendeu? Estão se conhecendo e daqui um ano casa, e aí? Se conheceram muito pouco.* [Você diz assim que casa, porque não pode ter relação antes e aí casa...] *Isso, e aí dá errado. Eu já conversei muito sobre isso com ela. Então eu espero que... eu peço a Deus em todas as minha orações que Deus proteja todas as minhas filhas e que elas sejam felizes da forma que Deus achar que deve ser. Porque a outra minha filha também, está com esse meu genro, já faz uns 4 anos que eles estão separados, morando na mesma casa, não dormem juntos.* [Sei.] *Isso também me preocupa muito, porque ela já tem um outro parceiro e ele já descobriu e virou uma coisa assim... sabe? E eles não separam, ele não larga dela.* [Entendi.] *E eu fico triste com essa situação porque eu vou pouco, eu estou indo pouco na casa deles. E é triste essa situação de ver uma filha que está debaixo do mesmo teto de uma pessoa, é o pai da filha dela, porque foi o primeiro namorado dela. E viver como dois estranhos... eles não têm diálogo, eles não conversam, eu não sei como eles vivem...* [Aham.] *E ela vive deprimida, ela chora, às vezes ela chega lá em casa, do jeito que ela chega, ela sai, ela não conversa, às vezes ela chora, mas não conversa nada, não fala nada. Eu pergunto o que está acontecendo, mas ela não se abre, acho que pra não trazer mais problemas, sabe, mas eu sei que não está bem. Entendeu?* (choro) *É tudo junto, tudo bagunçado, eu não sei o que ela pensa da vida dela de estar vivendo essa vida.* [Você acha que tudo isso tem esse pano de fundo, a questão da violência?] (choro) *Acho que sim.* [Quando você fala está tudo junto, tudo embaralhado? É que lá fundo, aconteceu isso? Por que pelo que você fala, com a filha que não aconteceu, ela está bem.] *Está, psicologicamente ela é inteligente, ela trabalha em um consultório de advocacia, ela terminou o estudo, ela é*

uma pessoa com o pé no chão, ela é controlada, sabe, é uma menina que, ela dá conselho pra qualquer pessoa. Você não vê chorando, quando ela está passando por algum problema, ela ora, sabe, ela entra pro quarto dela pra chorar, não vai chorar que nem eu, entendeu? E o pensamento dela, a vida dela é outra. [Sei.] *Ela tem amigos, tem amigas, entendeu? Eu e minha filha, não temos, ela também só tem uma única amiga. E eu acho que ela me... é onde ela vive, triste, triste, ela já teve ataque de depressão, ela tem problema de pressão alta...* [É, de fato, Joana, é uma situação muito difícil e, como a gente conversou aqui, que ficam marcas né, pela vida. Mas, como eu te falei...] *Não fica marca, fica um estrago, é como se fosse uma ferida, sabe, que ela não tem cura, ela faz aquela casquinha e vai caindo e vai formando outra feridinha, sabe, é assim.* [É, eu penso que deve ser muito difícil mesmo. Mas, como eu te disse, ainda é tempo, sempre é tempo de olhar pra isso e tentar lidar de uma maneira melhor, naquilo que for possível fazer pra que seja melhor, pra se sentir melhor.] *É, eu estava tentando né, aí vem mais um rasteira... mas eu vou levantar, eu sempre levantei.* [É, a questão, às vezes é olhar pra isso, agora você está caída, você caiu, e ver como você vai levantar, sabe, de repente levantar de outra forma, vamos supor que você sempre se levantou com a perna direita, porque não tentar com a esquerda agora e ver como as coisas podem ser pra você. Tá bom?] *Uhum.* [Então tá bom, Joana, por hoje era isso.] *Não falamos nada da Beatriz hoje.* [Não tem problema.] *Desculpa.* [A ideia é eu ter contato com as duas, se fosse o objetivo trabalhar só com ela, seria só com ela, mas a gente ainda vai se ver mais uma vez e você tem esse espaço que pode dizer de você também, como eu disse, você é o que é hoje por conta da sua história, da sua experiência, como todas as pessoas.] *Uhum.* [E isso diz da Beatriz, diz da sua maneira de ser mãe, tá? Você pode ficar sossegada quanto a isso. Tá bom?] *Tá bom.* [Bom, então na semana que vem a gente se vê.] *E aí vai ser mais?* [Vai ser só a semana que vem, vamos ver como vai ser e a gente conversa melhor, mas acredito que a gente acabe na semana que vem mesmo.] *Tá bom, pode deixar que a semana que vem eu não vou falar de mim.* [Pode ficar tranquila.] *Eu precisava desabafar* (choro). *Eu não sei se você estava aqui pra isso, mas eu precisava...* [Você pode ficar tranquila, a minha ideia é conversar com vocês duas, que vocês duas digam da vida de vocês. Tá certo?] *Tá bem... estou liberada?* [Tá sim, se quiser, vai lá toma uma água, vai ao banheiro.] *Tá bom, até!* [Até!]

Análise da narrativa de Joana

A narrativa de Joana à foto do quadro *Maternal Kiss*, bem como seu discurso antes e após a apresentação dele, mostra uma experiência materna caracterizada pela repetição transgeracional de situações de violências sofridas, física e sexual, das quais ela se sente

incapaz de superar ou escapar. Ela parece mesmo se colocar em situações de risco para esses acontecimentos, em função de fragilidades importantes de sua personalidade, cujo *self* parece bem pouco consolidado em termos de suas fronteiras.

Joana se sente como alguém frágil e com poucos recursos para enfrentar as dificuldades da vida. Tal fragilidade foi fomentada, conforme seu relato, por experiências infantis bastante infelizes, nas quais ela se percebeu como dispondo de pouco espaço para existir como ser humano com desejos e necessidades próprias. Procedente de um lar aparentemente pouco estruturado desde o início, ela perde o pai aos três anos e se vê aos cuidados de uma mãe, segundo seu relato, alcóolatra e promíscua (com possibilidade de condutas ligadas à prostituição), que pouco ou nada a protegeu e a expôs em situações de risco (culminando ao abuso sexual que ela mesma sofreu), exigindo-lhe que se tornasse precocemente adulta. A sensação de Joana é a de ter pouco espaço para usufruir da fantasia e da inocência infantil. Foi vítima de abuso sexual muito cedo (antes dos 5 anos), cuja descoberta, ao invés de gerar na mãe atitudes de maior cunho protetor, resultou na delegação da responsabilidade de sua educação pela avó.

Nesta nova situação, Joana parece ter se sentido mais protegida e capaz de usufruir de *holding*, da proteção e do respeito à sua condição de criança que a mãe não lhe proporcionava. A avó se tornou então seu objeto de dependência anaclítica, em quem ela poderia confiar, mas, infelizmente essa situação perdurou por poucos anos, sendo interrompida pelo falecimento dela, perda esta que provocou efeitos altamente nefastos na personalidade de Joana. Esta foi obrigada a retornar à casa da mãe, com toda a insalubridade que este ambiente fornecia. A violência sexual cessou, contudo a negligência, os abusos físicos e principalmente psicológicos persistiram, reiterando o sentimento de ser uma intrusa e de não ter um lugar para si na própria casa e no mundo. Se a existência física era tolerada desde que a mantivesse discreta e pouco exigisse da família, em termos materiais, a psíquica chegou quase ao ponto de ser completamente aniquilada. A sensação de Joana era a de ser a empregada da casa e não filha e, qualquer manifestação de seu *self*, de sua criatividade e de seus desejos era percebida como passível de desestabilizar o meio familiar e provocar desordem e turbulência. Seu sentimento de existir e continuar existindo foi precariamente constituído. Daí a personalidade se desenvolveu em bases fragmentárias, sem a sensação de continuidade e da possibilidade de um contato criativo no mundo, além da ausência do sentimento de continuidade no tempo, de ser a mesma pessoa no presente, passado e futuro, o que muitas vezes a impede de aprender com as experiências que vive. É por essa razão que ela se coloca continuamente, conforme

seu relato, em situações de potencial de violência física e sexual, que ora tocam a ela, ora a suas filhas.

A incompletude do desenvolvimento da personalidade de Joana se deve ao bloqueio do seu desenvolvimento no segundo estágio de desenvolvimento de Winnicott (1983/2007), da dependência relativa. A área da transicionalidade se desenvolveu muito escassamente, devido à instabilidade do bom objeto interno, que não pôde ser constituído pela insuficiência de boas experiências com o objeto externo. Por conta disso, Joana não se autonomizou e permanece continuamente na busca de um objeto de dependência do qual precisa se agarrar para garantir sua própria sobrevivência, visto que se sente altamente esvaziada de recursos positivos e de boas capacidades. É por isso que, diante do menor aceno de ajuda por parte de um objeto, ela se apega a ele com todas as suas forças, chegando a ponto de negar as ocasiões em que é por ele vitimizada, para não perdê-lo, uma vez que sua existência depende dele.

Sua história de vida e os abusos que sofreu a fizeram crer que não poderia ser amada pelo o que é, pela sua personalidade, mas sim pela sua aparência física simplesmente. Daí o zelo incessante pelo aspecto exterior, na tentativa de atrair e seduzir o objeto, pois ela sente que isso é o que tem de melhor (ou unicamente) a oferecer ao outro. Essa forma de aproximação é compartilhada também pela filha, a fala sobre a beleza da psicóloga revela uma maneira, para ambas, de manter o novo objeto de dependência. O apego às aparências funciona ainda como defesa maníaca contra a profunda depressão que Joana vive, mostrando-se sempre bem disposta e bem cuidada (como a filha), independente das condições de seu mundo interno. Logo, a boa aparência parece ter para ela tanto a função de alívio de angústia, quanto de busca e manutenção de objetos para estabelecer relacionamentos de dependência anaclítica.

A instabilidade das fronteiras do *self* é que conduz Joana a essa busca incessante do objeto, sentindo que não tem vida sem ele, a ponto de negar toda e qualquer má qualidade, mesmo que evidente. É por isso que ela prossegue mantendo contato com o pai de Beatriz, mesmo após o abuso, ambivalente ainda, mas desejosa de retomar o relacionamento. O vínculo com a filha oscila então entre o desejo de exercer proteção sobre ela e a raiva, uma vez que foi ela a causadora da separação (quando antes, e até porque permitia o abuso, a filha mantinha o pai em casa). Todavia, a partir do momento em que a negação do fato não foi mais possível, Joana se vê em meio à encruzilhada de decidir entre ficar com o marido ou com a filha, optando pela última. Permanece, contudo, um desejo de perdoá-lo e de prosseguir vinculada a ele, expresso pela dependência econômica que ambos alimentam.

Amor, raiva, culpa, desejo de proteção, assombro, autocomiseração, impotência, sufocamento, paralização são, portanto, sentimentos que permeiam a experiência materna de Joana em relação à Beatriz, mas também em relação à sua filha mais velha, Marina, igualmente vítima de abuso sexual pelo irmão do ex-companheiro seu, que ela custou a ter forças para deixar. O sentimento de deficiência, de ter falhado na sua função de mãe, é intenso, o qual, ao lado da perda reeditada inúmeras vezes do objeto anaclítico, atira Joana num episódio depressivo importante, muito próximo da melancolia. Ela sente o seu mundo interno esvaziado, morto, havendo risco de partir para a atuação suicida. Ela busca transferir a relação de dependência do ex-companheiro para Beatriz, mas a pouca integridade da criança (que também já foi abusada) compromete essa passagem.

Em suma, no caso específico de Joana e suas filhas, a trama transgeracional do abuso parece enraizar-se na busca desenfreada e desesperada de Joana por um objeto que a complete em termos de fazê-la existir e que a faça esquecer as dores do passado. Qualquer objeto que, à primeira vista cumpra essa condição é por ela adotado, ao lado de poderosas negações de sinais de violência da parte dele, sustentadas pela situação de descontinuidade entre seu passado e seu futuro, que a impede de identificar os sinais de alarme. Essas fragilidades da personalidade, em conjunto com as crenças de que a única forma de se fazer amar pelo outro é por meio das aparências e da sedução, colocam-na e a toda a sua família em situação de risco iminente para outros abusos e vitimizações.

6.1.3 Procedimento de Desenho de Famílias com Estórias (DF-E)

Joana chega ao encontro com a mesma simpatia dos outros dias. No caminho para a sala, ela passa na frente de onde a psicóloga da instituição estava, a qual tinha acabado de conversar com Beatriz e ela diz para a psicóloga, descontraída: “Ela te falou que foi o Tor que arranhou ela, né?” e logo se voltando para mim, explica que o Tor é o gato delas e que, brincando, ele havia arranhado Beatriz. Ao entrar na sala, antes de eu ligar o gravador, ela conta que o gato está dando muito trabalho para elas.

Antes ele estava é... tipo assim, ele queria namorar. [O gatinho?] *É. Então, como eu morava em apartamento, ele fazia xixi no cantinho da janela, de janela em janela, aí ele começou a fazer xixi na coluna, assim, e escorre para o vizinho. E o vizinho reclamou e deu problema com o síndico. Aí a gente castrou ele e depois que castrou... antes ele estava agressivo, ele tinha um bichinho de pelúcia que ele tomou esse bichinho, ele ficava em cima do bichinho pra fazer, sabe... como se fosse uma gatinha. E aquela cena era muito feia.* [Sei.] *Eu falei*

"Meu Deus, eu não preciso ficar vendo essas coisas". Aí a gente castrou ele, só que depois que castrou, ele parece que voltou a ficar bebê. Ele... ele... ele sobe em cima da mesa e joga tudo no chão com a patinha. Minhas plantinhas, ele está comendo tudo, não está comendo, ele fica brincando. Eu tenho um vaso na mesa e ele já esculhambou tudo o vaso, ele fica brincando com o vaso, sacola se ele ver na pia, ele vai dentro da pia e fica deitado. Sacola, alguma coisa, bolsa que ele vê aberto, ele entra dentro. Ele está um terror! Jesus, eu não sei o que é pior (risos), *se é deixar ele sem castrar, ou ter castrado ele, porque ele virou um bebezão. Ficou parece, meio bobo... e ela... ele brinca com ela, só que a brincadeirinha dele está meio que agressivozinho. Aí ele arranhou os bracinhos dela e eu falei "a psicóloga vai achar que eu ando te maltratando, você fala que foi o Tor"* (risos). [Aham...] *E ela brinca com ele o dia inteiro e aí... ele arranha ela, fica tudo como se tivesse feito uns cortinhos. Falei é o Tor, vai falar que eu bati em você que você vai chegar em casa e vai apanhar de verdade* (risos). [Ai que coisa né... (risos)] *E ela morre de rir. Falou que ele está ficando... que ele está capetinha porque ele não para, não para de jeito nenhum. Ele pula em cima da gente, ele quer colo, quer carinho e se a gente não der, ele pula em cima, ele quer que a gente pegue de qualquer jeito.* [E antes ele não era assim?] *Não, ele pula pra gente segurar ele. Ele gruda na gente, até machuca onde ele pega. E ele... tem a Beatriz o dia inteiro pra ele perturbar e é ela que ele perturba porque eu fico brava com ele né? E ela não fica, aí minha filha, ele perturba ela o dia inteiro* (risos). [É engraçado né, porque castrou, segurou aí a vontade que ele estava de se esfregar por aí e aí foi pra outro lado.] *Foi. Não sei qual que foi pior. Um problema foi resolvido que foram reclamar do xixi dele, mas dentro de casa ele está terrível. Ele joga tudo, tudo, tudo para o chão. De manhã eu levanto e tenho que ir catando as coisas, ele quebrou todos os meus porta-retratos que eu deixei em cima da estante, ele vai jogando e quebra, quebra o vidrinho. Ele, assim... minha casa está como se eu tivesse bebê, não tem mais nada em lugar nenhum, porque tudo o que põe, ele joga pro chão. Ele bagunça roupa, ele entra dentro de gaveta se achar gaveta aberta* (risos), *menina, ele está um terror.* [Que coisa né...] *Eu falei, se tivesse alguém que adestrasse esse gato* (risos) *eu faria isso, porque ele está demais. E ela ainda quer mais de um bicho, eu falei: "Tá bom, vou arrumar um cachorro". Ela quer um cachorro e um gato daquele das perninhas curtas. Eu falei: "Filha, a gente não está dando conta nem do vira-lata, imagina aquele das perninhas curtas que é um absurdo". Se deixar, ela faz um zoológico dentro de casa.* [Aham...] *Em cada metro quadrado do apartamento ela quer um cachorro. Eu falei: "A gente sai e deixa os bichos aí dentro de casa", porque não dá pra morar nós duas e um monte de bicho. E ela chora, ela chora porque quer, porque quer um cachorro. Eu falei: "Tá bom, eu vou arrumar um*

cachorro vira-lata pra colocar dentro de casa", ela é triste. [É... Bom, Joana, hoje eu acredito que vai ser o nosso último encontro aqui. Depois vocês vão dar continuidade aí com as psicólogas daqui. Depois, mais pra frente a gente volta a se ver mais uma vez pra fazer uma entrevista devolutiva, se vocês tiverem interesse, aí a gente se encontra mais pra frente.] *Tá bom.*

Análise da narrativa

Joana chega ao encontro bastante falante e bem humorada, revela por meio da história a respeito do gato como compreende a exibição sexual e a abstinência. O desejo e a expressão sexual do gato a incomodam e a solução é a castração, para adequar-se às normas e às regras sociais. Todavia, a castração tem como consequência a regressão e o retorno à infância, numa concepção de que a sexualidade representa a maturidade. Assim, para Joana, bloquear os impulsos sexuais levará a uma regressão e vai gerar outras dificuldades para ela, ou seja, ambas as saídas são problemáticas. Há necessidade, então, para controlar as pulsões sexuais, de negá-las ou suprimi-las completamente. Ela revela, assim, sua expectativa quanto ao próprio tratamento terapêutico de que ali poderia lhe ser possibilitado o domínio das pulsões por meio do desenvolvimento de recursos secundários, os quais provavelmente não foram adquiridos devido à privação que teve em sua infância.

A menção às dificuldades para "cuidar de um animal de raça" sugere sua percepção da necessidade de recursos mais sofisticados (processo secundário), que ela não tem para o manejo das pulsões. Nesse sentido, os recursos mais primitivos estão voltados para a sexualidade, enquanto os recursos mais elaborados a possibilitaria dessexualizar e sublimar as pulsões.

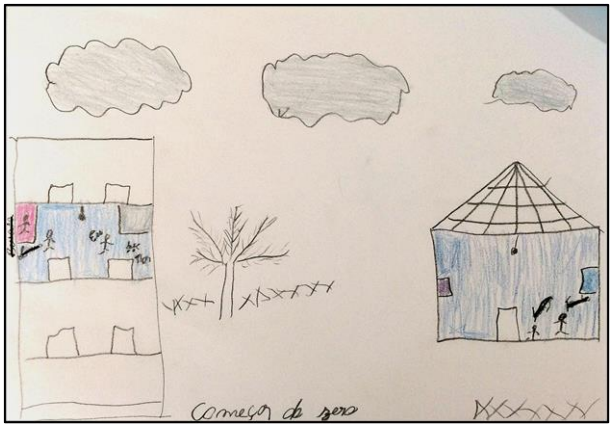
Assim, Joana revela nesse relato uma hiperssexualização das relações, no sentido de que seu relacionamento com o outro tem como pano de fundo a sexualidade, pois esta foi a maneira de garantir a proximidade do seu objeto de dependência desde pequena. Joana parece não conhecer outro modo de amar e ser amada. Logo, esta hiperssexualização encobre uma carência afetiva e de continência e, se esta atuação sexual for bloqueada, toda esta privação anterior pode vir à tona e então ela voltaria a ser um bebê. Esta hiperssexualização das relações age, portanto, como uma defesa contra a dor, a negligência e a falta.

É fundamental considerar que, em termos estruturais, a despeito dessa hiperssexualização, Joana não atingiu o estágio fálico de desenvolvimento pulsional, mas permanece bloqueada em um estágio anterior, tendo constituído uma personalidade limítrofe.

Nos termos de Bergeret (1998), ela "bancaria" a genitalidade, mas sem jamais ter desenvolvido recursos para tal.

6.1.3.1 Primeira Unidade de Produção (UP): Uma família qualquer

Figura 1- Primeira UP de Joana



Aqui eu fiz um... onde eu moro, minha filha. E aqui é a casa da minha filha casada, que eu gostaria que ela tivesse uma casa para ela (pausa), *que ela mora no fundo da casa da avó do marido. E assim, eu acho que eu seria um pouco mais feliz* (pausa). [Por quê?] *Porque eu sei que ela não é feliz lá. E eu gostaria que... eu já tentei, já fui na COAAB, já tentei comprar um desses pra ela, mas... não tive condições.* [Aham.] *E como ela vive com o marido, mas ela não mora como marido e mulher, ela mora de aparências, vive de aparências, eles já estão separados há três anos, mais. E eu queria que ela tivesse um cantinho só dela e construir a vida dela com a Eduarda, minha neta. Independente de estar só ela e a Eduarda, ou até mesmo ela ir lá pra minha casa, mas ela não quer. E o meu sonho é esse, é a minha família, resume nisso aí...*

História

[Eu queria, Joana, que você, olhando para o desenho, pudesse inventar uma história, dizendo o que acontece.] (Silêncio. Pinta uma parte do desenho). *Um resumo?* [É, você pode... você começou dizendo o que você desenhou né, e o que mais você poderia dizer sobre o seu desenho, se você pudesse contar uma história sobre ele?] (Silêncio). *Depois de tudo o que... eu só queria ser feliz. Depois que essa tempestade passar, que vai passar... eu queria ser feliz, eu queria esquecer tudo e começar do zero. Como se eu estivesse mudando pra aqui, agora* (aponta a casa do desenho), *como se eu tivesse uma nova vida começando, como se ela tivesse começando tudo do zero de novo, e sendo feliz. É isso* (pausa). *Pra ditar eu sou um pouco*

meio assim... eu sou mais de falar, agora ditar, escrever, eu já não tenho muito... [Não, mas você não precisa escrever, nem ditar nada. Pode falar o que vier na sua cabeça, agora que você desenhou, que você...] (Ela continua riscando o desenho de colorido). *Eu queria que começasse tudo do zero.* [Você queria esquecer tudo?] *Tudo. Como se eu acordasse amanhã e uma nova vida, um novo começo, passou, acabou e estou começando de novo.* [O que você gostaria de esquecer?] (Silêncio). *Em primeiro lugar eu não gostaria de... de desistir, porque... desde quando eu era pequena, nunca foi boa minha infância, companheiro nunca deu certo, minha mãe não me deixou terminar meus estudos e agora estou com dificuldade de voltar, porque tem a Beatriz, tem que trabalhar, tem que... outras coisas pra fazer e eu tenho medo de não dar conta* (pausa). *E agora, o que aconteceu recentemente, aconteceu comigo há muitos anos atrás. Nunca imaginei de acontecer, porque a gente pensa que acontece só com os outros, não acontece com a gente. E eu nunca imaginei que ia acontecer, eu via na TV, eu falava "é um absurdo, eu mataria", mas eu não matei.* [Quem, você fala?] *O meu ex.* [O pai da Beatriz?] *Aham. Eu te juro que eu pensei... mas, eu... voltei, olhei pra ela e pensei que eu ia estragar mais a vida dela. Então eu não queria que isso tivesse acontecido, queria apagar, esquecer, e começar uma nova vida, como se tivesse nascido hoje e de agora pra frente eu fosse crescendo, numa outra família, outra vida.* [Aham.] *E nada de ruim... tudo na vida... acontece, mas... e nada é por acaso... mas eu não queria ter vivido. Todo mundo tem a sua história, mas essa é uma história que eu não queria ter vivido.* [Mas parece que você não gostaria de ter vivido nenhuma das suas histórias?] *Não. Hoje é frustrante* (choro). [Como se tudo o que você tivesse vivido fosse ruim?] *Dói, incomoda, sabe... você pode se entupir, eu estou tomando... muito remédio, mas parece que não adianta você dormir, porque você vai acordar, sabe, e a história se repete. E aí parece que cada dia, ao invés de você se fortalecer, você vai ficando mais fraca... esses remédios vão deixando você impotente, deixa a gente... ajuda por um lado e por outro deixa você incapaz. Eu* (pausa) *já faz tempo que eu nem sequer tenho uma vida sexual, eu nem sinto vontade, eu faço acompanhamento no HC sobre isso* (pausa). *Não tenho vontade de ter mais companheiro, de ter uma vida a dois.* [Por que você não tem mais vontade?] *Porque não* (pausa), *porque é melhor sozinha, sabe, eu já passei por muitas coisas e eu acho que não acreditaria, nem confiaria em mais ninguém. Então eu tenho esse medo, sabe, de me enganar de novo, não que me enganem, de EU me enganar de novo... porque, todo mundo tem defeito né, ninguém é perfeito. Mas às vezes você acha que conhece a pessoa e você pode viver 20, 40 anos e você não vai conhecer ela direito. Então eu prefiro ficar só... eu sei que a Beatriz vai crescer, a Marina já tem uma vida, do jeito dela, que eu não gosto, mas... eu peço a Deus que todo dia Deus cuide dela, pra ela ser feliz também. A*

Flávia também está namorando e vai casar, não sei quando, mas vai... a Beatriz vai crescer (choro), *vai fazer a mesma coisa, e eu prefiro ficar só* (pausa). [Você prefere ficar sozinha porque você acha que já se enganou muito?] Afirma com a cabeça. [E você acha que sem ter uma pessoa você não vai se enganar?] *Vou, porque, as pessoas, elas... te enganam também, por isso eu não tenho amigo, nem amiga, eu não tenho ninguém. Se eu quero chorar, eu entro no meu quarto e choro, eu não converso com ninguém, eu não tenho amiga pra falar da minha vida, da minha história, ninguém sabe, minha família, ninguém sabe o que eu passei...* [Do que você fala?] *Da Beatriz, só sabe que eu estou separada só.* [E por que eles não sabem?] (pausa). *Porque eu não convivo muito com eles e é uma história também... a vida deles me constrange muito. Meus dois irmãos estão presos por drogas, um traficou, o outro não sei o que fez também, foi preso, mexia com droga também. Então, eu não tive a quem correr, a minha mãe também vive a vida, ela bebe, não quis preocupar a cabeça dela. A única pessoa que sabe é minha irmã, ela não mora aqui, mora em Minas. Pra ela eu contei porque eu fiquei uma semana lá com ela e contei pra ela. Mas, os outros, ninguém sabe.* [Entendi. E aqui no seu desenho, essa é a Beatriz, que você colocou o nome. E quem é essa?] *A Flávia. Eu, o Tor.* [E a Beatriz está cor de rosa. Por que você pintou ela de rosa?] *É uma florzinha...* (pausa/choro). *É assim que eu vejo ela, meu mundo cor de rosa... é por ela que eu estou aqui, por ela que eu estou me esforçando pra estar viva* (choro). *Porque os outros já andam sozinho, não dependem de mim e ela ainda depende. Então, eu vejo ela como uma rosinha que eu tenho que cultivar* (choro). *Que eu tenho que cuidar dela, das coisas dela* (pausa). [É como se ela fosse a única coisa que te desse forças pra viver?] *Isso.* [Por que, por você, você não queria mais?] *Não. Eu já tentei suicídio já duas vezes, a primeira vez eu tinha 16 anos e, eu já planejei várias vezes e eu olho pra ela e... olho pros olhos e não tem ninguém pra cuidar dela e eu acabo desistindo* (choro). [Você planejou, você fala que teve essas ideias agora recentemente?] *Eu sempre tenho. Eu tomava Clonazepam, o médico tirou de mim, eu tomava uma cartela cheia, faz uns 4 meses. Mas não resolve nada, eu achei que ia resolver, mas não resolveu. Eu só fiquei uma semana dormindo só...* (pausa). [É, Joana, eu imagino que não deva ser nada fácil estar no seu lugar, passar pelo que você passou e agora estar passando de novo. Realmente a Beatriz precisa de você, mas eu imagino que você faz muita diferença na vida das outras filhas também, elas com certeza iriam sofrer se você não estivesse aqui. Mas mais do que isso é importante pensar em você, nas suas próprias motivações de viver...] *Eu vivi um sonho que foi quando eu comprei o apartamento. Eu sonhei com isso de ter ele arrumadinho, do meu jeito, não consegui, consegui só ele. Agradeço a Deus todo dia por isso. Eu trabalhei bastante, consegui comprar o carro e o apartamento, hoje só me resta o*

apartamento e trabalhar e lutar pra seguir em frente. Pedir força a Deus pra ele me ajudar a seguir em frente. [E o seu sonho?] *Esse aqui, como eu estou dependendo do meu ex, eu já propus pra ele vir morar e assumir a dívida e eu saio, vou morar com a minha irmã... e acaba meu sonho. Vou começar do nada de novo, mas ele não quis.* [O seu sonho era ter o apartamento?] *É, porque a minha vida inteira eu paguei aluguel.* [E agora que você tem, você abriria mão dele?] *É porque eu estou dependendo dele pra tudo. Por enquanto eu não arrumei emprego, ele é quem está pagando tudo. Eu já pensei de ele assumir tudo, eu falei pra ele, eu saio, ele assume, porque ele está morando com a tia, e eu vou embora, vou viver minha vida* (choro). *Mas ele não aceitou.* [E aí nesse caso, você não iria mais depender dele?] *Exato, aí ele ia ajudar a Beatriz, ia pagar a pensão dela, que é por lei, né... mas ele não quis. E eu estou como se tivesse na mão de uma pessoa, sabe.* [É, não é fácil mesmo. E esse coqueirinho aqui que você desenhou no meio que você falou?] *Esse coqueirinho tem do lado do meu apartamento e eu acho bonitinho.* [Sei. E tem mais alguma coisa que você quer falar sobre esse desenho?] *Não.* [Agora eu quero pedir que você coloque um título nele.] Escreve "Começar do zero". *Zero é com Z né?* [Sim.]
Entrega o desenho.

Interpretação

O desenho de Joana, a princípio, chama a atenção pelas cores frias, dando uma impressão de falta de vida, melancolia. Esta ausência de vitalidade também se mostra presente na árvore, desenraizada, solta e seca. As luzes desenhadas nas casas são pretas: o que deveria iluminar, não ilumina, o que sugere que paira sobre a casa uma atmosfera escura, pesada, fria. Há um destaque para Beatriz, a filha que está vindo para o atendimento, a qual está pintada de rosa, a única cor mais viva do desenho. Portanto, ao mesmo tempo em que ela parece deitada na cama passivamente, também há uma esperança, sinalizada pela cor.

Joana não conta uma história a respeito do desenho, mas continua falando de si, dando continuidade ao modo que se comunicava quando entrou na sala. Esta dificuldade também é verbalizada por ela quando pergunta "Um resumo?" e quando diz "Pra ditar eu sou um pouco meio assim... eu sou mais de falar (...)". Estas frases mostram, a princípio, uma falta de compreensão a respeito do que seria contar uma história, mas, mais do que isso, uma dificuldade para abstrair e fantasiar, evidenciando o bloqueio para a criatividade de Joana.

Joana descreve novos fatos de uma história de muito sofrimento, negligência e violência. Existe, da parte dela, o desejo e o esforço para cumprir as funções maternas de abrigo e proteção para as filhas, mas que são frustradas pela ausência da figura materna

(interna) da qual ela mesma poderia se aproximar, representada pela fala do apartamento e do aluguel. Com isso, seu sentimento de impotência se intensifica, bem como a dificuldade diante da vida.

Joana se depara ainda com um fracasso de construir uma vida conjugal. Os repetidos insucessos nessa empreitada, contudo, deixam-na sem esperanças, sendo a solução encontrada na abstinência (castração), com todas as consequências que isso implica. A retomada da esperança ("Começar do zero"), entretanto, somente seria possível por meio da negação das experiências passadas ou pela renúncia à vida para iniciar outra melhor, revelando a chance de despersonalização expressa no discurso sobre a ideação suicida. A única solução que Joana encontra para solucionar os problemas é livrar-se deles, não lidar com eles. A existência de Beatriz, porém, acena para ela como possibilidade de reparação e a vincula de volta à vida.

6.1.3.2 Segunda Unidade de Produção (UP): Uma família que gostaria de ter

Figura 2- Segunda UP de Joana

História

Eu, a Beatriz, a Flávia, a Marina e a Eduarda (aponta para o desenho). *E aqui é um sol, que eu queria que ele voltasse a brilhar; aqui é um arco íris... que no final dele eu conseguisse alcançar coisas boas... e um céu azul, que eu vejo nublado. E as árvores e as florzinhas... que a vida fosse mais... florida, que nem as florzinhas, mais feliz, alegre.* [Você gostaria que vocês estivessem juntas?] Afirma com a cabeça (pausa). *Queria que fosse tudo lindo, que nem está aí. Mas não...* [Você me disse que tentou suicídio já duas vezes, como foi isso?] *A primeira vez eu estava com 16 anos e perdi minha virgindade com o pai da Marina, muito nova, e ele não me aceitou, ele me rejeitou, a família dele também. E a gente acabou decidindo ir morar junto, a gente foi morar junto, ele me batia. Ele me deixava sozinha e namorava outras mulheres, outras meninas. E a família dele achava que estava certo, que eu não tinha que estar na família dele, ninguém gostava de mim. Porque a minha história já vem da minha*

mãe, minha mãe... eu era conhecida como a filha da mulher que tomou o marido da outra. Porque minha mãe... quando foi morar com meu padrasto... a história era que ela tinha tomado o marido da mulher do meu padrasto. E desde a infância que eu não tenho amiga, porque eu morei em roça, em... e as pessoas antigamente tinham esse preconceito de que minha mãe era uma vagabunda, minha mãe era prostituta, que minha mãe tinha destruído o lar, a família de outra mulher... então, eu ia pra escola sozinha, voltava da escola sozinha, eu não tinha amigo. Quando eu fazia amizade, a mãe da pessoa impedia de ela ser minha amiga, porque a minha mãe tinha tomado o marido da outra e que eu não ia prestar, eu ia ser igual minha mãe. As filhas do meu padrasto... elas se juntavam, tinha três, elas se juntavam pra me bater como se eu tivesse culpa... elas cuspiam, elas passavam coisa em mim, elas cuspiam em mim. [Como se você tivesse culpa do que?] *De que minha mãe tivesse ficado com o pai delas.* [Entendi.] *Entendeu? E eu cresci assim, nem na escola eu tive amigo. Eu carreguei uma culpa que não tinha. Então já vem daí, sabe. Então acho que hoje... eu cresci desse jeito, fechada, sem amigo, pagando por uma coisa que eu não cometi.* [Você se sente assim também pela violência que você sofreu? Como se você tivesse pagando por uma coisa?] *É, na família deles era assim. Que eu era filha de uma puta e que eu ia fazer a mesma coisa. Era assim que eles me viam. E ele me batia, bebia e me batia. Muitas vezes eu apanhei na frente da família deles e eles não fizeram nada. Ele ficava dois, três dias sumido e quando aparecia, era só pra me bater. E a família nunca fez nada, eu morei com eles, na casa deles e ninguém a meu favor, pra falar. Ninguém fez nada, sabe* (choro). *E aí chegou em um ponto de eu não aguentar mais... na época eu era muito nova, o único homem da minha vida, eu... me apaixonei de verdade, eu tinha medo de me separar dele.* [Que é o?] *O pai da Marina, a mais velha. Eu tinha medo, eu aceitava... a vida que eu tinha, aceitava, porque... eu achava que de homem só tinha ele* (chora e começa a rabiscar o desenho). *E por eu ter perdido a minha virgindade com ele, eu tinha que ficar com ele, porque se não ia ser igual a minha mãe. Sabe, quando você pensa "se eu largar da pessoa, eu vou ser puta também", era isso que tinha na minha mente, sabe?* [Aí você suportou?] *Aí eu fiquei 9 anos. Como a gente morava na fazenda, e lá tinha muito isso, é... veneno, inseticida de matar praga, sabe?* [Sei.] *E eu tomei, eu pus num copo, era um pó cinza. Eu misturei em um copo de água e tomei, fiquei um ano doente.* [Depois disso?] *Sim.* [O que você teve?] *Fiquei vomitando direto, não me levaram para o hospital... eu fiquei muito debilitada, sentia muita dor abdominal. E eu morava na fazenda, eles não comentaram com ninguém. Um dia, essa fazenda, eles tomavam conta, como se fosse zelador, era a família inteira deles que morava nessa fazenda. E um dia, o patrão dele chegou e eu estava passando mal e... ele não sabia também, e ele achou que eu*

estava com cólica, cólica menstrual, porque eu era muito pequena, eu nunca fui grande né, eu era magrinha, miudinha, e eu falei, ele perguntou o porquê de eu estar chorando, se eu estava chorando de dor, eu falei que estava com dor na barriga, mas não falei por que, eu sempre guardei as coisas para mim. E eu lembro perfeitamente que ele mandou eu colocar um pano quente para tirar a dor e eu coloquei esse pano quente, mas não era a dor que ele achava que era, então ninguém nunca soube, nem a minha mãe. Porque na época, minha mãe... eu fui morar com ele, minha mãe morava em outro lugar, dentro da cidade. [O seu ex-marido também não sabia?] *Meu ex-marido?* [É, o pai da Marina.] *Sabia!* [Que você tinha tomado o veneno?] *Sabia! E ele não me deu socorro, nem ele, nem a família dele... eles ficaram todo mundo quieto. Eles falaram que se eu contasse pra alguém, eles iam tirar ele de mim, eles ficavam me ameaçando o tempo todo, sabe? Eles apoiavam... a família dele apoiava as coisas erradas dele. Ele me batia, eles apoiavam, tiravam ele, ele ficava uma semana lá na casa delas, eu ficava arrebentada... então eu passei por muito isso, sabe? Eu carreguei uma culpa que... um preconceito que eu não... não tinha que pagar por ele.* [Por conta da sua mãe?] *Exato, porque as pessoas hoje não tem mais esse preconceito. Hoje se uma mulher namorar um homem casado, ela vai ser desvalorizada, mas vai passar, as pessoas vão esquecer. Antes ninguém esquecia, antes... antes era vista como... sei lá o que. Eu sei que eu era muito discriminada. E na verdade, minha mãe também nunca foi de um homem só.* [Aham.] *Então, as pessoas viam e eu ficava com a minha avó, e eu era meio que... vista como a filha da prostituta, sabe? E minha mãe só tinha eu na época. Depois ela conheceu meu padrasto, foi morar com ele, começou a ter os filhos com ele... e eu fui ficando esquecida, esquecida, esquecida... minha mãe brigava com ele por causa de mim, porque minha mãe comprava as coisas, tinha que comprar escondido pra poder me dar, porque se eles soubessem que ela estava me dando as coisas, ele brigava, eles chegaram a separar várias vezes por minha causa, eu vi eles brigarem várias vezes por minha causa.* [E você se sentia culpada?] *Me sentia culpada e... eu tinha que cuidar dos meus irmãos porque ela foi tendo mais filhos. Ela me batia todo o dia...* (pausa). *Eu nunca cheguei na escola no horário certo.* [Por quê?] *Porque eu tinha que cuidar dos meus irmãos e ela ia trabalhar, ela chegava, almoçava e eu tinha que fazer tudo, sozinha, cuidar dos meus irmãos, fazer comida, limpar a casa. E nunca dava tempo de eu chegar na escola na hora certa. Quantas vezes eu cheguei na escola e não conseguia entrar... porque eu tinha que... minha mãe tinha que ir pra liberar, e eu não falava pra minha mãe porque ela ia me bater. Eu escondia, não voltava pra casa, esperava o sinal bater pra não apanhar. Espera o sinal bater pra dar a hora pra eu ir embora... e essa foi a minha vida. Aí eu criada pela minha avó, ela largou de mão, minha avó*

morreu, eu fiquei com 9 anos. Foi a pior dor da minha vida, porque eu vivi sozinha, sem ninguém mais. Aí foi quando eu fui crescendo, conheci o pai da Marina, comecei a namorar e achei que... saindo de casa pra viver com ele, ia mudar tudo (choro)*, e não mudou... Só piorou... e até hoje.* [Até hoje você está sofrendo.] Afirma com a cabeça e chora. Silêncio. [Você pode dar um título para o seu desenho, Joana?] Escreve "Ser feliz" e vira o desenho para mim. [Você quer falar mais alguma coisa sobre o desenho?] *Não.*

Interpretação

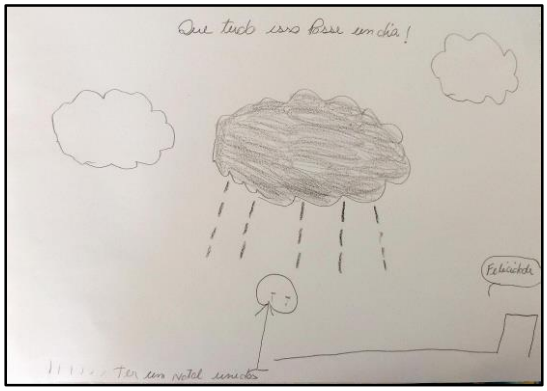
O segundo desenho de Joana se apresenta mais colorido, com flores, sol, arco íris, com mais vida. No entanto, os grafismos das pessoas são primitivos, compostos de apenas riscos e sem detalhes, característico de desenhos de crianças pequenas. As flores são mais elaboradas do que os seres humanos. Estas características sugerem dificuldades no processo de humanização de Joana, como se, em razão das experiências que viveu, ela não se reconheça como ser humano, alguém que possui uma mente e que é capaz de pensar.

Em seu discurso, Joana começa mostrando a idealização de uma vida que gostaria de ter e ter tido, desde a sua adolescência, expressa em uma tentativa de suicídio, o que se percebe desde então prejuízos na aquisição das capacidades de integração, personalização e realização.

Suas tentativas desesperadas de escapar do destino de sua mãe, numa trama transgeracional, levaram-na a tolerar maus tratos por longos períodos, sem reagir e sem ter a quem pedir socorro. Porém, mesmo não cumprindo o destino da mãe, sua mágoa é a de ter sido, como ela, excluída do lar e dos afetos alheios. Daí ainda hoje ela se sente "pagando pelos pecados" de outrem, colocando-se e permanecendo em situações possíveis de transformá-la em vítima. Surge assim, o ódio e raiva desta mãe, pois a responsabiliza por toda a discriminação, violência e sofrimento que viveu e vive, até hoje.

6.1.3.3 Terceira Unidade de Produção (UP): Uma família em que alguém não está bem

Figura 3 - Terceira UP de Joana



Ao solicitar à Joana um desenho de uma família em que alguém não está bem, ela pergunta "Como assim?", fazendo com que eu repita, mais pausadamente. Ela espera cerca de 4 minutos para iniciar a desenhar.

História

Sou eu... e eu estou como essa nuvem aqui. [Uma nuvem preta...] *É... e aqui é um caminho onde eu queria que a porta estivesse aberta.* [E o que teria atrás dessa porta?] (Silêncio). Escreve em cima "Felicidade". [Felicidade?] Afirma com a cabeça, chora. [E o que seria pra você essa felicidade, Joana?] *Ao invés de chorar de tristeza, chorar de alegria... trabalhar... e seguir em frente. Tirar essa dor que corrói. E levar minha vida, trabalhar normal como todo mundo... ter alegria, ter amigo...* [E você está sozinha aqui no desenho, né?] Afirma com a cabeça. [Por que você está sozinha?] *É assim que eu me sinto. Sozinha...* [Será que pra você uma família que não está bem... e você ter desenhado só você, você não desenhou uma família, né? O que você pensa disso?] *Que família que eu tenho?* (Senti um tom de raiva na sua voz, como se eu a tivesse insultado). *Minhas filhas, eu já desenhei naquele... mãe, pai eu não tenho, irmão, não tenho. Não posso contar com ninguém, é assim que eu me sinto.* [Sozinha...] *E o apoio de vocês que eu tenho agora, de desabafar, de falar...* [Aham.] *Eu acho que vai fazer parte da minha vida, pelo resto da minha vida. Pelo menos eu desabafei com alguém toda a minha história.* [Aham.] (Silêncio). *E eu espero que quando eu passar dessa porta aqui, tudo mude. Que eu possa ter alegria, que eu possa ter amigo, amiga, não pra compartilhar minhas coisas ruins, mas boas. E que... minha família um dia se reúna e saia daquele lugar, que um dia a gente possa ficar junto, pelo menos um dia...* [Que lugar, você fala? Que a sua família saia daquele lugar... que lugar é esse?] *Meus irmãos.* [Da prisão?] Afirma com a cabeça. *E que um dia... a gente possa* (escreve "Ter um natal unido"). [Ter um

natal unido?] Afirma com a cabeça. [Qual seria o título do seu desenho?] Escreve “Que tudo isso passe um dia”. [Quer falar mais alguma coisa?] Acena com a cabeça negativamente.

Interpretação

Após certa resistência inicial, Joana consegue realizar uma produção gráfica que transmite em parte o que é solicitado, que ela não está bem: ela não representa uma família, mas apenas a sua própria dizendo estar bem. A figura humana chama ainda mais atenção por sua precariedade, agora apresentando riscos nos olhos que choram. As cores cinza e preta representam a escuridão que ela está vivendo. Existe uma certa expectativa mágica de mudança para escapar do sofrimento, passando para o “outro lado”, sem a necessidade de uma mudança pessoal.

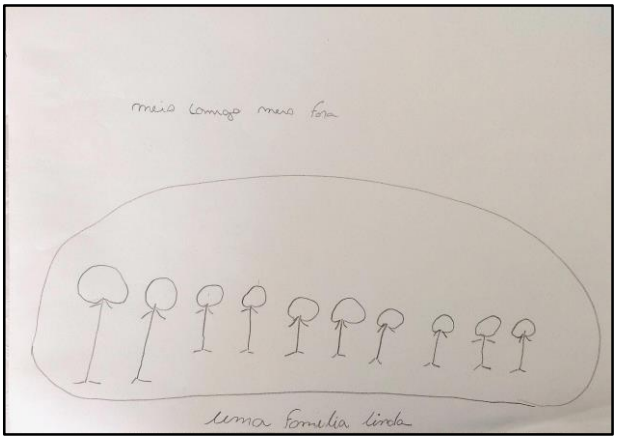
A elaboração das experiências difíceis que viveu e está vivendo não parece ser uma possibilidade para ela, que se percebe sem condições para tal. A solução que ela enxerga, então, é de apagamento de uma vida anterior, o que pode, como foi visto no outro desenho, consistir em um indicador de ideação suicida, numa perspectiva de que o ato dessa natureza terminaria o seu sofrimento sem destruir a sua vida, rendendo a existência de um processo de despersonalização.

Joana vê a si mesma como uma vítima das mazelas da vida, nas quais crê que apenas outra pessoa é capaz de resgatá-la, não se vendo capaz de lidar com ela. Desse modo, ela sente raiva, demonstrada em seu comentário “Que família que eu tenho?”, por não encontrar alguém que lhe abra as portas da felicidade.

Ao passo que deposita no outro a solução para os seus problemas, também deposita nele a responsabilidade pela sua felicidade, é por isso que Joana se deixa levar, colocando-se muitas vezes em situações de risco de abusos repetidos com alguém, quando se vincula. A precariedade de seus limites identitários, não havendo uma fronteira sólida entre o *self* e o mundo, impede-a de proteger a si mesma e à sua família de situações de perigo.

6.1.3.4 Quarta Unidade de Produção (UP): A sua própria família

Figura 4 - Quarta UP de Joana



História

Eu penso assim, que todos, cada um deles, que sejam felizes e que um dia a gente fique junto, ter uma família que eu nunca tive. [Quem são as pessoas que você desenhou?] *Eu, mãe, irmã, irmão, minhas filhas, minha neta. Uma família que eu nunca tive, que fosse mais próximo um do outro... que se falasse mais... que se reunisse, que... não tivesse a história que tem.* [Como se você quisesse nascer do zero? Não ter a história que tem... nascer de novo?] *Nascer de novo. Igual essa família aqui, família linda!* (Senti muita raiva da parte dela; escreve na folha "Uma família linda") *Não que não seja, mas falta muita coisa ainda, mesmo com as minhas filhas, eu e elas... nós precisamos estar mais juntas, não só meus irmãos que estão longe e que nem em data comemorativa a gente se reuniu... quando estava com um, o outro não ia porque estava de mal; quando estava o outro, o outro não ia porque tinha outro motivo... então a gente nunca se reuniu, nunca ficamos juntos. Até mesmo minhas filhas... falta diálogo também...* [Você gostaria de conversar mais com elas?] *Sim.* [Conversar sobre o quê?] *Chegar e perguntar como foi meu dia, se eu estou bem... me passar uma mensagem, me dar um bom dia, porque eu faço isso todos os dias... a Flávia, ela chega, toma banho, vai pro quarto e vai falar com o namorado, não pergunta se eu estou bem, se eu não estou. Não que ela seja uma filha ruim, mas eu sinto falta disso. A Marina também não é uma filha ruim, mas ela só me dá um "oi" quando eu ligo pra ela ou quando eu falo, às vezes vai responder no outro dia... é isso quando eu falo que eu me sinto só.* [Entendi. E que título você daria para o seu desenho?] *Aqui* (aponta para "Uma família linda") [E uma família linda, para você, o que é?] *Ninguém sem mágoa um do outro, né... conversar, se reunir... ter momentos bons juntos. E eu vejo o dia das mães, o dia dos... o Natal, essas coisas, todo mundo se reúne, né? Comigo não é assim.* [Quem passa o Natal com você?] *Eu?* (Senti um pouco de raiva da parte dela). *Passo*

sozinha. Quando eu estava com o pai da Beatriz era uma turbulência, queria passar um Natal inteiro, uma noite inteira. Depois que tudo terminou, que eu descobri que ele tinha me traído, que ele não tinha compromisso com mais ninguém, aí ele passou a passar o Natal comigo. Antes era dividido, ele falava que ia trabalhar, ele trabalhava de guarda, de vigia à noite, e era mentira. Ele passava (pega o lápis e fala enquanto escreve "meio comigo, meio fora"). [Ele não estava inteiro.] *Ele mandava eu escolher o que eu queria, se era até a meia noite ou da meia noite pra frente. Eu como sempre escolhi até a meia noite e ele passava o resto da noite e o dia fora de casa, falando que estava trabalhando, que o outro companheiro faltou e ele tinha que cobrir o lugar dele. Foi sempre essa história.* [É, Joana, eu vejo que a sua história de vida é muito difícil, que você passou e passa por coisas muito difíceis, sofridas.] *Por causa dele minhas filhas também se afastaram, mesmo depois que descobriu, que diz ele que tinha separado da mulher e a gente passava o Natal só nós dois, juntos, minhas filhas iam lá me dar um abraço e iam embora, porque elas não aceitavam o que ele tinha feito. Como até hoje... e agora eu passo sozinha, dia das mães sozinha... está perto do meu aniversário, com certeza vai ser sozinha* (choro). [Bom, mas você tem a sua filha né? Você vai ter a Beatriz...] *É, mas cada um tem seus compromissos... minha companheira é a Beatriz.* [Bom, que bom que você tem a ela, e ela tem a você.] *É... é a história do começo...* [Aham... É, Joana, eu sei que não é fácil, mas como eu te falei desde o primeiro dia que a gente se encontrou, ainda é tempo de você olhar pra você, olhar pra sua história e cuidar disso tudo o que você viveu, cuidar do seu sofrimento.] *Sabe, eu fui tão forte, tão forte... que hoje eu acho que eu não sou mais forte.* [Mas olha, se você fala que sempre foi forte, por que você acha que essa força não existe mais em você?] Silêncio. [Se ela sempre existiu, se era uma coisa sua...] *Sabe, quando a gente é mais novo, você tem esperança, sabe, pra lutar, batalhar. Aí você vai vivendo, vai vivendo e aí você chega aos 45 anos, daí pra frente, trabalho é mais difícil de encontrar, hoje até pra trabalhar de faxineira eles estão exigindo estudo, experiência...* [Eu entendo que não é fácil.] *Aí você vê o tempo passando, vai ficando mais velho, não tem como voltar atrás... tudo vai ficando mais difícil, os filhos crescem, e você vai ficando sozinho... aí vem os problemas, de saúde, e aí é quando eu me vejo sem força.* Silêncio. [Eu imagino, que às vezes a gente não enxerga possibilidade de futuro, não enxerga luz né, no fim do túnel. Mas eu acredito que você tem forças dentro de você pra passar por tudo isso.] *Eu estou tentando* (choro). [Bom, você gostaria de dizer mais alguma coisa do seu desenho?] *Não.*

Interpretação

O último desenho de Joana é realizado todo de lápis grafite, sem nenhuma cor, e é composto apenas pelas figuras humanas primitivas. Ele se assemelha ao desenho de uma criança muito pequena. Não há indicadores de afeto no desenho, demonstrando a imagem de uma família desvalorizada.

Joana conta novamente a sua história de vida (como nos outros desenhos) e as queixas que tem dela e da sua família. Ela demonstra o desejo de ter uma família idealizada e a frustração pela realidade não correspondente. Ela representa pessoas com quem tem pouco contato (mãe e irmãos), a família de origem, e depois a família atual. Há uma expectativa de que todos estivessem juntos, felizes, sem mágoas; há assim o desejo de ter nascido em outra família, o que a faz afastar-se das pessoas reais do seu grupo familiar, resultando em solidão. Ela escreve "Uma família linda", com raiva por esta família não ter lhe dado o que precisava e tê-la feito pagar por coisas que não fez.

Joana percebe que, também em relação à sua família constituída, só lhe pertence a esse grupo pela metade, acentuando o seu sentimento de exclusão. Há uma expectativa de que a família cuide dela, importe-se com ela, numa relação de atenção unilateral, nela centralizada. Esta postura reitera o seu processo de atribuição aos outros pela responsabilidade do seu sofrimento e, assim, só se sente minimamente bem se as filhas fazem o que ela quer, do modo como imagina. Essa relação de objeto parcial se torna fonte, então, de inúmeras e repetidas desilusões.

6.2 Beatriz

Convidei Beatriz para participar da pesquisa no primeiro dia de contato com a mãe, no qual esta havia assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realizado a entrevista. A primeira impressão que tive de Beatriz é que ela aparentava ser uma menina mais velha do que era de fato: estava bem arrumada e parecia vaidosa. Ela usava brincos, as unhas estavam pintadas e havia luzes no cabelo; é uma menina muito bonita. Neste primeiro contato, ela estava bastante cansada e muito preocupada por estar perdendo aula, pois o horário agendado com a equipe da instituição coincidia com seu período de escola. Joana havia me dito que havia uma preocupação exagerada por parte da menina, porém, para a filha, estar presente na aula é algo importante, mostrando grande responsabilidade.

No segundo encontro, Beatriz chegou tranquila e parecia bastante disponível para o contato. Ela novamente apareceu maquiada, com brincos e pulseiras; havia sido atendida pela

psicóloga do local e enquanto aguardava ser chamada por mim, dormiu na sala de espera. Eu havia separado alguns brinquedos e os deixado acomodados na sala, com a intenção de estabelecer um *rapport* antes de iniciar a coleta de dados. Sentamos no chão ao lado destes e começamos a conversar.

6.2.1 *Rapport*

[E aí, tudo certo?] *Tudo.* [Você já conversou um pouco com a outra psicóloga também né?] *Aham.* [Enquanto você esperava sua mãe, você deu uma descansadinha?] *Aham, é, eu deitei ali no banco, deitei não, escorei um pouco a cabeça na minha blusa aí eu... nossa, eu fechei o olho e me deu um sono...* [Hoje você acordou cedo, né, pra ir pra escola?] *Aham.* [Você vai todo dia de manhã?] *Aham.* [E o que você faz à tarde?] *À tarde, eu chego da escola, aí eu almoço e troco de roupa. Depois que eu troco de roupa, eu costumo passar pano na casa pra minha mãe e arrumar meu quarto, e às vezes, quase nunca, eu lavo o banheiro.* [É chato, né? Ou você gosta?] *Sim, eu gosto de limpar a casa, mas não gosto de lavar o banheiro nem a louça.* [É? O bom é que tem a água né, quando está calor] (risos). [Mas o banheiro você não gosta, então?] *É... o duro é no frio, né, que vem aquela água gelada...* [É verdade, no frio é pior...] (Pausa). [Aí você faz isso, ajuda a sua mãe na casa, e depois?] *Aí depois, quando dá, ou eu durmo um pouco, ou assisto TV, ou mexo no celular. Aí quando eu mexo no celular, eu instalo um joguinho pra jogar, e quando assisto TV eu fico assistindo sessão da tarde. Aí eu quando dá umas 4h, 4h e pouco, muito de vez em quando, eu tomo banho, mas eu gosto de tomar depois, porque eu desço e tomo banho depois, antes de dormir.* [Sei...] *Aí às vezes, quando eu tomo banho antes de brincar, ou às vezes eu desço, eu espero um pouquinho dar umas 7 horas, aí eu fico mexendo no celular e jogando ou eu assisto vídeo no Youtube, que eu costumo assistir um vídeo que chama "Crie e faça você mesmo".* [Como é?] *Tem uma moça, que eu esqueci o nome, que ela faz esses vídeos e ela ensina bastante coisa, ela ensinou, é... ela ensinou a semana passada, que eu estava vendo o vídeo dela, ela ensinou a fazer um enfeite com garra muito fofo, que ela pega um papel adesivo aí ela põe o papel adesivo e corta em tira e cola assim, sabe esse potinho que tem essas tampinhas de ferro, tipo ferro, que é potinho de vidro, sabe?* [Aham.] *Então, aí ela pegou esse potinho, um desse e outro daquelas comidinhas de bebê, aí ela fez um coração maior e um pequeno e colou nos dois, o coração, e com a tinta de spray ela pintou de preto. Aí ela tirou o colante de coração e ficou o coração meio assim...* [Fica direitinho...] *É, aí ela colocou duas velinhas dentro, um em cada um, aí ficou uma gracinha.* [Ah, fica tipo pra iluminar mesmo, o potinho com a vela dentro.] *Uhum.* [Ah que legal! E você gosta dessas coisas então, você faz na sua casa?] *Ah*

fazer, não, porque assim, minha mãe acha, assim... eu acho que... uma vez eu fui tentar fazer um, que era tipo um selo, eu peguei a tinta e tal, tudo. Você pinta ele por dentro e põe uma florzinha por dentro, sabe, de enfeite também. Só que deu errado, aí minha mãe falou que não era pra eu sujar a casa de tinta, mas não tento fazer, não, só essa vez que eu fui pintar e não deu certo, porque a tinta estava pouca e aí a tinta demorou pra secar e eu não sabia, aí ficou tudo... mas foi só essa vez. O resto eu não tento não, eu gosto mais de ver, só... [Entendi. E tem algum outro vídeo que você costuma ver?] *Ah eu costumo pesquisar é... vídeo de Maine Coon cat, Maine Coon é a raça de maior gato do mundo. E eles ficam gigantes, aí eu gosto de ver vídeo deles, por exemplo, brincando... ou, assim... eu vi um que o gatinho estava dormindo, aí o dono chacoalhou pra ver se ele acorda, mas ele dorme de novo.* [Ah!] (risos). *Aí eu costumo pesquisar de gatinho.* [Você gosta de gato, então?] *Eu gosto bastante de gato.* [Você tem gato?] *Eu tenho um, só que assim, ele não gosta de brincar, ele passa o dia inteiro dormindo. Só dorme.* [Verdade? Ele não brinca com você?] *É, às vezes, bem às vezes, se dá tempo, lá pelas 9h, 10 horas, ele fica um pouquinho acordado e aí eu vou lá brincar com ele. Aí às vezes ele me arranha, aqui no meu braço é tudo arranhado dele*. [Eles têm a unha afiada, né?] *É, eles têm a unha afiada, eu queria cortar a unha dele, mas tem que ter uma tesourinha própria...* [Entendi. E os seus finais de semana, como são?] *No final de semana eu não limpo casa, só às vezes... aí eu costumo acordar umas 11h e pouquinho, aí eu, é... eu almoço, aí depois que eu almoço eu vou pro quarto, aí no quarto eu falo por vídeo com a minha sobrinha, do celular do pai dela. Aí a gente conversa, aí eu peço pra ele levar ela em casa e ela vai em casa ou eu vou na casa dela. Aí ou ela dorme lá no final de semana ou eu durmo na casa dela.* [Você gosta dela, então?] *Eu gosto.* [Quantos anos ela tem?] *Ela tem 7.* [Você gostaria de brincar de alguma coisa aqui que eu peguei?] *Hum, eu não sou de brincar...* [Ah tá.] *Eu brincava muito até os 10 anos, depois eu parei, eu não suporto mais ver boneca.* [É mesmo?] *Eu brinquei tanto que não suporto mais ver boneca.* [O que aconteceu?] *Ah acho que eu enjoei, porque quando eu tinha uns 8 anos eu comecei a brincar muito de boneca, muito mesmo, 24 horas por dia brincando de boneca. Aí eu brincava com as minhas amigas, mas agora não consigo mais pegar numa boneca, não.* [Sei...] *É, pra mim ficou tão chato, eu brinquei tanto e eu acho que eu brinquei e eu enjoei.* [Aham...] *Porque eu brinquei muito, mas não consigo brincar mais de jeito nenhum.* [Entendi. Se você pega uma boneca assim...] *É, não consigo mais brincar do jeito que eu brincava, sabe?* [Entendi. E suas amigas, brincam ainda?] *Tem uma que brinca, as outras não, mas tem uma que brinca, a Gabriela, ela brinca. Ela vive me chamando, aí eu falei assim: "Olha, amiga, eu não gosto". Aí ela... a gente tenta brincar de outra coisa, aí a gente desce lá embaixo, fica lá pra brincar. Eu*

costumo mais conversar, senta eu e mais duas meninas e aí a gente começa a conversar, conversa de lição de casa ou a gente combina um piquenique pro outro dia. [Que gostoso!] *É, aí a gente costuma mais conversar, aí quando dá umas levantadas mais no assunto, aí, é... a gente começa a conversar mais sobre brincadeira: "Ah, eu não brinco mais disso, faz tempo, não tenho boneca", aí a gente conversa, às vezes... por exemplo, a gente costuma jogar futebol, eu jogo vôlei com a minha amiga e... ou então a gente brinca de pega-pega, ou pacotinho também. Só que dessa vez não deu tempo de brincar porque o síndico colocou a gente pra dentro.* [Ah é?] *É, ele colocou, então, assim, o que eu mais costumo fazer é conversar, e eu gosto também de jogar bola.* [Sei... e como é esse pacotinho que você falou?] *O pacotinho é tipo uma brincadeira, que é um vídeo da... ai, como chama... é que eu mexo tanto com vídeo, sabe?* [Sei, aí você esquece...] *É, esqueço... ela é uma youtuber, ai, começa com V... quando eu lembrar, eu te falo. Ela assim... ela faz uns vídeos que é uma novelinha, é sobre criança, sabe, ela faz assim... por exemplo, ela fala assim... ela fala tipo criancinha, sabe, é uma novelinha que é aniversário dela, sabe, tem a Fernanda, a Penélope, a outra que eu esqueci o nome também e tem o Dudu. E ela faz uma vozinha e a gente costuma brincar disso. Só que, assim, na novela, na novelinha, ela faz assim... tipo, é aniversário da Fernanda e aí ela convida as meninas, mas não vai nenhuma e ela fica super triste. E a Penélope e a amiga dela são melhores amigas. E tem outro que é o menino que ela gosta. Aí a gente brinca, quando a gente vai brincar, a gente brinca diferente, por exemplo, lá tem uma área e a gente finge que lá é nossa casa e aí eu... costuma brincar eu, a Luiza, a Gabriela e a Roberta. Aí eu e a Luiza somos irmãs, a Roberta é a mãe e a Gabriela é a bruxa. Aí a gente brinca que, quando for sair, tem que tomar cuidado porque se não a bruxa cata.* [E ela cata?] *É, aí ela leva a gente pra casa de doces e pode comer a gente.* [Ah sei.] *É tipo a história do...* [Do João e Maria?] *É, a gente brinca dessa história aí.* [Que legal!] *Aham...*

Análise do *Rapport*

Beatriz se apresentou bastante comunicativa e interativa, o que facilitou o contato entre nós. Os seus interesses parecem ser correspondentes ao período de pré-adolescência (vídeos, conversas com amigas e brincadeiras sem boneca). No entanto, observa-se um cotidiano muito estruturado no qual se incluem responsabilidades de adulto (serviços de casa) que lhe impõem viver situações que não correspondem à sua etapa de desenvolvimento, nem ao seu desejo. Diante disso, ela se mostra confusa e lutando para encontrar um lugar, de criança, de adolescente ou de adulto.

A dificuldade em desenvolver os interesses da adolescência parece estar, para ela, principalmente ligada ao não acolhimento da mãe. A figura materna de Beatriz não parece facilitar a expansão da área da transicionalidade e dos fenômenos transicionais, havendo mesmo certo impedimento nesse sentido, o que lhe gera sofrimento. Há menção ainda a um certo sufocamento afetivo promovido pela mãe (que a impede de usar tinta e de fazer o trabalho manual de união dos corações de mãe e filha); a genitora, ao contrário, incomoda-se com a expressão do afeto e da criatividade (sujam a casa) que a desorganizam.

Nesse sentido, para Beatriz, a figura materna lhe inflige um sofrimento importante, com a imagem da mãe boa sendo dividida com a figura da bruxa. Esta situação não auxilia a criação de um espaço de existência própria para Beatriz, bloqueando o desenvolvimento da criatividade e espontaneidade. Ainda assim, esta apresenta dificuldades de se expressar com os pares por conta da ação intolerante de uma figura de autoridade (o síndico).

6.2.2 Aplicação de Matrizes Progressivas Coloridas de Raven

Em seguida ao *rapport* foi aplicado o teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven em Beatriz, a fim de avaliar se havia déficits cognitivos que impedissem a sua inclusão na pesquisa. Ela entendeu a proposta desde a primeira explicação e desenvolveu a atividade tranquilamente, a qual teve duração de 8 minutos e 35 segundos. O resultado foi o percentil de 95, com a classificação “Intelectualmente superior”. O sucesso no teste mostra não só uma preservação da capacidade intelectual, mas também uma grande capacidade de desenvolvimento cognitivo de Beatriz, o que parece estar relacionado também com o seu comprometimento com a escola.

6.2.3 Aplicação do HTP

6.2.3.1 Desenho da Casa

Figura 5 - Desenho da casa de Beatriz

Inquérito

[Bom, o que você me conta dessa casa? Quando você olha pra ela... o que você pensa dessa casa?] *Ah é uma simples, pequena... é... acho que só.*

1- [Quantos andares ela tem? Tem andar de cima, de baixo?] *Sim. É, na minha mente, eu fiz como se aqui fosse em cima* (aponta para janelas) *e embaixo, aqui fosse a cozinha e aqui fossem os quartos* (janelas). [Então são dois andares? Um em cima com os quartos e embaixo a cozinha?] *É, a cozinha, a sala e o banheiro.*

2- [E do que esta casa é feita?] *De tijolo e cimento.*

3- [É sua casa própria? De quem ela é?] (Pausa) *Hum...* (pausa). *Ah... minha mesmo.*

4- [Em que casa você estava pensando enquanto estava desenhando?] (Pausa) *Ah... assim... eu me inspirei um pouquinho na casa da minha sobrinha, porque... é... lá assim... ah não sei mais o que veio na minha mente, foi a casa da minha sobrinha.*

5- [Você gostaria que essa casa fosse sua?] *Sim.* [Por quê?] *Porque... assim... Se ela fosse minha, eu ia poder... assim, ia ser mais legal, porque eu ia poder brincar mais, porque... lá no condomínio não pode fazer barulho, não pode fazer nada... e eu ia poder ter minha cachorra também, ia ser mais legal.*

6- [Se essa casa fosse sua e você pudesse fazer nela o que quisesse, o que você faria?] *Eu montaria uma ONG e trataria de animais abandonados.*

7- [E qual quarto você escolheria pra você?] *Esse de cima.* [Por quê?] *Ah, não sei... eu acho que seria melhor um quarto em cima, porque... embaixo poderia ficar os cachorros.*

8- [Entendi, e a janela está fechada? Como está a janela do seu quarto?] *Está fechada, a outra está aberta.* [E no quarto que você dorme está fechada?] *Aham.*

9- [Quem você gostaria que morasse nessa casa com você?] *Hum... minha mãe e minha amiga...* [Qual amiga?] *A Mari.* [Por que você quer elas?] *Ah, minha mãe porque eu amo muito minha mãe* (fala rápido) *e minha amiga Mari, porque ela é minha melhor amiga e a gente sempre sonhou em morar juntas quando a gente crescer.*

10- [Quando você olha pra essa casa, ela parece estar perto ou longe?] (Pausa). *Longe.*

11- [Quando você olha pra essa casa, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível que você?] *Acima.*

12- [Em que esta casa faz você pensar ou lembrar?] *Hum... na minha antiga casa, quando eu morava lá no XY (nome do bairro), antes de morar no condomínio.* [Como era sua antiga casa?] *Era mais ou menos parecida com essa, só que aqui tinha uma parede, a janela ficava do outro lado, e aqui tinha uma varanda, mais pra cá, como se fosse aqui. Aí tinha a varanda, a sala...* [E você gostava dessa casa?] *Ah eu gostava.* [Mais do que do condomínio?] *Mais do que do condomínio.*

13- [No que mais essa casa te faz pensar ou lembrar?] *Ah, me faz pensar e lembrar da minha casa velha e de quando eu... estava com a minha cachorra, eu brincava bastante com ela.* [Hum... você está falando da casa do XY ou de outra?] *Do XY.*

14- [E essa, é uma casa feliz, amigável?] *Sim.*

15- [O que dá essa impressão?] *Ah...* (pausa) *não sei. Se fosse assim, uma casa, seria feliz.*

16- [Você acha que a maioria das casas é assim?] *Não.* [Por quê?] *Ah, porque assim... você está falando assim... do jeito que eu desenhei ou de questão de pessoas vivendo dentro?* [Dos dois, o que você acha?] *Ah, as casas não estão sendo assim, eles estão fazendo casas de luxo e tal... mas, em questão de pessoas vivendo lá dentro, assim, eu não consigo te dizer, porque cada família tem seus... seus... como é que fala... seus... seu jeito. Por exemplo, a minha amiga, eu tenho uma amiga que ela, é... ela... ai como é que fala... ela sai muito, ela não fica em casa, então é mais diferente. Ela também discute com a mãe dela. Então, assim... nisso eu acho que seria uma casa triste.*

17- [E como está o tempo no desenho?] *Ah, está sol com nenhuma nuvem no céu.*

18- [E qual é o tempo que você mais gosta?] *Ah, eu gosto de frio. Só que se for pra escolher entre verão e frio a vida inteira, eu escolheria verão, porque assim, quando você vai... porque, assim, o verão é bom pra várias coisas, tipo quando você vai pintar a unha, quando pinta a unha no frio fica cheio de bolinha por causa da falta de calor, né? É... quando eu fui pintar o cabelo, porque aqui atrás está loiro, ele estava maior só que eu cortei porque começou a quebrar muito.* [Sei.] *Aí quando eu fui pintar o cabelo, já estava entrando nessa época de frio, sabe, aí ela falou assim: "Ah vai ter que esperar um pouquinho mais porque*

está frio e não vai fazer muito efeito". Então eu acho que o frio... ele é... limitaria a gente a fazer muita coisa.

19- [E de quem essa casa te faz lembrar?] *Da minha irmã, de quando ela morava com a gente lá no XY.* [Qual irmã?] *Marina.*

20- [E do que esta casa mais precisa?] (Pausa). *De... Eu acho* (pausa)... *eu acho que precisaria... ah não sei.* [O que você acha? Qual é a primeira coisa que te vem na cabeça?] *Seria... mais paz.*

Interpretação

O desenho da casa de Beatriz apresenta-se com poucos detalhes; é uma casa pequena, localizada do lado esquerdo do papel, que contém uma porta fechada e duas janelas, sendo uma aberta e outra fechada. O tracejado é fraco e fino, mostrando que, embora haja preservação do sentido de realidade (o desenho é reconhecível como casa), há certa fragilidade egoica.

Neste desenho, Beatriz mostra a nostalgia de um passado mais feliz, mais acolhedor em que a expressão de criatividade e o brincar eram possíveis e acolhidos pelo outro (cachorro), que ela não consegue recuperar. Ao contrário, atualmente ela não consegue se apropriar do local onde vive e vê-lo como seu, como um espaço que lhe pertence. Tendo em vista que a casa é uma representação de si, há certa dificuldade de apropriação de si mesma e de encontro com o mundo como um espaço para si.

Beatriz mostra carinho por um lugar em que viveu no passado (desenho localizado do lado esquerdo do papel), onde havia mais espaço, físico e emocional. Ela vive o luto pela espontaneidade perdida. Como o ambiente atual desfavorece a expressão da criatividade, Beatriz se sente inadequada e deslocada, sem ter atendidas as suas necessidades infantis.

Nesse contexto, Beatriz mostra certo receio em relação ao contato com o mundo externo (uma janela aberta e uma fechada), por sentir que o ambiente não é confiável (telhado estendido além das paredes). O luto pela infância, por ser acompanhado de restrição da área de transicionalidade, dificulta a transição para a adolescência, arriscando que ela perca a continuidade desta com a vida adulta e não se reconheça mais (a casa que vem à sua mente é distinta da casa do desenho, que ela não sente como sendo dela).

Nesse desencontro com o mundo, Beatriz sente que aquilo que gosta é julgado como inadequado pelo outro (gosta do tempo frio, porém é melhor viver no calor); logo, sua opinião não é considerada na medida em que é tida como uma desvantagem. Assim, observa-se uma

imposição do ambiente em direção a seu *self*, uma intrusão ambiental que dita regras e a faz se sentir sozinha e abandonada.

Por fim, a constatação de que a casa precisa de paz, indica que há perturbação interna, um indício de que há outros problemas com os quais ela precisa lidar em sua casa, mas que não puderam ou não podem ser expressos.

6.2.3.2 Desenho da Árvore

Figura 6 - Desenho da árvore de Beatriz

Inquérito

[O que você pensa dessa árvore?] *Ah, que essa árvore me lembrou da minha avó, de familiares...* [É? Por que da sua avó?] *É da mãe do meu pai, eu me lembrei dela porque, assim... é um familiar, assim, que eu conheço, que eu conheci e que já morreu.*

1- [Que tipo de árvore é essa?] *É uma mangueira.*

2- [Onde ela está localizada?] *Hum... No parque.*

3- [Mais ou menos, qual é a idade dela?] *Uns 3 anos.*

4- [Ela está viva?] *Aham.*

5- **[**O que dá a impressão de que ela está viva?] *Hum, o tronco, porque quando uma árvore está chegando a ficar morta, ela começa a descascar tudo o tronco.* **[**Sei, e esse tronco está como?] *Está... sem descascar.*

6- [Alguma parte dela está morta?] *Não.*

7- [Pra você, essa árvore parece mais um homem ou uma mulher?] *Uma mulher.*

8- [O que dá essa impressão?] *Ah... porque me lembrou uma mulher... é... morena, do cabelo. Sabe aquelas mulheres que tem cabelo crespo* (faz movimento com a mão indicando um

cabelo volumoso). [Que tem cabelo grande?] *É.* [Por que você acha?] *Por causa do...* (aponta para as folhas) [Por causa de cima? Das folhas?] *É.*

9- [Se ela fosse uma pessoa, ao invés de uma árvore, pra onde ela estaria virada?] (Pausa). [Pra direita, esquerda, pra cima?] *Direita.*

10- [Está sozinha ou em um grupo de árvores?] *Sozinha.*

11- [Quando você olha para essa árvore, você tem a impressão que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível que você?] *Hum...* (pausa) *no mesmo nível.*

12- [E o tempo como está aí?] *Hum... está... mais ou menos, está sol, mas tem algumas nuvens, e umas nuvens, umas 3, 4 estão cinzas.*

13- [Tem algum vento soprando?] *Tem.*

14- [Pra que direção ele está soprando?] *Pra cá* (lado esquerdo dela).

15- [E que tipo de vento é esse?] *Nem muito forte, nem muito fraco, é um vento gostoso, sabe?*

16- [Do que esta árvore te faz lembrar?] *Hum... de familiares e dessa mulher.* [E essa mulher quem é?] *Seria uma amiga minha, a Roberta, ela tem esse cabelo assim, ela é moreninha.* [E você gosta dela?] *Sim.*

17- [Do que mais ela te faz lembrar?] *Ah, só...* (Pausa).

18- [Esta árvore, ela é saudável?] *Sim.*

19- [O que dá a impressão?] *É o... é o... o tronco e as folhas dela.* [Como são o tronco e as folhas?] *O tronco é meio escuro, sem estar nada descascado. E as folhas, é... não tem nenhuma doença.*

20- [Ela é forte?] *Sim.*

21- [O que dá a impressão?] *As raízes.*

22- [Como são as raízes?] *São grandes e grossas.*

23- [E de quem essa árvore faz você lembrar?] *Ah, eu acho que é só da Laura.* [Mais algum familiar?] *Não.* [Você falou da sua avó também, mãe do seu pai?[*É, sobre a família me lembrou, porque... assim, me lembrou na hora que eu fiz a árvore que é tipo um gráfico que eles põem os familiares, sabe?* Ah sei. *Aí eu lembrei da minha avó por parte de pai.*

24- [E do que esta árvore mais precisa?] *De água e de adubo.* [Por quê?] *Porque... assim, o sol já está aí, então ela precisa de água, porque nós não sabemos quando chove, então ela precisa de água e adubo, porque assim... adubo... ela não vai saber se tem adubo...* [Aham, alguém precisa ir lá colocar?] *É.*

25- [Alguém já machucou essa árvore?] *Não.*

[Quer falar mais alguma coisa dela?] *Não.*

Interpretação

O desenho da árvore de Beatriz chama a atenção pelo seu tamanho demasiado grande, e pelos galhos vindos do tronco, grossos. O desenho ocupa quase todo o espaço disponível do papel e a copa da árvore é cortada pela margem superior. Isto revela sentimento de frustração e sufocamento em relação ao ambiente, contra os quais ela tenta se defender por medo de expansão para compensar a inferioridade. O desenho dos galhos voltados para dentro revela fortes tendências ruminativas, o que indica a dificuldade de expansão da criatividade e da capacidade de ação pelo ambiente, conduzindo-a a interiorizar seus sentimentos e voltar as pulsões para si mesma.

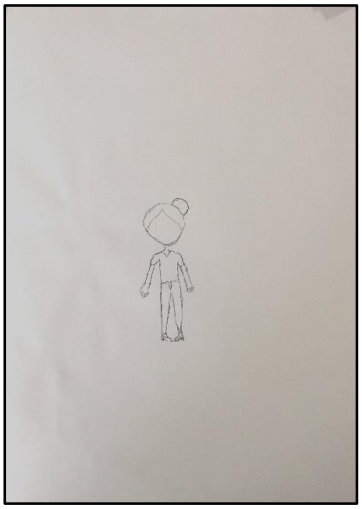
O traçado fraco, assim como no primeiro desenho, mostra que Beatriz possui sentido de realidade relativamente preservado, porém falta solidez egoica (ausência de solo e raízes não fixas). Há ainda uma hipertrofia dos processos mentais e das fantasias que permanecem voltadas para si própria, sem possibilidade de expansão (copa grande com galhos voltados para dentro). Estas características do desenho sugerem a possibilidade de um sofrimento de natureza depressiva, que não é abertamente manifesto, mas permanece encoberto.

Beatriz mostra a necessidade de uma figura materna forte que a ajude a fazer frente a esse sofrimento; sua sensação é a de que o atendimento às suas necessidades depende do acaso e ela está sujeita à instabilidade e às falhas do ambiente (falta de água e de adubo). Essa figura é representada pela avó falecida e as amigas. Ela parece estar lutando para manter este objeto vivo dentro de si e dispor das condições mínimas para manter operante a capacidade para a transicionalidade. Contudo, a idealização intensa dessa figura sugere compensação e negação da própria fragilidade.

Parece haver uma ideia, transmitida entre as gerações, de que as mulheres da família precisam se mostrar fortes, mesmo quando não se sentem assim. Essa força, entretanto, é apenas aparente (a árvore está viva porque não descasca), sugerindo o recurso ao falso *self*. Assim, tudo estaria bem se parecesse bem, de modo a esconder do outro e de si mesma sua fragilidade e impotência, derivada da falta de um ambiente suficientemente bom.

6.2.3.3 Desenho da Pessoa

Figura 7 - Desenho da pessoa de Beatriz



Inquérito

[E essa pessoa, o que você pensa dela?] *Hum... bonita e guerreira.* [O que te faz pensar que ela é bonita e guerreira?] *Ah não sei* (Pausa). [Vou fazer umas perguntas sobre ela então, tá bom?] *Tá.*

1- [É um homem ou uma mulher?] *Mulher.*

2- [Quantos anos?] *40.*

3- [Quem é ela?] *Hum... minha mãe.*

4- [Em que você estava pensando enquanto estava desenhando?] *Hum... em quanto ela é guerreira.*

5- [O que ela está fazendo?] *Ela está andando comigo, passeando comigo.* [Aonde?] *No centro.* [Aonde vocês vão quando vão no centro?] *A gente passa nas lojas e vê sapato, roupa, minha mãe vê pra ela também.* [E como é o passeio?] *Ah minha mãe olha os preços das coisas, trabalha e depois vê de comprar.* [Entendi.]

6- [O que essa pessoa está pensando?] *No meu bem.*

7- [Como ela se sente?] *Hum... triste.* [Por que você acha?] *Porque... ela... não pode fazer várias coisas.* [Tipo o quê?] *Ela não pode comprar as coisas pra ela porque ela está sem dinheiro, não pode... ela não consegue emagrecer e só...* [Você acha que isso tudo deixa ela triste?] *Sim.*

8- [Em que essa pessoa faz você pensar ou lembrar?] *Hum...* (pausa) *nada.* [Nada?] *Nada.*

9- [Você acha que ela está bem?] *Mais ou menos.*

10- [O que dá essa impressão?] *Porque... ah... não sei... (pausa).*

11- [Ela está feliz?] *No momento, sim.*

12- [O que dá essa impressão?] *Porque... ela está de salto, está arrumada.* [Hum, ela está bonita]. *Sim.*

13- [Que roupa ela está vestindo?] *Ela está com uma calça jeans, scarpin e uma blusa.*

14- [Você acha que a maioria das pessoas é assim?] *Não.* [Por quê?] *Porque assim... cada pessoa é diferente da outra, cada uma tem a sua vida diferente da outra.* [Passa por coisas diferentes?] *Aham.*

15- [Você acha que gostaria dessa pessoa?] *Sim.* [Por quê?] *Porque ela seria uma pessoa boa.*

16- [E o tempo como está?] *Está um tempo feliz, está sol.*

17- [De quem essa pessoa faz você lembrar?] *Da minha mãe.* [Por quê?] *Porque minha mãe usa coque e scarpin também.*

18- [E de que essa pessoa mais precisa?] *De carinho.*

19- [Você acha que alguém já machucou essa pessoa?] *Sim.* [Como?] *Nos sentimentos.*

Interpretação

O desenho da pessoa chama a atenção primeiramente pela ausência de detalhes faciais, considerado bastante preocupante e indicador de uma intensa negação da realidade. Ela identifica a pessoa de sua mãe, mas, ao mesmo tempo são observadas características simultâneas de ambas neste desenho.

Assim como a copa grande do desenho da árvore, a cabeça desproporcionalmente maior mostra o intenso sofrimento mental e o predomínio da área do fantasiar de Beatriz. O corpo é vivido como frágil, porém é essencial para alojar uma conduta defensiva maníaca: cuidar do aspecto externo, o que sinalizaria para ela e para a mãe que o mundo interno está bem e em ordem. Tal conduta dissociativa impede Beatriz de integrar as fantasias e desejos com os recursos secundários que dispõe; estes últimos não podem amadurecer em virtude do mecanismo da negação da realidade (ausência dos traços faciais) que acompanha a menina. Consequentemente, há dificuldades no domínio das pulsões, no caso uma hipercompensação por meio dos recursos racionais, restringindo-as ao máximo possível (pescoço fino e pequeno).

Há uma valorização intensa da aparência para Beatriz. O cuidado com a aparência a protege de entrar em contato com angústias mais profundas, escondendo a fragilidade, surgindo mais uma vez a presença do expediente defensivo do falso *self*. O bem estar e a felicidade estão vinculados à boa aparência e a roupas bonitas (a mãe está feliz porque está de salto e bem arrumada).

Encontrar uma figura guerreira e forte é algo urgente para Beatriz, assim como o desenho da árvore também sinalizou. Existe o desejo de ter uma mãe guerreira, mas que não corresponde à realidade dos fatos, visto que esta, na realidade, aparece como deprimida e com poucos recursos. Desse modo, Beatriz precisa ser, ela própria, guerreira. Assim, urge tornar-se adulta rapidamente para cuidar da mãe fragilizada.

É importante assinalar a representação do zíper da calça, que produz a imagem simbolizada de um pênis. Esta característica é comum em desenhos de crianças abusadas, assim como os pés para dentro, indicando as pernas juntas e pressionadas (Buck, 2003). Apesar de nada ter sido mencionado a respeito do abuso sofrido por Beatriz, estes aspectos do desenho mostram o quanto esta experiência está, de alguma forma, viva em sua mente.

Em síntese, os resultados da aplicação do HTP em Beatriz revelaram a ausência de um ambiente que lhe favoreça a expansão da criatividade e do viver espontâneo, como uma criança; ao contrário, este lhe exigiu uma maturidade emocional que coíbe suas manifestações infantis. Nesse sentido, seu principal conflito está em manejar os desejos infantis frente à exigência do ambiente de que ela assuma responsabilidades de adulto, o que lhe gera uma grande frustração, especialmente em virtude da fragilidade da mãe. Esta realidade lhe ocasiona uma grande necessidade de proteção e resulta na interiorização de sentimentos e na hipertrofia da área das fantasias, os quais precisam ser compensados pelo cuidado e valorização da aparência – a insuficiência do domínio das pulsões é hipercompensada pela primazia dos recursos racionais, logo, é estabelecido um falso *self*. Diante disso, a garota não confia no mundo externo e experimenta um intenso sentimento de sufocamento e solidão, dando indícios de um sofrimento de origem depressiva.

6.2.4 Procedimento de Desenhos-Estórias

Beatriz chegou ao último encontro assim como no primeiro, bem arrumada e maquiada, porém parecia desanimada, um pouco triste. Começou a conversar comigo antes de iniciarmos o Procedimento de Desenhos-Estórias.

[E aí, Beatriz, como estão as coisas?] *Ah, está um pouco chato.* [Está chato?] *É, porque, agora as minhas amigas não estão descendo mais, né? E a maioria das minhas amigas não está descendo mais, porque a maioria estuda de tarde. Eu sou a... eu e mais outra amiga, somos as únicas que estudam de manhã, só que essa outra amiga minha, ela... chega da escola e ela já sai com a mãe dela, ela e a mãe dela... sai pra... não sei pra onde. Aí eu fico sozinha, né? Fica só eu e minha mãe em casa e minha mãe deita pra dormir um pouco, e aí*

eu faço as minhas obrigações e aí fico sem nada pra fazer. Aí é chato. [Entendi. E você não está tendo como descer pra brincar, conversar?] *É, porque minhas amigas não estão descendo mais, porque... lá só tem três meninas, uma, eu não gosto muito dela, eu não gosto de chamar muito ela porque ela é meio chatinha.* [Sei.] *Aí a outra, é essa que sai, ela volta muito tarde, e a terceira, que é a Luiza, ela não está podendo descer mais porque ela está estudando muito, pra prova, essas coisas... aí eu não estou descendo mais. Aí eu tenho que ficar em casa sem ter o que fazer.* [É chato mesmo, eu imagino...] *É, é muito chato. Aí se eu vou brincar com o Tor, ele me arranha toda, todinha, se eu for brincar com ele. Aí não tem como brincar com ele, porque ele só sabe arranhar...* [Então você está sem companhia...] *É...*

Análise da narrativa

A tristeza de Beatriz começa a ser explicada pelo lamento por não poder brincar. As interdições ocorrem pela falta das amigas, pelo gato que arranha e pela mãe dorme, o que não facilita a criação de um espaço de expressão pessoal para a filha. Com isso, a criatividade não encontra eco no ambiente. Ao contrário disso, Beatriz cumpre com as obrigações da casa e fica sozinha. A falta de companhia faz com que ela desenvolva um profundo sentimento de solidão para lidar e ultrapassar as dificuldades que vive, pois as amigas parecem ser a sua única fonte de apoio.

6.2.4.1 Primeira Unidade de Produção (UP)

Figura 8 - Primeira UP de Beatriz

História

[Beatriz, eu queria pedir que você, olhando para o seu desenho, que você contasse uma história.] *Uma história?* [É.] *Como assim?* [Bom, você pode contar uma história qualquer, a partir do seu desenho. Você pode começar, por exemplo, contando o que você fez.] E*u fiz*

uma casa, uma casinha de cachorro, dois potinhos, um de água e... de ração... um gato, um cachorro e a menininha e uma árvore... e... é... eu fiz a menininha feliz porque ela está com o gatinho dela e o cachorro dela. [Aham...] *E aí a mãe dela está aqui dentro da casa, a mãe dela e a irmã dela. E ela está brincando com o cachorro dela, porque o gato, ele não brinca, ele fica só olhando.* [É o cachorrinho que brinca?] *É.* [E onde elas moram?] *Hum... em uma casa... que ela tem um quintal bem grande. E... é perto da cidade. É uma casa, que é em um bairro, um bairro bonito, que tem um quintal muito grandão.* [E essa menininha gosta do quintal?] *Gosta.* [O que ela mais gosta desse quintal?] *Hum... da árvore... porque... quando ela está... assim, está... muito calor, ela pode sentar na sombra da árvore e ler um livro.* [A árvore protege?] *Uhum.* [E ela gosta desse cachorrinho?] *Ela gosta.* [O que ele faz que ela gosta?] *Ele busca a bolinha, ele senta, ele brinca bastante... ele gosta de correr.* [E é com ele que ela brinca?] *Uhum.* [E o gatinho?] *O gatinho... ele fica andando pela casa ou pelo quintal...* [Ele não brinca?] *Não, ele não gosta de brincar.* [E a mãe e a irmã dessa menininha?] *Elas estão aqui dentro, assistindo TV.* [E como elas estão?] *Feliz. Sentadas no sofá.* [E a menininha, como ela está?] *Ela está... em pé, brincando no quintal... e ela está feliz também.* [Por que ela está feliz?] *Porque ela está brincando com o cachorro.* [Ele está fazendo companhia pra ela...] *Uhum.* [Tem mais alguma coisa que você quer falar sobre o seu desenho?] *Não.* [Então agora eu quero pedir pra você colocar um título no seu desenho.] *Um título?* [Sim.] *Hum... é... "Tarde feliz".*

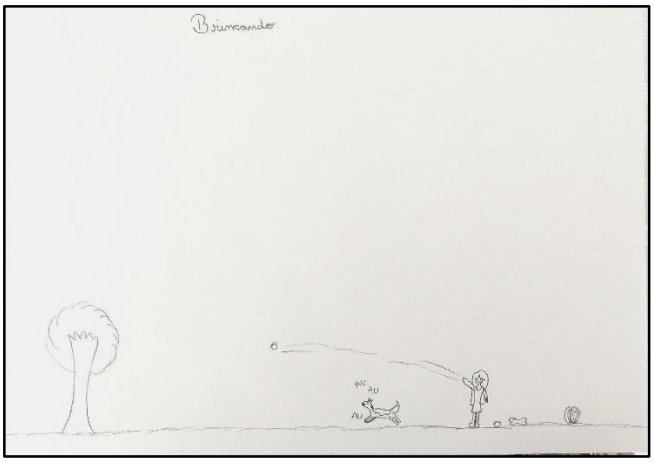
Interpretação

Logo após receber as instruções do desenho, Beatriz pede o lápis grafite, que estava misturado com os lápis coloridos. A decisão de não colorir o desenho mostra a dificuldade de integração dos afetos que parecem sofrer um processo rigoroso de repressão. A produção no D-E, principalmente a história, revela mais o desejo de dispor de um ambiente familiar vibrante e acolhedor do que aquele referente à realidade da sua condição. A casa desenhada tem o quintal (um espaço transicional: está dentro e fora da casa ao mesmo tempo), onde pode brincar com o cachorro e o gato, que não dorme. Sua mãe, que também não está dormindo, e irmã, estão felizes assistindo televisão. Em suma, a produção mostra o oposto da realidade da sua vida, em que ela não dispõe de espaço para a expressão dos fenômenos transicionais, particularmente do brincar. Beatriz luta para manter este espaço e lamenta muito a perda da infância, das fantasias e da possibilidade da expressão criativa que se encontra em risco de desaparecer por falta de ressonância ambiental. Em outras palavras, ela busca recuperar este espaço, porém enfrenta dificuldades para consegui-lo, pois seus esforços são barrados pelo

ambiente não facilitador. Isto a faz se sentir desconfiada do contato com o mundo exterior (o telhado ultrapassa as paredes e as janelas são cobertas pela cortina) e reduz o espaço para a manifestação dos afetos.

6.2.4.2 Segunda Unidade de Produção

Figura 9 - Segunda UP de Beatriz



História

Aqui a menininha tinha acabado de voltar da escola e o cachorrinho pulou nela, ela pegou a bolinha e tacou pra ele brincar. [Ah, eles estão brincando?] *Estão.* [Logo que ela chegou da escola?] *Aham.* [Onde eles estão?] *No quintal.* (Pausa longa). [E o que mais ela está fazendo?] *Ela... só isso... está... acho que só isso.* [Ela está...?] *Está feliz.* [E o cachorrinho, como está?] *Ele está feliz também* (sorrindo). [É? Por que você acha que ele está feliz?] *Porque ela chegou.* [Ele gosta de estar com ela...] *Uhum...* [Ele não gosta de ficar sozinho...] Afirma com a cabeça, meio cabisbaixa (pausa). [Que título você daria para o seu desenho?] *Hum... "Brincando".*

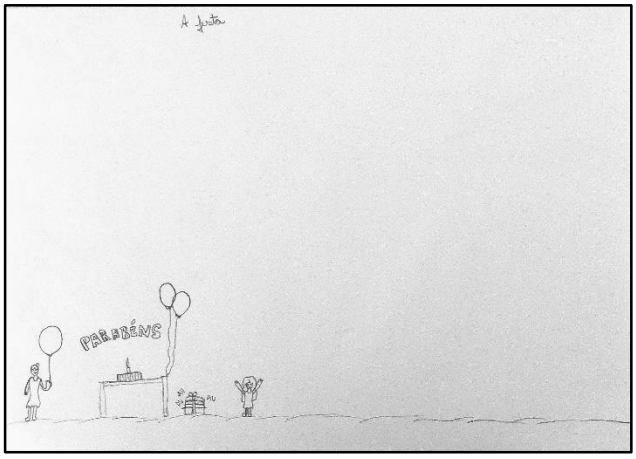
Interpretação

Beatriz dá continuidade à temática expressa na primeira UP, mostrando a brincadeira, na companhia do cachorro. Porém, no momento do inquérito ela fica mais reclusa em si mesma, mais pensativa e triste, fornecendo respostas mais curtas, sem dar muita abertura para aprofundar o assunto. Esta atitude parece ser reflexo da frustração pela ausência de condições que lhe proporcionariam liberdade e felicidade, pela fragilidade da mãe, que não consegue enxergar suas necessidades por encontrar-se submersa nos próprios sofrimentos. Ela mostra o desejo de encontrar uma presença viva, que a acolha bem e lhe dê as boas-vindas quando ela chega, que sustente a área da transicionalidade. Sua necessidade é de alguém que promova um

encontro genuíno consigo, possibilitando-lhe manter a criatividade infantil. A alternativa encontrada, então, para a falta de companhia, é a presença de um cachorro.

6.2.4.3 Terceira Unidade de Produção

Figura 10 - Terceira UP de Beatriz



História

Aqui é um aniversário, está a mãe e ela. E os outros convidados... eles vão chegar ainda... e a mãe dela fez a festa pra ela, e a mãe dela está com balão na mão e aqui tem vários balões, aqui está escrito "Parabéns" e aqui tem o bolo, e aí a mãe dela deu um presente pra ela. [Qual foi o presente?] *Ela queria um cachorrinho e aí a mãe dela deu pra ela o cachorrinho, de presente de aniversário.* [O aniversário é dela?] *Aham.* [Era o que ela queria ganhar?] *Era.* [E a mãe, então, deu...] *É, a mãe deu o cachorro pra ela.* [E como está sendo essa festa?] *Está... feliz, está legal.* [Quem mais está aí?] *Ela... aí a mãe dela convidou a irmã dela que vai vim do trabalho... a outra irmã dela e... o cunhado dela, que é o marido da irmã dela, e a sobrinha dela. E umas três amigas dela.* [E ela está feliz?] *Está* (triste). (Pausa). [Tem alguma coisa que está preocupando ela?] *Não.* [Quando foi essa festa? Ou vai ser?] *Foi... no dia do aniversário dela.* (Pausa longa). (Ela olha para baixo, está triste). [Está tudo bem?] (Começa a chorar). (Pausa). (Eu pego um lenço e entrego para ela). *Obrigada.* [Por que você está chorando?] *Porque... às vezes me dá vontade de chorar e eu queria ganhar um cachorrinho para me fazer companhia.* (Fala rápido e chorando mais). *É ruim ficar sozinha...* (Chora). [Você pode chorar... é muito ruim ficar sozinha mesmo.] (Pausa). (Ela continua chorando). [O que sua mãe fala do cachorrinho quando você pede?] *Ela fala que não pode, ela não deixa eu ter um cachorrinho* (soluçando). (Pausa). (Ela vai parando de chorar). [E o gatinho que você tem na sua casa, ele está te arranhando?] *É, ele não sabe brincar, ele não gosta.* (Pausa longa). (Ela para de chorar). [Que título você daria para o seu desenho?] *"A festa".*

Interpretação

Beatriz fica bastante mobilizada com a realização desta UP, ao entrar em contato com sua dor mais intimamente, e o sentimento gerado em mim é de tristeza também, especialmente por sentir uma escassez de possibilidades de esta situação reverter. Sua dor está vinculada à solidão, ocasionada principalmente por ter uma mãe que não consegue estar junto com ela, apoiá-la, protegê-la, atender suas necessidades e legitimar seus desejos. Ela vê a mãe como incapaz de promover o espaço da ilusão, geradora da esperança, e de não manter uma relação genuína com ela. Essa situação, acrescida à distância das irmãs e ao desaparecimento contínuo da chance de se relacionar com as amigas, somente lhe deixa como alternativa buscar a companhia de um animal de estimação suficientemente bom, mas isto também é negado pela mãe. O resultado é uma profunda frustração e a repressão de seus sentimentos, particularmente do seu ódio contra a mãe, a fim de não contribuir para desintegrar ainda mais a genitora, que se encontra demasiado fragilizada. Com isso, Beatriz não pode mostrar sua fragilidade para o ambiente, pois este não suportaria mais sofrimento.

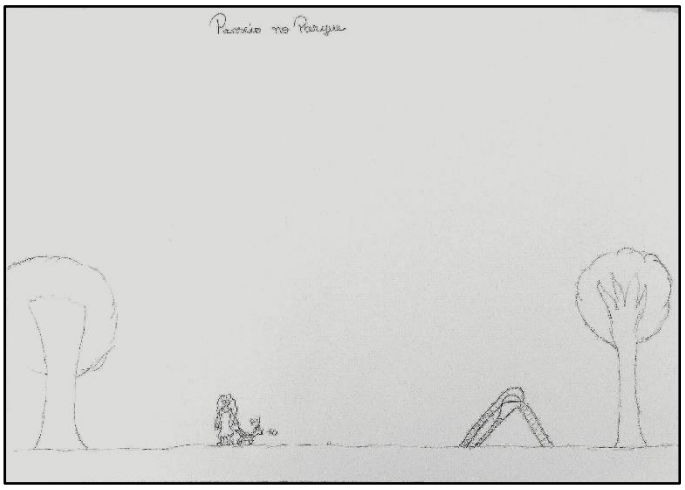
6.2.4.4 Quarta Unidade de Produção

Antes de solicitar o próximo desenho, tento conversar um pouco mais com Beatriz e acolhê-la:

[Vocês estão passando por um momento muito difícil, né, Beatriz, de muita coisa acontecendo de uma vez.] *É*... [E às vezes o que a gente queria era uma companhia mesmo, pra poder brincar um pouquinho...] *É, pra poder distrair a cabeça*... (chorosa) [É... Você sente que está precisando distrair a cabeça?] (Não responde). [Você está preocupada?] *Hum... não.*

Quando tento conversar um pouco mais sobre o que ela expressou na história, Beatriz se retrai e não dá abertura para falar mais sobre o assunto, reprimindo a dor rapidamente, sinalizando que não quer aprofundar a conversa. Do mesmo modo que é insegura em relação ao seu ambiente, ela também estava desconfiada de que ali poderia não encontrar acolhimento para as suas necessidades. Logo, ao entrar em contato com seu sofrimento, ela precisa inibi-lo rapidamente e mostrar-se forte de imediato.

Figura 11 - Quarta UP de Beatriz



História

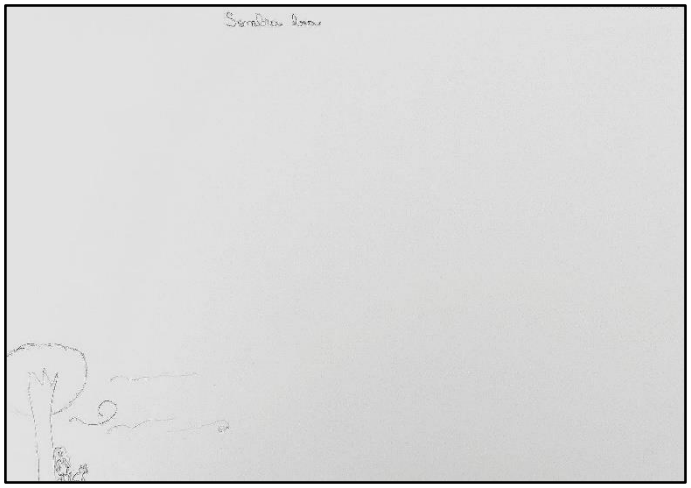
Aqui é um escorregador e duas árvores. Ela foi no parque passear com o cachorrinho dela. [Aham...] *Ela brincou e depois que ela passeou com o cachorrinho um pouco, ela sentou debaixo da árvore e ficou com ele.* [Ela gosta de ficar debaixo da árvore?] *Uhum...* [O que mais ela gosta de fazer além de brincar com o cachorrinho?] *Ela gosta de ficar em casa com ele.* [Sei, eles vão, passeiam...] *Ela passeia com ele todo dia, na hora que ela chega da escola, ela arruma a casa e passeia com ele.* [Sei...] (Pausa). [E que título você daria para o seu desenho?] *Hum... "Passeio no parque".*

Interpretação

Após a mobilização emocional da UP anterior, Beatriz se mostrou novamente reclusa em seu próprio mundo interno, tentando transmitir uma imagem de que tudo estava bem. Contratransferencialmente, meu sentimento foi de que há muitas coisas dentro dela as quais não consegue nomear, parecendo que está prestes a explodir a qualquer momento. A aproximação do seu sofrimento emocional parece aterrorizá-la, daí a necessidade urgente de se recompor e voltar ao seu lugar de "mulher forte e guerreira". A ideia de fortaleza e garra pode ser vista como expressão de um falso *self* que ela precisa manter para conseguir viver em um ambiente que lhe exige um excesso de maturidade emocional e lhe gera sofrimento. Ao mesmo tempo, ela percebe que há algo errado e que existem emoções distintas e entrelaçadas dentro dela que lhe fazem muito mal, porém a necessidade de cuidar da mãe a obriga a negligenciá-las e sufocá-las. Beatriz está tentando ser a figura materna forte que deseja para poder "maternar" sua mãe e, por isso, precisa compensar a fragilidade e impotência dela mesma.

6.2.4.5 Quinta Unidade de Produção

Figura 12 - Quinta UP de Beatriz



História

Aqui ela está sentada debaixo de uma árvore, com o cachorrinho dela e está um vento gostoso. [Está gostoso? O vento está forte?] *Mais ou menos.* [O que eles estão fazendo?] *Ela está sentada com ele.* [O que ela está pensando?] *Ela está pensando... em alguma coisa que eles podem brincar.* [E o que será?] *Ela está pensando em jogar a bolinha ou levar ele no parque de novo.* [Aham, enquanto isso ela está pensando... e tem mais alguém com eles?] *Não, só os dois.* [E a família dela?] *A mãe dela... o parque é perto da casa dela, então a mãe dela está esperando... a mãe dela deixou ela ir com o cachorro.* [E a mãe dela ficou na casa?] *Ficou.* [E ela fica feliz quando sai de casa?] *Fica.* [O que mais ela sente quando sai de casa?] *Ela fica feliz e... ela fica... feliz.* [E quando ela está em casa?] *Quando ela está em casa ela fica entediada.* [Por quê?] *Porque não tem nada pra fazer.* [Uhum... E tem mais alguma coisa passando na cabeça dela?] *Hum... fome.* [Fome?] (risos – estava próximo ao horário do almoço). *Aham.* [Que título você daria para o seu desenho?] *Hum... "Sombra boa".* [Você acha que essa sombra ajuda ela a pensar?] *Aham.* [O que ela pensa?] *Em coisas boas.* [E o que seriam essas coisas boas?] *É... vamos ver... podia ser... ir pra escola... passear com a mãe dela... ir no cinema com a irmã dela no final de semana... e passear com o cachorro dela.* [Está bem então.]

Interpretação

A última UP mostra o quanto Beatriz ficou mobilizada durante o Procedimento de Desenhos-Estórias, buscando tranquilizar-se sob o abrigo da sombra da árvore. Ela parece ter tomado um pouco mais de consciência de sua própria vulnerabilidade, impotência, solidão e angústia, buscando consolo perto de seu cachorro, objeto bom. O desenho pequeno e no canto

da folha mostra a falta de espaço que tem para entrar em contato com estes sentimentos, precisando restringi-los cada vez mais. Estar na sombra promove a sensação de aconchego, conforto e proteção, que no momento ela precisa oferecer a ela própria. Beatriz entrou mais em contato consigo mesma nesse encontro, um contato afetivo genuíno que tem com muito pouca frequência e lhe faz falta.

Em suma, o conjunto das UP de Beatriz evidencia seu intenso sofrimento em virtude da falta de um ambiente familiar acolhedor e vibrante. Sua impressão é que no ambiente em que vive não existe nenhuma figura viva e capaz de auxiliá-la em seu desenvolvimento e de protegê-la. O resultado disso é um sentimento de profundo desamparo e solidão e o desenvolvimento de um falso *self*, identificado pela valorização da boa aparência e da ideia sustentada por ela de precisar ser uma mulher forte e guerreira, capaz de ser suficientemente boa para ela e para a mãe, que se encontra demasiado fragilizada e impotente. Nesse sentido, Beatriz não consegue expandir a área da transicionalidade e usufruir dos fenômenos inerentes a ela, o que seria necessário para ajudá-la a vivenciar a adolescência e a transitar da vida infantil para a vida adulta. Enfim, a garota vive uma intensa frustração pela ausência de condições que lhe proporcionariam a liberdade de ser e agir de modo genuíno e espontâneo.

6.3 Marina

6.3.1 Entrevista semidirigida

Marina, 27 anos, é mãe de Eduarda, de 7 anos. Ela trabalha atualmente como vendedora de sapatos, possui Ensino Médio completo, é casada. Seu marido, pai de Eduarda, é técnico de ar condicionado, mas no momento não está trabalhando; ele cursou até o Ensino Fundamental. Os três moram juntos na casa e não há mais filhos. Marina e Eduarda iniciaram os atendimentos no SEAVIDAS no mesmo período que Joana e Beatriz, logo após a descoberta do abuso sofrido pelas duas crianças (Eduarda e Beatriz). Marina participa de um grupo de mães que tiveram as filhas violentadas e Eduarda faz acompanhamento individual no serviço.

No primeiro contato pessoal com Marina, ela se apresentou defensiva e resistente durante toda a conversa. Sua aparência era bastante triste e desanimada; parecia desiludida com a vida. A psicóloga do SEAVIDAS havia me dito que ela se mostrou um pouco desconfiada de sua participação na pesquisa e receosa de que eu falaria diretamente sobre o abuso com a filha. Eu expliquei a ela os objetivos da pesquisa e disse que nada seria feito a

contragosto de ambas, e que teria a liberdade de me dizer, caso não quisesse prosseguir. Ela assentiu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Na entrevista, Marina relatou que Eduarda tem o sono agitado e dorme com ela na cama do casal; desde que nasceu, a filha dorme no quarto dos pais. O marido dorme em outra cama, pois eles vivem juntos, mas estão separados de fato há três anos. Segundo ela, ainda moram juntos devido à Eduarda, que é muito apegada ao pai e por isso vai sofrer muito se ele sair de casa. Marina e o marido conversam apenas o básico e necessário, e raramente saem juntos. Ela relata que os dois precisam resolver essa situação logo se separando de vez, mas isso é muito difícil, pois sente que Eduarda os prende juntos, especialmente agora, após a descoberta do abuso. Ainda em relação ao sono da filha, Marina diz que ela tem poucos pesadelos: às vezes sonha que há um monstro a pegando, ou espírito. A filha teve enurese duas vezes quando tinha por volta de 5 anos, pois tinha medo de levantar à noite para ir ao banheiro; a mãe diz que talvez seja por causa do abuso que já vinha sofrendo. Ela aproveita para falar sobre si: há cerca de três meses não dorme direito, passando toda a noite acordada; na semana anterior, ficou quatro noites sem dormir, dizendo estar preocupada. Quando pergunto o que a preocupa, ela diz que é Eduarda e esta situação com o marido.

Sobre a saúde da filha, Marina relata que Eduarda é uma menina saudável, mas às vezes tem rinite e bronquite. Em alguns momentos, queixa-se de tontura e enjoo e dores de cabeça; por isso, a mãe havia marcado uma consulta com oftalmologista para verificar a visão da filha. Em relação à rotina alimentar, Eduarda toma café da manhã em casa, almoça na escola e à noite janta em casa; o pai é quem cozinha, pois passa mais tempo em casa. Há períodos em que a filha não quer comer, diz lhe faltar o apetite; atualmente está comendo muito, adora bolachas e salgadinhos.

Eduarda costuma ter horários regulares para as refeições e sono, porém ela só vai dormir quando os pais também vão. Ela estuda no período da manhã e não faz atividades extraescolares; no período fora da escola, a filha fica com o pai e costuma assistir televisão, desenhar, brincar, apesar de não ter outras crianças para lhe fazer companhia. Aos finais de semana, eles costumam ficar em casa.

Em relação ao abuso sexual, Eduarda foi vítima da violência por parte do marido da avó materna, o mesmo abusador de Beatriz. Quando a filha tinha 3 anos de idade, enquanto Marina lhe dava banho, reparou que a menina estava um pouco sonolenta, com dor e com a vagina vermelha. Ao lhe perguntar se havia acontecido alguma coisa, Eduarda contou que o avô havia “mexido nela” (sic). Marina foi conversar com a mãe, Joana, e esta lhe disse que isso não havia acontecido, pois os dois praticamente não ficavam sozinhos juntos. Marina

acabou acreditando na mãe e deixaram esta história de lado[13]. A descoberta do abuso de Eduarda aconteceu concomitantemente à descoberta do abuso de Beatriz[14]. Esta relatou a violência com ambas, pois se encontrava bastante preocupada com a sobrinha. Marina ficou em choque quando descobriu o abuso, disse que é algo que as pessoas pensam acontecer somente com os outros e que ninguém está preparado para receber esta notícia. Diz sempre ter cuidado muito da filha e que a alertava para não deixar ninguém fazer nada com ela. Marina e Eduarda não mantêm mais nenhum contato com o abusador.

Hoje, Marina diz que a filha está bem, apenas um pouco rebelde e "respondona" (sic); a relação elas é boa, porém acha que Eduarda gosta mais do pai, pois "tudo é o pai" (sic). Continua dizendo que ela (Marina), é mais brava, enquanto o pai é mais permissivo. Às vezes ela dá alguma ordem à filha e o pai, por dó, acaba desfazendo o que ela ordenou, mas não sente que ele faz isso para desautorizá-la. Ela acredita que pode ser por isso também que a filha é mais apegada ao pai.

Eduarda tem amigos, na escola e no prédio da avó, mas não costuma sair com eles, sem a família. Ela prefere ter companhia para brincar a brincar sozinha, mas isso não acontece muito. Ela é uma criança agitada e de gênio muito forte, segundo Marina. Suas brincadeiras são agitadas, como pular e correr. Em relação às frustrações, Eduarda é segura, forte, não se deixa abater com facilidade e a mãe diz não ter notado comportamentos diferentes devido ao abuso, com exceção de uma rispidez dirigida ao "avô" abusador. No que diz respeito à sexualidade, a filha não gosta muito de paquera e diz que vai namorar aos 18 anos, pois foi o que o pai lhe disse; ela nunca teve orientação sexual.

Ao final da entrevista, Marina estava um pouco mais à vontade e eu perguntei sobre a história do relacionamento dela e do marido. Ela contou que eles têm 10 anos de diferença de idade e que começaram a namorar quando ela tinha 14 anos e ele, 24. Namoraram por 7 anos e ela engravidou. Foi um período difícil, pois ele não queria aceitar a gravidez, o que abalou o relacionamento, que já não era muito positivo. Ele não falava direito com ela, reclamava muito, não gostava de sair junto com ela, nunca foi de lhe dar muita atenção. Eles foram morar juntos somente quando a filha tinha 2 anos e nesse período ficaram dois anos morando com a mãe dele, depois mudaram para a casa que estão hoje e vivem deste modo há três anos.

Análise da entrevista com Marina

[13] Este relato de Marina sugere que o abuso de Eduarda aconteceu durante muitos anos.
[14] A psicóloga do serviço informou que Beatriz presenciava os abusos de Eduarda.

Marina se mostrou bastante resistente no início do encontro, apresentou-se bastante quieta e cabisbaixa. Ela não quis se estender em suas respostas à entrevista, dizendo apenas o necessário às perguntas, o que fez com que eu não me sentisse à vontade para aprofundar determinadas questões. Em virtude disso, não foi possível obter informações detalhadas sobre elas e sua dinâmica familiar neste primeiro momento. Apenas ao final ela pareceu um pouco mais tranquila em estar ali, oferecendo informações mais espontaneamente.

Logo no início, Marina expõe uma situação que lhe incomoda bastante: o relacionamento ambivalente com o marido. Ela diz que estão separados, dormem separados, porém continuam vivendo juntos a fim de evitar um sofrimento maior da filha e prevenir um prejuízo no seu desenvolvimento em virtude de uma ausência paterna. Esta postura de ambivalência (estar e não estar, ser e não ser, sentir e não sentir) aparece em outras situações da vida de Marina descritas por ela em outros momentos. A manutenção da relação conjugal tem como justificativa manifesta a filha, porém o significado latente parece remeter a uma dependência emocional do marido, que impede uma separação.

Esta dependência em relação ao cônjuge sugere que Marina sente um grande desamparo e, em virtude disso, busca alguém para lhe proteger, pois sabe que não tem outra pessoa com quem contar, já que a mãe se encontra muito fragilizada. Esta figura de proteção parece estar situada na figura do marido, alguém que ela considera ter condições de cuidar dela e da filha, haja vista que é ele quem passa o dia em casa, ocupando-se dos afazeres domésticos e exercendo funções maternas (de acordo com suas condições) de ambos os cônjuges enquanto ela trabalha. Marina sente que sozinha teria grandes dificuldades de criar Eduarda e de cuidar de si mesma.

Além desta relação de dependência do marido, a impossibilidade de separação parece ainda repousar no medo de que a filha repita a sua história, caracterizada pela ausência da figura paterna[15] e, em decorrência disto, sofra com a falta de alguém que ocupasse este lugar.

Marina também mostra desconfiança em relação aos homens, que parece estar relacionada à dúvida que tem sobre si mesma em relação à sua capacidade de manter uma relação amorosa. Essa desconfiança pode estar relacionada inclusive à sua própria vivência de abuso, no sentido de se questionar se é possível confiar de fato em uma figura masculina. A descoberta do abuso de Marina foi traumática[16] e por isso negada e reprimida durante muito tempo. Agora, com a confirmação do abuso de Eduarda, toda a sua própria vivência vem à tona, o que a desespera. Assim, o trauma do abuso sofrido por Marina parece ter impactado

[15] A relação de Marina com o pai vai ficar mais clara nos próximos encontros.
[16] Esta ideia será discorrida com o decorrer das análises.

sua vida sexual, a qual não existe com o marido, e comprometido também a percepção do que estava havendo com a filha, a despeito dos indícios de que a menina passava pela mesma experiência.

A descoberta do abuso vivido pela filha desmonta então a sua estrutura defensiva relacionada a esta questão e a obriga a se deparar com a sua própria vivência, com o seu sofrimento e as consequências que isto lhe gerou e ainda gera. Como a possibilidade de abuso da filha era um fantasma que a perturbava, consciente e inconscientemente, surge um sentimento de culpa por não ter sido capaz de evitá-lo e, com isso, a sensação de ter falhado em sua proteção como mãe. Por isso, precisa da ajuda de alguém, em sua opinião "mais qualificado" para exercer as funções de proteção no cuidado da filha. Marina se vê, então, precisando cuidar da filha fragilizada e também da criança fragilizada que existe em si mesma. Em outras palavras, o desamparo que sente agora faz com que ela se desespere em encontrar alguém com quem possa contar, e, para ela, a única pessoa que pode lhe oferecer um mínimo de cuidado e proteção é o marido, logo, separar-se dele se torna inviável.

6.3.2 Obra de arte "Maternal Kiss"

Assim como no primeiro encontro, Marina chega neste dia tímida e defensiva, porém com a diferença de estar um pouco mais confortável comigo, parecia ligeiramente tranquila. Ela ainda passa a sensação de estar bastante triste e desanimada, dando indícios de que pode mesmo haver uma patologia depressiva instalada.

[Então, Marina, hoje eu queria pedir que você olhasse para essa figura, que é a foto de um quadro, e que você dissesse, olhando para ele, como você pensa e se sente sendo mãe da Eduarda.] (Pausa). *Ai, é... de amor, assim, né? De mãe pra filha, maternal, né? É o que eu vejo, sente carinho* (silêncio). [Uhum. E, além disso, assim, como você pensa nela, em tudo o que vocês viveram até hoje, você tendo ela como filha, o que você pensa?] *Ah, bastante coisas né?* (Risos). *Passa muitas coisas pela cabeça, assim, a educação que hoje em dia não está fácil, né? Dificuldade, assim, de dar tudo o que eles precisam... é mais isso assim. Ela... ela é uma filha muito boa, graças a Deus. Ela é muito carinhosa... é meio arteira, mas é normal* (risos). [Aham]. *É mais isso, assim.* [E o que é que você pensa em relação à educação, que você falou?] *Ah, a gente se esforça, às vezes a gente pensa: "Ah, poderia fazer de outro jeito, né?" Mas nem tudo é do jeito que a gente quer, né?* [O que você pensa que poderia fazer de outro jeito?] *Ah, eu não sei, acho que é mais assim, a paciência, que eu não tenho muita, mas... acho que no resto, não sei se eu estou me saindo bem... acho que sim* (risos). [Você tem medo de não se sair bem como mãe?] *Tenho.* [De acarretar coisas pra ela?] *Isso.*

[Do que você tem medo?] *Ah, assim, mais de... assim... de valores, né? De eu conseguir passar pra ela o que é o significado de um caráter, acho que é mais isso, depois ela crescer e ser uma pessoa boa, né?* [Sei...] *Acho que é mais isso, assim, de não ir pro caminho errado, tem bastante disso, né?* [É uma preocupação, né? O que você pensa desse caminho errado?] *Ah, é tudo, né? Que nem, a gente vê muita coisa, as más companhias, aí tem as drogas... é mais, assim, de saber alertar ela, dar as orientações certas pra ela entender o que é certo e o que é errado. Pra não ir para o caminho errado, né? Pra depois ela não falar: "Ah, minha mãe não me ensinou, não me orientou". Acho que é mais isso.* [Você está me dizendo tudo isso como mãe, e para você, como você acha que foi como filha? Como foi com a sua mãe?] *Ah foi, minha mãe foi muito boa, assim, ela soube orientar bem a gente, tanto eu, como minhas irmãs. Eu não tenho nada para reclamar dela. O que eu sou hoje, eu devo tudo a ela, graças a Deus eu nunca fui para o lado errado, nunca fiz mal pra ninguém, sabe? E isso eu agradeço muito a ela, eu não tenho nada o que reclamar dela, assim, como mãe.* [Uhum. E a relação de vocês hoje, como é?] *Com a minha mãe?* [Aham.] *É normal, assim, é boa, tem aquelas briguinhas, assim, de mãe e filha, mas é muito boa, sempre foi, eu sempre fui muito apegada a ela, né? Então, assim é... às vezes, quando eu morava junto com ela tinha as desavenças, mas nada, assim, que fosse grave, mais na adolescência, que a gente é mais rebelde, né? Mas nossa relação é boa.* [Aham, e ela com a Eduarda?] *Com a Eduarda também, nossa, a Eduarda, assim, é a vida dela, é o xodozinho dela.* [Aham. E como é com o pai dela?] *Ai, ele também, assim, é uma pessoa muito boa, é um ótimo pai. O fato, assim, de a gente não ter dado certo não tem nada a ver com isso, assim, é mais nós dois mesmo. Ele é uma pessoa boa, não tenho, assim, o que reclamar dele, a gente não deu certo, mas isso, assim, não atrapalha... Assim, ele passa muito a mão na cabeça da Eduarda, isso me irrita um pouco, porque eu sou mais firme e ele é mais, assim, deixa tudo, né? É isso que me incomoda um pouco, mas fora isso, eu não tenho o que reclamar dele, não.* [Aham, você disse na primeira vez que a gente se encontrou que a Eduarda é a principal razão pra vocês não se separarem...] *É, mais por causa disso. Assim, porque eu acho que se ele não fosse um bom pai, eu acho que eu já teria, assim... mas, aí eu fico pensando "ele é um bom pai, ele cuida bem dela, ela é bem apegada a ele". Então, eu acho que é mais, assim, ainda mais depois de tudo o que aconteceu, acho que não seria o momento de ela ficar longe dele, né? Acho que ela ia sofrer mais. Aí eu fico pensando mais nisso, né? Na cabecinha dela.* [Sei.] *De a gente, assim... separado a gente já está, né? Mas eu falo, assim, de cada um ir para o seu lado, eu acho que, não sei se isso pode interferir em alguma coisa na formação dela. Porque eu já fico pensando, ela já teve esse trauma, né? E depois ainda ficar longe do pai, que é tudo*

pra ela, é tudo o pai. Aí eu fico pensando mais nisso... [Você fala o trauma do abuso?] *Isso.* [E como foi isso, Marina? Como foi para você?] *Ah, foi um choque, né? Parece que o mundo inteiro está desabando, porque é uma coisa que a gente nunca espera. Por que... assim, quando eu tinha a idade dela, eu já fui abusada também. Assim, não chegou ao ponto que chegou com ela, né?* [De um sexo mesmo?] *É, não teve, mas, assim... ele... foi mais fundo. É... no meu caso, foi assim, só passou a mão, não chegou a... mas, assim, não deixa de ser um abuso, né?* [Não.] *E... na hora eu me senti assim, meio... impotente, assim, por não ter percebido. Porque eu pensei: "Eu passei por isso, devia ter prestado mais atenção", mas, eu não sei, é uma coisa que a gente nunca espera, né? Ainda mais por ser uma pessoa da família. Ele estava com a minha mãe já fazia 18 anos, então, não era uma pessoa que era estranha pra mim, então a gente nunca espera uma coisa dessas.* [No seu caso, foi uma pessoa estranha?] *Assim, não foi, assim, estranha. Porque, assim, a minha mãe, antes de conhecer ele, teve um relacionamento, né?* [Aham.] *E o irmão dele... é... que... foi que passou a mão em mim. Eu estava assistindo televisão, minha mãe estava no quarto fazendo minha irmã do meio dormir, na época ela tinha uns 8 meses, aí ele chegou... porque, assim, a gente morava junto com a mãe dele, né? Então, eles entravam, não chamava, né? Já entrava direto. E eu estava na sala, aí ele sentou do meu lado, começou a conversar, aí, assim, eu era criança, né? Aí ele pediu pra eu sentar no colo dele, eu sentei e aí ele começou a passar a mão em mim, aí ele tentou tirar meu short, eu comecei a chorar. Minha mãe escutou eu chorando e me chamou. Aí, eu corri para o quarto e contei para ela, mas aí a hora que ela saiu, ele já tinha ido embora. Aí, assim, foi bem difícil porque depois a minha mãe contou para a pessoa que ela estava, contou para a mãe dele e ninguém acreditou. Porque, assim, eles eram da igreja... então, ninguém acreditou, falou: "Não, ele não ia fazer isso e não sei o quê". Aí ficou por isso mesmo, né? Só que aí eu não chegava mais perto dele.* [Vocês continuaram se vendo?] *É, ele continuou indo lá, mas, assim, eu morria de medo de ficar perto dele, porque minha mãe sempre conversou comigo, né? Porque, assim, eu também não tive contato com meu pai, então a minha mãe sempre conversou, que não podia deixar ninguém passar a mão, que se alguém fizesse alguma coisa, que era pra eu contar pra ela. Então, assim, ela sempre conversou comigo sobre isso. Então, assim, é... eu não tive problemas de contar pra ela o que tinha acontecido, né? E aí... foi meio difícil... Aí depois de um tempo, a minha mãe já tinha até se separado dessa pessoa e aí foi descobrir que ele tinha de fato abusado da sobrinha dele. E, assim, ela* (a sobrinha) *teve bastante problema porque ela casou e não conseguia... né? Mas, aí já tinha passado e minha mãe não quis mexer mais nisso, porque ela nem estava mais com a pessoa, né? E assim, para mim era um estranho,*

porque fazia pouco tempo que a minha mãe estava com essa pessoa, então, assim, não tinha convivência com ele direto, né? [Sei, e aconteceu só essa vez?] *Foi só essa vez, mas é uma coisa que assim... eu tinha 6 para 7 anos, é uma coisa que não esquece, né? Por mais que não tenha chegado, assim... mas a gente não esquece. E... foi a sensação, assim, com a Eduarda de... eu não ter protegido ela o suficiente. Mas... agora eu entendo que eu não tinha muito o que fazer porque eu não sabia, porque, assim, ela não ficava muito tempo com ele, era mais assim de final de semana, ele também trabalhava. A gente nunca imaginou, né? Eu mesma nunca imaginei que ele pudesse fazer com a própria filha dele. Então, assim, meio que demorou pra cair a ficha. Mas foi... nossa... foi... um baque, foi muito difícil.* [Eu imagino. Eu penso que deve voltar, né? Toda a sua vivência, como foi com você...] *Volta. Até eu fiquei pensando o que estava passando na cabecinha dela, porque... depois disso que aconteceu comigo teve vários fatores... a minha mãe não vivia muito bem com a pessoa. A pessoa nunca fez nada com ela, nem comigo, nem com a minha irmã. Ele tem a minha irmã e eu como filhas, até hoje a gente tem contato com ele, a minha irmã chama ele de "pai", né? Mas... assim... com ele eu não tive muito problema, era mais a minha mãe, que eles brigavam muito e aí eu via aquilo, sabe, eu sabia que ela estava com ele por causa da gente também, para criar a gente. Então, assim... eu até entrei em depressão, tive que fazer tratamento psicológico por dois anos.* [Quantos anos você tinha?] *Uns 7 anos.* [Então foi logo depois.] *É, eu tinha uns 7 anos. Porque, assim, eu sabia que minha mãe estava naquela situação, eu meio que me sentia culpada, né? Porque... a minha irmã era novinha, então ela não entendia as coisas, mas eu já estava na idade que eu já entendia, né? Porque... assim, eu vi minha mãe sofrer bastante, sabe*? [E você sentia que ela estava com ele por conta de vocês?] *É, pra poder criar a gente, porque sozinha eu sabia que ela não dava conta, sabe? E aí eu me sentia culpada por isso, né?* (choro). *E foi onde eu entrei em depressão.* [Aham. Eu imagino que esse sentimento deva ser muito difícil né, Marina? É muita coisa pra uma criança de 7 anos lidar de uma vez.] *É* (emocionada), *e depois que ela terminou com ele, aí, assim, eu tinha uns 10 anos, né? Então, eu tive que ter responsabilidades de adulto, porque eu tinha que trabalhar. Ela trabalhava em dois empregos e às vezes eu ficava a semana inteira sem ver ela, porque... eu levantava cedo, ia pra escola, aí ela ia pro emprego, ela trabalhava em um restaurante à noite, assim... Às vezes, ela chegava de madrugada e tinha que me acordar pra eu poder ver ela. E, assim, a responsabilidade de cuidar da minha irmã, que era pequenininha na época, de limpar a casa, fazer comida, era tudo minha. Então, eu tive que aprender a me virar muito cedo, né?* [Sim.] *Mas, assim... eu agradeço muito a ela porque, não sei, talvez se eu não tivesse que ter essa responsabilidade, assim... não sei... se eu teria a*

cabeça que eu tenho hoje, porque às vezes eu vejo as minhas amigas, então, eu penso assim... eu sempre fui bem responsável nas minhas coisas, né? Trabalhei desde cedo, comecei a trabalhar com 16 anos. [Uhum.] *Então, assim, eu... agora eu entendo tudo, né? Na época, eu não entendia o porquê eu tinha que fazer tudo aquilo, porque eu era uma criança, né? Mas agora eu entendo, eu sei que foi para o nosso bem. Ela não queria deixar a gente com uma pessoa estranha, né? Então, eu era o braço direito dela, né? Ela confiava em mim pra cuidar da minha irmã e tudo.* [E você acha que você é o braço direito até hoje?] *Ah, eu acho que sim. Porque a gente é bem ligada, sabe, a minha irmã, ela é mais assim...* [Qual delas?] *A do meio, a Flávia, ela tem 21 anos. A minha irmã, ela é mais seca, ela não é aquela filha de ficar muito... mas, eu e minha mãe, a gente já é mais ligada. Eu sou, assim... mais apegada a ela. Acho que é mais, assim, a minha irmã não sofreu o que eu sofri, né? Porque, assim, a minha irmã sempre teve eu e ela pra fazer tudo, né? Então ela não passou o que eu passei.* [De ficar sozinha, de ter que se virar sozinha?] *É, porque ela sempre teve eu e minha mãe pra fazer as coisas para ela, então, assim, ela não passou pelo que eu passei. Ela não me entendia, na época ela não entendia nada. Então, eu acho que é mais por causa disso, né? Que ela, assim... tanto eu, quanto ela, minha mãe sempre fez de tudo pra dar as coisas pra gente, nunca deixou faltar nada, sabe. Então, assim, ela... não tem... aquela... ideia, assim, do que é o sofrimento, né? Ela sabe de tudo o que a gente passou, mas ela não...* [Sofreu?] *É, ela não sofreu, né? E, assim... Aí tem o meu pai, ele batia na minha mãe. Eu não cheguei a ver, né? Porque eu era muito pequena, eu tinha um ano quando minha mãe largou dele, um ano, dois anos. Mas, assim, eu sei de tudo o que ela sofreu, né? E tem o meu irmão que está longe dela, que minha mãe não pôde criar ele porque meu pai tomou ele dela. Então, assim...* [Ele é seu irmão da parte de pai também?] *Isso, porque quando minha mãe largou do meu pai, meu pai colocou fogo na casa que a gente morava, porque a intenção dele era de matar eu e ela. Só que ele estava bêbado e não percebeu que a gente não estava em casa. E aí como a minha mãe ficou sem ter onde morar, ele pegou o meu irmão e... eu fiquei com a minha mãe, porque ele nunca foi muito chegado a mim, era mais o meu irmão, né? Aí ele ficou com ele e depois a minha mãe não teve mais contato.* [Ele é mais velho que você?] *É, ele é dois anos mais velho que eu. Então, assim, a minha mãe também sofre muito por isso, né? Esses tempos atrás, a gente descobriu que meu pai tinha falecido e aí ela ficou mal, porque ela ficou pensando como que está o meu irmão, né? Porque... o meu irmão, ele sempre teve tudo também, né? Meu pai sempre deu de tudo pra ele e a minha avó também, então minha mãe fica pensando como ele não está, né? Como ele está conseguindo se virar? Assim, ele já tem uma idade, assim, boa pra... mas, minha mãe fica pensando, né? Porque, assim, já não teve o apoio dela*

né? [Aham.] *Ele chegou a vir pra cá um tempo, mas ele não quis ficar, porque... ele ficou um mês, né? Aí ele não quis ficar, porque lá ele não estudava, ele não fazia nada e aí quando ele veio pra cá, minha mãe falou que se ele quisesse ficar aqui que ele ia ter que estudar, trabalhar, porque ela não tinha condições de dar pra ele o que ele estava acostumado.* [Sei.] *E aí ele não quis. Ele voltou. Aí depois disso não teve mais contato, ele nunca mais ligou, a minha mãe também não teve mais contato nenhum, eles mudaram de telefone. Então, minha mãe sofre bastante por isso e eu também sinto muita falta, né? Assim, porque é meu irmão, né? Assim, eu nunca tive contato com meu pai, eu nem sei como ele é, mas quando eu descobri que ele tinha falecido eu fiquei mal, sabe?* [Aham.] *Porque, assim, não foi uma morte... ele foi assassinado, né?* [Hum.] *E aí eu fiquei mal, porque, assim, apesar de tudo ele é meu pai, né?* [Claro.] *Eu não tive um afeto com ele, mas ele é meu pai, ainda mais sabendo do jeito que ele morreu.* [E você sabe o que aconteceu?] *Ai, pelo que eu fiquei sabendo, ele se envolveu em uma briga em um bar e mataram ele a facadas. E aí, assim, por mais que a pessoa não seja boa, tudo, não é legal.* [Sim, foi uma morte cruel, né?] *Foi. Ainda mais assim, porque... é meu pai, né? Querendo ou não, eu tenho o sangue dele, né? Eu fiquei muito mal, chorei bastante no dia, eu não conversei com a minha mãe, porque... assim, minha mãe nunca proibiu se um dia eu quisesse procurar ele, ela nunca falou: "Você não vai". Mas, assim, eu sabia que eu ia magoar ela fazendo isso, porque ela passou tudo o que ela passou, sozinha, aí eu sabia que ela ia sofrer, né? E... assim, antes de eu descobrir que ele tinha falecido, eu sonhei com ele e eu nunca tinha sonhado. No sonho, eu perguntava pra minha mãe como ele era, e no sonho minha mãe ficou muito brava. Aí, quando eu descobri que ele tinha falecido, ela que me contou, né? Aí na hora eu disfarcei, fingi que não tinha...* [Se importado?] *É. Mas depois que ela foi embora, eu fiquei pensando em tudo, né?* (emocionada). *Aí veio aquela coisa, não sei...* (choro). [Se você tivesse visto ele antes, conhecido...?] *É, pelo menos conhecido. Não sei... assim, foram várias coisas que eu nem sei te explicar, mas.... Aí eu fiquei com medo de conversar com ela, porque eu fiquei com medo de ela ficar chateada, porque, na cabeça dela, eu acho que não teria porque eu ficar sofrendo, porque eu não tive contato nenhum com ele.* [É como se você sentisse que ao entrar em contato com ele você estivesse traindo sua mãe?] *É.* [É como se não pudesse ter os dois na sua vida ao mesmo tempo?] *É. É que, assim, eu não tinha um vínculo com ele, né? Mas, assim, eu nunca senti falta, assim, porque a minha mãe nunca deixou faltar nada, né? Mas, assim, às vezes eu ficava me perguntando: "Por que todo mundo tem pai e eu não tenho?"* (choro). [Claro, mas isso é uma pergunta natural.] (choro) *Eu via na escola meus amiguinhos e eu ficava perguntando, comigo mesma.* [Foi uma falta que te fez, né, Marina?] *É. Minha*

mãe, assim, teve os companheiros, mas não era pai, né? [Não era.] *Não era pai, não tinha aquela coisa assim, aquele afeto...* [Sim. E por mais que ele tenha feito coisas ruins, você disse que sabe que ele foi uma pessoa que fez a sua mãe sofrer muito, e você também, mas isso não faz com que você não tenha esse sentimento de que é seu pai, de uma falta que existe...] *É, até então, até eu descobrir que ele não estava mais vivo, eu não... eu não me importava, assim, né? Às vezes alguém vinha falar alguma coisa, porque... a minha madrinha é irmã da minha tia, que é tia da minha mãe, então, assim, ela morava na mesma cidade que ele, né? Então, a gente ficava sabendo algumas coisas que ela contava, ela dava notícia do meu irmão pra minha mãe, né? Mas... não tinha nenhum contato. Eu falei com meu pai uma única vez, que foi quando meu irmão veio pra cá, que aí ele ligou. Mas foi uma coisa muito, assim, estranha, eu nem consegui chamar ele de pai, porque eu não tive convivência, eu não sei nem como ele é, porque eu não tenho foto dele, não tenho nada. Então, assim, até então... não me importava, assim, de... assim de... de... querer ver ele e tal. Mas depois que ele morreu, eu fiquei pensando: "Será que eu não devia ter pelo menos visto ele, uma única vez?", ter tentado entender porque que ele... nunca quis saber de mim, sabe?* (choro). *Não sei...* [Me parece que você se preocupa muito com a sua mãe, né? Você tem uma preocupação muito com grande com ela, de ela sofrer...] *Tenho.* [E às vezes isso acaba fazendo você passar por cima de você mesma, das suas vontades, daquilo que você pensa, do que você acredita...] (choro). [Isso é muito sofrido mesmo, é como se ela tivesse sempre... como se ela fosse prioridade mesmo, como se ela viesse antes de você.] *É, não só ela assim, minha família toda, sabe?* (choro). *Eu sempre pensei neles para depois pensar em mim. Tanto com as minhas irmãs, com a minha filha...* [Aham.] *Até, assim, com o pai dela, que a gente já não está mais... sempre pensei primeiro neles né?* (choro) [E você sofre por isso, né, Marina? Porque você acaba deixando de pensar em você.] *É, às vezes, assim, quem está de fora não entende, né? Fala assim: "Ah, você pensa muito nos outros, você precisa pensar em você e tal", mas é uma coisa assim, de mim, sabe, não consigo. É uma coisa, assim, de mim* (choro). *Eu não sei, sabe...* (pausa). [Ser de outro jeito?] *É.* [Esse é o seu jeito de ser.] *É* (emocionada). *Assim, às vezes eu até paro e penso: "Nossa, eu me privo de tanta coisa", assim, por causa dos outros né? Mas, não sei... aí eu vejo que todo mundo está feliz, assim... A minha mãe, eu só não faço mais por ela porque eu não posso, porque se eu pudesse eu... dava o mundo pra ela, né? E... depois que meu padrasto saiu de casa, ela... ela ainda está dependendo dele, né? Porque ela ainda não está trabalhando, por causa dos problemas de saúde que ela está tendo, aí ela está com uma depressão muito forte também, então ela não está trabalhando. Então, assim, ela está dependendo dele. E, assim, eu ajudo no que eu posso, né? Porque eu... também... é só eu*

que trabalho, meu marido não está trabalhando, ele faz um bico aqui e outro ali, mas, assim, não é um dinheiro garantido, né? [Aham.] *Então, assim, eu não posso ajudar ela mais, e isso também me deixa muito, assim... porque eu queria ajudar ela pra ela não ter que ter esse contato mais com ele. Porque... é... sei lá, porque não é por que ela quer, é porque ela precisa, né? E aí às vezes eu me sinto meio mal por isso, por não poder ajudar ela pra ela poder... Assim, desvincular ela não vai ter, porque, assim, ele é... pai da Beatriz, né? Querendo ou não ele é pai, e, assim, ele não foi ruim de tudo, né? Ele sempre deu tudo, ele nunca encostou a mão nela, assim, pra bater, sabe? Ele foi um bom pai, eu não sei porquê ele fez isso. Mas, assim, tanto pra mim, quanto pra minha irmã, ele nunca deixou faltar nada. Então, assim, eu não sei o que levou ele a fazer essas coisas. Às vezes eu fico tentando entender, eu não tenho raiva dele, sabe? Eu não quero ter contato com ele, eu me sinto mal, porque, assim... eu vi ele, depois que tudo aconteceu, eu vi ele umas duas vezes só, que foi até esses dias pra trás, que minha mãe fez uma cirurgia de varizes e eu cheguei lá e ele estava lá. Ele tinha que levar um remédio para ela. E, assim, eu não tinha visto ele ainda, aí, assim, não foi um sentimento de raiva, foi um sentimento mais de... de nojo, sabe? Aí eu fiquei pensando no que a Eduarda me contou, do que eu ouvi dela, foi mais, assim, um sentimento de indignação, de nojo.* [Sei...] *Mas não... assim, não tive raiva, sabe, nem no dia. Eu fiquei muito mal, mas não tive esse sentimento de raiva, de querer fazer alguma coisa com ele...* [Aham, tipo vingança?] *É. Pra falar a verdade eu não sei... eu senti até dó, porque uma pessoa que faz uma coisa dessas é... tem problema, né? E aí, eu senti... eu me senti muito mal, eu saí de lá chorando, aí fui pra casa e fiquei mal, porque ele nem... nem olhou pra mim, ele abaixou a cabeça, ficou de cabeça baixa, sabe? E... eu não sei, assim... porque, assim, com o pai da Eduarda ele conversou, ele pediu perdão e tal, e assim, comigo, ele... não falou, não falou nada. Então, eu não sei, sabe?* (pausa). *Mas eu acho que também é até melhor assim, porque aí, também, eu não quero... ter contato, nenhum. Não quero nem que ele chegue perto da minha filha mais, porque... sei lá, né? Se fez isso outras vezes, a gente não confia, né? De deixar perto de novo.* [Aham...] *Então, assim...* (pausa). *Mas... tudo vai... se encaixando, né? Com o tempo* (tom de voz melancólico parecido com o da mãe). *A gente não é ninguém para julgar ninguém.* [É, Marina, você conta aqui uma história em que você sofreu muito, em que você teve responsabilidades desde muito cedo, que tinha idade para ser criança e de repente você se viu tendo que lidar com outras coisas, em que você não podia mais ser criança. E como ficou tudo isso, a falta que seu pai fez, independente de ele ter sido como ele foi, mas a falta que deixou em você. Depois ele faleceu, tudo o que...] *É, assim, o que eu me questionava mais era, assim, o porquê, assim... se ele quis o meu irmão... Porque, assim, ele cuidou bem*

do meu irmão, assim, entre aspas né? Porque, assim, ele cuidava do jeito dele, passava a mão na cabeça, fazia tudo o que ele queria. Assim, ele cuidou. Aí, assim, o que eu me questionava era o porquê ele quis o meu irmão e não quis saber de mim (emocionada). *Era mais isso que eu me questionava, o porquê...* [E você pensa alguma coisa a respeito disso?] *Não... até hoje eu não consegui entender* (choro). *Mas agora, também, já foi, eu nunca vou saber né?* [Isso é uma dúvida que vai te acompanhar?] *É. Aí, assim, eu fico pensando mais nisso, na Eduarda, de ela ter um pai ali por perto...* [Sim.] *Que eu sei que faz falta. E eu sinto mais, assim, que nem... se eu largar dele, eu não vou ficar sozinha pro resto da vida, aí eu fico pensando que eu não vou conseguir ficar tranquila, porque, assim, ela já teve isso, aí como eu vou confiar de colocar uma pessoa que, assim, eu não conheço dentro de casa, pra ficar com ela, sendo que o vô dela fez o que fez. Como eu vou confiar em outra pessoa? É mais, assim, o que eu penso... então... vamos ver, né? Até quando vai.* [Você está com muitas preocupações ao mesmo tempo, né, Marina?] *É, me passa bastante coisa pela cabeça...* (choro). [São muitas preocupações, né? Com ela, com a sua mãe, com o seu marido... e aí você sofre com tudo isso] (silêncio). *Não é fácil.* [Mais uma vez você está tendo que ser muito responsável, ter que ter maturidade pra pensar em tudo isso, sem chatear ninguém... e o quanto isso te deixa triste, né?] (chora) *Deixa* (silêncio). *É, mas é a vida né? Às vezes a gente tem que passar pelas coisas para saber, acho que dar valor, né? Pra saber... pra ter um aprendizado né? Acho que é isso. Tem coisas que a gente tem que passar pra poder, mais lá na frente, não sei... acho que tudo na vida tem um porquê, né?* (silêncio). [Aham.] (silêncio). [Bom, por hoje era isso o que eu queria conversar com você, Marina, você tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer, alguma dúvida?] Balança a cabeça negativamente (emocionada). [Está tudo bem?] Balança a cabeça afirmativamente. [Bom, então está bem, nos vemos na semana que vem!]

Análise da narrativa de Marina

Marina segue o mesmo ritmo do primeiro encontro: a princípio se aprofunda muito pouco nas questões, com respostas curtas, exigindo que eu intervenha, de modo a questionar e solicitar que se estenda um pouco mais. No decorrer da conversa, ela passa a ficar mais à vontade e se sente mais livre para falar. Este movimento se repete durante todo o encontro, e pouco a pouco, ela se aprofunda em determinados assuntos, os quais são normalmente difíceis para ela, e rapidamente retoma uma postura defendida, como se fosse um “vai e vem”, o que testemunha a atuação de um mecanismo de denegação muito presente.

O início da fala Marina, desse modo, mostra a dificuldade de entrar em contato consigo mesma e com a realidade, tendendo a ficar na superficialidade das coisas. A impressão que ficou é que este foi o primeiro contato comigo, em virtude do valor positivo da sua vida que ela quer atribuir. Mesmo passando por momentos extremamente difíceis, a impressão que ela quer passar, inclusive para si mesma, é de que tudo está bem, por exemplo, quando diz, a respeito do seu relacionamento conjugal: "A gente não deu certo, mas isso, assim, não atrapalha". Ela busca assumir uma postura de que, apesar de tudo o que sente, não deve reclamar, ao contrário, deve se sentir grata pela vida e por tudo o que tem. Isto a impede de enxergar a realidade como ela é, negando-a maciçamente.

Esta visão de si mesma como um ser sem recursos e incapaz de fazer frente às demandas de sua vida (que são de fato muito dolorosas e difíceis) a impede de assumir um papel mais ativo diante de si e do outro. Ela se mostra fatalista, no sentido de que a vida é como é e ela tem que aceitar, fazendo com que não se sinta capaz de mudar nada, sentindo-se exclusivamente como uma vítima indefesa, do mesmo modo que acontece com sua mãe. A semelhança entre elas é evidente no tom de voz melancólico em alguns momentos da fala de Marina, especialmente naqueles em há um lamento pela vida e por sua condição nela.

Marina se preocupa fortemente em não magoar a mãe e por isso acaba ignorando suas próprias vontades, anseios e especialmente os sentimentos de raiva, mágoa e decepção em relação a ela. A fragilidade emocional da última provoca-lhe frustração, já que por conta disso, foi obrigada a crescer antes do tempo, o que lhe gera sensação de ter tido a infância roubada. Esses sentimentos, no entanto, são logo substituídos pela piedade em relação à mãe e necessidade de protegê-la, mesmo que para isso seja necessário anular-se. Nesse caso, é o pai que se torna o principal responsável por sua infância perdida, sendo a ele dirigidas todas as suas queixas. Assim, como ela, a mãe também é uma vítima, que faz o que pode para cuidar dela. Assim, elas se tornam a extensão uma da outra[17].

A relação de Marina com o pai é marcada de muita dor. Ele a abandonou e não apenas a desprotegeu, ainda as atacou, a ponto de querer matá-la e à mãe. Mesmo diante dessa evidência inegável de ódio, Marina criou fantasias de um pai ideal que gostaria de ter conhecido[18], negando mais uma vez a realidade. O seu sofrimento hoje é referente a um arrependimento de não tê-lo procurado enquanto ainda estava vivo, uma decisão que foi altamente influenciada, se não pela mãe real, mas pelo que ela imaginava que seria a vontade

[17] Esta ideia vai ser abordada mais à frente.
[18] O desejo de conhecer o pai diz respeito à sua realidade subjetiva, pois ela conviveu com ele até cerca de um ano, apesar de ser muito pouco tempo, até mesmo para lembrar de sua fisionomia.

da genitora. Apesar disso, o desejo de ter um relacionamento com o pai sempre existiu, porém ligado a esta fantasia de um pai ideal capaz de amá-la, protegê-la e atender às suas necessidades, desejos e caprichos, como imagina que ele fez com o irmão. Alimentar essa figura de um pai idealizado tornou-se mais fácil após a sua morte, visto que a realidade não pode mais lhe oferecer novas evidências do seu descaso por ela. Além disso, sentir ódio e raiva do pai se torna impossível, em virtude da culpa ligada ao desaparecimento dele, e por isso a repressão aparece mais uma vez, juntamente com a negação da ideia do pai que a abandonou.

Os sentimentos de raiva e ódio de Marina, não apenas em relação ao pai, mas às pessoas como um todo e à vida que levou e leva são maciçamente reprimidos. Eles aparecem em vários momentos da sua fala: na forma de inveja em relação à irmã do meio que não sofreu o que ela sofreu e consegue não se envolver emocionalmente com a fragilidade da mãe; em relação ao irmão, por quem o pai a preteriu; ao pai que a abandonou e que nunca quis vê-la; à sua mãe, a qual não foi capaz de exercer sua função materna como convinha e exigiu dela um amadurecimento precoce. Esse ódio violento é combatido pelos mecanismos da repressão e da formação reativa. O último é observado, por exemplo, na sua tentativa de mostrar que é uma mulher boa e que não deseja mal a ninguém; e em relação à sua mãe, especificamente, no qual o ódio é expresso no sentimento de gratidão eterna a ela.

O discurso de Marina revela ainda um lamento pela condição feminina, entendendo que a mulher não tem valor e está no mundo como alguém desprotegido e vulnerável a todos os abusos possíveis por parte dos homens. Nesse bojo, ela mostra a queixa intensa em relação ao pai que não foi capaz de cuida dela e protegê-la, mas fez com o irmão, que teve tudo, enquanto ela e a mãe não tinham nada. As mulheres são vistas como desprezadas, desprezíveis e frágeis e, para sobreviver minimamente, têm de se unir umas com as outras. Para ela, o homem é sempre mais forte que a mulher, haja vista que precisa do marido para proteger a ela e à filha, parecendo ser este o motivo principal que a impede a não se separar.

Nesse sentido, a incapacidade que sente para proteger a filha (sozinha) é expressa pela culpa sentida por não ter percebido possíveis sinais de abuso que a menina sofria: “E... foi a sensação assim com a Eduarda de... eu não ter protegido ela o suficiente” (sic). Porém, a sua própria imagem como alguém frágil conduz à denegação da culpa e à justificativa do que sente ter sido uma “omissão” de sua parte: “Mas... agora eu entendo que eu não tinha muito o que fazer porque eu não sabia” (sic). Sua preocupação com a educação de Eduarda mostra ainda um receio de como o abuso vai impactar na vida da criança e até que ponto ela seria responsável por isso.

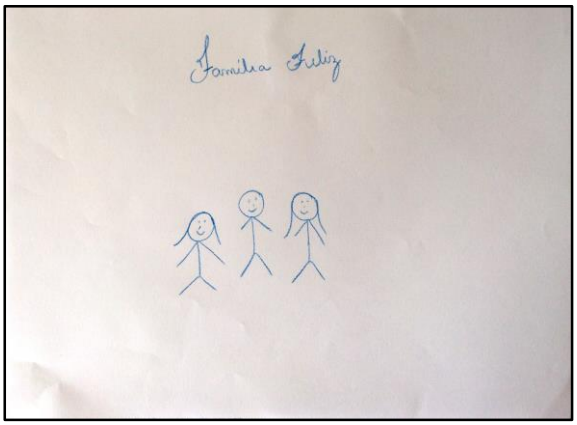
6.3.3 Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E)

Marina chega ao último encontro do mesmo modo como chegou nos dois primeiros, tímida e defensiva. O olhar triste e desiludido permaneceu e me fez pensar que talvez este fosse seu olhar próprio e, nesse sentido, talvez a patologia depressiva já faça parte dela há muito tempo. Ela aguarda eu começar a falar.

[Oi, Marina, tudo certo?] *Tudo certo.* [Bom, hoje é o nosso último dia aqui, eu e você, e na semana que vem eu encontro ainda mais uma vez com a Eduarda, está bem?] *Está bom.* [Marina, hoje eu queria te pedir alguns desenhos. Pode ser?] *Pode. Eu não sou boa de desenho não* (risos). [Não tem problema, isso não está sendo levado em consideração (risos). Bom, aqui eu gostaria que você desenhasse uma família (indico o papel). Aqui tem os lápis, você pode ficar à vontade.] *Uma família?* (pensativa). [Isso.] *Eu vou fazer os bonequinhos, tradicional.*

6.3.3.1 Primeira Unidade de Produção (UP): Uma família qualquer

Figura 13 - Primeira UP de Marina



Sou eu, a Eduarda e o pai dela. [Aham.] (começa a rir do desenho). *Precisa desenhar mais alguma coisa?* [Você quem sabe, Marina, o desenho é livre para você fazer como quiser.] *Não, então é só isso.*

História

[Então, eu queria que você, agora, olhando para o desenho, que você contasse uma história.] *Uma história?* [Isso.] *Tipo o quê, assim?* [Hum, uma história, olhando para o desenho, o que vier na sua cabeça...] *Ixi* (pensativa/silêncio). [Se você quiser, você pode começar contando o que você desenhou.] *É, assim, é eu, a Eduarda e o pai dela, né? E, a história... não tenho*

nada na mente, assim (pausa). [O que eles estão fazendo aí?] *Nada, assim, um do ladinho do outro, feliz.* [Aham. Eles estão bem?] *Isso.* [E na hora que você desenhava, o que te passou pela cabeça?] *Que eu queria que fosse assim de verdade, que estivesse todo mundo feliz.* [E na verdade, como é?] *Ah, eu acho que ninguém está feliz, né?* [Nenhum de vocês três?] *Não* (pausa). *Eu acho que não.* [E por que você acha isso, Marina?] *Ah, mais, assim, pela situação que a gente está.* [De vocês dois?] *É, porque aí, assim... a Eduarda, ela não fala nada, mas ela entende, né? Ela vê as coisas, ela vê que é diferente dos pais dos amiguinhos dela. Então, assim, eu acho que ela não está feliz.* [Aham.] *E nem nós dois, né? Porque... fica meio que um preso no outro, né?* [Como se tivesse alguma coisa que impedisse vocês de se separarem?] *É.* [E você imagina o que pode ser isso?] *Ah, acho que mais a Eduarda mesmo. É mais por conta dela mesmo. Porque a gente pensa... porque ela é muito apegada a ele e tudo, ele me ajuda bastante com ela, então acho que é mais isso, por causa dela mesmo.* [Aham.] *Acho que talvez, assim, já tivesse... se não tivesse ela, a gente não estaria mais juntos.* [Entendi. E o que você acha que ela sente que é diferente dos amigos da escola?] *Ah, é que, assim, a gente não tem contato, assim, de se abraçar, de dormir junto, porque ele dorme em uma cama e eu durmo com ela. Assim, de sair todo mundo junto, tipo fazer um programa os três, não tem mais isso. E às vezes, assim, quando eu vou sair com ela, ela cobra, sabe, assim: "Ai, pai, você não vai comigo?". Ela fala: "Ah, você nunca sai com a gente". Eu acho que ela sente, né? Ás vezes ela fala: "Ai, meu pai não gosta de sair comigo". Mas aí eu penso, assim, que ele não quer sair por causa de mim, sabe?* [Por que você está junto?] *É* (pausa). [E como é isso pra você, Marina?] *Ah, é ruim, né? Porque, assim, todo mundo erra, né? Mas...* (choro) *eu queria que fosse diferente, né? Porque, apesar de tudo, eu nunca quis ficar totalmente longe dele.* [Aham.] *Assim, eu não sinto mais amor por ele, assim, de... de homem, de homem e mulher. Mas eu tenho, sim, um carinho muito grande por ele, por ele ser o pai da minha filha, por ele... é... ser um bom pai, sabe? Porque, assim, disso eu não tenho nada o que falar dele, ele é um ótimo pai.* [Você acha que o que mais pega é o quê, entre vocês dois?] (pausa). [O que mais te incomoda?] *Ah, acho que é a falta de diálogo. Porque, assim, a gente nunca foi de conversar, sabe? De sentar, assim, e falar: "Está acontecendo isso e isso". A gente nunca fez isso* (choro). *Eu acho que foi por isso que foi acabando.* [Aham.] *Porque aí... assim, não tinha... atenção, diálogo, acho que foi mais por isso que foi acabando, que a gente foi se distanciando. Ele nunca foi, assim, de querer conversar sobre relacionamento, essas coisas. Então, assim, às vezes eu estava incomodada com alguma coisa, aí eu não tinha liberdade de falar pra ele o que estava acontecendo.* [Você não se sentia...] *Não.* [À vontade para falar?] *Não. Aí eu acho que por isso que foi, assim, cada um seguindo a sua vida, né?*

Cada um foi para um lado (silêncio). [Eu queria que você colocasse um título no seu desenho.] *Título?* [Isso.] Escreve "Família feliz" [Você gostaria de falar mais alguma coisa?] *Não.* [Posso pegar?] *Pode.*

Interpretação

O desenho da UP da família de Marina se apresenta com três pessoas, sem detalhes e cores, e com características primitivas da figura humana. A ausência de detalhes mostra dificuldades no exercício da criatividade, intensificadas pela resistência dela a se expor, o que é típico dos inícios dos encontros com ela.

A primeira UP mostra seu principal mecanismo de defesa: a negação – uma família feliz, que não é feliz. A sua resistência em começar a contar uma história revela novamente a sua evitação em entrar com contato consigo mesma, mas principalmente de falar sobre si e sua vida, quando consegue isso. O fato de a família ser representada por ela, o marido e a filha, indica como ela os enxerga realmente, os três juntos na idealização de uma felicidade a partir da união conjugal.

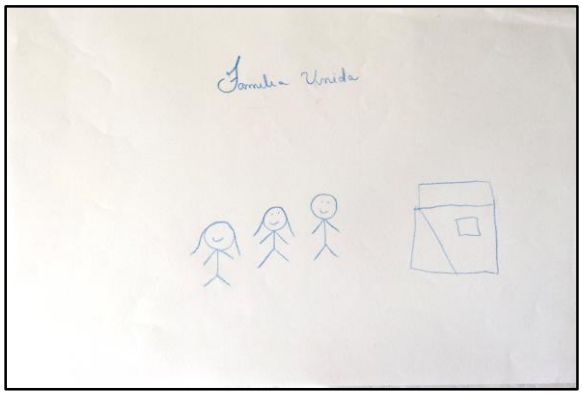
Marina declara que ela e o marido estão "presos" um ao outro, o que indica o sentimento de que existe algo que os aprisiona e faz com que não seja possível uma separação concreta. Embora o pivô da não separação seja referido como a filha, ela revela em suas falas a continuidade de seu sentimento amoroso pelo marido: "Eu nunca quis ficar totalmente longe dele" (sic); o lamento pela possível ausência dele, de que a filha serve como porta-voz: "Ah, você nunca sai com a gente" (sic). No entanto, o caráter dessexualizado desse sentimento amoroso revela que o que realmente a mantém junto ao marido seja a sua dependência de um objeto cuidador e protetor representado por ele, em virtude principalmente de sua incapacidade de ocupar este lugar para si mesma e para a filha.

Nesse bojo, quando Marina diz "todo mundo erra" (sic), ela assinala que teve uma responsabilidade no afastamento dos dois, porém permanece ambivalente em relação a ele – é um cuidador, mas não ocupa o lugar de companheiro, o que inclui não satisfazê-la sexualmente. Logo, existe um conflito entre a satisfação sexual/amorosa e a proteção, e por este motivo é impossível ficarem juntos como homem e mulher. Ademais, ela mostra uma dúvida sobre sua capacidade de escolher outro homem que não a faça sofrer e à filha, especialmente por meio da violência e um novo virtual abuso. Marina revela, assim, uma angústia da perda do objeto de proteção.

6.3.3.2 Segunda Unidade de Produção: Uma família que gostaria de ter

[Agora, Marina, eu quero que você desenhe uma família que você gostaria de ter.] *Uma família que eu gostaria de ter?* (pensativa) [Você pode ficar à vontade para desenhar do jeito que quiser, da forma que quiser.]

Figura 14 - Segunda UP de Marina



História

Tipo assim, uma família mais unida que eu queria, que tivesse mais união. [Aham.] *Assim, não só entre... eu, ele e a Eduarda, mas, assim, todo mundo. Tipo... a parte da minha mãe também* (tom de voz melancólico parecido com o da mãe). [Aham.] *Acho que a família toda interagisse mais, porque depois de tudo o que aconteceu, distanciou todo mundo.* [Depois da descoberta do abuso?] *É. Distanciou. Porque, assim, até então, ele e minha mãe se entendiam bastante, sabe, eles eram bem, assim, amigos, né? E depois meio que se afastou, hoje eles nem conversam direito mais.* [O marido da sua mãe, você está falando? Ou o seu?] *Não, minha mãe com meu marido.* [Ah tá.] *Então, eles eram bem amigos e hoje eu sinto falta, assim, que eles nem conversam mais direito, aí eu fico dividida, porque aí a minha mãe fala uma coisa, aí ele fala outra, aí eu não sei de que lado que eu fico, sabe?* [Não sabe o que pensar...] *É, porque, assim, o marido dela... ele era meio, assim, mentiroso, sabe? Ele meio que falava uma coisinha aqui pra ele, aí vinha e falava uma coisinha aqui pra ela, que um estava falando do outro. Só que, assim, eu sei que isso não acontecia, porque... às vezes minha mãe fala assim, tipo, dá conselho, assim: "Marina, não sei o quê...", mas ela nunca falou mal dele, assim, sabe? E... ele ficava falando pra ele que minha mãe ficava falando mal dele e aí isso foi, assim, jogando um contra o outro. Até que acabou que, assim... Eles nem se falam mais direito, é só "oi, oi" e pronto. Aí, assim, minha mãe evita de ir lá em casa, por conta disso. Eles não chegaram a brigar, mas... não está, assim... né? Então, eu queria, assim, que tivesse mais união, que tivesse, assim... continuado essa união. Porque, apesar de*

tudo, ele ajudava bastante minha mãe, minha mãe também quando podia, assim, ajudava, sabe? [O seu marido?] *É, aí meio que ficou, assim, dividido. Cada um...* [E aí você fica no meio?] *É, porque aí um fala uma coisa, o outro fala uma coisa. Aí, assim, não sei pra que lado eu fico...* [E o quanto é complicado pra você ficar no meio disso, né? Marina, porque um é sua mãe e outro seu marido, são sentimentos diferentes que você tem por eles, mas os dois muito importantes. Por mais que você disse que não sinta amor pelo seu marido, algum sentimento existe, né?] *É, sim, porque foram 14 anos juntos, né? E, assim, eu sei que ele é uma pessoa boa, sabe, assim, então eu fico meio... dividida, né?* [E até mesmo para se separar dele, né, Marina?] *É, porque, assim, não tem só coisas ruins, tem coisas boas também. Então... eu fico meio assim, né?* [Aham.] *E, assim, tentar ficar junto não dá, porque a gente já tentou e... não dá, sabe, a gente percebeu que não dá.* [O que aconteceu?] *Ah, é que, assim, é mais desconfiança, né? Porque, assim, eu cheguei a me envolver com uma pessoa e ele também. Assim, a gente já estava... já tinha separado, né? Mas como a gente mora na mesma casa, então, fica aquela coisa de, assim, um preso no outro. E aí depois a gente tentou e não deu mais certo, porque, tipo assim, nenhum confiava mais no outro, né? Então, assim, quando não tem confiança, não adianta ficar insistindo. Porque a gente, assim, resolveu tentar mais por causa da Eduarda, né? Pra criar ela junto e tal, mas aí não deu.* [Aham.] *Aí a gente resolveu que vai continuar do mesmo jeito, mas aí a gente vai ficar cuidando dela até quando der, né? Porque vai chegar uma hora que não vai dar mais pra ficar sustentando essa situação.* [Aham. Vocês pretendem ficar juntos até ela crescer, é isso?] *É, até ela entender mais um pouco, né? Assim, até ela... tiver mais uma formação, assim, porque acho que ela é muito novinha pra... pra entender, né? Apesar de que ela é muito inteligente, mas acho que, assim, acaba mexendo com o psicológico, né? Ainda mais depois do que ela passou, eu acho que agora não seria uma boa hora, pra ela ficar longe dele.* [Aham.] (pausa.) [E aí no seu desenho, o que você fez?] *Ah, é eu, ele e... nossa casa, né? Eu queria que fosse mais... mais unido mesmo.* [Você queria que vocês vivessem dentro dessa casa bem?] *Isso.* [Unidos, felizes...] (Balança a cabeça afirmativamente.) *Eu não queria estar passando por isso, né? Porque... Que nem, eu fui criada sem pai, eu sei o quanto é difícil... E aí eu não queria que ela também passasse por isso.* [Aham. É, eu penso que isso deve ser uma coisa que... é muito forte em você, né? Esse desejo de que ela não passe por isso que você passou.] *É* (emocionada). *Assim, eu sei que ele nunca vai abandonar ela e tudo, mas não é a mesma coisa, ele estar convivendo...* [Morando junto?] *Morando junto todo dia, né? Não é a mesma coisa.* [Aham.] *Assim, eu sei que... ele vai continuar fazendo tudo o que ele faz, mas não vai ter aquela presença lá todo o dia, igual ela está acostumada.* [Você acha que isso vai

fazer ela sofrer?] *Ah, sim. Como ela está já acostumada com ele, né? Porque a maior parte do tempo quem fica com ela é ele, porque fico trabalhando e quem cuida dela é ele. Então, assim, ela sente, né? Às vezes quando ele sai, demora pra chegar, ela fica: "Ai, mãe, liga por meu pai, liga pro meu pai". Aí, assim, se ele sai à noite, enquanto eu não ligo pra ele, pra ela conversar com ele, ela não dorme. Então, fico pensando, assim, que vai ser bem difícil pra ela acostumar... pra ela entender o porquê que o pai dela não está mais junto dela, assim, participando da vida dela.* [E aí vem esse medo de ela sentir a falta que você sentiu, de ter um pai...] *É. Eu não queria que ela passasse por isso, eu não quero, né?* [E fico pensando também, você passou pela experiência do abuso que você também não queria que tivesse se repetido com ela...] *É.* [E acabou que infelizmente se repetiu...] *É.* [Essa sua insegurança fica ainda maior?] *Fica, porque a gente passa a não confiar em mais ninguém, né? Então, também esse é o meu medo de deixar ela na mão de pessoas estranhas e acontecer de novo.* [Aham.] *A gente nunca sabe, né? O que a pessoa pensa, a gente nunca imagina o que a pessoa é capaz de fazer, né? Porque pessoa de dentro de casa que a gente confia faz, imagina quem não é, quem não tem laço nenhum... afetivo. Então, é complicado.* [É, ninguém imagina que pode acontecer isso.] *É, porque, assim, ele... pra ela, ele é o vô dela, o único vô que ela conheceu. Porque... o pai do pai dela já faleceu, o meu pai ela não conheceu, então, a única figura paterna, assim, de vô que ela tinha, era ele. Então, assim... ela também sentiu, assim, porque... e até hoje ela fala... ela falou do vô.* [Ela gostava dele, então...] *Sim, porque ele... quando ela nasceu, eu estava na minha mãe ainda, né? Eu fui morar junto com ele, ela estava com uns dois anos. Então, assim, ela chamou ele de pai primeiro.* [Aham.] *Tipo assim, como ela não tinha muita convivência... como ele não ficava o tempo todo com ela... então, assim, quem tinha mais convivência com ela era meu padrasto. Então, ela o chamava de pai, sabe, quando ele saía para trabalhar, ela chorava, então, assim, na cabecinha dela, ele é avô dela de verdade.* [Sim, e pelo que você está falando, foi até mais que isso, né? Ele acabou sendo um pai mesmo, no começo.] *É. Então, a gente nunca imaginou, né? Porque, assim, com a gente... Comigo, com a minha irmã, ele nunca mexeu, então... É uma coisa que não dá pra entender, mexer com a própria filha...* [E a neta...] *E a neta.* [Elas eram as mais novas da casa, né?] *É. É bem difícil, é um sentimento que não dá pra explicar, sabe? É uma mistura, de tudo.* [De quê, você acha?] *Ah, de pensamento, assim, sabe? Porque... ao mesmo tempo que ele, assim, não foi ruim... mas aí, eu fico pensando, o que levou ele a fazer isso, sabe? Assim, é uma coisa que... não tem explicação.* [Você não sabe se você olha para a parte boa dele, se você ainda deve se lembrar do que ele fez de bom, ou se ele...] *Eu acho que, assim, o que ele fez de bom, com isso que ele fez... às vezes não valeu de nada, porque... não sei se ele tem*

algum problema, sei lá. Porque é uma coisa, assim, que eu não consigo entender, sabe? O porquê... disso tudo. [É.] *Porque, assim, eu também não posso falar que ele foi ruim, porque ele não foi ruim, sabe? Ele nunca maltratou a gente, sempre deu de tudo o que ele podia. Então, assim, aí fica aquela coisa, né?* [Fica confuso.] *É. O que deu nele pra chegar a fazer essas coisas.* [É como se, quando você se lembra dele, desse lado bom que sempre fez tudo por vocês, não condiz com o que ele fez.] *Não.* [Não faz sentido pra você pensar que é a mesma pessoa?] *É, porque aí eu fico pensando, assim, quando minha mãe conheceu ele, eu e minha irmã, a gente era pequena ainda, ela tinha uns 4, 5 anos e eu tinha 9 para 10 anos. Então, assim...* [Ele teve oportunidade?] *Ele teve, e ele nunca fez, eu não entendo porque ele foi fazer. Assim, eu nem falo tanto com a Eduarda, porque não tem, assim... não corre sangue dele, mas eu fico pensando na própria filha, como faz isso com a própria filha? É uma coisa que não dá pra entender...* (pausa). *Porque, assim, com a Eduarda a gente pensa, não era neta de verdade, né? Mas e a filha? Porque não dá pra entender, olhar pra própria filha e... querer ela como mulher, né? Ver ela de outra forma* (pausa). *Então, eu não sei, se ele não precisa de algum tratamento, porque não é normal.* [Isso é uma coisa muito complicada.] *É.* (silêncio). [Bom, Marina, eu queria que você colocasse um título aqui.] Escreve "Família unida".

Interpretação

A UP de Marina agora é composta por uma casa, primitiva e recortada ao meio, além dos três integrantes da família da primeira UP. Este traço na casa, além de indicar a nítida separação entre os membros do casal (estão juntos, mas separados) parece sugerir, acima de tudo, uma cisão do eu.

Assim, também no seu relato, ela mostra mais uma vez uma postura de ficar suspensa no "meio" da família da qual faz parte, sendo incapaz de escolher um lado para ficar, ou uma postura criativa de integração (ou de rejeição) de ambos, de modo a construir um pensamento pessoal. Esta postura é típica da fase pre-edípica do desenvolvimento, ou do início da posição depressiva, quando ainda impera a ambivalência. Nesse âmbito, é observada também a dificuldade de integração entre o objeto bom e o mau, representada tanto na figura do padrasto (agressor), quanto na do marido. Assim, necessariamente as suas escolham implicam excluir algo/alguém/um lado, visto não ser possível realizar o processo de "aparar as arestas" que a integração exige.

Sua visão em relação ao abuso da filha e da irmã pelo mesmo agressor diverge. Ela o absolve parcialmente em relação ao abuso de Eduarda, por esta não ser da família

consanguínea dele, mas não o faz em relação a Beatriz. Isto sugere que, para ela, a verdadeira relação parental é a consanguínea, e não a afetiva. Portanto, a questão da diferença geracional e da hierarquia de poder que ela gera, não é em si problemática, no âmbito sexual. Desse modo, a relação mais sexualizada entre adultos e crianças, se não é completamente vista por ela como "natural", no mesmo nível que aquela entre dois adultos, pelo menos não é considerada como uma ofensa demasiado grave. É inclusive algo passível de compreender, ao contrário do incesto consanguíneo. Este pensamento remete à ideia de que o seu sofrimento decorrente de sua vivência de abuso, não foi legitimado pela mãe, e também a uma visão de si mesma como alguém que possivelmente contribuiu para que ele ocorresse, assumindo uma parcela de culpa como a do agressor. Esse estado de coisas, associado ao fato de que o abuso que sofreu não tenha incluído a penetração, indica que Marina não tem uma noção completa do que significa um abuso.

Esta diferença de atitude por parte de Marina face ao abuso da filha e da irmã parece responder ainda por uma sensação de que o sofrimento da mãe é maior do que o seu, o que a conduz a deslegitimar a própria dor e a buscar proteger a genitora. Daí surgem as racionalizações aliadas à repressão para reprimir os próprios tormentos.

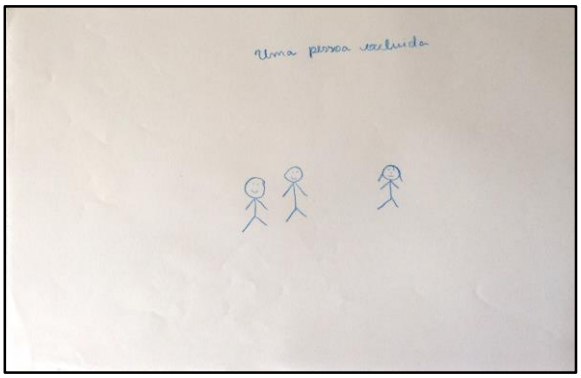
É interessante notar que o desejo e queixa de Marina nesta UP são semelhantes a uma UP de Joana: o desejo de ter a família mais unida e o ressentimento por isso, pois cada um vive sua vida, sem interação com elas, segundo seus relatos. Há, assim, uma relação de dependência quase simbiótica entre ela e a mãe, com a escassa diferenciação entre ambas, a qual faz com que torne ainda mais dramático o risco de ela repetir a história da genitora e que Eduarda e Beatriz façam o mesmo. É também por essa razão que Marina mantém o seu casamento, na tentativa de seguir um caminho diferente daquele de sua mãe (medo de ter outros parceiros abusadores e de a filha não ter um pai para defendê-la, mesmo que ele tenha já falhado a esse respeito).

Ademais, a fala de Marina sobre a relação entre ela, a mãe, o marido e o padrasto denota uma confusão de lugares e sugere pensar que o padrasto teria ciúme dela com o marido. No entanto, em seu relato, existe a impressão de haver ainda certa mágoa pelo padrasto ter escolhido Beatriz e Eduarda para serem suas parceiras sexuais, e não a ela. Nesse sentido, é possível pensar que este ciúmes na verdade é projetado: Marina é quem sente ciúmes do padrasto e projeta este sentimento no mesmo, acreditando que é ele quem sente ciúmes dela com o marido. Há, portanto, uma não diferenciação das gerações, sugerindo pensar em uma família incestuosa em que os lugares (mãe, filha, pai/padrasto, marido, genro) estão perdidos e na qual há uma disputa inconsciente da mãe e da filha pelos homens.

6.3.3.3 Terceira Unidade de Produção: Uma família em que alguém não está bem

[Agora, eu quero que você desenhe uma família em que alguém não está bem.] *Uma família em que alguém não está bem?* [Isso.] Demora 45 segundos para iniciar, mas termina rapidamente.

Figura 15 - Terceira UP de Marina



História

Aqui sou eu (aponta para a terceira pessoa do desenho), *eu me sinto mais distante...* (tom de voz melancólico parecido com o da mãe) *deles. Porque eu vejo que eles... É bem próximo, né? Então, às vezes eu me sinto meio... distante deles.* [Aham.] (silêncio/choro). [É como se você fosse... esquecida?] *É, é. Assim, às vezes minha mãe fala que é ciúmes, mas não é ciúmes. Assim, eu entendo que ela é mais apegada a ele, né? Mas, assim, tudo é o pai, tudo é o pai, tudo é meu pai. Então, às vezes eu me sinto meio... excluída, sabe? Porque, assim... Que nem, às vezes ele leva ela na pracinha, aí, assim, ele não me chama, ele não fala: "Ah, você quer ir?" Não. Ele pega e leva. Então, assim, aí eu me sinto meio excluída, sabe? Meio afastada deles.* [É como se você não tivesse espaço na relação deles?] *Isso* (pausa). [Isso te faz se sentir mal?] *Faz* (pausa). *Assim, eu não sei, às vezes pode ser ciúmes também, porque... desde pequenininha, desde quando ela nasceu, sempre foi assim, ele ia lá em casa, ficava com ela, ela dormia, ele ia embora. Não tinha, assim, um tempo pra nós dois, né?* [Aham.] *Aí, assim, minha mãe dizia que era ciúmes e tudo, mas sempre foi assim, sabe? Ele sempre foi lá depois que ela nasceu, não pra ter um tempo comigo, era mais por causa dela, né?* (emocionada). *Porque, assim, antes de ter ela, ele também não era muito, assim, de ficar indo me ver. Mas, depois que ela nasceu, eu senti que ele ia lá... mas não por causa de mim, era pra ficar com ela. Então, aí, às vezes ela dormia e eu esperava pra ficar um tempo só nós dois, né?* (emocionada). *E não era isso o que acontecia. Ele fazia ela dormir e ia embora. E, assim, de final de semana, porque eu trabalhava de final de semana também, de sábado e domingo. Então, aí, de manhã, ele pegava ela no sábado de manhã... e aí, como no domingo*

eu ia trabalhar, ele nem ia lá. Ele só deixava ela no domingo à noite e depois ia embora. Então, acho que foi isso assim... que foi mais afastando, né? Porque... quando está junto, não está, né? (pausa). *Eu me sentia... separada, porque parecia... assim, que eu só era a mãe dela, que eu não era nada dele. E hoje eu sinto isso também, que eu só sou...* [A mãe. Você não é mulher.] *Não. Eu sinto isso, assim... que ele me vê com um olhar de mãe... não como... mulher.* [Aham.] *Porque, no começo, quando eu engravidei, ele não queria, né?* [Que você engravidasse?] *É, assim, quando eu falei pra ele que estava grávida, ele não gostou muito. E assim, ele se afastou bastante, ele sumia. Às vezes ele ficava até 15 dias sem ir na minha casa. Aí ele falou que ia ficar comigo só... até ela nascer, porque depois cada um ia para o seu lado. E aí, depois que ela nasceu, não sei se ele meio que... se sentiu na obrigação de ficar junto, sabe?* (pausa). *Aí eu não sei se ele decidiu ir morar junto por causa dela... ele disse que não, mas eu acho que sim, que foi mais por causa dela, né? Porque ele não queria... Morar junto comigo. Porque, assim, a gente tem uma diferença de 10 anos, né? Então, ele sempre falou que eu era muito nova, que isso, que aquilo... Então, eu acho que nos planos dele... não era, assim, formar uma família comigo. Então, acho que foi por isso que ele ficou mais assim com a minha gravidez. Não sei se ele pensava que eu não ia ter responsabilidade, não sei o que ele pensou... porque... quando eu conheci ele, eu tinha 14 anos, ele tinha 24, era uma diferença muito grande, eu praticamente era uma criança, né? Não sei o que ele pensava... se ele achava que eu não ia dar conta. Até uma vez que a gente discutiu ele falou: "Isso é o que dá ficar com criança, com pessoas mais novas". Porque ele sempre falou que nunca gostou de mulheres mais novas, né? Então, aí eu fico pensando por que ele ficou comigo tanto tempo, porque quando eu conheci ele, ele sabia que eu tinha 14 anos, né?* [Sim, ele escolheu ficar com você, né, Marina?] *Foi, eu não obriguei ele a ficar comigo... Então, eu não sei, eu não entendo o que se passa na cabeça dele. E ele não fala, então fica difícil, né?* (pausa). *E as vezes que a gente conversou, ele nunca parou pra me ouvir, sempre me apontando, sabe: "Ah, mas isso é culpa sua, você que é isso, você que é aquilo". Então, eu acabei desistindo, porque a gente vai conversar e a pessoa não quer ouvir, né? Fica só atacando. Então... eu deixei de lado, sabe, deixei... deixei do jeito que estava.* [E é como vocês estão até hoje?] *É, até hoje.* [E você se sente assim desde o começo da relação de vocês, como você desenhou?] *Aham.* [Você sente que você gostaria de ser olhada por ele, assim como a Eduarda, não é?] *É, e eu sei que isso não acontece.* [Você queria ser desejada por ele, querida por ele...] *Aham* (pausa). *Assim, acho que toda mulher, né? Quando tem alguém em casa, ou vai morar junto, é esse o desejo dela, né? De ter um marido presente, de ter um marido que... Está ali.* [E como você se sente hoje em relação a isso, Marina? Você diz que

gostaria que ele estivesse mais perto de você, é isso?] *Eu já quis mais. Agora... eu acho que eu, assim, já... desencanei, sabe? Assim, já larguei de mão. Mas eu já quis mais. Agora eu acho que eu já não estou... mais tão ligada nisso, sabe? Mas... mas eu sinto, né? Mas agora já... assim, eu sofro, mas não tanto quanto antes.* [Sei, mas está aí dentro de você esse sentimento, né, Marina?] *É, assim, antes eu sofria mais, né? Agora eu sofro, mas... eu fico... na minha. Eu entendo a nossa situação* (pausa). *Pra falar a verdade, eu nem sei o que eu sinto* (pausa). *Eu não sei te dizer o que eu sinto, porque... é uma mistura de tudo, né?* [Você está muito confusa, né, Marina? Você conta que não sabe o que pensar em relação ao marido da sua mãe, e agora, em relação ao seu marido também.] *É.* [É uma confusão de sentimentos.] (silêncio). [Você pode colocar um título aí também?] Espera alguns segundos. Escreve "Uma pessoa excluída".

Interpretação

A UP de Marina permanece graficamente no mesmo padrão das outras; contudo, nesta, ela desenha a si mesma mais afastada do marido e da filha. O seu relato é de que se sente esquecida e excluída pelos dois, o que mostra, a princípio, ciúme e inveja da relação da filha com o pai/marido, o que desencadeia sentimentos de ser incompreendida, de solidão e exclusão. Com isso, ela começa a assumir uma postura de vitimização muito parecida com a da mãe. Novamente observa-se o fatalismo da vida para ela.

A vivência do abuso de Marina fez surgir-lhe a crença inconsciente de que os homens se interessam por meninas, isto é, crianças. Quando elas crescem, eles se desinteressam. Esta é a ideia que ela tem em relação ao marido, alguém que a desejou quando era pequena (14 anos), mas que não a quer mais quando é adulta. Esta "cultura do abuso" faz com que Marina coloque o marido quase como um abusador, já que o interesse dele é pela filha, e não por ela. Assim, mais uma vez a UP revela haver uma confusão das diferenças e hierarquias de geração, na qual os lugares da família estão fluidos: tanto ela, quanto Eduarda são mulher/mãe/filha do marido.

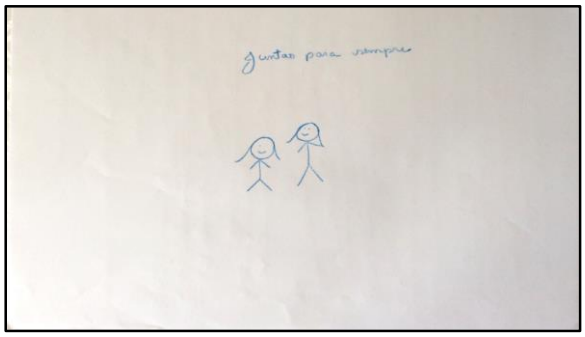
No caso do abuso de Eduarda, a violência não pôde ser negada e foi necessário tomar uma decisão a respeito, porém Marina não entende o porquê disto, já que considera os dois casos como diferentes. O sofrimento é muito maior devido às consequências que o abuso provoca do que da própria experiência em si de ter sido abusada. No caso de Marina, este sofrimento está vinculado à relação incestuosa que existe em sua família, na qual, segundo o seu ponto de vista, o marido e a filha se encontram em uma relação de amor de homem e mulher, enquanto ela é excluída e não desejada.

Marina também revela nesta UP que a sua gravidez não foi desejada e foi quase que rejeitada pelo pai de Eduarda. No entanto, foi somente após o nascimento da filha que ela pôde conviver com o marido mais frequentemente, mesmo que ela diga que ele não tinha a intenção de vê-la quando ia visitar o bebê. Depois de um tempo, eles passam a morar juntos para criar a filha, segundo ela. Portanto, o discurso é o de que Eduarda ocupou, desde o início de sua vida, uma posição ambivalente de unir e separar o casal ao mesmo tempo, posição esta que perdura até os dias atuais.

6.3.3.4 Quarta Unidade de Produção: A sua própria família

[Agora, o último desenho, Marina, eu quero que você desenhe a sua própria família.]

Figura 16 - Quarta UP de Marina



História

Agora só eu e ela (pausa). *Com o tempo... acho que mais pra frente... espero que seja só eu e ela* (tom de voz melancólico parecido com o da mãe) (pausa). [E se você pudesse contar uma história, sobre vocês duas, o que você contaria?] *Ah, assim, que... que a gente seja, assim, unidas, né? Que ela... tenha... em mim segurança, de poder, assim... confiar, e querer estar sempre perto... de mim.* [Você sente que isso hoje não acontece?] (pausa). *Assim, ela me ama, eu sei, assim, mas... eu acho que, assim, ela não... foca tanto em mim, sabe?* (pausa). *Não sei.* [E você pensa alguma coisa a respeito desse sentimento que ela tem com você e com o pai?] *Ah, é que ele... ele é mais maleável com ela, né? Eu sei que, assim, eu sou mais firme. Não sei se é por isso que, ela... meio que... se afasta um pouco. Porque, assim, ele... deixa ela fazer tudo o que quer, né? Não sei se por isso ela é mais chegada nele também. Eu não, eu já sou mais, assim... tem que ter regras, né? Acho que toda criança precisa ter hora pra tudo. Então, acho que é por isso que ela acaba indo para o lado dele mais, porque, assim, às vezes ela pede as coisas pra mim, eu falo 'não', e ela sabe que ela indo para o lado dele, vai ter um 'sim', né? Então, eu acho que é mais isso.* [Aham.] *E, assim, eu não quero que ela ache que eu sou uma bruxa, eu quero que ela entenda que é para o bem dela, né? Que não é tudo que*

ela pode fazer. [E você acha que ela não entende?] *Eu acho que ela não consegue entender, eu acho que ela me vê como... a má da história, e o pai dela... é o bonzinho. Então, eu espero que mais pra frente ela entenda que não foi assim, que é mais pra educar ela, pra ela saber o que é certo e o que é errado, né? Porque... a gente tem que ter regras, né? Tem que ter o sim e o não na hora certa. E aí eu acho que ela não entende... eu acho que ela fica confusa, na verdade, eu acho que ela pensa assim: "Por que o meu pai fala 'sim' em tudo para mim e minha mãe não?" Eu acho que é mais isso que ela não consegue entender, eu acho que ela pensa, assim, que eu sou ruim, que eu não amo ela. Que nem, às vezes ela pede pra eu fazer as coisas que eu... no meu ponto de vista não é o momento certo, né? Aí ela fala: "Ai, você não me ama, porque você não deixa eu fazer nada, meu pai deixa eu fazer tudo". Então, eu acho que ela pensa que o amor é quando ela pode fazer tudo o que ela quer, mas eu espero que com o tempo ela entenda que não é assim. Todo mundo precisa de um "não".* [E você já tentou dizer isso pra ela?] *Já. Já conversei com ela, mas, assim, como eu acho que ela é mais ligada nele, então, eu acho que ela pensa que... sempre foi assim, né? Então eu acho que ela pensa que o certo... é... ela... fazer tudo.* [Uhum.] *Mas com o tempo ela vai melhorando, ela vai crescendo e vai aprendendo... que não é assim.* [Uhum.] (silêncio). [E que título você daria para o seu desenho?] (silêncio). Escreve "Juntas para sempre". [Você gostaria de falar mais alguma coisa?] *Não.* [Está tudo bem?] *Está.* [Bom, Marina, eu queria agradecer muito de você ter vindo aqui, ter conversado comigo...] *Imagina, obrigada eu.* [Agora eu vou chamar a Eduarda e a gente se vê na semana que vem quando você for trazer ela, está bom?] *Aham.*

Interpretação

A última UP de Marina mostra apenas ela e filha. O tom melancólico no início de sua história lembra muito as histórias do DF-E de Joana, o que remete à ideia de que Marina aposta na filha como alguém que vai tirá-la deste lugar de solidão onde se encontra hoje. Assim, ela situa em sua relação com Eduarda a esperança do fim de seu sofrimento e de uma vida mais feliz.

Nesse relacionamento descrito, as posições e a hierarquia geracional estão bem estabelecidas, expressas na função parental de imposição de limites que ela já desempenha e deseja continuar a fazê-lo. Embora perceba que essa função pode levar a um afastamento inicial da menina em relação a ela (o que desperta novamente as suas angústias de perda do objeto), Marina decide enfrentar o risco porque tem consciência dos danos emocionais que a livre expressão pulsional pode ocasionar na vida de alguém. Então, é deste modo, enfrentando o medo do próprio desamparo e solidão, que ela percebe que poderá proteger sua filha. Sua

esperança é que o amadurecimento da menina transforme uma possível relação de confronto entre mãe e filha em gratidão e reconhecimento, como a que Marina vive atualmente com Joana.

Deste modo, esta UP tem um caráter mais otimista do que as anteriores, pois imaginar as duas juntas no futuro pode ser entendido como uma possibilidade almejada por Marina que a levará a confiar em si mesma e conseguir ser cuidadora e protetora de si e da filha, sem mais depender do marido para exercer esta função. Essa perspectiva é representada pela imposição do limite protetor, visto que não ser permissivo em tudo conduz ao fortalecimento do outro, deixando-o menos vulnerável aos perigos e fortalecendo o *self*.

Em síntese, o conjunto das UP de Marina aponta para um posicionamento ambivalente dela em relação a família.

6.4 Eduarda

6.4.1 *Rapport*

Eduarda chega ao primeiro dia do encontro animada, cumprimenta-me e rapidamente começa a conversar. A aparência dela é de uma criança feliz e agitada, que se comunica com muita facilidade. As falas são bastante rápidas e um pouco enroladas, o que em alguns momentos gerou dificuldade para entender o que ela dizia. Ela parece ser uma menina bastante impulsiva, com tendência a dizer tudo o que pensa; por isso emenda assuntos subsequentes, o que torna difícil acompanhar seus pensamentos em alguns momentos. Eu começo dizendo que ela já está sendo atendida ali no serviço por outras pessoas que ela já deve conhecer, e ela responde que conhece a psicóloga.

Aí eu conheci ela, conheci a tia da... da... [Que fica aqui nessas salas?] *É, mas o resto eu não conheço não.* [Ah é? Então, eu vou me apresentar para você: eu sou a Mariana, e eu estou aqui porque eu faço uma pesquisa, é por isso que eu estou conversando com a sua mãe, conversando com você...] *Ela estava aqui agora?* [Sua mãe estava comigo, sim (pausa). E eu queria saber se por você está tudo bem a gente conversar um pouquinho, se conhecer um pouco melhor? Tudo bem?] Ela balança com a cabeça afirmativamente. [Eu liguei um gravador, como você está vendo, que é para que eu não me esqueça de nada do que a gente converse, está tudo bem por você?] *Uhum.* [Então, Eduarda, eu estou aqui pra gente conversar, pra tentar ajudar vocês... Vocês estão vindo no serviço porque passaram por algumas coisas ruins e é por isso que eu estou aqui, pra gente conversar um pouco, brincar e

eu conhecer um pouquinho mais de vocês, está bem?] *Aham.* [Eu quero que você fique à vontade, qualquer coisa que você sentir, você pode me falar, está bom?] *Aham.* [Bom, eu queria então que você me contasse um pouco de você, o que você faz, como são os seus dias...] *Eu acordo às 6h e vou pra escola às 7h. Eu acordo às 6h da manhã e às 7h eu já vou, se eu for às 8h o portão já vai estar fechado.* [Ah tá.] *Então eu chego lá às 7h, porque o portão está aberto.* [Então, depois você não consegue entrar?] *É, ontem eu sonhei que estava indo pra escola às 10h.* [Ah é?] (risos). *É, aí eu cheguei e tive que entrar pela diretoria, aí minha professora ficou maior brava porque eu tinha chegado às 10h.* [Hum.] *Aí quando era às 7h, minha mãe tentou me acordar, aí quando era às 8h, minha mãe também tentou me acordar, aí às 9h ela estava me chacoalhando, porque às vezes eu vou dormir tarde.* [Aham.] *Sabe aquela novela "A força do querer?"* [Sei, a que acabou agora, né?] *É. É que esses tempos atrás eu fui assistir, aí minha mãe tentou me acordar, tentou me acordar, tentou me acordar, aí deu 10h, deu 9h, ia dar 10h e ela não conseguiu me acordar.* [Hum.] *É por causa do trabalho que ela vai, às vezes ela vai às 10h, ou às vezes ela vai às 7h, ou vai às 9h.* [Sei.] *Eu chego acho que às... 11h, mais ou menos acho que 11h... e 20min.* [Da escola, então?] *É, eu estudo de manhã.* [Isso.] *Aí eu chego... eu como na escola, aí eu quero comer de novo em casa.* [Ah é?] (risos). *A minha mãe fala que é fome de crescimento.* [Sei.] *Ontem ela falou: "Você precisa fazer regime, a partir de amanhã você começa a fazer regime".* [Ah é? Por quê? Ela acha que você está comendo muito?] *É, ela falou assim: "Você está muito gorda", aí eu falei: "Mas não sou só eu que estou gorda"* (risos). *É, por que ela também não está gordinha?* [Entendi] (risos). *Porque somos nós duas que somos gordas lá naquela casa, porque o meu pai não é, ele é magrinho.* [Ele é magrinho?] *É, ele não consegue engordar porque... porque meu pai, ele tem um problema na... não sei como chama... então, meu pai pode comer uma coisa do tamanho dessa sala, que ele não engorda.* [Hum...] *Aí minha mãe falou que ele começou a engordar muito, mas eu não estou vendo nada de gordinho lá, não.* [Ah, você não está vendo?] (risos). *É.* [Então não adianta o que ele está comendo?] *É, parece que ele está de dieta.* [Ah, entendi.] *Ele passa o dia todo no celular, não para de sair do celular, e ele não me deixa mexer no celular. Quando eu quero mexer no celular, ele não deixa.* [É mesmo?] *É. Até pra tomar banho ele leva o celular, eu não faço isso, eu deixo o meu celular na mesa.* [Aham.] *Ele falou pra mim esses dias atrás: "Eu não vou te dar meu celular", eu falei assim "Por quê?", "Porque o seu tablet está lá no conserto, sua mãe não deu o dinheiro pra eu ir lá buscar". Porque a minha mãe trabalha, ele trabalha de vez em quando.* [Sei.] *É que ele trabalha com uma pessoa, aí quando ele precisa, chama ele pelo celular, quando não precisa, ele fica em casa.* [Entendi.] *Mas aí é difícil comprar coisas para*

mim, porque tem que comprar coisas pra minha mãe... porque quem trabalha lá é só minha mãe. [Aham.] *Às vezes nós temos que... às vezes* (enrola a língua) *às vezes lá em casa... Por falar em casa, hoje eu não guardei meus brinquedos, está tudo no chão...* [Ixi.] *Minha mãe viu uma perereca lá na minha casa!* [Viu?] *É, hoje, ela está dentro do meu baú de brinquedos.* [Nossa!] *É, aí minha mãe foi... a minha mãe falou: "Ah!", aí a perereca: "Fuin...", pulou. Aí na hora que ela foi tentar matar ela, ela pulou dentro do meu baú.* [Dos brinquedos?] *É, sorte que meus brinquedos estavam do lado de fora.* [Nossa, e aí?] *Aí ela entrou dentro do baú e minha mãe fechou. Ela vai ficar sem respirar.* [Ela vai ficar sufocada lá dentro?] *É, se fosse um sapo... ia ser desse tamanho!* (mostra um tamanho grande com as mãos). *Aí minha mãe ia ficar: "Vamos embora agora, agora, agora!" Ela ia ficar...* (fala caçoando da mãe). [Você acha que ela ia ficar com medo?] *É, eu só ouvi um: "Ah! Uma perereca!", eu: "Mãe, aonde?", aí eu falei assim: "Deixa eu voltar pro meu sofá..."* (com medo da perereca). *Aí, a hora que eu voltei eu só vejo ela "Puin".* [Pulando?] *É, eu acho que tem algum pelinho nela que está atrapalhando ela a pular.* [Na perereca?] *É. É tipo um... sabe aqueles pelinho de tapete?* [Ahn...] *Que é grande, enorme?* [Hum... acho que sei.] *Então, estava nela, a hora que ela foi pular eu só vi um "Fum...", só vi um negocinho voando.* [Estava atrapalhando ela?] *Aí minha mãe está achando que ela entrou ou pelo ralo, ou pelo ralo da pia, ou de lá do lado de fora. Porque do outro lado tem um vizinho que mora na mata.* [Hum.] *E tem um monte de cachorro, tem galinha, tem cachorro, tem gato, tem um monte de bicho. Aí a perereca deve ter vindo de lá, aí meu pai vai ter que caçar ela, e guardar. Eu que não vou guardar tudo aquilo não, vai que tem xixi de perereca... porque os meus brinquedos já estão com xixi de gato, minhas sacolas estão com xixi de gato.* [Vocês tem gato?] *Não. É que o gato do meu vizinho foi lá, ele ia lá.* [Ah.] *Ele estava lá comigo, aí ele mijou, fez cocô na minha capinha do celular. Tive que jogar fora, minha mãe mandou eu jogar fora, eu joguei.* [Ixi.] *Eu tinha duas capinhas iguaizinhas. Do nada aparece uma capinha igualzinha à outra, só que a roupinha era igual, não muito igual, era uma rosa e uma vermelha (pausa). E a hora que minha mãe chega... mais ou menos... não tem a Cultura?* [O canal de televisão?] *É, o 4. Quando está passando... ela chega quando está passando "Monstros SA". Na hora que tiver passando "Que monstro que te mordeu", que é o desenho, que é às cinco e meia da tarde ou... ela chega... às... na hora da pantera, aquela, a pantera cor de rosa.* [Sei.] *Ou é aquela hora. Só que às vezes ela chega... muito tarde porque ela vai muito tarde pro trabalho.* [Aham. E aí nesse período você fica na sua casa com seu pai?] *É, eu fico entediada de ficar lá dentro.* [É mesmo?] *Fico, fico assim: "Pai, vai buscar a Beatriz, vai buscar a Beatriz", que é minha tia; aí ele fica: "Não tem gasolina, não tem gasolina, não tem*

gasolina", aí eu fico: "Ai pai...", até choro pra ele ir lá buscar. Aí ele falou assim que hoje ia lá buscar ela (pausa). *Ele mente, muito.* [Ah é? Por quê?] *Porque ele fala que vai buscar a menina, mas ele não busca; ele fala que vai me levar na minha avó, mas ele não me leva; ele fala um monte de coisa que vai fazer, mas ele não faz.* [Sei... e aí você fica esperando essas coisas, e ele não faz?] *É, só fica no celular o dia todo.* [E então você acaba ficando sozinha?] *É, eu moro com uma pessoa* (pausa). *Tipo assim, tem três casas lá, juntas. É uma casa com três casas.* [Ahn.] *É a casa da minha bisavó, minha casa, e tem uma casa que uma mulher morreu* (ela fala muito rápido a última parte). [Quem morreu?] *Uma mulher.* [Ah tá, ela morava lá então?] *É, ela tinha câncer no... no... acho que é no útero. Não, acho que é no pulmão e no útero... aí ela passou mal à noite, aí ela falou que estava sentindo tipo um sangue saindo, aí quando ela percebeu que estava saindo sangue, ela foi pro hospital e morreu.* [Nossa!] *Aí eles se mudaram de lá e jogaram a cadeira de rodas fora.* [Ahn, por quê?] *Eu queria brincar com aquela cadeira de rodas! Seria muito legal!* [Ah, você queria andar nela?] *É, e nunca mais andar! Dá vontade falar assim: "Neguinho, me dá a cadeira de rodas", mas ele jogou fora.* [Ah, e você queria andar só com cadeira de rodas?] *É, queria ficar andando de cadeira de rodas. Eu queria saber, como a cadeira de rodas sabe que a gente quer ir pra lá, pra cá, pra frente, pra trás*. [Então, como que tem uma coisa que sabe pra qual lado a gente quer ir?] *É, eu já andei na cadeira de rodas da dona dela, aí... só que... eu fui na cadeira de rodas escondida, junto com a minha tia. Aí eu queria ir pro lado, ela foi pro lado; eu queria ir pro outro, ela foi pro outro; eu queria ir pra frente, ela foi pra frente.* [Hum...] *Aí eu fui assim, é a rodinha da frente que vira... mas a única coisa que eu não entendi... eu gosto daquelas cadeiras eletrônicas sabe?* [Aquelas que vem e vai direto?] *É, porque a cadeira de rodas cansa o braço.* [Então, você prefere aquela que não faz esforço.] *É, só o dedinho que dói, mais nada. Só fica no dedo "pum, pum, pum"* (fazendo gesto com o dedo apertando um botão). [E você não cansa, então.] *É. O meu primo tem mais brinquedos que eu.* [Ah é?] *Ontem... Ele é mais sortudo do que eu também* (fala muito rápido). [Mais sortudo?] *É. Antes de ontem ele achou um skate.* [Ah é? E você que gostaria de ter achado?] *É, mas eu que encontrei, fui eu quem falei pra ele, mas eu não catei, deixei ele catar. Aí ele foi lá e catou, aí minha tia Renata falou que era pra dar pra mim, porque fui eu quem achei. Aí eu falei que não precisava.* [E por quê, então, que ele é mais sortudo que você?] *Porque ele achou o skate!* [Bom, mas...] (ela me interrompe) *O skate fui eu!* [Bom, mas então você é sortuda?] *É.* (silêncio). *Ontem ele achou um* (pausa)... *um outro skate.* [Ahn.] *Só que aí ele deu pra uma pessoa. O dono acabou aparecendo.* [Aham.] *Ontem eu fui com a minha avó... meu primo ontem estava chato.* [Ah é?] *É, eu queria brincar com o skate, mas ele não*

deixava; eu queria brincar de uma coisa, ele não queria. Aí ele me falava um monte de brincadeira que eu não gostava de brincar. [Sei...] *A única brincadeira que eu gosto é pique-esconde. É porque você corre, você se esconde... é maior legal.* [Aham.] *E por falar em pique-esconde, a tia* (fala o nome da psicóloga do serviço) *não veio?* [Não sei se ela está, por quê?] *Porque ela falou que a próxima vez que eu viesse aqui* (não entendo a sequência). [Eu posso ver depois pra você. E você falou que foi na sua avó ontem...] *Foi.* [Como foi lá?] *Foi legal, eu comi um monte de coisa. Ficou um monte de coisa na minha barriga, tomei suquinho, tomei guaraná, tomei... comida, aí misturou tudo.* [E como será que ficou tudo isso dentro da sua barriga?] *Tipo assim (faz movimentos circulares com as mãos na frente da barriga). Ontem meu primo estava querendo assistir Minions, sabe o 1? Então, ele queria assistir o 2, 3, quer dizer. Aí eu falei que eu não estava querendo, porque eu já assisti um trilhão de vezes. E ele assistiu trilhões, trilhões, trilhões e trilhões de anos.* [Ahn...] *E eu querendo assistir Rapunzel, porque eu ainda não assisti, aí ele me deixou assistir. E a Moana, aí ele saiu, falou que ia jogar o skate fora. Aí ele foi lá onde jogava o skate, jogou fora e depois catou o skate de volta* (pausa). *Eu falei: "Pai, me dá um skate?", ele falou: "Não, skate é coisa de menino", "E roller? Roller não é de menino também?", aí ele falou assim: "Roller é mais pra menina, mas tem menino que usa", "Então, o que é que tem eu usar um skate?"* [É verdade.] *Aí ele falou que vai comprar um skate* (pausa). [Você quer brincar de alguma coisa daqui?] (ela olha os brinquedos.) *Deixa eu ver...* (mexe nos brinquedos). *Tem muita coisa aqui que pode brincar* (pausa). *Eu esqueci de trazer minha boneca...* [Hum... e você gosta de brincar de boneca?] *Mais ou menos, mais ou menos.* (Eu me endireito na cadeira). *Meu pai fala que eu sou meio corcunda.* [Ah você reparou que eu fiz assim...] (eu me mostro reta na cadeira – risos). *Às vezes eu fico assim* (entorta o corpo para um lado); *às vezes eu fico assim* (entorta para outro lado). *Meu pai fala que eu tenho que ficar assim* (fica ereta), *mas cansa!* [É, cansa mesmo.] *Fica doendo aqui* (aponta para lombar). *Minha amiga fala: "Adivinha o que eu 'trusse'?", aí eu falei: "Amiga, não é 'trusse', é trouxe!", aí ela: "Tanto faz!", aí ela falou outro dia: "Adivinha o que eu 'trusse'?; "Amiga, é trouxe!"; aí ela: "Quer dizer, trouxe"* (risos). *E aí depois de séculos ela concorda, "trouxe". A professora falava toda hora que é trouxe, não 'trusse'. Tem um monte de aluno que fala "Eu 'trusse'".* [Verdade, você está certa.] *Mas eu falo assim "É trusse? Ou é trouxe?", é aí eu fico lá...* (se mostra pensativa) [Você fica na dúvida de como falar, mesmo com a professora dizendo como é o certo?] *É. Aí, esses dias minha amiga... ela estava lá e ela foi brincar de pique-esconde, aí ela tropeçou* (risos), *aí ela caiu em cima de mim. Aí a minha amiga que é mais gordinha, me segurou, porque toda hora ela fica assim, me abraçando, me*

levantando até o céu. É chato! Ela fica assim toda a hora. E aí quando eu reclamo, ela começa a reclamar. [Ahn...] *Porque quando eu peço: "Para!", pra ela parar, ela não para, depois que eu grito, ela acha ruim. Porque tem pessoas que são grudentas, sabe, assim* (ela faz um gesto com as mãos passando sobre seus braços). [Grudentas.] *É.* [E aí você não gosta?] *É que eu não sou chegada a dar abraço, sou chegada a dar abraço no meu pai.* [Sei, só nele.] *Minha mãe fala que eu gosto mais do meu pai do que da minha mãe.* [E o que você acha?] *Minha mãe... minha mãe... as pessoas falam que quem nasce menina, gosta do pai, e quem nasce menino, gosta da mãe.* [Quem falou isso?] *As pessoas falam.* [Ahn... e você, o que acha?] *Eu acho que é verdade, porque eu gosto do meu pai.* [Mais do que da sua mãe?] *É. Não, da minha mãe eu gosto um pouquinho* (pausa). *Não, bastante. A minha mãe fala assim: "Você não gosta de mim?", aí eu falo: "Não, eu gosto do meu pai, do meu pai", aí ela fica assim: "Nossa hein, magoou". Aí quando eu fico perto do meu pai... quando eu vou dar abraço nela, ela não deixa eu dar abraço.* [Ela não deixa?] *Ela é ciumenta. Aí eu vou cantar aquela musiquinha: "Ciumenta, larga de ser ciumenta, nenhuma criança te aguenta, ciumenta"* (canta) (risos meu e dela). *Ela é muito ciumenta, quando eu quero ficar com a minha avó, ela fala: "Tá bom, vai lá ficar com a sua avó", aí eu falo: "Ciumenta, larga de ser ciumenta"* (canta). *Porque tudo ela é ciumenta, se eu gosto da minha tia, ela é ciumenta; se eu gosto de outra pessoa, ela é ciumenta; se eu gosto de uma pessoa, ela é ciumenta.* [Você acha que ela quer você só com ela?] *É. Mas aí, minha mãe, ela é tipo, mais compreensiva do que meu pai. Meu pai, se eu bater a cabeça, começo a chorar; ontem eu bati a cabeça no carro e comecei a chorar, ele falou assim: "Bem feito! Bateu a cabeça, onde você queria enfiar a cabeça?"; aí minha mãe: "Osvaldo, ela bateu a cabeça e o ouvido!". Porque eu tinha batido bem aqui* (aponta para o ouvido). *Sabe essa coisa que está aqui, que tem uma marquinha?* (aponta para os lábios). [Não, não notei, como está?] *Você não está vendo um negocinho aqui, não?* (aponta para os lábios internos) [Não (eu olho mais atenta), não estou conseguindo ver, Eduarda.] *Ah, então deve ter passado, porque antes... aqui ó* (aponta mais especificamente para dentro do lábio). [Ah, acho que agora eu vi. Está um pouco machucado.] *Eu bati. É que antes de ontem eu fui no circo, eu acho que é no Novo Shopping, não... indo pro Shopping. Aí, antes de ontem eu fui e me pendurei do pilar, aí bateu no meu dente e bateu no meu beiço, aqui* (mostra de novo). [Você se machucou então.] *É, aí a hora que eu cuspi estava saindo um monte de sangue nesse aqui* (aponta para a gengiva). *Aí minha mãe falou: "Seu beiço é torto".* [Ah é?] *É, falou, porque eu bati.* [Ahn, e aí?] *E aí minha mãe falou que eu vou ter que usar aparelho, porque esse dente aqui cresceu torto. Esse aqui também* (aponta para outro dente). *Aqui já estava torto* (aponta outro). *Aí minha mãe falou*

que eu vou ter que usar aparelho. E óculos também. Porque na minha escola eu não estou conseguindo enxergar direito as letras. Aí o professor fala que é a conversa, só que não, na minha escola eu quase não converso. [É?] *É. Aí eu falo que é a minha vista, está ruim. Aí eu estou olhando assim, na lousa muda de letra.* [Ahn...] *Eu confundo o "O" com o "U". Minha mãe fala que... que... ela acha que isso é uma doença. Mas eu falo que não, porque eu não uso o cérebro direito, porque eu sou preguiçosa.* [Ah, você é preguiçosa?] *Eu tenho preguiça de ir pra escola, tenho preguiça de fazer lição, tenho preguiça pra tudo.* [É por isso que você acha que não usa o cérebro direito?] *É.* [Você acha que podia usar de outro jeito?] *Meu pai faz isso às vezes* (faz gesto de beliscão), *quando eu coloco uma letra errada, aí eu fico... porque ele acha que eu não estou fazendo, aí ele faz com fooorça, e os beliscos dele dói, fica roxo. Quando eu quebrei o capacete, ele me deu um beliscão, ficou até amarelo o negócio.* [É mesmo?] *É que eu pensei que o capacete tinha quebrado, mas não, o capacete desmonta, pra tirar o negocinho que fecha, sabe?* [Sei.] *Aí ele me deu uns "croc", sorte que eu coloquei o capacete antes de ele me dar os "croc", assim...* [Aí ele bateu no capacete?] *É* (risos). [Você é esperta, Eduarda!] (risos). *Eu comecei a rir, depois que eu não fiquei mais esperta, ele me deu um "croc". Eu comecei a chorar, nem entrei dentro da loja* (mexendo-se, o sapato dela saiu do pé). *Ai meu sapato caiu! Esse sapato está... ele é um número tão... tão alto.* [Ele está grande pra você?] *É 33, eu uso 30, 31 ou 32. Ou 33!* [Ele está grande?] *É.* [Bom, daqui a pouco nós vamos finalizar porque você vai para o grupo, né?] *É, acho que é daqui a pouco.* [Sim, daqui 5 minutos.] Ela olha e pega o dominó. *Ontem eu estava procurando isso lá na minha avó, ontem eu estava procurando...* [O dominó?] *É, o dominó, só que eles não estavam no lugar deles, então eu estava procurando, procurando... porque, lá na minha avó, não tem brinquedo pra gente brincar, aí tem que trazer, aí a gente não traz.* [Ah, e aí, o que vocês fazem?] *Ah, aí a gente fica no sofá assistindo televisão.* [E você fica com a Beatriz, sua tia?] *Não, em casa, quando eu estou em casa, eu fico com a minha tia, ou não tem ninguém pra eu brincar.* [Mas a sua avó que você foi ontem, qual é?] *É a minha avó Eneide, a mãe do meu pai, não mãe da minha mãe.* [Ah tá.] *Ontem meu primo levou o skate dele e não deixou eu andar, ele estava muito, muito chato. Meu primo já é chato, nasceu chato já.* [Sei...] *Ele é um ano mais velho que eu. Primeiro ele faz, depois eu faço, ele tem 7 e eu tenho 7* (anos de idade). [Aham. Em que ano você está da escola?] *2º, eu estou no 2º e acho que ele está no 3º. Não, 2º.* Volta a mexer no dominó. *Esse dominó é grudado parece.* [É?] *É, eu queria tirar e parece que ele tem uma pedrinha* (pausa e ela vai mexendo no dominó). *O dominó que eles estavam procurando... o que é isso*? (pega a tampa do dominó). *É do dominó?* [É, a tampinha]. *Ahhh tá. (...) Que eles estavam procurando, o dominó, eles não conseguiram*

achar o dominó. [Ahn.] *Aí nós estávamos lá procurando, procurando. Meu tio revirou o quarto todo, aí a gente não achou, aí minha tia contou uma história de terror.* [Ah! Que história?] *Ah, era... ai, não lembro o nome dela, era uma menina, sei lá o quê, que fugiu. Era uma história de terror, mas aí... os passos dela, era só o eco do corredor. Não tem aquelas ruas que fazem eco, que tem muita casa? Que tampa tudo?* [Ahn, sei. O som?] *É, quando ela acelerava, o passo acelerava, quando "eu comecei a corri", quando ela começou a correr* (corrige-se), *o passo começava a correr. Aí ela olhou para trás, o passo parava. Aí, quando ela falou: "Socorro!", ela falou: "Socorro, socorro, socorro!", aí ela percebeu que era o passo dela. Aí ela começou a andar, quando ela começou a andar, os passos começaram a correr mais rápido, aí ela falou: "Ué, os meus passos no eco estão ficando mais rápidos do que eu?". Ela pensou que era um vampiro atrás dela, só que não, era o dono da mercearia. Aí ela entrou dentro da casa dela, entrou dentro do quarto dela e colocou um... uma cabeça de alho na janela dela e só cobriu debaixo do cobertor e ficou lá. Aí, a mãe dela ficou super furiosa que ela tinha fugido, aí ela falou que serviu de lição pra ela, isso.* [Que lição?] *Pra ela não fugir e ser mais obediente, parar de responder aos pais. Aí ela falou que serviu pra ela, porque ela estava muito desobediente, muito respondona. O dono da mercearia falou tudo pra ela* (para a mãe). [E você? Você acha que é obediente?] *Não, eu não acho que eu sou obediente, não. Eu sou bem difícil de obedecer.* [É?] *É, porque às vezes... porque assim, quando eu falo "não" pro meu pai, eu falo calminha, tipo "Não, pai"* (fala manso), *aí ele fala "Você quer, Eduarda?"* (brava), *"Não, pai"* (fala manso), *aí ele fala "Você quer, Eduarda?"* (brava), *"Não, pai"* (fala manso), *aí ele fala "Você quer, Eduarda?"* (brava), *"Não, pai!"* (grita), *tem que gritar, porque parece que ele é surdo.* [Entendi.] *Aí eu fico assim* (faz cara de brava). *Meu pai é surdo, ele já nasceu surdo.* [Ele não te ouve.] *Ontem, nós vimos uma foto do tio Geraldo, ele era muito feio, na formatura, parecia tudo grudado.* [Quem?] (eu não havia ouvido direito) *O tio Geraldo. Aí ele falou assim "Vou colocar esse quadro lá", aí eu falei "Pra quê? Pra espantar os mosquitos da dengue?". Porque a minha tia falou que era pra espantar os mosquitos, porque ele era tão feio naquela época.* [Sei] (risos). *Aí meu tio Geraldo: "Você não viu a tia Viviane!", aí minha tia Viviane: "Eu sou mil vezes mais bonita do que você, quando era criança".* (risos). [Bom, Eduarda, nosso tempo acabou, agora você vai lá no grupo. Na semana que vem nós nos vemos de novo, tá bom? Na semana que vem e na outra, mais uma vez.] *Por falar no meu grupo, ele acaba que dia?* [Não sei, mas você pode perguntar lá para a psicóloga, está certo?] *Aham.*

Análise do *Rapport*

Eduarda começa o encontro comigo contando detalhadamente sobre sua rotina, a hora em que acorda e a dificuldade que tem para fazer isto. A verbalização desenfreada e desconexa chama a atenção em seu discurso, dando indícios de uma ansiedade intensa. Neste início, ela revela que seus desejos não devem ser realizados porque as suas consequências são prejudiciais – acordar tarde e chegar atrasada na escola. Ela mostra que fazer o que lhe dá prazer não é possível, pois isso a expõe a riscos que não deve passar. Nesse sentido, Eduarda sente que precisa ter limites rigorosos consigo mesma.

No decorrer da conversa, a menina revela um sentimento de desproteção em sua casa, no sentido de que não há limites que a protejam em relação ao que vem de fora, sentindo que a possibilidade de invasão externa existe a qualquer momento. A perereca, quando entra em sua casa, vai para dentro da sua caixa de brinquedos, maculando e contaminando sua possibilidade de brincar e, por isso, a compromete. A mãe não consegue restaurar essa possibilidade dado o seu temor, que a conduz a abafar o brincar da menina. Eduarda mostra viver uma ausência de ajuda, tanto da parte do pai como da mãe, para lidar com os imprevistos e as invasões que surgem em sua vida.

Sentir o mundo externo como ameaçador provoca em Eduarda uma dificuldade na consolidação e expansão da área das experiências transicionais, o que a impede de dispor de um trânsito fluido entre as realidades interna e externa e, posteriormente, diferenciá-las. Esta dificuldade contribui para a sensação do mundo externo ser inalcançável, não havendo ainda confiança na existência de um bom objeto capaz de protegê-la e acolhê-la. Dessa forma, ela fica exposta a ansiedades paranoides intensas (observadas no encadeamento desenfreado da fala e na história da menina perseguida) o que a faz lançar mão de mecanismos de defesas também dessa natureza.

Eduarda busca se desenvolver, porém se depara com um ambiente que sabota seus passos, constituído de um pai ausente, omisso e não confiável, e de uma mãe frágil e carente. Ambos não conseguem acolher a filha em sua condição de criança, falível, frágil, e não entendem suas angústias e ansiedades. O meio a superestima e lhe exige mais do que é capaz, ocasionando uma baixa autoestima, levando-a a sentir que tudo o que faz é errado e precisa ser consertado. O desejo de ter uma cadeira de rodas que a guie e a incompreensão de como ela e o objeto se relacionam mostram existir um hiato entre a sua vontade e o que se passa de fato na vida e no mundo, além da necessidade de ter alguém que possa orientar seus passos. Seus desejos e necessidades não parecem ser ouvidos (o pai é descrito por ela como surdo) e

ela não recebe atenção do mundo externo (pais principalmente); por isso, não é possível haver a expectativa de gratificação.

6.4.2 Aplicação das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven

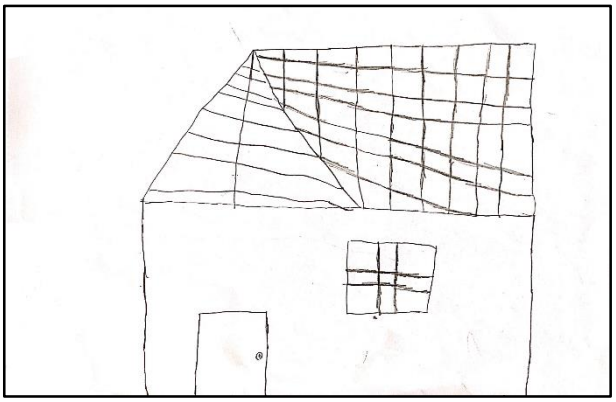
O teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven foi aplicado no mesmo dia do HTP. Foi explicado à Eduarda como ela deveria realizá-lo, conforme as instruções do manual. Ela entendeu bem a proposta e iniciou a tarefa tranquilamente. No decorrer da aplicação, ela foi se tornando cansada e impaciente, tendendo a dar respostas mais impulsivas, sem pensar muito. Apesar disso, ela obteve um bom resultado: percentil 75 e a classificação "Definitivamente acima da média na capacidade intelectual". A aplicação durou aproximadamente 9 minutos. O resultado indica uma preservação da capacidade intelectual e bom desenvolvimento cognitivo de Eduarda.

6.4.3 Aplicação do HTP

6.4.3.1 Desenho da casa

[Bom, Eduarda, a segunda atividade é de desenhos, eu queria que você fizesse alguns desenhos para mim, pode ser?] *Aham.* [E depois eu vou te fazer algumas perguntas sobre eles, tá?] *Aham. Meus cabelos estão caindo tudo* (fala muito rápido, eu não entendo). [Como?] *Meus cabelos, estão caindo.* [Ah é? Por quê será?] *Eu acho que eu puxo ou ele começa a cair mesmo, por causa do shampoo que minha mãe comprou.* [Hum... Bom, então vamos lá. Aqui eu quero que você desenhe uma casa.] Pega o lápis grafite e começa a desenhar.

Figura 17 - Desenho da casa de Eduarda



Logo que inicia o desenho: *Minha mãe é canhota, eu não.* [Ah é?] *Aham.* [Então vocês são diferentes.] *Meu pai fala que... ela é canhota porque... a mãe dela é canhota.* [Ahn...] *E todo mundo lá é canhoto.* [E você não é?!] *Meu pai não é canhoto.* [Hum... então você puxou para

o seu pai.] (pausa) *Hoje eu tenho o grupo?* [Tem.] *Ah é* (pausa). *Acho que está bom* (ela se refere às paredes externas e ao contorno do telhado). *Não sei como eu vou fazer essa casa, porque antes eu vou fazer o telhadinho, aí fazer o quadradinho aqui.* [Pode fazer como quiser.] *Essa casa aqui é estranha. Tipo, você abaixa ela assim ó, fica maior estranho.* (pausa) *Eu já desenhei uma casa lá no HC Criança* (fala muito rápido). [Você já o quê?] *Desenhei. Lá no HC Criança. Só que foi assim, eu desenhei aqui e desenhei uma placa de aluga. Só que ao invés de eu escrever "aluga", eu escrevi "alugue".* [Hum...] *Minha mãe foi soletrando e eu escrevi errado.* [Entendi] (volta para o desenho). *Minha casa é giga enorme* (pausa – continua a desenhar). *O que eu não gosto muito do desenho é de pintar. Demora demais! Se for um desenho muito grande, aí não dá.* (pausa – continua a desenhar). *Olha como está a janela* (pausa – continua a desenhar). *Eu nem consegui dormir hoje, porque minha mãe não encostou a cama direito, na cama do meu pai, que... porque... entrou um bicho aqui no meio das tetas dela, aí ele falou que era um mosquitinho que tinha picado ela. Aí eu fiquei com medo de ser um escorpião.* [Hum, e você não dormiu porque estava com medo?] *É. Aí na hora que eu vejo direitinho, a cama não estava encostada. Aí minha mãe levanta pra ligar o ventilador direito e encostar a cama direito, aí sim que eu dormi. Porque meu pai fala pra eu não colocar a cara no buraco, porque senão o bicho pode me picar aqui.* [Ahn...] *Eu gosto de dormir perto do meu pai.* [E onde você dorme?] *Junto com a minha mãe* (pausa). *Meu pai dorme sozinho, tadinho* (pausa). *Mas a minha mãe falou que a cama que a gente dorme é mais confortável. Se a cama já está até quase morrendo... o colchão dele é mole, e o colchão do meu pai é mais durinho, que é mais bom. Aí eu falei pra ele, pro meu pai que eu... eu não estava querendo dormir na cama dela... na cama do meu pai* (a fala é muito confusa – ela continua desenhando). *Porque vai que sobe um bicho em mim, ela foi picada... porque lá não dedetizou ainda. Minha avó foi picada já, minha bisavó. Esses dias pra trás ela foi lá... fazer o... lá fazer o negócio, ela estava com a pressão muito alta por causa do escorpião. Sabe aqueles que você põe pra fechar a porta?* [Aham.] *Sabe, aqueles pra não entrar bicho? Então, estava o escorpião lá. Eu era bebezinha, aí picou minha avó. Aí minha avó, ao invés de passar álcool, passou... é... soro* (risos). *Aí eu comecei a rir. Aí, minha mãe: "A senhora passou álcool no pé!". Álcool não, é... não lembro o nome... soro. Ela tinha passado soro no pé.* [Nossa...] (pausa – ela continua desenhando). *Eu fiquei com medo. Aí eu parei de andar descalça, ontem mesmo eu estava com a bunda no chão, porque eu estava sentada pra brincar (pausa). Aí depois que eu fui sair* (pausa – continua a desenhar). *Ô tia, quantos anos você tem?* [Quantos anos eu tenho?] *É.* [Eu tenho 25 anos.] *25? Minha mãe tem 27, meu pai tem 36... não, 37. É, 37. A minha avó... tem 45 e a minha tia Flávia tem 28, não*

29, não... é 22. Eu falei pra ela, que ela tinha feito 21, aí depois... não, ela fez 20, aí, tipo assim, passou um dia e ela falou: "Já tenho 21!", aí passou outro dia, ela: "Já tenho 22!", ela falou. [Sei...] *Aí minha tia falou que ela gosta de fazer aniversário porque ela ganha presente. Eu também gosto de fazer aniversário porque eu ganho presente.* [É?] *Eu estou esperando para o Natal! Eu quero ganhar chocolate do Papai Noel. Porque minha mãe, sabe quanto ela paga na Cacau Show? Ela trazia um chocolate... e quando era Natal, ela trouxe um chocolate na forma de Papai Noel, com umas coberturinhas para fazer a roupa dele e com as bolinhas pra enfeitar ele, aí eu comi.* [Entendi.] *Só que aí eu e minha pri... eu e minha tia fizemos uma bagunça com o Papai Noel* (pausa). *Eu tenho um Papai Noelzinho, robozinho, só que meu pai sumiu com ele. E também tinha uma bolsinha cheia de presentes. Aí meu pai sumiu com tudo. E eu quebrei o presente. Tinha um presente que saía um passarinho, maior legal. Só que agora eu não sei onde meu pai enfiou tudo. Vou montar agora perto da árvore de Natal* (ela desenha enquanto vai falando). [Uhum.] (pausa, desenha). *A casa do Homem-Aranha, aquelas...* [É essa?] *É, porque está tudo cheio disso daí* (aponta para os riscos que fez no telhado). *Eu sempre esqueço de fazer isso* (as grades da janela). *Tem uma borracha?* [Hum, tenta fazer sem a borracha, tudo bem?] *Eu sempre esqueço* (continua fazendo). [Quando você terminar, é só me dizer, tá?] *Acabei!* [Acabou?] *Aham.* [O que você me conta dessa casa, Eduarda?] *Hum...* (pausa). *Ela... é muito grande, eu acho ela muito grande. Ficou muito estranha. Porque ela está com essas listras aí, parece teia de aranha; e a janela que eu sempre esqueci e a tranquinha, que eu acho que ficou meio errada.* [Você não gostou da casa que você fez?] *Ah, ficou bonitinha* (fala com desdém). [Bom, eu vou fazer algumas perguntas sobre a sua casa, tá bom?] Concorda com a cabeça.

1- [Quantos andares ela tem?] *Hum* (pausa)... *um.*

2- [Do que ela é feita?] *Tijolo, cimento e tinta.*

3- [Ela é a sua casa? De quem é?] *É a casa da minha tia.* [Qual tia?] *Minha tia... qual é o nome dela? Lili.* [Quem é a tia Lili?] *É a minha tia que tem mais de 20 anos e ela... ela mora no prédio da minha avó, na casa, e eu desenhei a casa que ela morava.* [Ela é irmã do seu pai ou da sua mãe?] *Nenhum dos dois* (pausa). *Ela é namorada do meu tio* (pausa). [Por que você se lembrou dela, Eduarda?] *Porque... porque... ela é minha tia... mais legal, assim, mais tranquilinha e tudo o que eu falo pra ela, ela faz. Eu falo assim: "O tia, vamos jogar um jogo?", ela vai lá e joga. Teve um dia que eu ganhei uma dama e ela jogou comigo.* [Hum...] *E ela é muito calminha.* [Entendi.]

4- [Em que casa você estava pensando enquanto estava desenhando?] *Numa casa com andar de cima e um quarto em cima.* [De quem é essa casa que você estava pensando?] *Hum... da tia Lili, ela se mudou de lá.* [Ela se mudou?] Acena com a cabeça afirmativamente.

5- [Você gostaria que essa casa fosse sua?] *Hum... gostaria! Porque lá tem muita... muito... tem tipo... tem uma varandinha, tem uma lousa pendurada e... lá tem qua... três quartos. Aí quando eu ia lá, eu dormia nesse... terceiro quarto.*

6- [Se essa casa fosse sua e você pudesse fazer o que quisesse, o que você faria?] *Eu ia colocar um quadro da minha família; ia fazer um quarto todo rosa pra mim, porque eu gosto de rosa; ia colocar um ventilador de teto, porque eu morro de calor; e uma televisão, só.* [E nesse quadro da família, quem estaria?] *Minha avó, meu pai, minha mãe, minha tia Viviane, meu tio Geraldo, meu tio... meu tio... ai qual é o nome? Meu tio João, minha tia Telma, meu primo Matheus e todo o restante da minha família.* [Aham. E qual quarto você escolheria pra você?] *O segundo.* [Por que o segundo?] *Porque eu vou ficar entre meu pai e minha mãe.* [Uhum.] *E a minha tia Beatriz, quando ela for dormir lá. Porque aí a gente tem um quarto do meu pai e meu, e um quarto de visitas.* [E a sua mãe?] *Junto com meu pai.* [E você ficaria em qual?] *No outro.*

7- [Quem você gostaria que morasse nessa casa com você?] *Meu pai, é obvio, minha mãe também, minha tia Beatriz e... só.* [Por que você queria eles?] *Porque meu pai sabe cozinhar, minha mãe só sabe trabalhar e a minha tia só sabe brincar.*

8- [Quando você olha pra essa casa, ela parece estar perto ou longe?] *Perto.*

9- [E quando você olha pra ela, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível que você?] (pausa). *Um pouquinho pro lado... mas ela está mais pra baixo, no mesmo nível que eu.*

10- [Em que esta casa te faz pensar ou lembrar?] *Lembrar da minha casa antiga.* [Como ela era?] *Ela era assim... ela tinha três quartos e tinha uma varandinha também, e tinha um cachorrinho, mas só que ele fugiu.* [Você morou nessa casa?] *Morei.* [Quantos anos você tinha? Você se lembra?] *Lembro. Eu tinha... eu fiz... quando eu tinha 4 aninhos, a minha prima me levou pro trabalho dela, depois eu voltei e foi meu aniversário de 6 anos. Aí dos 6 anos, passou dos 6 anos, aí eu fui pro 7, que eu estou morando agora nessa casa aqui.* [E como era quando você morava nessa outra casa?] *Lá tinha uma varanda na frente e atrás, tinha um corredorzinho, tinha três quartos e dois banheiros e... eu tinha amiga pra brincar.* [E de qual você gosta mais?] *Dessa antiga.* [Por quê?] *Porque eu tinha pessoa pra brincar. Enquanto eu morava lá, o meu aniversário chegava mais rápido, porque lá... eu gostava de*

lá, porque meu pai me chamava pra um monte de coisa e só deixava eu ficar brincando até a minha mãe chegar. A hora que minha mãe chegava eu tinha que entrar.

11- [Essa casa é feliz, amigável?] *É.*

12- [O que dá essa impressão?] *Dá impressão que... tipo assim... uma pessoa gosta dessa casa e está, tipo, rindo, sei lá... com outra pessoa. Me dá essa impressão.* [Então, a pessoa que está lá está feliz?] *É.*

13- A maioria das casas é assim? *Não.* [Por que você acha isso?] *Porque tem umas casas que só brigam, tem umas casas que é só "amorável", tem umas casas que é meio, meio briguenta, meio amigável, tem umas casas que... é meio entediada. Por isso que as pessoas não são tão parecidas com as outras amigáveis.*

14- E como está o tempo no seu desenho? *Ensolarado.*

15- De que tipo de tempo você gosta? *Ensolarado, pra eu nadar.*

16- E de quem essa casa te faz lembrar? *A casa da minha tia Beatriz.* [Por quê?] *Porque a casa que ela morava, a porta era igualzinha. A janela também, porque a janela é na porta.* [Hum...] *Aí me faz lembrar.*

17- E do que essa casa mais precisa? (pausa). *De pintura, porque ela está branca, está parecendo uma casa pálida.*

Análise do desenho da casa

O desenho da casa de Eduarda é grande, ocupando quase toda a folha, o que indica um sentimento de expansividade em relação ao ambiente, como resposta compensatória a uma sensação de impotência. O telhado chama a atenção pelo grande número de riscos e pelo tamanho excessivo. Eduarda mostra preocupação com a área das fantasias, tendências impulsivas e expansivas. As grades das janelas indicam uma sensação de aprisionamento e terror em relação ao mundo externo. A casa parece sem vida, apática, o que sugere tendências depressivas presentes em seu contexto, que ela descreve como caracterizado pela falta de cuidados, particularmente do *holding* e da proteção, dirigidos a ela (a casa é cheia de teias de aranha).

Ao entrar em contato com esta realidade, Eduarda lembra de uma casa antiga, onde podia contar com mais companhia para brincar e com uma presença mais ativa e sensível do pai. Ela menciona um passado mais feliz e acolhedor, no qual havia possibilidades da expressão da criatividade e do brincar, com maior expansão da área da transicionalidade (varanda). Nesta lembrança, o pai permitia as brincadeiras e lhe dava mais atenção, compartilhando suas atividades com ela; o tempo passava mais rápido e não havia o

sentimento de tédio. Atualmente, Eduarda não parece contar com estas possibilidades e vive um luto pela falta de espaço, físico e emocional, e pela perda de um ambiente que atente para as suas necessidades infantis e lhe proporcione oportunidades de brincar.[19]

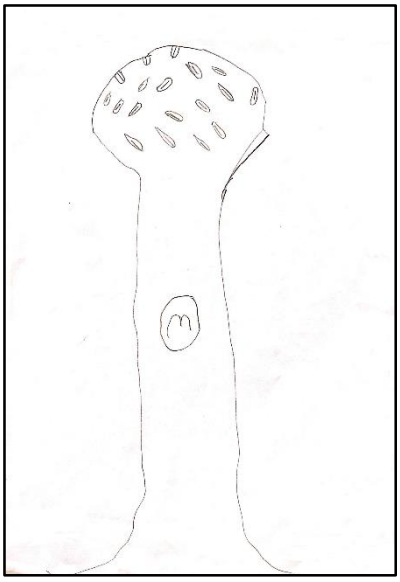
Eduarda conversou durante toda a execução do desenho: esta fala ora estava relacionada ao que produzia, ora se distanciava dele, como associações livres. A verbalização excessiva da garota parece expressar, assim como no primeiro encontro, uma descarga de ansiedade intensa. Tal ansiedade parece vincular-se a sentimentos de desproteção e de ser continuamente espreitada por inimigos externos, que parecem apenas esperar o menor descuido para atacá-la. Existe a percepção de uma fragilidade e vulnerabilidade maior por parte da linhagem materna da família, o que lhe desperta o temor de se assemelhar a ela e a remete a um esforço para se identificar com o lado paterno. Desse modo, ela fala a princípio sobre a diferença entre a mãe e o pai e sobre aquilo que o filhos herdam dos pais – a mãe é canhota como sua própria mãe (avó de Eduarda), mas ela é destra como o pai.

O pai de Eduarda ocupa, assim, um lugar de identificação, refúgio e amor. A busca de proteção nos braços dele (com o consequente preterimento da mãe) adiciona certa coloração edípica às angústias paranoides da menina e relativas às faltas básicas e ao desemparo. Todavia, ao sentimento de triunfo edípico que ela exprime subjaz a raiva pela ausência paterna e a decepção por ele não ser capaz de compreender o que ela espera dele. Eduarda vê o pai como a figura mais forte da família e se volta a ele para aplacar as suas ansiedades, porém ele não consegue suprir as deficiências que ela encontrou na mãe. A limitação do cuidado proporcionado pela família provocam na garota intensos sentimentos de solidão e desamparo. É por isso que ela traz pessoas de fora, os tios, como referências potencialmente capazes de suprir as suas necessidades infantis, proporcionar alívio das ansiedades e sentimento de continuidade com o mundo mediante o brincar conjunto, além de proteção contra os perigos reais.

[19] Não é possível saber se ela se refere a uma casa onde viveu objetivamente, ou se esta é uma lembrança referente à sua realidade subjetiva.

6.4.3.2 Desenho da árvore

Figura 18 - Desenho da árvore de Eduarda



Logo que inicia o desenho: *Ih, saiu errado* (lado direito da copa) (continua).

Depois de 2 minutos do início: *Essa árvore precisa de folhas.* [Precisa?] *Uhum. Acabei.* [Acabou?] *Acabei, só falta uma coisinha aqui* (desenha a parte redonda dentro do tronco). *É um passarinho.*

[O que você me fala dessa árvore, Eduarda?] *Que... ela é muito alta, tem muitas folhinhas e se ventar, ela é muito forte.*

1- [E que tipo de árvore é essa?] *É... de maçã.*

2- [Onde ela está localizada?] *Hum... em um parque.* [E você conhece esse parque?] *Aham... ai como é mesmo o nome? Hum... Parque X.*

3- [Mais ou menos, qual é a idade dessa árvore?] *Já... eu acho que ela tem uns... cento e poucos anos.*

4- [Ela está viva?] *Aham. Só está caindo umas folhinhas, mas está aguentando.* [Tem umas folhinhas caídas?] *Tem.*

5- [O que dá a impressão de que ela está viva?] *Que dá uma impressão que tem uma pessoa subindo em cima dela. E vai, tipo, quebrando ela.* [Quebrando a árvore?] *É. E tem uma pessoa subindo nela... E o peso que está caindo.* [O peso?] *O peso da pessoa faz a árvore cair.* [Tá, então ela está caindo?] *É, tombando pro lado.*

6- [Alguma parte dessa árvore está morta?] *Não.*

7- [Pra você, essa árvore parece mais um homem ou uma mulher?] (pausa). *Hum...* (pausa). *Um homem.*

8- [O que dá essa impressão?] *A impressão é porque... tem um testão, tem um olho e... tem cabelo.*

9- [Se ela fosse uma pessoa, ao invés de uma árvore, quem ela seria?] *Além de uma árvore, se ela fosse uma pessoa... ela seria uma criança.* [E pra onde ela estaria virada?] *Ah... para frente.*

10- [Essa árvore está sozinha ou em um grupo de árvores?] *Em um grupo de árvores.*

11- [Quando você olha pra ela, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível que você?] *Pra baixo.*

12- [Como está o tempo no desenho?] *Chuva.*

13- [Tem algum vento soprando?] *Tem.* [Em qual direção?] (Ela mostra a direção para a sua esquerda).

14- [O que essa árvore faz você lembrar?] (pausa). *Hum... de um arbusto.* [Por quê um arbusto?] *Porque se cortar o tronco, dá pra ver um arbusto.* [E aí ficaria só o tronco pequeno...] *É.*

15- [E o do que mais ela te faz lembrar?] *De um... lápis sem ponta, um lápis. Eu pensei isso, é igual uma "arvinha"* (ela mostra o lápis). [Sem a ponta?] *É, aí fica um tufo de árvore aqui.*

16- [E essa árvore, ela é saudável?] (Acena com a cabeça afirmativamente).

17- [O que dá essa impressão?] *A impressão é que... ela é uma pessoa saudável, que ela bebe água todos os dias, toma chuva todos os dias, isso que dá a impressão.*

18- [Essa árvore é forte?] (Acena com a cabeça afirmativamente).

19- [O que dá essa impressão?] *Que... ela malha todo dia.* [Hum... e como ela malha?] *Parada.* [Ahn, e como é isso?] *Hum...* (pausa), *tipo...* (pausa), *ela está malhando as pernas, de ficar tanto em pé.*

20- [E o vento que está soprando aí, que tipo de vento é esse?] *É um vento muito forte.*

21- [E de quem essa árvore te faz lembrar?] *De... uma pessoa giga enorme.* [E quem é essa pessoa?] *Meu tio João. É porque ele é giga enorme.* [E como é o tio João?] *Ele é legal, é esposo da minha tia Lili, aí... ele é legal, que nem a minha tia Lili.* [Que jeito?] *Se eu sento pra jogar alguma coisa, ele joga.*

22- [Do que essa árvore mais precisa?] *De um pouco de água.* [Por quê?] *Porque as folhinhas estão caindo.* [E essas folhas que estão caindo, por quê você acha que elas estão caindo?] *Porque... está chegando o inverno.*

23- [Alguém já machucou essa árvore?] *Não.*

Análise do desenho da árvore

O desenho da árvore de Eduarda chama a atenção pelo tamanho grande, o tronco alto e a copa relativamente pequena, sem separação entre os dois. Essas características sugerem busca de satisfação na fantasia, impulsividade e tentativa de expulsão de algo que a incomoda. A cavidade no meio do tronco sugere a vivência de um trauma, e a ausência de galhos revela a pouca expansão para o mundo exterior, tendendo a fechar-se em si mesma.

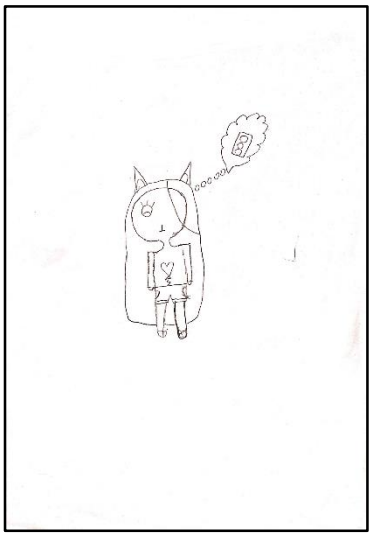
Eduarda representa neste desenho a busca de uma figura de identificação, que seja caracterizada pela maturidade, solidez e fortaleza. Entretanto, esta figura, apesar de não cair com o vento, curva-se em virtude de grandes dificuldades que tende a não suportar e, então, a regredir. Estas dificuldades são originadas de maus tratos de seres humanos, que provocam rupturas no desenvolvimento e lhe fazem carregar um peso maior do que pode suportar.

Como alternativa, novamente, ela se lembra dos tios como modelo de casal parental e busca a identificação com eles como forma de sobreviver. Estas tentativas de identificação, no entanto, causam-lhe frustração, visto que a interiorização que anseia das qualidades dos tios não é imediata, devido à condição deles de adulto e à sua de criança. Assim, a identificação com eles nesse momento, embora não deixe de ter a conotação de um movimento em direção à cura, comporta principalmente um caráter defensivo, mas que não é bem sucedido: a árvore centenária logo se transforma em um arbusto; o homem, em uma criança. Desse modo, a busca de identificação instantânea com os tios é resultado da urgência que Eduarda sente de satisfação de suas necessidades mais básicas de sobrevivência emocional e de sua constatação de não poder ser dependente nem contar com eles o tempo todo, visto que o contato não parece ser contínuo.

6.4.3.3 Desenho da pessoa

[Então tá bom, podemos ir para o último desenho?] *Sim.* [Bom, agora, Eduarda, eu quero que você desenhe uma pessoa.] *Sabia!* [Sabia?] *Você tem alguma coisa redonda?* (aponta para a folha). [Hum, você pode desenhar com a sua mão mesmo, está bem?]

Figura 19 - Desenho da pessoa de Eduarda



Logo que inicia o desenho: *Posso fazer uma menininha?* [Pode fazer do jeito que quiser.] *Porque a menininha eu sei fazer o cabelo.* [Está bem.] *Esse saiu meio errado* (mostra o pé – fala para dentro, não entendo). [Não entendi.] *O pezinho vai sair meio errado* (pausa, continua a desenhar). *Vai sair meio erradinho esse pezinho mesmo, porque eu não consegui fazer direito* (voz infantilizada). [Hum...] (continua desenhando). *Acho que eu fiz a cabeça muito grande.* (pausa). *Eu acho que ficou meio erradinho. Aqui é meio de gatinho* (está desenhando orelhas parecidas com as de gato na cabeça). *Acabei.* [Acabou?] *Aham.*

[O que você fala dessa pessoa, Eduarda?] (pausa). *Ela cobre o olho dela e a blusa dela é de coraçãozinho, aqui é o pescoço. A perna saiu meio errada e isso daqui é uma correntinha do short* (lado direito do short) *e ela está com a mão fechada.* [Por que ela está com a mão fechada?] *Porque ela está com friozinho na mão.* [Tá. E essas orelhas, o que são?] *Uma tiara.* [E o cabelo dela?] *É enorme.* [Ah tá.] *Posso jogar meu chiclete fora?* [Pode] (ela joga e volta). *Parece que ela está com a perna engessada.* [Mas ela machucou a perna?] *É.* [Como ela machucou?] *Ela caiu* (pausa). *Que nem aquele dia que eu estava brincando com a minha tia, aí... ela... sem querer caiu em cima de mim e eu dobrei minhas pernas.* [Ah tá.]

1- [Bom, e essa pessoa é um homem ou uma mulher?] *Uma mulher.*

2- [Quantos anos ela tem?] *18.*

3- [Quem é ela?] *Ela é uma boneca Tumblr, que significa uma pessoa. Boneca Tumblr é "pessoa" em inglês e... ela... ela... é a Kiara, do filme que eu assisti.* [Como é esse filme?] *Tem uma menininha que ela tem um gatinho, aí ele morre, e ela quer virar uma gatinha, aí ela coloca uma tiara de gatinho e não tira. Aí vem uma pessoa tentar tirar dela.* [E aí, o que acontece?] *Aí ela não deixa, porque o gatinho dela morreu. Aí ela não deixa, ela coloca uma*

blusa, coloca esse negocinho aqui, aí ela machuca a perna (pausa). *Quando a pessoa vem catar a tiarinha dela, aí ela machuca a perna.* [E essa pessoa, quem é?] *É a minha amiga.*

4- [Em que você estava pensando enquanto estava desenhando?] *Eu estava pensando, tipo assim, que eu ia fazer a perninha dela direito, mas só que aí saiu... isso* (pausa). *Parece aquelas calças maior larga. Os pezinhos dela são virados sabe* (faz um movimento com a mão). [Pra dentro?] *Aham. Aí não deu certo.*

5- [O que ela está fazendo?] *Parada. Nada, fazendo nada. Parada.* [Onde?] *Na calçada, esperando o sinal abrir.*

6- [O que ela está pensando?] *Hum (pausa). Em atravessar a rua. Ah, eu posso fazer uma coisa aqui?* (aponta para o desenho). [Pode.] (Ela desenha o pensamento da pessoa) [O que ela está pensando?] *No sinal, pra passar para o verde.* [Hum, ela está esperando pra passar?] *Aham.*

7- [Como ela se sente?] *Ela se sente... feliz.* [Por quê?] *Porque ela vai no parque.*

8- [Em que a pessoa faz você pensar ou lembrar?] *Da minha amiga Raika.* [Quem é essa amiga?] *Minha amiga da escola... que quando foi atravessar a rua, ela falou que estava pensando no se...* (risos) [Estava pensando em quê?] *No... se... esse negócio aqui* (aponta para o pensamento da menina no desenho). [Semáforo?] *É. Aí eu comecei a rir.*

9- [E o que mais te faz pensar ou lembrar?] *Só ela mesmo. Porque a minha tia Beatriz não tem um cabelo tão grande, tem um cabelo desse tamanhozinho* (mostra um cabelo nos ombros). *E... a minha tia não usa tiara de gatinho.*

10- [Essa pessoa está bem?] *Aham.*

11- [O que dá essa impressão?] *Dá uma impressão... que ela...* (pausa) *está feliz.* [E por quê dá a impressão que ela está feliz?] *Porque... a roupa dela com o coraçãozinho dá pra perceber.*

12- [A maioria das pessoas é assim?] (acena com a cabeça negativamente). [Por quê?] *Porque tem algumas que são mais bravas, outras são mais felizes, tem umas pessoas que já não são tão chegadas assim em felicidade. Tem pessoas que nem... gosta de fazer as coisas que os outros mandam.*

13- [Você acha que gostaria dessa pessoa?] *Não.* [Por quê?] *Porque é uma pessoa tão folgada, que a pessoa não quer fazer quase nada, mesmo pro pai. E... aí eu não gostaria dessa pessoa.* [Ela não quer fazer nada?] *É.*

14- [Como está o tempo no seu desenho?] *Ensolarado.*

15- [De quem essa pessoa te faz lembrar?] *De uma pessoa... de toda pessoa desse mundo. Tipo, meninas gêmeas, gente adulta, me lembra muita pessoa.*

16- [E do que essa pessoa mais precisa?] *De uma...* (pausa) *uma boa penteada no cabelo.* [Por quê?] *Porque, o cabelo dela, está tipo assim ó, está um pra lá* (mostra o lado esquerdo do cabelo do desenho) *e essa parte aqui está reto* (o lado direito), *só uma parte, e essa não.*
17- [E alguém já machucou essa pessoa?] *Não.*

Análise do desenho da pessoa

Assim como nas duas primeiras produções, o desenho da pessoa também mostra ênfase na fantasia como fonte de satisfação, em virtude do tamanho grande da cabeça. Os braços formando um ângulo reto indicam rigidez e necessidade de ocultar sentimentos de inadequação e insegurança, com Eduarda tendendo a mostrar-se pronta para enfrentar as situações direta e firmemente. A rigidez é observada em alguns momentos quando ela pontua insatisfação com o seu desenho (desde o primeiro desenho), tendendo a se justificar por erros e falhas que considera que cometeu. A figura da pessoa também chama a atenção por lembrar ao mesmo tempo um animal felino. Há ausência de um dos olhos, tampado pelo cabelo, e a boca, receptora mais precoce de prazer, não parece como tal.

Eduarda expressa o sofrimento de lidar com a perda e de realizar o processo do luto. A garota, a quem se refere no inquérito, compreende que a possibilidade de realizar o luto pela morte do gato e de guardar a experiência vivida passa pela identificação com o objeto perdido; por isso ela coloca a tiara de gatinho. No entanto, seu esforço fracassa por conta da ação do ambiente que a obriga a superar a perda com rapidez (retirando a tiara) a ponto de machucá-la.

Assim, Eduarda parece ter urgência de encontrar uma figura idealizada com quem possa se identificar e que lhe ofereça conforto, proteção, respeito pela sua condição de criança e que lhe proporcione a retomada do seu desenvolvimento emocional, que ela sente ter sido interrompido (semáforo). Esta figura, a princípio, é buscada em sua tia Beatriz, porém ela logo se decepciona ao ver que esta também tem imperfeições (o cabelo da menina é curto e despenteado, ela não obedece aos pais e não é “chegada” na felicidade), o que lhe desperta mágoa e raiva.

6.4.4 Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E)

Eduarda chega ao encontro da mesma maneira que os anteriores, ansiosa e agitada, rapidamente começa a falar.

Eu quero te perguntar uma coisa. [Pode perguntar] *Pode vim de tênis de rodinha?* (pausa). *Não, porque o meu tênis é de rodinha.* [Sei... por mim não tem nenhum problema não. Por

que você está perguntando?] *Não, porque o meu tênis de rodinha é diferente.* [Ahn, como ele é?] *Ele é um tênis roller, a rodinha dele é de roller. Aí você encaixa ele aqui e ele fica. Aí eu perguntei pra minha mãe se podia vim, ela falou que não sabia se podia ou era proibido, ou se pode vim*. [Ah se é proibido vir assim como você está?] *É.* [E por que você acha que seria proibido?] *Porque pode cair... mas o meu até que não é tão... a possibilidade de cair do meu patins é pouco, porque é quatro rodas.* [Entendi.] *Só que o meu tênis é com cinco rodas, uma na frente e duas atrás.* [E você acha que poderia cair com ele?] *É, mas eu vou comprar meu capacete hoje, mas eu não sei se eu vou lá comprar.* [Aham.] *Mas só que eu me arrependi de ter pegado esse.* [Por quê?] *Porque tem um de uma rodinha, de duas rodinhas na frente e o patins que é um roller. Aí eu peguei porque pensei que ia ser mais fácil de eu andar, mas aí a minha cabeça... eu esqueci de pegar as ferramentinhas dele pra apertar as rodas*. [E você está achando difícil de andar?] *É, eu estou com medo de a rodinha sair e eu cair de cara no chão. Só que aí eu lembrei que ontem eu apertei antes de andar.* [Sei, você está com medo de cair, então?] *É. Aí eu falei pra ela se ela deixava, ela falou que não.* [Ah, então você não veio com o tênis de rodinha hoje?] *Estou com o tênis.* [Ah tá.] *Eu não vim com os tampãozinhos porque eu perdi um. Estava largo, aí eu estava andando no meio da rua, aí na hora que eu vi no chão da rua estava o tampãozinho, era do meu tênis. Pra tampar o buraco pra não entrar, tipo, sujeira, porque se entrar sujeira não pode mais encaixar o negocinho. Aí... aí o tampãozinho pra tampar aqui saiu, aí quando eu olhei o tampãozinho estava no chão. Aí ontem... ontem... eu... eu fui atravessar a rua, na hora que eu vi o negócio não estava mais lá. Aí minha mãe voltou tudo pra trás pra ver se ela achava, mas ela não achou.* [Entendi.] *Aí eu perdi, aí ficou sem.* [Entendi.] (pausa).

6.4.4.1 Primeira Unidade de Produção (UP)

[Bom, Eduarda, hoje é o último dia que nós vamos estar aqui juntas, eu e você. Você vai continuar vindo aqui com as outras psicólogas, e nós ainda vamos nos ver mais um vez, mas vai demorar um pouquinho. Mas, por enquanto, hoje nós encerramos, tudo bem?] *Aham.* [Hoje eu queria pedir pra você alguns desenhos, pode ser?] *Aham.* [Aqui tem uns lápis, você pode usar o que quiser e aí eu quero pedir que você desenhe o que quiser] (entrego a folha). *Pode ser qualquer coisa?* [Sim, qualquer coisa.] (começa a desenhar).

Logo no início do desenho: *Eu estou com sono, ontem eu fui dormir tarde.* [Ah é? Foi difícil levantar?] *Aham. Eu falei pra minha mãe tomar banho primeiro, pra eu dormir mais um pouco, mas ela não deixou* (pausa; desenha). *As meninas do grupo, eu perguntei pra elas até*

que dia eu ia ficar no grupo, elas falaram que é até a semana que vem. [Hum.] *Ah mas está chegando minhas férias já.* [É, né?] *Vou ficar só deitada na cama dormindo.* [Hum, você está cansada, com vontade de dormir?] *Eu não quero fazer lição de casa hoje. Mas vou ter que fazer* (pausa). *Ontem eu fui pra casa da minha tia com o tênis, aí ela falou que calçava 37, aí o 33 coube nela* (pausa). *Ela tem mais sorte do que eu, porque ela tem um celular* (pausa). *Aqui não tem Wi-Fi?* [Não sei, por quê?] *Porque eu ia instalar um joguinho* (pausa). *Naquele dia que eu estava na outra sala, eu cheguei atrasada no grupo, mandaram eu ir embora* (Realmente ela chegou atrasada no grupo porque nós atrasamos a atividade, mas ela participou normalmente). [Foi, hoje você não vai chegar, eu vou ficar mais atenta no horário, tá bom?] *Aham* (pausa; desenha). *A minha mãe não veio aqui hoje?* [Hoje é só você.] *Ah tá* (pausa). *A semana passada teve?* [Eu estava aqui, eu esperei por vocês, mas...] (ela me interrompe – na semana anterior havia sido marcado um encontro para finalização, mas elas não vieram). *Ah é, não deu certo, porque o meu pai não tinha gasolina no carro, minha mãe não tinha passe, minha mãe tinha que ir trabalhar cedo e meu pai ia sair tarde da casa.* [Hum]. *Aí não deu tempo de eu vir* (pausa). *Mas eu não vim só uma vez.* [Eu sei.] (pausa; desenha; cantarola enquanto desenha). (Depois de cerca de 4 minutos) *Eu acho que meu pai está ali.* (Enquanto ela desenha, dá pra ouvir algumas conversas da recepção) [Ele estava sentado ali mesmo.] *Eu estou ouvindo a voz dele.* (pausa; cantarola e desenha). Depois de cerca de 3 minutos: *Eita, quebrou a ponta* (mostrando um dos lápis que estava usando). [Você quer um apontador?] *Aham* (ela aponta o lápis). *Hoje eu vou chegar em casa e vou comer.* [Você está com fome?] *É.* [Você comeu antes de vir pra cá?] *Aham, é porque... eu comi pouquinho cereal. Minha mãe não colocou bastante* (pausa; desenha; cantarola). *Acabei* (17 minutos para completar o desenho). [Acabou?] *Aham* (ela vira o desenho para mim).

Figura 20 - Primeira UP de Eduarda

História

[Bom, agora, Eduarda, eu vou virar pra você (o desenho), você olhando para o desenho, você pode contar uma história.] (silêncio). *Deixa eu ver...* (silêncio). *Era uma vez... uma menina que... deixa eu ver... que gostava muito de brincar* (voz infantilizada) (pausa). *E ela foi no bosque e viu um monte de bichinho* (pausa). *E ela colocou balões. Ixi, eu esqueci de uma coisa* (desenhou a boca, que não tinha feito). *Ela estava sem boca.* [Hum, e por quê ela estava sem boca?] *Porque eu esqueci de colocar a boca* (risos) (pausa). *Uma menininha que... ela tomou sorvete, depois ela foi pra casa dela, tomou banho e dormiu.* (pausa). *Aí ela saiu pra fora e viu bichinho.* [Que bichinho ela viu?] *Abelha, um bicho que eu esqueci o nome... lagarta, lagarta. E só.* [E aqui o que é?] (aponto para as três bolinhas verdes na margem inferior). *Um arbusto, eu esqueci de fazer as folhinhas.* [E isso o que é?] *É um skate, que eu não consegui fazer tudo.* [Ah tá. E o que mais que você pode me contar dessa menininha?] (silêncio). *Acho que só, porque eu não estou conseguindo fazer nada.* [Hum] (silêncio). Ela pinta os balões e a roupa da menina; desenha por mais três minutos) '*Calmaí', esqueci de fazer uma coisa* (Desenha chuva e a flor do canto) [E aí, o que você desenhou agora?] *Chuva e uma flor.* [Está chovendo?] (ela afirma com a cabeça). [Ela está no bosque, então, com dois balões?] (afirma com a cabeça). [Como ela conseguiu esses balões?] *Ela comprou.* [Ela está sozinha no bosque?] *Aham.* [Está chovendo...] *É, e com a chuva nasceu a florzinha.* [Entendi. Depois que choveu, ela nasceu?] *Aham* (ela continua fazendo as gotas no desenho). *Pronto.* [Está certo então, tem mais alguma coisa que você quer contar sobre ela, sobre o desenho?] (negativa com a cabeça). [E essas gotas aqui?] (Eu aponto para as gostas no meio da grama). *Elas já caíram no chão.* [Ah tá bom, é isso então?] *Aham.* [Agora, Eduarda, eu vou pedir outro desenho.] *Acabei.*

Interpretação

As reações transferenciais que Eduarda exibe no início e no decorrer de toda a aplicação do D-E parecem vincular-se ao fato de este ser o último encontro comigo. Desse modo, não querer acordar e fazer a lição de casa (os desenhos solicitados), surgem como tentativas de evitar esta despedida. Há uma queixa contra mim pelo fato de ter se atrasado para o grupo terapêutico no encontro anterior, e um sentimento de que não lhe ofereci o suficiente que precisava (o cereal que a mãe lhe deu no café da manhã). Ao me questionar sobre o tênis de rodinha ser proibido ou não, indicando que não confia na resposta dada pela mãe, ela indaga se eu também seria confiável para suprir as suas necessidades, seguido de um lamento porque não terá mais aquele espaço comigo para contar.

O desenho de Eduarda mostra uma clara dissociação: sol com chuva. O balão remete à ideia de uma despersonalização, um desejo de voar e estar por cima da situação para não vivê-la de fato. A produção gráfica mostra uma menina feliz, com bastante cores e natureza, o que revela uma tentativa de mostrar que tudo está bem e perfeito, encobrindo os seus sentimentos de solidão e desamparo, reativados pela situação de ser este o nosso último encontro.

Eduarda demonstra uma necessidade premente de segurança: sente que a qualquer momento pode cair e se machucar, sem ter ninguém para socorrê-la ou para ouvir o seu pedido de ajuda. Desse modo, ela precisa cuidar de sua segurança sozinha e confiar em si mesma; com isso, a fim de amenizar seu sofrimento, ela tende a negá-lo e deseja transmitir ao outro uma imagem de fachada (falso *self*,) em que tudo é maravilhoso, apesar das tormentas que desabam.

6.4.4.2 Segunda Unidade de Produção

Figura 21 - Segunda UP de Eduarda

[Bom, eu quero te pedir, então, que você, olhando para o desenho, me contasse uma história.] *Era uma vez... uma flor, que se chamava Rosa. E aí a chuva veio e fez ela crescer mais e mais e mais, e ela virou uma árvore.* [E ela está grande?] (afirma com a cabeça). [O que mais ela precisou pra crescer assim?] *Água.* [Mais alguma coisa?] (negativa com a cabeça). *E um pouquinho de terra, só* (silêncio). *Esse risquinho aqui no meio é pra separar os negocinhos* (na parte vermelha do desenho). [O quê? Separar o quê?] *É pra juntar esses trocinhos aqui* (os filetes). [Ahn.] *Aí ficou assim.* [Como está assim?] *É porque eu queria que ficasse um junto com o outro, só que aí saiu errado.* [Você queria que eles estivessem perto um do outro?] *É, tipo assim* (aponta para o desenho fazendo uma junção com a mão), *mas esse daqui saiu torto.* [E onde essa flor está?] *Num canteiro.* [Sei. E ela está sozinha, a Rosa?] *Não.* [Ela

está com quem?] *Ela está com a Flor. Com outra flor.* [E como ficam as duas juntas?] *A outra... não, essa é vermelha e a outra é rosa.* [Sei.] *E... acho que só.* [E como é o relacionamento das duas?] *Hum...* (pausa). *É bom, tipo assim, é feliz.* [É feliz?] *Aham.* [O que a Rosa, a vermelha, sente pela Flor?] *Hum... nada, porque a outra também é... é vermelha também, que é mulher também.* [Aham. Então, ela não sente nada porque as duas são mulheres?] *Aham.* [E se fosse um homem? O que ela iria sentir se fosse uma flor homem?] *Hum...* (pausa). *Tédio, que nem eu.* [Ahn, e por que sente tédio?] *Porque, tipo... os meninos gostam de uma coisa, meninas gostam de outra coisa. E dá tédio, aí por isso tédio.* [Por que cada um gosta de uma coisa e eles não conseguem entrar em um consenso?] *Em um acordo.* [Em um acordo. É isso?] *Aham.* [E como a Rosa fica no meio disso?] *Brava.* [Por quê?] *Porque não entra em um acordo.* [Hum, então está certo, você quer falar mais alguma coisa sobre a Rosa?] *Não.* [Então tá.]

Interpretação

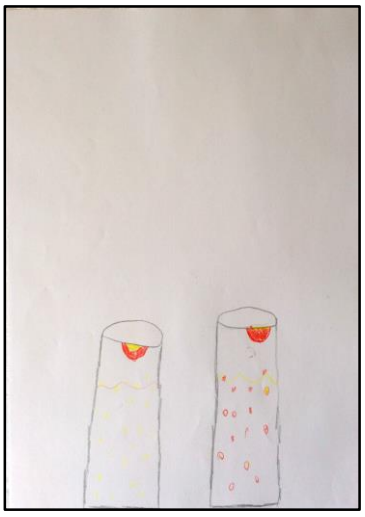
A segunda UP de Eduarda faz menção à dualidade de gêneros, em sequência à expressão da angústia do abandono na produção anterior. Apesar de sua fala ser confusa, ela mostra seu desejo de colocar o masculino e o feminino juntos, mas esta união não é bem sucedida. Ela ainda se refere à relação entre mulheres, caracterizada pelo vazio, infertilidade e escassez de sentimentos. Essa relação seria diferente daquela com os homens, em que é possível à mulher sentir algo, mesmo que seja desencontro e tédio.

Eduarda se refere ao homem e à mulher como pessoas que não conseguem se relacionar em harmonia, pois sempre há discordância entre os desejos de cada um. O vínculo com o homem é de submissão e, com isso, apenas resta à mulher o sentimento de futilidade. A sequência em relação à temática da UP anterior sugere que, diante da possibilidade de separação de uma figura feminina importante, Eduarda recorre à figura masculina, empregando a sedução infantil para manter o homem por perto. Embora haja a esperança de que ele compense o desamparo anterior, logo vem a decepção, porque ele, em termos afetivos, está tão distante dela quanto a figura feminina o está fisicamente.

6.4.4.3 Terceira Unidade de Produção

[Eu vou pedir mais um desenho pra você] (cantarola “O Cravo brigou com a Rosa” enquanto desenha).

Figura 22 - Terceira UP de Eduarda



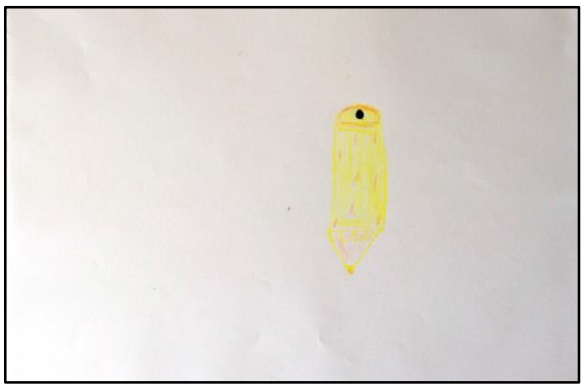
[Eu queria que você contasse uma história, olhando para o seu desenho.] *Era uma vez... duas amigas. Que...* (pausa). *Que gostavam muito de Guaraná. Aí essa amiga chamou ela pra sair, pra ir comer. Aí elas pediram um Guaraná.* [Sei.] *Eu acho que só, porque eu não consigo pensar mais em nada. Essas são as marcas de batom.* [Ah tá. E o que é aqui?] (aponto para o líquido dentro). *É Guaraná, só que eu não consegui fazer direito.* [Não tem problema, eu quero só que você me conte o que você fez, não tem certo e nem errado aqui, tá?] (afirma com a cabeça). [Aqui, o que é essa parte?] (a parte de cima). *É a parte do copo.* [Ah tá. E essas bolinhas?] *São o... quando você toma Guaraná, não começa a soltar umas bolinhas?* [Ah tá, sei.] *Aí eu fiz.* [E aqui?] (aponto para o vermelho redondo em cima). *É a marca do batom no copo.* [Ah tá. Então, são duas amigas que saíram para tomar Guaraná?] *Aham.* [E onde elas estão?] *Hum...* (pausa). *Na casa de outra amiga.* [E o que mais elas estão fazendo lá, além de tomar Guaraná?] *Conversando.* [O que elas estão conversando?] *Hum...* (pausa). *Comida.* [Elas estão com fome?] *Estão.* [E como são essas amigas?] (pausa). *Não entendi.* [De onde elas se conheceram?] *Da escola.* [E como é o relacionamento delas?] *Elas são melhores amigas. Elas... se gostam.* [Elas conversam...?] *Só sobre comida.* [Só comida? E quando já passou a fome?] *Elas conversam sobre flores.* [Entendi, mas normalmente elas estão com fome, então?] *É, que nem eu e minha amiga Ana* (risos). [Ah é?] *É, a gente fala de comida, flores... e acho que só. A gente fala do que mais gosta, comer.* [Aham. E essa outra amiga, que é a dona da casa que vocês estão?] *É a minha amiga Júlia, ela chamou a gente pra ir comer lá.* [Ah tá. E como foi?] *Foi bom, nós comemos frango e batata frita.* [Ah tá.] (silêncio). [Bom, tem mais alguma coisa que você quer falar sobre esse desenho?] *Não.* [Posso pegar?] *Pode.*

Interpretação

A terceira UP é um aprofundamento da temática das anteriores. Após o abandono da figura feminina mais velha (materna) e a decepção com a masculina, ela recorre ao relacionamento com os pares (amigas) como forma de suprir suas necessidades de união amorosa com alguém. Visto que sua condição de criança a impede de ser autossuficiente, é adicionada a essa busca um elemento defensivo, de um crescimento prematuro, gerando uma ambiguidade entre ser adulto e criança ao mesmo tempo – o batom e o Guaraná. A infiltração do conteúdo sexual que se insinuou na UP anterior em sua forma mais direta cede lugar a uma regressão à oralidade, onde encontram-se originalmente situadas as faltas mais básicas que ela vive. Todavia, uma sexualidade pseudo-genital parece insistir em impregnar os relacionamentos mais "inocentes". Com isso, o sexo e a comida parecem estar no mesmo nível, ambos vinculados por ela como necessidades primitivas e não assimiláveis.

6.4.4.4 Quarta Unidade de Produção

Figura 23 - Quarta UP de Eduarda



[E qual história você conta sobre o seu desenho, Eduarda?] *Nenhuma, porque eu não sei nenhuma história com lápis* (pausa). *Não sei de nenhum história com lápis.* [Ahn, entendi. Você desenhou um lápis, e o que mais tem com esse lápis?] *Outros lápis.* [Sei, qual é a cor desses lápis?] *Amarelo. Yellow, quer dizer. Yellow é amarelo, não é?* [Em inglês, né?] *É.* [Aham. Você desenhou uma coisa que você consegue falar em duas línguas, não é?] *É. Blue, azul. Eu não sei como é roxo em inglês.* [Aham. Mas e o que mais você pode contar sobre esse lápis, além de ele ser amarelo? Já que pode falar duas palavras diferentes que significam a mesma coisa, o que mais pode falar sobre ele?] *Hum...* (pausa). *Nada, porque eu nem sei porque eu desenhei isso* (cantarola.) *Vou ver essa pontinha aqui ó, a bolinha* (refere-se à bolinha preta em cima do lápis; compara o lápis verdadeiro com o desenhado). [O que tem essa pontinha?] *Vou fazer igual, assim ó* (pinta mais a bolinha preta). [Onde você pode usar

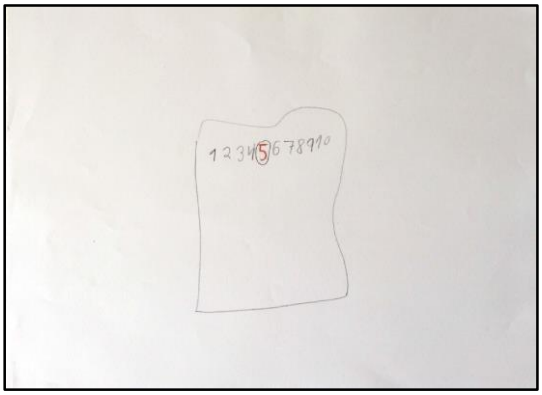
esse lápis?] *Na escola.* [Onde mais?] *Só, na escola, ou no mercado pra fazer compra. Pra desenhar, pra escrever, fazer compra, estudar. Acho que só.* [Aham.] *Aqui, pra desenhar na parede também* (risos). [Pode mesmo.] *Mas na lisinha, porque na parede grossa sai tudo duro.* [Naquelas que são mais lisinhas dá pra escrever?] *É.* [E o que você poderia escrever em uma parede?] *Yellow. Se você tiver um quarto amarelo, você escreve "Yellow" na parede.* [Aham. Mais alguma coisa poderia escrever?] *Hum...* (pausa). *Blue, se for azul também. É blue ou Gru, blue...?* [Gru?] *Como é? Estou confusa.* [O que é Gru?] *Dos Minions.* [Ah, é verdade. E como é o Gru?] *Ele é corcunda, isso que ele é. É maior estranho* (pausa). *Esse lápis é listrado.* [Ah ele tem outras cores junto, além do amarelo?] *É.* [E o Gru, ele é só corcunda?] *Hum... ele também é ladrão, ele rouba bastante. Eu acho que no filme dele, ele roubava... ele também é detetive, mas também ele rouba as coisas.* [O que ele rouba?] *Ele rouba... arma.* [E por que será?] *Porque é tipo uma arma cara... Só um, porque ele não tem ninguém, pra compartilhar. E... só faz isso.* [Então, por ele não ter ninguém pra compartilhar as coisas dele, ele acaba roubando?] *É.* [E se ele tivesse alguém pra compartilhar?] *Mas ele tem, ele tem três pessoas pra compartilhar, as três menininhas pequenininhas.* [Mas ainda assim, ele não compartilha pelo o que você falou?] *Compartilha.* [Sei.] (Silêncio) [Você quer falar alguma coisa sobre o seu desenho?] *Não.*

Interpretação

A quarta UP mostra que os aprofundamentos gráficos de Eduarda não conseguem dar sequência às temáticas anteriores, que começam a ocasionar grandes mobilizações afetivas que praticamente a paralisam. É por isso que ela se apresenta muito defensiva e ríspida, principalmente no início da história. Novamente, embora o seu desenho se assemelhe ao órgão genital masculino, sua história se refere à solidão e ao desamparo. Ela percebe que sofre uma privação afetiva importante em termos de cuidados, estabelecimento e manutenção de vínculos, mas a angústia relativa à constatação da penúria destes últimos faz com que esta seja imediatamente indagada (o Gru tem ou não tem com quem compartilhar as suas coisas?). Desse modo, Eduarda parece se interrogar se tem ou não tem pais com quem pode contar. Ela assinala ainda o vínculo entre o comportamento de atuação e uma privação emocional que redunda em faltas básicas, revelando, no seu caso, possíveis tentativas de sedução (sexual inclusive) na esperança de encontrar uma figura que a ame seguramente e a ampare, salvando-a do terror dos perigos que ela sente que a perscrutam.

6.4.4.5 Quinta Unidade de Produção

Figura 24 - Quinta UP de Eduarda



Calendário. [Bom, agora você olhando para o desenho, você pode contar uma história.] *História de calendário, eu não sei também.* [Pode dizer qualquer coisa, o que vier na sua cabeça.] *Na verdade não está vindo nada na minha cabeça, estou tentando* (pausa). *Não, não sai nada. Só sai coisa que não tem a ver.* [Pode falar o que não tem a ver, não tem problema.] (silêncio). [Pode falar, mesmo que pareça que não tenha nada a ver com o que você fez.] *Não sei* (risos). *Não sei, não sei, não sei, não sei* (cantarola). [Bom, então me conta o que você fez.] *Um calendário, marcado um dia, dia 5.* [Sei, está marcando os dias, então?] *Aham* (cantarola). [E o que tem no dia 5?] *É feriado.* [Sei. E o que pode fazer em feriado?] *Brincar, sair pra tomar sorvete. Sair, ir no shopping. Acho que só. E não sei mais.* [E com quem pode sair no feriado?] *Com a mãe, com o pai, com a vó, com várias pessoas da família.* [Aham... E os outros dias?] *É dia de escola, menos dia 7, dia 17, que lembra o dia 7* (ela está olhando o calendário na parede da sala) [E o que você faz?] *Dormir só.* [E como são os dias da escola?] *Hum, chato.* [Por quê?] *Porque você pensa muito, aí cansa pensar muito.* [Ahn, você está achando chato estar aqui agora?] *Ah, não* (cantarola). *Dia 12 ia cair na sexta, não ia?* [Não sei. Você está falando do quê?] *Do dia das crianças, que já foi. E eu estou contando, não está caindo na quinta, está caindo na sexta. Ahh é...* (conta no calendário). *Ah não, está certo.* [E como é o dia das crianças?] *Legal, mas eu não ganhei nada.* [Ah é? E o que você queria ter ganhado?] *Tênis de rodinhas. Mas aí eu ganhei atrasado.* [Ah, depois você ganhou, então?] *É. Hoje é que dia?* [Hoje é segunda feira.] *Dia 13, não é?* [Dia 13.] *Depois de amanhã é dia dos professores.* [É, e é feriado.] *Pra mim não é.* [Não é? Você vai pra escola?] *Aham* (pausa). *Eu não sei se eu vou pra escola ou não.* [Aham.] *Eu acho que só desse calendário, eu não sei mais coisas, não* (ela pega a régua). *Vou medir o tamanho desse dedo.* [Qual é o tamanho dele?] *10 cm, não é?* (ela mediu a mão). [Pode ser, é o tamanho da sua mão, não é?] Ela pega

uma folha em branco e coloca em cima do desenho do calendário. *Aquelas, meu calendário sumiu. Foi segredo.* [E aí? O que você desenharia se tivesse outra folha em branco?] *Hum... outra flor.* [E como você acha que ela seria?] *Feia, porque eu não sei desenhar direito.* [Aham.] *Acho que entrou um cisco no meu olho. Ah não, acho que foi meu cabelo.* [Tem mais alguma coisa, Eduarda, que você gostaria de falar?] *Não, mais nada* (pausa). *É, mais nada. Só deixa eu fazer um negocinho. Hum... 16 também é feriado. Dia 16 também está vermelho, não está?* [No calendário que você está imaginando?] *Não, no calendário da minha tia.* [Sei, você está lembrando dele agora?] *É. No calendário da minha tia é... é... ah, não, é assim mesmo.* [Aham] (pausa). [Bom, então nós terminamos, Eduarda, você gostaria de falar mais alguma coisa?] *Não.* [Vou pegar o desenho, então. Bom, então eu queria te agradecer por você estar aqui comigo, de a gente ter se encontrado esses dias, tá bom?] *Aham.* [Então tá, você espera um pouquinho, que você vai para o grupo.] *Tá bom.*

Interpretação

A resistência de Eduarda na última UP provoca praticamente um bloqueio nas suas associações. A escolha do desenho também reflete tal obstrução, pois ela copia algo que está próximo, na parede, tendendo a não pensar sobre o que vai desenhar. Todavia, a escolha do tema e as parcas associações da "história" sugerem que tal resistência esteja relacionada à dor do término do vínculo com alguém que a escutou e lhe deu atenção, o que é, em essência, algo muito raro de acontecer com ela. Ao longo de todo o D-E ela expressou esse sofrimento e passou a limpo todas as suas tentativas de lidar com o abandono e o desamparo (busca de uma figura materna, uma figura protetora masculina, de pares, autoengano quanto a não estar sozinha, sedução) assistindo a um desfile dos fracassos de todas elas. Por isso, a "história" que Eduarda mal consegue contar nesta UP se refere a um ambiente morto, sem alegria, quando mesmo no feriado, seu desejo de sair com a família (para aplacar a separação comigo) não é realizado; assim, só resta a fuga para o sono.

7 SÍNTESES

7.1 Síntese do caso Joana

O contato realizado com Joana a partir dos procedimentos utilizados e de suas associações livres mostrou uma história difícil, de uma pessoa que apresenta muita dor e sofrimento. Joana nasceu e cresceu em um ambiente insalubre, onde a mãe não conseguiu desempenhar a função de acolhimento e de facilitadora de um desenvolvimento emocional harmonioso. Passando por perdas importantes, como a da avó, ela volta a viver com a mãe em uma casa onde se sente como serviçal, excluída e desamparada do grupo familiar. A avó, que assumiu o lugar de uma mãe suficientemente boa até os 9 anos de Joana, é lembrada com muito carinho e sofrimento pela perda.

A percepção que Joana tem de mãe até hoje é a de uma pessoa que não a enxerga e que lhe deixou um "fardo" muito pesado para carregar: a culpa por suas atitudes e comportamentos promíscuos. Ela descreve a figura da genitora como vista negativamente pela sociedade, digna de desprezo por sua conduta sexual. Com isso, Joana parecia tentar reparar os erros da mãe ao mesmo tempo que pagava por eles ao ser discriminada na escola e na família do primeiro marido. Este sentimento é intenso até hoje, gerando raiva e ódio da mãe, que não conseguiu cumprir sua função materna e ainda lhe entregou esta herança amaldiçoada.

O primeiro relacionamento de Joana com o pai da filha mais velha, Marina, foi encarado como a solução para o sofrimento que vivia na casa onde morava com a mãe e o padrasto. Todavia, ela continuou vivendo em um ambiente em que se sentia excluída, maltratada e desamparada. A violência física, que antes era infligida pela mãe e pelo padrasto, continuou sendo perpetrada pelo marido. Joana perde as esperanças de encontrar uma vida menos sofrida e tenta o suicídio nesse período. Os relacionamentos que se seguiram continuaram sendo problemáticos para ela, sempre geradores de dor e angústia.

O sofrimento vivido atualmente ocorre em virtude da perda do marido, pai de Beatriz, após a descoberta do abuso e a imposição das redes públicas de apoio para que houvesse o distanciamento entre ele e a filha. Joana teve grandes dificuldades para aceitar a veracidade do abuso, desacreditando nas tentativas de revelação da filha. A obrigação de afastar-se dele, imposta pelo Conselho Tutelar, destrói a eficácia defensiva da negação da realidade que ela empregava para se proteger da angústia do desamparo ao constatar a nocividade do seu objeto de dependência anaclítico.

O desamparo, a fragilidade, impotência e abandono são sentimentos presentes em Joana desde sua infância e predominantes até hoje. A falta de recursos para encarar as experiências difíceis de sua vida deriva da ausência de um ambiente capaz de enxergar e suprir suas necessidades; ao contrário, ele exigia dela uma maturidade que não condizia com as etapas vividas de dependência.

A dependência, não tendo sido suprida, inviabilizou a conquista da autonomia em relação ao objeto. Por isso, as suas barreiras do *self* são fluidas, precariamente constituídas, fazendo com que Joana busque continuamente a reparação do que lhe faltou para prosseguir em seu desenvolvimento por meio de relações de dependência fecunda de um objeto anaclítico. A função desse objeto seria suprir o vazio da dependência que não foi atendida pela mãe na infância.

A fluidez das barreiras do *self* conduz a uma dinâmica em que Joana se deixa facilmente invadir e ser invadida pelo outro. Tendo em vista sua história de ter sido vítima de negligência e de abusos de todos os tipos e da inconsistência de seus recursos, Joana não vê a si mesma como capaz de ser amada pelo o que é, mas sim apenas através dos artifícios da sexualidade e da sedução sexual.

Este sentimento de existência precariamente constituído não possibilita a expansão da criatividade e a constituição do sentimento de ser e continuar existindo. Os vínculos que estabelece são então necessários para garantir seu sentimento de existir e, quando o objeto anaclítico é perdido, o receio é de cair em uma depressão que pode levar ao aniquilamento de si mesma. Com isso, diante de seu sofrimento, a única possibilidade que Joana vislumbra é de apagar toda a sua história e, consequentemente, sua família, a qual é vista por ela como desarmoniosa e problemática. O desejo do esquecimento e o sentimento de inexistência leva Joana a considerar a possibilidade de suicídio, mas em função das dissociações que opera, este é percebido como algo que destruirá apenas uma parte de sua vida, e não sua vida completa.

A maneira de se vincular de Joana faz com que ela busque desesperadamente e de modo incessante um objeto que cumpra a função de fazê-la esquecer de suas dores. Daí sua incapacidade de enxergar todo e qualquer defeito que ele apresente. Qualquer percepção nesse sentido é imediatamente negada. Sua tentativa de “apagar o passado” (por meio do suicídio ou da dissociação) resulta em mais um ataque à sua continuidade de existência e a impede de utilizar sua experiência passada para identificar situações de perigo no presente. É por isso que Joana se coloca (e à sua família) incessantemente em situações de risco, relacionando-se

com pessoas que a fazem sofrer, negando-se a enxergar qualquer sinal de “erro” na escolha do objeto.

As frequentes situações de risco e de abuso a que ela se submete e à sua família a deixam bastante abalada, levando-a a indagar sobre as razões de sequência ininterrupta dos abusos na família, que são sentidos por ela como uma ferida que não incurável. Dessa forma, ela intui a existência de uma transmissão transgeracional do abuso sexual em sua família, experimentando a sensação de que algo está enraizado nas mulheres do seu grupo familiar, do qual elas não conseguem se livrar. A única mulher da família que não foi abusada e é pouco mencionada durante seu discurso é a filha do meio, Flávia, que partiu para outro extremo: a repressão da sexualidade sustentada pela religião. Todavia, há que considerar que nesta saída também pode estar presente, como aconteceu com Joana, a tentativa de “reparar” a história sexual mal sucedida das mulheres da família.

Assim, a família de Joana vive intensos sofrimentos há muito tempo, conduzindo à conclusão de que seus membros (as mulheres) estão presos em uma trama inconsciente que perpassa as gerações sem possibilidades de elaboração. Ela, por sua vez, deseja escapar desse círculo vicioso de dor e violência, porém a fragilidade de sua personalidade e seus poucos recursos dificultam encontrar uma saída. Para tanto, Joana e suas filhas necessitam de uma atenção profissional especial para que lhes seja oferecida a possibilidade de romper este cenário de angústias e abusos.

Em termos estruturais, Joana apresenta uma organização de personalidade limítrofe, em que a relação objetal é do tipo anaclítica, sendo o cônjuge eleito seu objeto anaclítico atual. A imagem de Beatriz para ela é de uma filha que precisa de cuidados, porém acaba por colocá-la na própria condição de cuidadora e protetora; sua autoimagem é de uma pessoa solitária e sofredora. Os vínculos familiares estabelecidos por Joana são de dependência, baseados no desamparo. Sua angústia é relativa ao medo da perda do objeto anaclítico, enquanto que suas principais defesas são a negação e a dissociação. Quanto aos impactos do abuso sexual de Beatriz, eles foram intensificados pela revivência de sua própria experiência de abuso e pela consequente separação do marido, fazendo-a mergulhar em uma forte depressão. Desse modo, suas capacidades para elaborar esta experiência e ajudar a elaboração da filha são escassas.

7.2 Síntese do caso Beatriz

Beatriz é uma menina que se encontra em grande sofrimento. Ela vive em um ambiente fragilizado que a desampara e que lhe exige demasiada maturidade emocional para lidar com situações, o que a coloca em uma posição de grande responsabilidade. Ela percebe que sua mãe não apresenta condições de compreendê-la em sua singularidade e legitimar sua existência como uma criança de 11 anos. Beatriz compreende que esta situação resulta da fragilidade da mãe que vive uma patologia depressiva há anos e que se mostra agora em toda a sua magnitude após a separação do marido, seu objeto de dependência anaclítica. A garota, percebendo a impossibilidade do ambiente para suportar suas fraquezas, reprime seus sentimentos, necessidades e desejos, exigindo-se manter em uma posição de mulher adulta e forte. Desse modo, ela encontrou na repressão uma maneira de conseguir viver em um ambiente frágil e que pode ruir a qualquer momento.

Beatriz mantém viva dentro de si a imagem de um passado que, do seu ponto de vista, foi mais acolhedor, mais feliz e que lhe possibilitava ser ela mesma. Neste passado, ela podia brincar em um lugar mais livre, com mais espaço físico e mental. Atualmente, na pré-adolescência, há dificuldades para expandir a área dos fenômenos e experiências transicionais, que permitiria o estabelecimento das relações com o mundo adulto de maneira pessoal e criativa, mas que, nesse momento, arrisca desaparecer. Os desenhos mostram os sentimentos de solidão e abandono de Beatriz, visto que o que ela tem de mais genuíno e precioso não encontra acolhimento e eco na realidade externa.

Percebendo que a mãe não tem recursos para suportar o sofrimento, Beatriz precisa lidar sozinha com seu próprio amadurecimento emocional, além de cuidar e proteger a mãe, invertendo as funções familiares. Daí o surgimento de um falso *self* que se impõe e camufla o verdadeiro *self,* cujo clamor para resistir e se expressar se manifesta no lamento por não poder mais brincar. Ela percebe o ambiente como exigente de uma postura inabalável de sua parte, ao que ela somente pode responder por meio da compensação, escondendo uma grande fragilidade e impotência. Desse modo, a aparência física tem um significado importante para Beatriz. Ter uma boa aparência é visto por ela como sinal de bem estar e felicidade, por isso se apresenta bem arrumada e vaidosa.

Diante da experiência de um ambiente não suficientemente bom, Beatriz se sente insegura e desconfiada, restringindo o seu contato com o mundo externo, que é percebido como causador de sofrimento. Apesar disso, ela mostra que não perdeu a esperança de encontrar figuras acolhedoras e facilitadoras do desenvolvimento emocional. A busca pela

brincadeira com as amigas e pelo cachorrinho mostra o desejo de encontrar um espaço em que ela consiga integrar a realidade interna e a externa e se livrar do peso da preocupação com a mãe.

Diante das análises dos procedimentos utilizados, a dor de Beatriz está mais relacionada ao seu sentimento de solidão e desamparo do que à vivência do abuso sexual em si. Este assunto não aparece em nenhum momento no contato com ela, com exceção de algumas características do desenho da pessoa do HTP (representação fálica e pernas pressionadas). Apesar de todas as dificuldades, Beatriz se mostra uma menina com bons recursos: luta para manter viva dentro de si uma figura cuidadora e acolhedora que usa para proteger a si mesma e a mãe. Todavia, ela necessita de uma figura que a atenda em sua singularidade e sustente a área dos fenômenos transicionais.

As conflitosas dificuldades da personalidade de Beatriz dizem respeito à não existência de um objeto de dependência capaz de ecoar a sua criatividade e consolidar o seu sentimento de continuidade com o mundo exterior. As principais angústias de Beatriz são depressivas e estão, assim, relacionadas à perda de um bom objeto que existiu no passado, mas que não é mais capaz de atender as suas necessidades nem ecoar a sua criatividade e, pior, pode ser destruído por elas. Portanto, estas devem ser reprimidas e negadas. Daí ela precisar cuidar de si mesmo, assumindo uma pseudo-maturidade que aflui em uma dissociação da personalidade e no desenvolvimento de um falso *self* e de um pre-ordenamento limítrofe.

7.3 Síntese da díade Joana e Beatriz

A trama emocional em que vive a díade Joana e Beatriz é complexa, tendo em vista as semelhanças e repetições de suas experiências. A história de vida de Joana revela a ausência de uma figura materna presente em sua vida, a qual foi disponível por um curto período de tempo, representada pela avó. Assim, ela não teve a oportunidade de crescer em um ambiente suficientemente bom, que pudesse atender suas necessidades infantis, proporcionar-lhe um *holding* e oportunidades para viver o processo de ilusão-desilusão, necessário para a integração do mundo subjetivo e o meio externo e a integração das primeiras frustrações. Sem ter vivido estas experiências e sem uma figura materna boa com quem se identificar, Joana não tem condições de ser uma mãe suficientemente boa para Beatriz.

Nesse contexto, Beatriz, percebendo as fragilidades da mãe, busca supri-las da maneira como pode, acelerando o seu desenvolvimento emocional, escondendo seu

sofrimento e reprimindo todo e qualquer ressentimento ou hostilidade dirigidos à genitora. A garota entende que precisa ser madura o suficiente, o que implica renunciar aos seus desejos infantis, para cumprir com as obrigações de casa e cuidar de si mesma e da mãe, que está muito deprimida.

Essa mesma exigência de entrada precoce na vida adulta foi vivida por Joana que, como Beatriz, sentiu ter sua infância "roubada" e, por isso, apresentou dificuldades para realizar o processo de transição da infância para a vida adulta, no período da adolescência. É por essa razão que ela também não pode ajudar Beatriz nessa empreitada. Assim, ela reproduziu com a filha o modelo materno que teve.

Ao tentar suprir sozinha estas deficiências do ambiente, Beatriz se sente desamparada e abandonada. Seu sofrimento aumenta conforme não encontra outra figura fora da família que suporte compartilhar sua dor, fazendo com que se sinta cada vez mais insegura e desconfiada do mundo externo e reticente ao seu contato com ele. Tanto Beatriz quanto Joana apresentam a área das experiências transicionais pouco desenvolvida, em virtude da instabilidade do objeto bom interno, condição para o uso do objeto transicional. Isto provoca em ambas a dificuldade de integração entre o mundo subjetivo e o mundo externo: Joana nega a realidade e Beatriz reprime o que sente.

Apesar dessas repetições, Joana concebe em Beatriz, sua única filha desejada, a possibilidade de viver uma história diferente da sua. Tudo caminhava relativamente bem até que foi revelado o abuso sexual sofrido pela filha cometido pelo pai, seu atual marido. A descoberta provocou em Joana um sentimento de frustração intensa, pois além de perder seu objeto de amor, ela reviveu sua própria história de violência e perdeu a esperança de que Beatriz trilhasse um caminho diferente do seu. A partir daí, ela caiu em uma depressão profunda, sentindo que o seu mundo desmoronou, e não conseguiu mais vislumbrar esperanças para a sua vida.

Percebendo a mãe nessas condições, Beatriz exige de si mesma manter-se em uma posição de fortaleza, desenvolvendo um falso *self*, a fim de evitar mais dor para a mãe e sobreviver ao ambiente que lhe exige mais do que suas condições infantis permitem. Diante disso, seu sentimento de desamparo e abandono se intensificam. Beatriz atualmente é a única figura que está mais próxima de Joana, ocupando um lugar importante para a mãe, sendo a maior razão de ela não cometer suicídio. Apesar disso, Beatriz não é vista pela mãe como objeto anaclítico capaz de substituir o pai. Desse modo, não há possibilidade de suprimento recíproco das necessidades de dependência.

A descoberta do abuso pelas outras pessoas do condomínio onde moram fez com que Joana sentisse muita raiva e vergonha. Este lar é sentido por Beatriz como instrusivo e sufocante, principalmente após a revelação, pois isto gerou na mãe o sentimento de proteção extrema da filha, como uma forma de evitar o contato com os condôminos. No entanto, as amigas do prédio têm grande importância para Beatriz: desempenham um papel de acolhimento e confiança que ela não sente que tem em casa. Querendo evitar que a filha desça na área de lazer para protegê-la, Joana restringe o contato social acolhedor da menina, algo que ela necessita nesse momento. Assim, a genitora não supre a dependência da filha, nem permite que esta busque outro objeto para tal.

Além de compartilharem da experiência do abuso sexual, mãe e filha apresentam a mesma crença de que uma mulher precisa se mostrar forte e guerreira, mesmo que internamente isto não seja verdadeiro. Mais profundamente, considerando a possibilidade de uma transmissão psíquica transgeracional, o que é difundido inconscientemente é a concepção de que a mulher é frágil, impotente e vítima das circunstâncias da vida, com as quais não consegue lidar sozinha; contudo, esta condição não pode ser notada pelas pessoas, sendo encontrado como solução o enaltecimento da aparência (por meio da maquiagem, das roupas, brincos grandes e sapatos de salto fino). Em contrapartida, esta crença está associada ao empoderamento do homem, em que ele é visto como forte, mais potente e capaz de se defender e se livrar das mazelas da vida[20]. Desse modo, a boa aparência, além de compensar e esconder toda a fragilidade interna, pode servir de garantia para atrair e manter o vínculo com uma figura masculina que possa lhes trazer a proteção e o cuidado que precisam.

Joana e Beatriz formam uma díade em que os sentimentos de abandono, impotência, fragilidade e desamparo são dominantes. Ambas viveram situações de negligência e violência na infância e, cada uma a seu modo, deseja sair desse lugar de sofrimento. A trama transgeracional que acomete as duas mostra a incidência de experiências traumáticas não processadas que lutam por um espaço para serem pensadas e elaboradas. Caso contrário, a mãe e a filha, assim como os outros membros da família, tendem a permanecer em uma onda de sofrimento que parece nunca ter fim.

7.4 Síntese do caso Marina

Os resultados da avaliação de Marina mostraram que ela se encontra em grande sofrimento, expresso principalmente por sintomas depressivos, os quais lhe impedem de ter

[20] Apesar de não ter sido observado com clareza esta valorização do sexo masculino nas produções de Beatriz, o cuidado com a aparência como uma adulta parece apontar nesse sentido.

esperanças quanto às possibilidades de realizar mudanças positivas em sua vida. Marina chegou a todos os encontros bastante defensiva, mostrando dificuldade de entrar em contato consigo mesma e de olhar para suas dores, o que mostra a evitação como um mecanismo de defesa usado com bastante frequência.

Marina expressa como o principal problema de sua vida atual a ambiguidade do estado conjugal com o marido, pois moram juntos, mas estão separados, e a necessidade de resolverem esta situação. O relacionamento do casal desde o início foi constituído de oscilações emocionais, incertezas e angústias. Hoje, mesmo não vivendo como um casal, ela tem o marido como base de sua segurança e proteção.

A história de vida de Marina é marcada por alguns episódios como o abandono do pai pouco depois do seu nascimento, o abuso sexual sofrido aos 7 anos de idade e os graves sintomas depressivos da mãe. Estas e outras experiências foram vividas em um ambiente incapaz de suprir suas necessidades de dependência e de acolher as suas angústias, o que lhe ocasionou uma insegurança que perdura até hoje e poucas condições de alcançar a autonomia. Ela se sente extremamente frágil e incapaz de suportar as demandas do mundo, entre elas, a maternidade.

Este ambiente inicial adverso refere-se sobretudo à figura da mãe que, frágil, vulnerável, dependente e sem poder contar com nenhum tipo de apoio, precisou demandar da filha ajuda para assegurar a própria condição de sobrevivência e a da família e exigiu-lhe um amadurecimento precoce, sem lhe conceder as bases para tal. Marina, então, viu-se na obrigação de suprir sozinha suas próprias necessidades, as da mãe e da irmã (que sente ter sido relativamente poupada do mesmo sofrimento que ela). A lacuna entre as necessidades não atendidas e o amadurecimento precoce, no entanto, persistiu, e responde até hoje pela busca de um objeto de dependência que possa suprir as funções maternas que não foram atendidas na infância. Por isso, já aos 14 anos, quando começou a se relacionar com o atual marido, logo o colocou neste lugar de objeto de dependência que cuida e protege. Entretanto, do seu ponto de vista, o relacionamento sempre foi permeado por insegurança e instabilidade, em que ela parecia se colocar à disposição para se relacionar (de acordo com os seus limites), mas ele permanecia insatisfeito. A gravidez de Eduarda, ocorrida após alguns anos do início do relacionamento, foi vivida de forma ambivalente: capaz de unir e separar o casal ao mesmo tempo (o pai ia com mais frequência ver Marina por causa da filha recém nascida) – situação que perdura até hoje, em virtude do ciúmes que ela tem da filha, a qual lhe parece ser de fato amparada pelo marido, como criança, ao passo que ela não o é.

A relação com a figura masculina é vista por Marina com desconfiança no que se diz respeito à sua capacidade de manter um vínculo afetivo. Ela não acredita que os homens possam amá-la como é e com a idade que tem, pois imagina que as crianças (em especial as meninas) são mais desejáveis do que as mulheres adultas. Essa impressão parece ser uma das consequências da repetição dos abusos infantis nas gerações de sua família e do fracasso de suas relações conjugais e da mãe.

A busca constante de um objeto capaz de suprir a sua dependência na figura de um homem (já que a mãe lhe parecia muito frágil para tal) aliada às primeiras manifestações da sexualidade infantil e à descoberta de que existiam homens capazes de sentir atração sexual por ela, uma criança, parecem ter colaborado para um sentimento de que, ela mesma, de certa forma, havia contribuído para a ocorrência do abuso, quando o que realmente buscava era um objeto de proteção e não um objeto sexual. A impressão é de que há uma confusão entre as necessidades de dependência e das excitações sexuais infantis, que a fez desenvolver a crença de que a aproximação sexual do homem lhe garantiria, da parte deste, o amparo e a proteção de que precisa. Esta confusão, o fato de o abuso ter ocorrido na sua infância, e da percepção do amparo que o marido oferece à filha, parecem sustentar a crença anteriormente descrita de que, sexualmente, as crianças são mais desejáveis do que as mulheres adultas. Assim, embora a descoberta do abuso sofrido pela filha tenha tido um impacto intenso sobre Marina, parecia haver um certo conhecimento inconsciente sobre a possibilidade de isso acontecer um dia, o que responderia pela culpa que Marina sente em relação a esse evento e ao seu sentimento de que podia ter feito algo para evitar a violência sofrida por Eduarda, principalmente porque esta lhe alertou sobre isso quando tinha 3 anos de idade. A angústia que esta situação despertou a levaram, e à Joana, a negarem os apelos da garotinha. Assim, o abuso sofrido pela filha atualmente aumenta o sentimento de fragilidade de Marina, e a faz sentir-se como incapaz de se ajudar e ajudar e proteger a filha.

O desamparo e a depressão vividas impedem Marina de ter uma visão objetiva do mundo, por conduzirem a uma repressão maciça da agressividade e do ódio. Por isso, a relação com a mãe é caracterizada como de piedade e cuidado puros, a despeito das suas queixas de que Joana lhe fez passar por situações difíceis, como o afastamento do pai e a exposição a situações vulneráveis (físicas e emocionais), como o abuso.

Marina está vivenciando o processo de luto pela morte recente do pai, alguém com quem teve muito pouco contato e de quem precisou se afastar, junto com a mãe, em virtude da tentativa de homicídio contra elas da parte dele. Esta situação, contudo, não a leva conscientemente a experimentar ódio do pai, sendo este sentimento substituído pelo

arrependimento de não tê-lo visto enquanto ainda estava vivo e que, apesar de ter desejado a morte dela, continua sendo visto de forma idealizada como figura protetora e cuidadora. O desejo de ter "conhecido"[21] e convivido com este pai ideal sempre existiu, porém sua não realização foi sustentada pela crença de Marina de que a mãe não aceitaria este contato. Além disso, ela revela a existência de um irmão mais velho (filho de Joana e do pai), o qual é, de acordo com sua percepção, alguém que o pai sempre protegeu e ofereceu uma vida confortável, na qual atendia a todos os seus caprichos e o cercava de cuidados. A raiva e ciúme diante desse irmão, embora tenham aparentemente um caráter de rivalidade edípica, evidenciam mais a necessidade premente de um objeto de dependência para se vincular. Estes sentimentos parecem ter sidos deslocados para a filha, que, na percepção de Marina, da mesma forma que o seu irmão, dispõe de uma figura capaz de amar e proteger (o pai/marido), que ela não possui, tendo sido preterida em relação a eles. Assim, a raiva e o ciúme acompanham o seu sentimento de solidão e desamparo e intensificam a sua sensação de ter sido injustiçada pela vida.

Em termos psicodinâmicos, a angústia dominante da personalidade de Marina é depressiva, referente à perda do objeto de amor, colorida pela deficiência no suprimento de faltas básicas. Essa angústia é combatida por defesas como a negação, a repressão e a evitação. A instância dominante da personalidade parece ser o Ideal de ego, que se debate contra o Id e o mundo externo real; é por isso que não há lugar para experimentar de forma declarada o ódio e a agressividade contra aqueles que a decepcionaram. Diante disso, em termos estruturais, Marina apresenta um ordenamento de personalidade limítrofe. A imagem que tem de Eduarda é de uma filha que disputa com ela o amor e os cuidados do pai, e a sua autoimagem é de uma mulher submissa, vulnerável, frágil e maltratada pela vida. No que diz respeito aos impactos do abuso sexual sofrido por Eduarda, ele a faz reviver sua própria experiência não elaborada e lhe acarreta uma culpa insuportável pelo que acredita ter sido sua omissão. Sendo assim, Marina não se percebe como capaz de auxiliar a filha a elaborar sua experiência do abuso, nem de protegê-la dos perigos reais, já que vê a si mesma como incapaz de lidar com qualquer situação que exija enfrentamento e elaboração.

[21] O desejo de conhecer o pai, na verdade, diz respeito à sua realidade subjetiva, não à realidade objetiva, haja vista que, apesar de muito pequena e de provavelmente não lembrar-se dele, ela o conheceu e conviveu com ele, até por volta do primeiro ano de vida.

7.5 Síntese da díade Joana e Marina

Marina, filha mais velha de Joana, nasce em um contexto em que a mãe se encontrava com o primeiro companheiro em um ambiente permeado de violência, física e emocional. Tendo passado por uma infância marcada pelo desamparo e por muitas vulnerabilidades, Joana buscava encontrar uma pessoa para que pudesse sair da casa onde morava e estabelecer uma vida diferente. Até então, ela vivia com a mãe, o padrasto e filhos dele, a seu ver, em uma condição de serviçal doméstica e na ausência de qualquer tipo de cuidado e proteção. Na esperança de ter melhores condições de vida, Joana foi viver com o pai de Marina em uma fazenda, onde passou a ser vítima de agressões e desprezo da parte dele e de sua família.

Após o nascimento de Marina, elas foram vítimas de uma tentativa de homicídio por parte do marido, através de um incêndio que ele provocou na casa onde moravam. Tentando proteger a ambas, Joana e a filha fogem do local, em busca de um novo abrigo protetor. Desde essa época e durante toda a infância de Marina, elas foram reféns dos relacionamentos que Joana construía na tentativa de encontrar um lar e tentar preencher o vazio da dependência que não foi suprida pela mãe na infância.

Diante destas condições emocionais extremamente frágeis de Joana e das circunstâncias precárias de sua vida real (ausência de casa e pouquíssimos recursos financeiros), foi exigido de Marina um amadurecimento emocional precoce que lhe gera sofrimento até hoje. Nessa época, tentando suprir de alguma forma as falhas maternas, Marina viu-se como responsável por cuidar sozinha da casa, de si e da irmã mais nova (Flávia), que ainda era muito pequena (história muito semelhante à de Joana, quando morava com a mãe e precisava cuidar da casa e dos irmãos).

Em uma das casas onde viveram com a mãe, aos 7 anos, Marina sofre o abuso sexual por parte do irmão do companheiro de Joana. Esta vivência desencadeou um desamparo profundo na menina, intensificado pelo não distanciamento posterior do agressor e pela descrença do ocorrido por parte da família do homem, resultando na necessidade de acompanhamento profissional após a depressão desencadeada pelo ocorrido. O abuso sofrido por Marina despertou em Joana as lembranças da violência que ela própria sofreu, porém a ausência de ajuda de um objeto confiável e passível de oferecer segurança não forneceu outra opção a elas além de reprimir essas lembranças.

Percebendo as dificuldades e fragilidades da mãe, Marina sente mágoa e decepção por ela ter-lhe colocado em tantas situações vulneráveis, sem lhe oferecer nenhuma proteção. Contudo, ao amor pela genitora e à constatação de sua fragilidade, conduz Marina a reprimir

maciçamente estes sentimentos, substituindo-os pelo sentimento de gratidão eterna por tudo o que a mãe fez por ela e pelo amadurecimento que lhe proporcionou. Todavia, nesse contexto psicodinâmico e relacional de necessidades não supridas, de autonomia não conquistada, de dependência não gratificada, e debilidade da personalidade, ambas permanecem na busca de um objeto de dependência anaclítica, principalmente na figura do homem, e por meio da aproximação sexual, o que as expõem a situações de risco e vulnerabilidade.

Em vista disso, observa-se que Joana e Marina apresentam repetições em suas histórias de vida, além de semelhanças na maneira como reagem ao mundo frente às suas dificuldades, inclusive observadas no tom de voz melancólico muito parecido entre as duas. Ambas parecem apresentar hoje a mesma maneira de se relacionar, estabelecendo vínculos de dependência anaclítica, típicos de um ordenamento limítrofe da personalidade. Os principais mecanismos de defesa empregados por elas são a negação, a repressão, a dissociação e a evitação. Sentem-se maltratadas pela vida, vítimas da ação de predadores, dos quais não conseguem se defender. Falta-lhes confiança na capacidade de serem amadas, concebem o sexo feminino como altamente frágil e apresentam uma trama de identificações maternas que não as auxiliam a obter sucesso nas tarefas da maternidade. Diante da escassa diferenciação entre Joana e Marina, há uma relação quase simbiótica entre mãe e filha, o que contribui para que a repetição das histórias se concretize, tornando bastante arriscado a não interrupção deste ciclo e a perpetuação das mesmas circunstâncias em Eduarda e Beatriz.

7.6 Síntese do caso Eduarda

O contato com Eduarda possibilitou observar uma menina que está em intenso sofrimento, o qual está relacionado principalmente às carências do ambiente, que existem desde quando era bebê e agora, após a descoberta do abuso, intensificaram-se e não encontra espaço para ser vivenciado. A menina é fruto de uma gravidez não desejada, permeada de insegurança e instabilidade da mãe, que estava muito preocupada com a aceitação do nascimento da criança pelo namorado. Quando nasceu, Eduarda viveu com a mãe e a avó Joana por algum tempo, passando a morar com os pais depois dos dois anos de idade. O relacionamento de seus pais desde o início foi marcado por oscilações emocionais, incertezas e angústias, presentes até hoje.

O desenvolvimento emocional de Eduarda é caracterizado por falhas básicas e deficiência acentuada de *holding*. Faltou-lhe uma mãe suficientemente boa, em condições emocionais de suprir suas necessidades mais básicas (colo, alimentação, higiene) e de se

adaptar à sua criatividade, ecoando-a no ambiente e permitindo a construção gradual de uma continuidade entre ele e a criança. Essas falhas no processo de ilusão-desilusão, não permitiram à garota constituir com solidez a área das experiências transicionais, dada a impossibilidade de crença em uma realidade externa que corresponda ao seu mundo subjetivo. Isto aconteceu porque a existência e vitalidade do objeto externo (mãe) não parecem ter sido suficientes para ecoar a onipotência inicial e o seu abandono gradual pela menina, na medida das suas possibilidades. Desse modo, persistiu em Eduarda um hiato entre as realidades externa e interna, o que conduziu a deficiências importantes na construção da capacidade simbólica. É por isso que ela apresenta ansiedades paranoides e depressivas intensas, as quais ela combate por meio de mecanismos maciços de negação e dissociação.

Esse contexto de cuidado materno deficiente, parece ter gerado em Eduarda cicatrizes profundas de privações emocionais, resultantes deste não atendimento de necessidades básicas. Desse modo, ela se volta para o pai, buscando nele alguém para suprir suas necessidades mais fundamentais. Ele é visto incialmente por ela como uma figura capaz de proporcionar cuidado e reparar as deficiências maternas. Essa volta para o olhar paterno, embora atribua ao caso um matiz edípico, é, no entanto, mais sustentada pela expectativa de suprimento de necessidades primitivas da menina, principalmente o alívio de suas angústias relativas ao desamparo e perda (ou ausência) do objeto. Se a sexualidade edípica não se encontra totalmente afastada desse vínculo com o pai, ela parece agir como uma das formas possíveis de obter a proteção de que Eduarda precisa. Porém, as atitudes paternas não condizem com as expectativas da filha e suas falhas não tardam a ser colocadas em evidência, o que lhe gera decepção, raiva e frustração por mais uma vez não se sentir compreendida. Apesar disso, a filha ainda assim concebe o pai como fortaleza e poder, quando comparado à linhagem materna da família, caracterizada pela fragilidade, vulnerabilidade e ineficácia. Desse modo, o ambiente é falível de ambos os lados, paterno e materno, mas o primeiro ainda é visto por ela como um pouco mais consistente.

Nessas circunstâncias, urge para Eduarda encontrar alguém em quem possa confiar e contar para prosseguir em seu desenvolvimento. Logo, ela busca uma figura de identificação confiável que ainda não foi encontrada; os tios são exemplos de pessoas que parecem poder ocupar este lugar; no entanto, a presença pouco frequente dos mesmos em sua vida faz seus esforços malograrem. Os sentimentos de solidão e desespero em virtude desta falta foram observados na relação transferencial, na qual ela mostrou raiva e tristeza pelo novo "abandono" que ia sofrer, e constatar, mais uma vez, a perda de uma figura potencialmente protetora constante presente em sua vida.

A ocorrência do abuso sexual, nesse contexto de um ambiente pouco protetor, parece ter agido como um trauma que ocasionou uma interrupção no desenvolvimento emocional de Eduarda, que ela se esforça, sozinha, para resgatar. A vivência desta experiência agravou a situação emocional da menina, acrescentando ao desamparo e temor vividos por ela, a sobrecarga das excitações sexuais precoces. Essa situação parece ter conduzido a uma maior confusão entre demandas de amparo e sexualidade, amor sexualizado e não sexualizado, entre as posições de adulto e de criança e, com isso, ao apagamento das diferenças e hierarquias geracionais. A confusão sobre quem é (criança ou adulto) e como é amada pelo outro (de modo afetuoso ou sexualizado) a sobrecarrega, impulsionando-a para um desenvolvimento precoce. Logo, parece haver um sentimento de perda da infância, que a faz vivenciar um luto inconsciente incompreensível.

Apesar disso, Eduarda revela tentativas de retomar o seu desenvolvimento sozinha, porém seus movimentos nesta direção fracassam pela sua condição natural de dependência infantil, que ninguém pôde até agora suprir. Assim, ela manifesta ansiedades intensas, observadas, por exemplo, na cadeia desenfreada de sua fala. Logo, seu desamparo é quase completo.

Tendo em vista o exposto, em termos de organização da personalidade, Eduarda parece apresentar um pre-ordenamento limítrofe, próximo à psicose. A relação de objeto estabelecida é do tipo anaclítica, na medida em que depende dele objeto para preencher o vazio da dependência não suprido pela mãe. Os conflitos nodais da personalidades estão relacionados à busca de um objeto cuidador, protetor e confiável quanto à sua permanência, constância e proteção. As defesas usadas por ela são especialmente a dissociação e negação, e suas principais angústias são depressivas, relacionadas principalmente ao desamparo derivado da ausência de figuras de proteção e cuidado.

7.7 Síntese da díade Marina e Eduarda

A relação entre a díade Marina e Eduarda é marcada por muita insegurança, ciúme e sofrimento. Por meio de uma gravidez não desejada, Eduarda nasceu em um momento em que a preocupação maior da mãe era poder contar com o companheiro/pai, que mostrava rejeição pela gravidez e desejava encerrar o relacionamento com ela. Entretanto, após o nascimento da filha, Marina passou a conviver com ele com mais frequência, ainda que este não tenha mostrado a intenção de vê-la quando ia visitar a criança. Desse modo, Eduarda ocupa, desde o início, uma posição ambivalente de união (pois foi em virtude do seu nascimento que os pais

passaram a viver juntos posteriormente e a razão manifesta atual pela qual se mantêm na mesma casa, mesmo estando separados) e desunião do casal (devido à disputa edípica de amor do pai/marido pelas duas).

Com poucas experiências de um ambiente suficientemente bom e em virtude da ausência de uma figura materna boa, íntegra e forte com quem pudesse se identificar, Marina apresenta deficiências em suas funções maternas, particularmente a oferta de *holding*, as quais a impede de conseguir fornecer condições para um desenvolvimento emocional relativamente estável para Eduarda. Marina não se vê como capaz de cuidar, nem de si mesma e nem dos outros, necessitando ela própria de um objeto de dependência que ocupe esse lugar de cuidado e proteção. Atualmente, a constatação das imperfeições de suas condições se tornou ainda mais evidente após a descoberta do abuso sexual sofrido pela filha, o qual a fez reviver a própria experiência e a afrontar novamente a depressão e a impotência.

Sendo a responsável por gerar o recurso financeiro da casa, Marina trabalha o dia todo, enquanto o marido cuida das atividades domésticas e da filha. Ele é tido por ela como a figura mais capaz de cuidar e de proteger a família e é visto com grande admiração pelas duas; no entanto, também falha em oferecer condições favorecedoras ao desenvolvimento da filha e renuncia a Marina como mulher e esposa.

Mesmo no pouco tempo em que mãe e filha estão juntas, Marina não consegue se atentar para as necessidades da garota, nem mesmo as mais básicas, como a alimentação. A filha, nesse bojo, experimenta uma profunda frustração por não se sentir compreendida pela mãe, voltando-se para o pai, de quem espera esse suprimento afetivo. Esta situação provoca ciúmes em Marina, que se sente excluída da família por perceber que Eduarda prefere o pai a ela, o mesmo acontecendo com ele. A disputa pelo pai/marido entre as duas, a despeito de suas conotações edípicas, refere-se sobretudo à competição por um objeto de amparo e proteção com quem possam contar e aplacar, assim, as angústias de ambas relacionadas à perda do objeto e de suprimento de faltas básicas. A experiência das duas com suas mães (Joana e a própria Marina) lhes mostrou que os recursos do objeto são escassos e, por isso, seria impossível dividi-lo entre si.

É a deficiência dos objetos de proteção e amparo (sobretudo os femininos) que intensifica as buscas de ambas por uma alternativa a ele, havendo a descoberta, dado o contato real com os abusadores, de que a sexualidade pode ser um ponto de garantia para obter o *holding* que lhes faltou e de que necessitam. Elas passam, portanto, a buscar o *holding* na figura do homem, já que a mulher é frágil demais para tanto. Daí a sensação de Marina de ter uma parte de responsabilidade sobre o abuso de que foi vítima, e também no de Eduarda.

Quanto à última, as decepções sofridas pela dificuldade do pai para compreender as suas necessidades a tornam suscetível de sofrer os abusos de outra figura masculina, em que ela potencialmente teria como figura opcional de proteção: o avô.

Esta situação mostra, tanto em Marina, quanto em Eduarda, a falta de confiança na capacidade de serem amadas por quem são, acreditando que é somente através da sexualidade e da sedução que é possível manter um vínculo amoroso. É nesse contexto que Marina sustenta a crença de que uma menina é mais desejável sexualmente do que uma mulher adulta. Esta concepção ocorre especialmente devido ao histórico de abusos recorrentes nas gerações dessa família e às fragilidades dos vínculos que são estabelecidos pelos membros familiares. Portanto, a rivalidade entre as duas (Marina e Eduarda) pelo pai/marido, antes de uma competição estritamente edípica, demarca mais a crença (de ambas) de que o indivíduo feminino é frágil, vulnerável e incapaz perante o masculino, que é visto como poderoso, forte e capaz. A ideia que impera é a de que as mulheres sempre estarão em desvantagem e em uma relação de vítima dos homens.

A trama transgeracional que incide na díade (o abuso sexual, a fragilidade do sexo feminino) dificulta a possibilidade de mudança de vida. Observa-se nas duas um intenso sentimento de desamparo e um desespero por não conseguirem mudar o destino de suas vidas. Apesar disso, em ambas existe um desejo de sair desse lugar, cada uma à sua maneira. Marina tem uma intuição relacionada ao medo de repetir a história de Joana, expressa em seu receio de Eduarda sofrer novamente abuso por parte de outro homem, se a primeira vier a se relacionar novamente. A menina, por outro lado, mesmo sem encontrar figuras facilitadoras do desenvolvimento, revela tentativas de retomá-lo e prosseguir adiante. Isto indica um potencial de mudança na vida das duas, que deve ser trabalhado e consolidado.

7.8 Síntese familiar

A família avaliada é composta de duas mulheres e duas meninas que possuem histórias de vida em que o abuso sexual e a carência de um ambiente facilitador do desenvolvimento são fatores em comum que provocam muita dor. Após a descoberta dos abusos sofridos por Beatriz e Eduarda, as quatro vivenciam hoje, cada uma com suas condições e limites, a dor e o desamparo de ter que lidar com as experiências da violência, tanto atuais (Beatriz e Eduarda), quanto passadas (Joana e Marina), e suas consequências.

Joana, a primeira geração que este estudo abarca, revela um desenvolvimento emocional marcado pela ausência de uma mãe suficientemente boa, que parece ter lhe

oferecido um *holding* deficitário, e que não lhe proporcionou a internalização de um bom objeto, devido à sua instabilidade para se adaptar às necessidades da filha. Desse modo, Joana cresceu em um ambiente que não lhe ofereceu condições para um desenvolvimento saudável e ainda lhe exigiu um amadurecimento emocional precoce. Por isso, Joana precisou renunciar às suas necessidades infantis e suprir as demandas do meio, assumindo responsabilidades de adulto (cuidar de si mesma e dos irmãos mais novos, exercer tarefas domésticas). A falta de um ambiente suficientemente bom e a exigência de um desenvolvimento prematuro promoveram em Joana uma carência de recursos para enfrentar as dificuldades da vida, o que lhe inviabilizou a conquista da autonomia em relação ao objeto, ocasionando-lhe um sentimento de existência precariamente constituído. Esta condição fez surgir-lhe a crença inconsciente de que é uma pessoa muito frágil e incapaz, que não consegue sobreviver sozinha, necessitando buscar objetos de dependência (representados principalmente pelos homens) para garantir seu sentimento de existir no mundo. Esta realidade fez com que Joana se colocasse, e também as suas filhas, em situações de riscos prementes.

Não tendo oportunidades de internalizar uma figura materna suficientemente boa, Joana também não conseguiu experimentar a maternidade e exercer sua função materna de modo imperturbado. Isto acontece porque, ao assumir a maternidade, Joana presentifica suas relações até então estabelecidas, especialmente seus vínculos mais primitivos (com seus próprios pais), fazendo com que se identifique com a sua mãe para cuidar das filhas (Marina primeiro e mais tarde Beatriz). Logo, a capacidade de Joana exercer uma função materna suficientemente boa dependeria de ter recebido esta mesma experiência em sua infância.

Marina, sua filha primogênita, nasceu em um contexto caracterizado pela violência e negligência por parte do pai e de sua família, e continuou crescendo, ela e a mãe, vítimas dos relacionamentos que Joana estabelecia para suprir as demandas físicas (financeiras e de moradia) e emocionais de ambas. Assim como a mãe, Marina precisou amadurecer precocemente, mesmo sem ter condições emocionais para isso, para conseguir ajudar a si mesma e à genitora, cuja fragilidade ela percebia. O hiato entre as necessidades não atendidas e o amadurecimento precoce diante de um ambiente frágil, vulnerável e dependente, fez com que Marina também desenvolvesse sentimentos de fragilidade e impotência, e acreditasse na incapacidade de suprir sozinha a função de cuidado e proteção para si mesma; em vista disso, necessita de um objeto que ocupe essa função, estabelecendo relações de dependência. Assim como Joana, ela começa a se relacionar com o futuro marido bastante jovem (aos 14 anos), na tentativa de encontrar esta figura de amparo protetor.

Após alguns anos em um relacionamento instável, Marina engravida de Eduarda, que assume importância para a manutenção do seu casamento, desde o seu nascimento até hoje. A relação mãe e filha permanece no mesmo ciclo: Marina, sem ter contado com experiências de uma mãe suficientemente boa, também apresenta deficiências para desempenhar a maternagem. Logo, para Eduarda, as carências sentidas são referentes a faltas básicas e a uma deficiência de *holding*, que provocam uma insegurança decorrente da escassez das medidas de proteção dirigidas a ela. Como consequência desta realidade, a garota desenvolveu ansiedades intensas do tipo paranoide e depressiva. Aqui, há uma diferença em relação a Joana, por ainda existir na casa o pai e marido (mesmo com a separação de corpos do casal), que é alguém que ocupa para Marina e Eduarda um lugar de objeto de dependência, uma figura percebida como capaz de cuidar e proteger, ainda que a realidade mostre o contrário.

Beatriz, a caçula e única filha desejada de Joana, nasce no mesmo contexto de condições emocionais precárias, durante o último casamento da genitora. Para esta, hoje é Beatriz quem a faz continuar lutando para viver diante de suas dificuldades, especialmente após a separação do marido, em virtude da descoberta do abuso sofrido pela garota. Assim como aconteceu com Marina, Joana sente que mais uma vez não conseguiu proteger a filha; ao contrário, a expôs a situações de perigo. Daí, o sentimento de fracasso como mãe é intenso, o que faz aprofundar sua depressão e intensificar ainda mais suas dificuldades para se adaptar e suprir as necessidades de Beatriz. A última, percebendo as fragilidades da mãe, também se viu na obrigação de amadurecer antecipadamente, a fim cuidar de si e da genitora, protegendo-a, configurando assim uma inversão de papeis e uma perturbação na hierarquia geracional. Portanto, diante da acentuação das fragilidades de Joana nos dois momentos em que o abuso das filhas foi descoberto, Marina e Beatriz se tornaram as figuras que lhe asseguram a própria condição de sobrevivência e também a de toda a família. No caso de Beatriz, a situação da mãe a inviabiliza de viver e revelar o seu sofrimento e de contar com a genitora para apaziguar os seus sentimentos de profunda solidão e desamparo. Por isso, a menina, para ter forças para sobreviver nesse ambiente fragilizado e incapaz de suportar mais sofrimento, ultrapassa as dores da violência vivenciada por meio de um falso *self*. Nessas condições, o abuso sexual ocupa para ela um lugar bastante secundário face à sua preocupação com as condições emocionais da mãe.

Diante desta contextualização das condições emocionais de cada membro da família, observa-se várias semelhanças na história de vida dessas mulheres e meninas e uma repetição na maneira de se vincularem com o outro, caracterizada pelo estabelecimento de relações de dependência. A ausência de um ambiente capaz de suprir e de se adaptar sensivelmente às

necessidades de cada uma delas, exigindo-lhes um amadurecimento precoce sem oferecer condições para tanto, a precariedade financeira e de condições concretas de vida, e as poucas possibilidades de encontrar figuras atentas e sensíveis capazes de auxiliá-las e ampará-las (inclusive em profissionais da rede pública), parecem ter levado a família a uma realidade de repetição de um ciclo de violências que aparenta não ter fim. Além do abuso sexual na infância, elas sofreram violência física, negligência e viveram a experiência de a infância ter-lhes sido roubada. Sem poder contar com a proteção de ninguém, o sentimento que desenvolveram (principalmente Joana e Marina) foi de uma vulnerabilidade intransponível e de uma dolorosa falta de confiança em si mesmas; com isso, a vida não pode ser vivida de forma genuína e espontânea, mas é antes vista como um árduo desafio impossível de vencer. Desse modo, não há outra saída que não seja a depressão. Beatriz, por sua vez, não consegue escapar de uma trilha semelhante, visto a ineficácia de seus esforços para fazer a mãe superar a sua enfermidade. Essa situação, aliada à solidão real que a garota enfrenta, acentuada pela perda crescente de suas amigas após a descoberta do abuso (que lhe ofereciam uma rede de apoio), desencadeia um sentimento profundo de tédio, que é também compartilhado por Eduarda. Todavia, no caso da última, ainda existe a fantasia (raramente confirmada pela realidade) de que o pai poderia contribuir para fornecer a proteção que lhe falta.

A transmissão psíquica do abuso sexual atravessou as gerações desta família, sem nenhuma possibilidade de elaboração e simbolização do ocorrido, sendo vetada a tentativa de transformar esta vivência em linguagem. As fragilidades das fronteiras do *self* entre as mães e as filhas parecem favorecer esse processo de transmissão transgeracional, haja vista que há uma escassa diferenciação entre elas e, consequentemente, os conteúdos psíquicos são mais facilmente difundidos sem contar com o trabalho da simbolização. Face à fragilidade estrutural destas mulheres, a ocorrência do trauma é mais propícia, em virtude da carência de recursos que dispõem para possibilitar a transformação e elaboração de um acontecimento doloroso – no que diz respeito à vivência do abuso sexual, a possibilidade é ainda mais escassa devido à gravidade real da violência e de suas consequências.

Existe nas participantes a sensação, consciente e inconsciente, de uma infância roubada, que responde por um lamento pela exigência de amadurecimento precoce provocada pelo ambiente onde viveram. Para que mães e filhas pudessem sobreviver, foi delas demandado a renúncia à infância, com o objetivo de ocuparem o lugar de uma figura de cuidado e proteção para o outro (normalmente exercida por um adulto), já que não havia

ninguém mais que pudesse exercer essas funções[22]. Este sentimento de perda é representado por uma das falas de Joana: "Eu tinha que cuidar da casa, cuidar dos irmãos, e eu não tinha direito de brincar, não tinha direito de ter infância, na verdade nunca tive."

Esta sensação, presente durante todo o desenvolvimento destas participantes, foi se acentuando e se tornando mais consciente (principalmente para Joana e Marina), conforme o decorrer dos anos e do acúmulo de experiências de frustração. Além de precisarem sobreviver nesta esta realidade dolorosa (de pouca estrutura material, deficiência de *holding* e de proteção), elas ainda foram vítimas de abuso sexual na infância. Esta experiência de uso do corpo da criança por parte de um abusador com objetivos sexuais que não podiam ser compreendidos por elas, parece ter provocado um excesso de excitação que incapacitou a transformação e contenção deste acontecimento. O abuso e a inexistência de um ambiente suficientemente bom, que não lhes proporcionou recursos suficientes e nem foi capaz de compartilhar o sofrimento e auxiliar a sua elaboração, forneceu uma confirmação real à sensação já existente de ter tido a infância roubada. Logo, a partir da vivência do abuso sexual, ocorreu nas participantes a perda do "objeto de ternura" (Ferenczi, 1933/1992).

Diante da impossibilidade de realizar a introjeção desta experiência de perda, isto é, articular em palavras o que foi vivido, a única solução foi a incorporação, ocorrida na primeira geração em que houve a vivência do abuso sexual (desconhecida por nós)[23]. A perda do objeto de ternura gerou um luto impossível de ser elaborado e houve, então, um bloqueio do reconhecimento subjetivo da experiência. Esta ausência de representação provocou um vazio impossível de suportar e, então, para garantir a sobrevivência, foi necessário colocar algo imaginário neste espaço oco. A saída encontrada foi introduzir uma "coisa" que retrata o objeto perdido e ao mesmo tempo a relação que ele representa. Neste caso, a última é identificada pela relação infantil perdida, caracterizada pelo brincar, pela dependência de um adulto protetor, pela própria vulnerabilidade infantil, e que possui agora, ao mesmo tempo, a figura de uma criança abusada e maltratada por um agressor. Assim, produziu-se um fantasma de incorporação (transmitido para as gerações seguintes), cuja função é manter vivo o objeto da ternura perdido em função do traumatismo ocasionado pelo próprio objeto.

Assim, a partir desta incorporação, surge uma denegação radical do ocorrido e todo este conteúdo referente ao luto indizível (da perda da infância) é ocultado em uma cripta, formando uma vida separada e secreta. A geração descendente passa a ser portadora dos

[22] No caso particular de Eduarda, isto é menos evidente, pois ela ainda tem esperança de que o pai seja capaz de exercer essa função.
[23] Isto porque não é possível supor que Joana tenha sido a primeira vítima de abuso da família.

fantasmas transmitidos pelo silêncio deste fato vergonhoso encriptado pela família, tendo, a partir daí, adquirido o caráter de um luto inominável (Eiguer, 1998) para a filha. Ser vítima de abuso sexual gera um intenso sentimento de vergonha, que está relacionado ao sentimento de culpa decorrente do ato, pois a criança imagina que sua própria condição infantil serve como atrativo sexual para um adulto e, em virtude disso, é necessário que esta vivência seja secreta. Contudo, como a partilha deste segredo necessariamente precede a formação da cripta, portanto, é possível que ele tenha sido compartilhado com alguém na origem da mesma. A característica da experiência do abuso sexual manchada pela vergonha caracteriza o luto como vergonhoso e foi a partir desta montagem que a cripta se perpetuou pelas próximas gerações, por meio dos fantasmas originados por ela. Assim, ao mesmo tempo em que a criança portadora destes fantasmas carrega a esperança secreta de realizar este trabalho de simbolização, ela também precisa guardar este segredo e ignorar a sua própria vivência do abuso, já que revelá-lo implicaria uma desorganização dos vínculos da família e em uma instabilidade psíquica. Embora desembaraçar estes nós ocultados seja uma missão arriscada e altamente trabalhosa, a transmissão do abuso sexual para as gerações descendentes ocorre a fim de que seja inconscientemente propagado o segredo vergonhoso desta vivência (ocultado pelos ascendentes) com o propósito de sofrer uma nova tentativa de trabalho de simbolização, até então fracassada.

Para as vítimas, o sofrimento decorrente da experiência do abuso contribuiu para o aniquilamento do seu sentimento de existir no mundo, em virtude dos fantasmas transmitidos pela cripta e do medo terrorífico da figura de autoridade do agressor. Isto faz com que o conteúdo desta cripta, além de portar o objeto de ternura modificado, também carregue parte do próprio abusador, em razão da íntima relação do último com a perda do objeto de ternura. Logo, passa a haver também uma identificação com o agressor (Ferenczi, 1933/1992). Diante disso, a cripta é configurada por duas características: a de uma criança abusada e maltratada, que é representada por um intensa fragilidade do ego; e a do agressor, o qual atua como um representante de um superego sádico. Por esta razão, portadoras dos fantasmas originados na cripta, as participantes deste estudo utilizam do poder de atração sexual para ter acesso e manter por perto o objeto de dependência, com a consequente confusão – identificada por Ferenczi (1992/1933) como confusão de línguas – entre as necessidades de amparo (infantis) e as excitações sexuais (de adulto), o que as faz sentir, de modo inconsciente e às vezes consciente, que contribuíram para a ocorrência do abuso; por isso elas se sentem tão culpadas quanto os abusadores.

O primeiro caráter do conteúdo da cripta é percebido pelas participantes através da crença de que a mulher é um ser frágil, incapaz, impotente, vulnerável e vítima das circunstâncias da vida. Na realidade, esta visão do sexo feminino está vinculada à própria condição infantil caracterizada pelo desamparo e desproteção, que não foi superada devido às deficiências do ambiente e intensificada com a vivência do abuso. É por isso que as mulheres necessitam, para sobreviver, de uma figura masculina que ocupe o lugar de objeto de amparo e proteção com quem possam contar para aplacar os sentimentos de vulnerabilidade que seriam próprios da condição do seu sexo. Assim, a figura do homem é percebida por elas como forte, capaz, poderosa e potente e, por isso, é a única que tem capacidade de oferecer cuidado e proteção de forma eficiente. Esta crença é apoiada pelas vezes em que Joana e Marina tentaram fazer de suas filhas esse objeto de dependência, mas que ruíram com a descoberta do abuso sofrido pelas duas garotinhas, demostrando, assim, a inépcia da mulher para cumprir essa função. Diante da transmissão desta crença inconsciente, as mulheres desta família tendem a se relacionar afetivamente sem dispor de recursos para distinguir as condições do parceiro para atender as suas necessidades, nem as possibilidades de estas relações as exporem a riscos, como a ocorrência de novos abusos, agressões físicas e negligência (em Joana e Marina). Dessa maneira, elas permanecem na condição de desamparo.

Nesse bojo, as relações buscadas com os homens são da natureza de dependência anaclítica e não genital. Para elas, a sexualidade parece ganhar destaque para garantir o vínculo de dependência com o objeto, para se aproximarem dele e mantê-lo por perto, e também porque está relacionada ao segundo caráter do conteúdo da cripta – portar parte do agressor significa também carregar uma sexualidade compreendida como garantia da obtenção do objeto de desejo. Daí a extrema valorização e cuidado com a aparência por parte de Joana e Beatriz. Além de possibilitar uma maior atração do homem, a “boa figura” serve para esconder e mascarar a fragilidade e o sentimento de impotência frente a um mundo interno sentido como prestes a desabar. Em suma, a sexualidade não é genital e madura, mas sim uma sexualidade infantil que, embora apresente por vezes uma conotação edípica (de conquista de objeto de amor), mascara principalmente a necessidade de um objeto confiável, capaz de oferecer cuidado e proteção e de preencher as faltas acarretadas pelas deficiências pessoais.

Não é possível conhecer a origem desta transmissão e em quais circunstâncias isto aconteceu; contudo, o discurso de Joana em relação à sua mãe evidencia o seu sentimento de ter recebido uma herança injusta da genitora, que a fez carregar uma culpa que não é sua e a

obriga a arcar com os erros da mãe relacionados à sua suposta promiscuidade sexual. Parece haver já nesta díade a transmissão da crença de que a sexualidade é a responsável pela conquista e manutenção dos vínculos, mas seguida logo depois da rejeição. Joana intui que carrega um fardo pesado, mas que não lhe corresponde. Nesse sentido, é possível hipotetizar, inclusive, a possibilidade de que a mãe de Joana também tenha sido vítima de abuso sexual e que os fantasmas da cripta já tenham sido transmitidos desde então. Assim, a culpa que Joana sente carregar diria respeito ao conteúdo da cripta de sua mãe, isto é, uma culpa e vergonha avassaladoras relacionadas à condição que o abuso gera na criança. Porém, ela entende que esses sentimentos pertenceriam à sua mãe, daí a percepção de ser obrigada a pagar uma penitência quase eterna pelos atos "imorais" da genitora.

Toda esta trama transgeracional parece conduzi-las impreterivelmente a uma condição de abusadas sexualmente (em potencial ou de modo real). Diante desta conjuntura, a família como um todo parece funcionar em torno de uma organização incestuosa. Isto significa que os membros não reconhecem uns aos outros em sua função e diferença, inclusive as distinções geracionais. O discurso de Marina referente à sua concepção sobre abuso sexual (de que deve ser repudiado apenas quando envolver vínculos consanguíneos) e sobre a relação com o seu marido e com o marido de Joana (uma suposta relação de amor e ciúmes que elas sentem pelos parceiros uma da outra), revela uma confusão em relação a quem é parceiro afetivo-sexual, quem é genitora, quem é filha, quem é pai. Parece haver um apagamento das diferenças de papéis e gerações, no qual, inconscientemente, qualquer relação é permitida, inclusive a incestuosa. Essa dinâmica, aliada às necessidades de dependência de Joana explica até certo ponto sua reticência para se separar do seu companheiro após a descoberta do abuso sofrido por Beatriz.

Esta organização vincular parece fazer parte do pacto denegativo formado pelos membros desta família, no qual há um acordo imposto a estas mulheres e meninas que visa preservar as questões, especialmente reprimidas, do relacionamento intrafamiliar, com o propósito de se organizarem e manterem o laço de vinculação do grupo. Dentre estas questões, estão o ódio e raiva da figura materna por não ter oferecido condições propiciadoras do desenvolvimento e terem exigido das filhas um amadurecimento precoce, além de as colocar em situações vulneráveis à ocorrência de abusos de todos os tipos. Estas percepções inconscientes, comuns a todas, incidem na concepção da fragilidade do sexo feminino (mencionada acima), transmitindo a ideia não só de uma impotência da mulher, mas também do seu caráter não confiável. Este pacto denegativo está vinculado à intuição que as participantes têm de estarem portando uma carga muito pesada recebida da mãe: os fantasmas

e segredos da cripta. Por isso, esse pacto precisa manter o seu caráter indecifrável. Além disso, dada a deficiência dos objetos de proteção e amparo, o pacto revela que a aproximação com os abusadores parece servir, inclusive, como uma tentativa para obter o *holding* que lhes faltou e que se desesperam por encontrar.

Não obstante essas psicodinâmicas individuais, familiares e transgeracionais, é importante considerar na história desta família a precariedade dos recursos físicos e financeiros que sempre fez parte de suas vidas. A falta de moradia e de condições materiais mínimas para sobreviverem reduzem as possibilidades de romper essa dinâmica patológica e de não se colocarem em situações de vulnerabilidade, haja vista que precisavam encontrar em algum lugar e em alguma pessoa um abrigo protetor para se apoiarem e conseguirem sobreviver minimamente. Nesse sentido, destaca-se a deficiência das políticas públicas de saúde e assistenciais para oferecer, em casos como estes, condições para que essas mulheres conseguissem se manter com um nível possível de autonomia. Embora as transmissões transgeracionais e as fragilidades da personalidade de cada uma delas possam desempenhar o papel principal nas terríveis experiências por que passaram, é inegável que a precariedade das condições físicas e materiais que elas experimentaram contribuiu para manter a exposição a que elas se submeteram e entravou a ruptura do círculo vicioso transgeracional.

O percurso de vida e a psicodinâmica individual, familiar e transgeracional das mulheres e meninas desta família exibem uma grande complexidade e, infelizmente, parecem denotar poucas perspectivas e esperança de um futuro diferente e menos sofrido, sem uma ajuda contínua no nível biopsicossocial. No âmbito psicológico, é de suma importância que esta família consiga significar as árduas experiências que viveu para haver a possibilidade de que este ciclo nocivo de repetição se rompa. Para isso, é necessário um espaço de escuta atenta e sensível, que lhes possibilite acreditar na existência de um ambiente capaz de amparar e proteger, sem violentar, para que assim elas possam, talvez, começar a confiar em seus próprios recursos e estabelecer novos tipos de vínculos.

Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do passado antes que alguém leve tudo a raso.
Cora Coralina

8 DISCUSSÃO

Em termos de fundamentação, a presente pesquisa ensaia os primeiros passos da tentativa de uma articulação, que nos parece proveitosa, entre a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional e a teoria da transmissão psíquica transgeracional. Desse modo, ela parte da premissa de que o *self* só se constitui a partir de outro *self*, isto é, o amadurecimento emocional depende de cuidados maternos em um ambiente facilitador. A mãe, que proporciona este ambiente, é alguém que também teve o seu *self* constituído por outro *self*, o da sua própria mãe, que é permeado por toda a sua história anterior e o seu contexto. Nesse sentido, uma mãe, ao ocupar este lugar, presentifica sua memória sobre o que é o cuidado materno; por isso o sucesso ou insucesso de uma boa maternagem tem origem na mãe, no pai, nos ancestrais e no contexto sociocultural passado e atual da genitora (ou de sua/seu substituta/o). Desse modo, é fundamental considerar a história das relações da criança, de seus contemporâneos e de seus antepassados para compreender os seus psicodinamismos e o modo como se processa o desenvolvimento do *self* infantil, entendendo, assim, que os vínculos intrafamiliares devem ser abarcados considerando as transmissões psíquicas inter e transgeracionais. Esta concepção está aliada, neste estudo, à constatação de que a ocorrência do abuso sexual infantil em si, no caso da família analisada, ocasionou um trauma patogênico, em virtude da confusão de línguas instaurada e da impossibilidade de a criança simbolizar o ocorrido, o que provocou uma interrupção no processo do desenvolvimento.

As quatro mulheres e meninas que compõem a família participante desta pesquisa vivenciaram histórias semelhantes, que incluíram condições deficitárias e não favorecedoras de um desenvolvimento saudável e foram vítimas de abuso sexual na infância. A deficiência de *holding*, de proteção e cuidado recebidos exigiu das participantes um amadurecimento emocional precoce, haja vista que, para sobreviver ao ambiente, elas precisavam desenvolver certas capacidades que lhes permitissem cuidar minimamente de si mesmas e da mãe, demasiado fragilizada em todos os casos. No entanto, este amadurecimento não foi de fato conquistado, já que não havia condições ambientais favorecedoras suficientes para isto, ou seja, não se fundamentou em uma dependência fecunda vivida anteriormente. Por isso, esse amadurecimento foi "superficial", aparente.

Os resultados das participantes permitiram levantar a hipótese de que na primeira geração em que ocorreu o abuso sexual (desconhecida por nós, visto a impossibilidade de pressupor que tudo tenha começado com Joana), a sensação da criança abusada foi a de um medo intenso e de um sentimento de culpa por acreditar que a sua própria condição de ternura

(desejos sexuais infantis, necessidade de cuidado, proteção e de se sentir amada) foi capaz de seduzir o agressor e foi a responsável pela concretização da violência. Esta percepção levou o medo a um ponto culminante em que a criança passou a se submeter e quase a adivinhar os desejos do agressor, identificando-se com ele. Quando isto aconteceu, houve uma clivagem do ego, na qual há uma alienação de parte do eu que abdica de seus aspectos infantis (Ferenczi, 1933/1992): "Uma parte de sua personalidade, o seu próprio núcleo, permanece presa a um certo momento e a um nível, em que as reações aloplásticas eram ainda impossíveis e, por uma espécie de mimetismo, reage-se de forma autoplástica" (p. 353). Desse modo, em função do abuso ter ocorrido em uma criança, cujas barreiras do *self* ainda estavam por se desenvolver e a fragilidade e vulnerabilidade infantis eram prevalentes, houve uma confusão entre o eu, do abusador e o da criança, e a última perdeu parte de si e passou a carregar parte do primeiro dentro dela.

Esta perda da criança é denominada como perda do objeto da ternura. Ferenczi (1933/1992) postula que a ternura diz respeito à sexualidade infantil terna e ao estádio da ternura, que é relativo ao amor objetal passivo. Consideramos que além da sexualidade infantil, a ternura se refere ao caráter da genuinidade da criança, da espontaneidade do brincar, da dependência de uma figura materna capaz de suprir suas necessidades. Visto o lugar importantíssimo que este objeto de ternura ocupa na constituição psíquica da criança, a sua perda e do representante simbólico destas características, abalaria profundamente o *self*, ocasionando um trauma. Diante disso, tendo em mente que existe na mesma um processo de fragilização estrutural que causa um obscurecimento das fronteiras do *self* (uma confusão entre o eu e o objeto) e a interiorização de parte do agressor, não existem condições psíquicas para realizar o luto da perda traumática do objeto de ternura. Logo, há uma proibição de esta experiência ser colocada em linguagem e de passar pelo processo de simbolização, originando o processo de incorporação do objeto perdido.

> Todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser rememoradas, todas as lágrimas que não puderam ser vertidas, serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda. Engolidos e postos em conserva. [grifos do autor]. (Abraham & Torok, 1995, p. 245)

Desse modo, a primeira criança que viveu esta perda sofreu um processo dissociativo que inviabilizou a elaboração da perda e a partir daí, originou-se uma sepultura secreta onde se carregou um mundo fantasístico inconsciente em que se guardava o segredo desta vivência e o luto impossível, levando uma vida separada e oculta: a cripta. Contudo, apesar de estar "enterrada", seus fantasmas estavam sempre a fazer sinais incompreensíveis, especialmente para a(s) filha(s) da próxima geração. Portadoras dos fantasmas da cripta, as últimas

receberam a missão secreta e esperançosa de simbolizar o luto da perda do objeto de ternura (Abraham & Torok, 1995).

O trauma do abuso sexual, a partir daí, além de portar o caráter da confusão de línguas, carrega o aspecto da negatividade, no sentido de que é transmitido aquilo que está mantido em segredo, restos de um acontecimento inaceitável que não alcançou um trabalho psíquico e por isso não entrou no registro da palavra. Assim, a cripta é transmitida sob a forma de enigma, de algo impensado (Granjon, 2000).

Pensando no processo de cisão que origina a cripta, Ferenczi (1985/1990) afirma que o trauma do abuso sexual produz uma clivagem que resulta em uma radical transformação do eu infantil e que ocorre a partir de uma prévia destruição parcial ou total do mesmo. Quando a criança é abusada, por conta da perda do objeto sofrida, ela sacrifica sua necessidade de ternura, destruindo parte de si mesma para conseguir sobreviver, aniquilando a espontaneidade e o sentimento de si. Por outro lado, uma parte que sobrevive é invadida pelo sentimento de culpa do agressor, que dá a impressão de que a criança é sábia e madura. No entanto, este amadurecimento é artificial, porque é algo "engolido" do exterior, sem passar pela experiência emocional. Desse modo, a criança passa por uma nova transformação que a leva a ser maleável e obediente (Lejarrara, 2008). Compreendemos que foi esta clivagem, decorrente do trauma do abuso sexual, que deu origem à formação da cripta na primeira geração desta família.

É interessante notar algumas semelhanças deste pensamento de Ferenczi com a teoria de Winnicott (1983/2007), especialmente em relação ao desenvolvimento do falso *self*. O processo de ilusão-desilusão bem sucedido é essencial para a conquista do sentimento de existir e da espontaneidade, característicos da manifestação de um verdadeiro *self*. Isto se dá quando a mãe é capaz de complementar a onipotência do lactente, oferecendo ao bebê a ilusão de que existe uma realidade externa que corresponde à sua capacidade de criar. Todavia, quando a mãe, ao contrário disso, substitui os gestos do filho pelos próprios, pode ocorrer a consolidação do falso *self*, pois o bebê passa a se submeter aos gestos maternos como se fossem seus.

> Quando a adaptação da mãe não é suficientemente boa de início, pode-se esperar que o lactente morra fisicamente, porque a catexia dos objetos externos não é iniciada. O lactente permanece isolado. Mas na prática o lactente sobrevive, mas sobrevive falsamente. (Winnicott (1983/2007, p. 134)

Sem ignorar as devidas diferenças teóricas, arriscamos considerar, que a vivência do abuso sexual sofrido pelas participantes desta pesquisa, transmitida na cripta nesta família, pode ser compreendida como as experiências iniciais de estabelecimento de um falso *self* para um bebê e no modelo de clivagem ferencziana decorrente do abuso sexual. Para Ferenczi

(1985/1990), a clivagem se compõe de dois fragmentos: um destruído e oculto, e outro que, identificado com o agressor, amadurece artificialmente e se submete a ele. Para Winnicott (1983/2007), na cisão patológica que compõe o verdadeiro e falso *self*, o último se torna submisso às exigências do ambiente. O fato importante aqui é notar que ambos os teóricos descrevem, de um lado, um quase aniquilamento de uma parte de si mesmo e, de outro, uma adaptabilidade e obediência extremas em relação ao mundo exterior (Lejarrara, 2008). Esta dualidade é o que se supõe compor a cripta desta família: o aniquilamento de uma parte de si que está relacionado à perda da vivência infantil genuína e espontânea – a perda da ternura; e a interiorização de parte do abusador, que gera o sentimento de culpa e submissão aos desejos do outro, com a aquisição prematura da linguagem da paixão. Não é coincidência, portanto, que esta é a maneira como as participantes se sentem e se relacionam com o mundo. Elas concebem a si mesmas como demasiado frágeis e impotentes e por isso se sentem incapazes de lidar com as dificuldades da vida, acreditando que esta condição está vinculada com o fato de serem mulheres e, à vista disso, necessitam de uma figura masculina para sobreviverem. Ao mesmo tempo, acreditam que a sexualidade é a única garantia para a conquista e manutenção do vínculo com o objeto de dependência, tendendo a ser submissas aos desejos do outro para não arriscar perdê-lo; tudo isto, concomitantemente, gera um sentimento de culpa por terem a sensação de que a condição sedutora que portam é responsável pela atração do outro de maneira indiscriminada, inclusive os abusadores.

Granjon (2000), ao se referir à transmissão psíquica transgeracional, escreve:

> Constituir herdeiro desta herança negativa implica, também, que o sujeito seja convidado para isto, que isto lhe seja proposto, até mesmo imposto, e que, então, se ele não puder modificá-lo, transformá-lo, torná-lo seu, ele se aliene e renuncie, em parte ou totalmente, à sua própria subjetividade. (p. 27)

A partir desta enunciação, indaga-se: o que faz uma criança receber mais sensivelmente as mensagens inconscientes e, no caso das participantes, herdarem os fantasmas da cripta?

Winnicott (1969/1994) auxilia o esclarecimento desta questão. Ele ressalta que o fato de nomear o primeiro estágio do desenvolvimento como dependência absoluta é para frisar que o bebê depende completamente da mãe no início da vida, o que significa que há uma mistura entre ele e o meio; por isso o ambiente deve ser compreendido como sendo uma parte do bebê. O lactente é um fenômeno complexo que inclui o seu potencial somado ao meio e, à vista disso, não é possível descrever o bebê sem descrever o ambiente. Diante disso, ao se referir ao estado de preocupação materna primária que ocorre nesta fase, Winnicott (1956/2000, 1969/1994) afirma que algo acontece nas mães que proporciona uma condição de sua identificação quase que absoluta com o lactente e por isso é possível esperar uma

maternagem suficientemente boa de todas as mães do mundo[24]. Este estado complexo do vínculo inicial mãe-bebê, de uma mistura de eus, possibilita a experiência da mutualidade, essencial para a origem do processo de comunicação entre duas pessoas. Segundo Winnicott (1969/1994), essa experiência ocorre, por exemplo, durante a alimentação do bebê, na medida em que este descobre o seio que satisfaz o seu instinto e ingere o alimento e, ao mesmo tempo, a mãe é alimentada com a gratificação deste ato; ocorre, assim, uma situação de alimentação mútua, mas que não contém comunicação. "O bebê dá de comer e a experiência dele inclui a ideia de que a mãe sabe o que é ser alimentada" (p. 198). Logo, a conquista da mutualidade pelo bebê depende de dois aspectos: dos processos herdados que conduzem ao desenvolvimento emocional (no sentido da integração, da busca objetal, do conluio psicossomático, etc.) e da capacidade da mãe de tornar real aquilo que é criado pelo lactente. Nesse sentido, a comunicação posterior da mãe com o bebê depende da mutualidade resultante das identificações cruzadas.

> O bebê, por outro lado, está sendo um bebê pela primeira vez, nunca foi mãe e, certamente, jamais recebeu quaisquer instruções. O único passaporte com que o bebê chega às barreiras alfandegárias é a soma das características herdadas e tendências inatas no sentido do crescimento e desenvolvimento. Consequentemente, enquanto que a mãe pode identificar-se com o bebê, até mesmo com um bebê não-nascido ou no processo de nascer, e de maneira altamente sofisticada, o bebê traz para a situação apenas uma capacidade em desenvolvimento de chegar a identificações cruzadas na experiência de mutualidade que é tornada um fato. Esta mutualidade pertence à capacidade que a mãe tem de adaptar-se às necessidades do bebê [grifos do autor]. (Winnicott, 1969/1994, p. 199)

Paralelo a esta conceitualização de Winnicott, Kaës (2001) assinala que quando há uma transmissão psíquica transgeracional, ela não se organiza só a partir do que falta e falha, mas também daquilo que não adveio, que é ausência de representação e de inscrição, ou nos casos de encriptação, algo que está em estase sem estar inscrito. Este caráter da negatividade da transmissão ocorre porque as vivências dos sujeitos não são colocadas em palavras. Desta forma se caracteriza o aspecto patológico da transmissão, quando não há a possibilidade de simbolização das situações vividas, especialmente traumáticas.

Diante destas duas considerações teóricas, consideramos que a falha ou ausência da comunicação que caracteriza a negatividade da transmissão pode ser compreendida a partir dos processos que ocorrem no intercâmbio das primeiras identificações entre a mãe e o bebê. Se são as identificações cruzadas que determinam a experiência da mutualidade e posteriormente a comunicação, é possível pensar que, nos casos de transmissão transgeracional, este processo identificatório sofra perturbações, pois a hipótese é que há, desde já, tipos específicos de identificações que condensam determinado aspecto não pertencente à geração da criança e que é referente a conteúdos adquiridos de outras gerações

[24] Salvo algumas exceções, como mães portadoras de transtornos psiquiátricos graves.

encriptados nas mesmas (ou fantasmas da cripta), e que tendem a ser transmitidos para o bebê, diante de uma experiência mútua que antecede a comunicação.

Nesse contexto, Granjon (2000) postula que desde o nascimento e mesmo durante a gravidez, mensagens são transmitidas ao bebê, algumas direta e outras indiretamente, passando pelas relações de cuidado, educativas, e também pelas palavras, pelos gestos, pela voz. A autora sustenta que há uma capacidade inata para captar mensagens que podem favorecer a transmissão geracional. Seguindo o pensamento winnicottiano (Winnicott, 1958/2000), é possível vincular esta capacidade ao potencial inato ao desenvolvimento, no sentido de que há no bebê a intuição de que, para sobreviver, ele precisa estar disposto a receber do ambiente aquilo de que precisa e isto significa confiar na figura que transmite mensagens e proporciona cuidados, já que esta é a única alternativa que ele tem. Logo, pressupõe-se que o bebê nasce com uma espécie de fé[25], no sentido de acreditar que aquilo que recebe da mãe será favorecedor ao seu desenvolvimento, o que irá corresponder ao seu potencial inato em direção a isto. Conforme o processo maturacional vai transcorrendo com sucesso, as barreiras do *self* vão se tornando mais sólidas e é possível distinguir o eu do não-eu, o que possibilita deixar de lado esta crença absoluta na mãe como a única responsável pelo desenvolvimento. No lugar dela, deve-se originar a fé em si mesmo, o que significa crer na própria capacidade de seguir o caminho do desenvolvimento de forma independente.

Quando a criança (que se encontra nas condições de dependência absoluta da mãe e por isso as barreiras de *self* estão fluidas e misturadas entre ambas) deve receber uma herança negativa de grande importância ou muito invasiva, o risco que se corre é ela identificar-se com o negativo, com aquilo que não pôde ser elaborado e que com o seu nascimento foi revelado (Granjon, 2000). Assim, parece que quanto mais nova a criança, maior é a sensibilidade para receber estas mensagens e se identificar totalmente com as heranças, pois ainda não há uma barreira de *self* constituída e ela tem a fé de que aquilo que recebe da mãe, de forma consciente ou inconsciente, pode servir para favorecer o seu desenvolvimento, ainda que isto signifique aliviar o peso da carga transgeracional carregada pela mãe e carregá-lo em seu lugar. “Dominada por sua dependência e seu apego indispensável aos pais, em sua ‘preocupação’ de ajudá-los, aliviá-los, encarregando-se desse impossível fardo, a criança custe o que custar, vai tentar fazer disso algo aceitável para ela e conforme à sua missão” (Granjon, 2000, p. 30).

[25] A palavra fé não é referente à crença religiosa, mas deriva da mesma ideia: uma crença absoluta de que os cuidados maternos oferecidos serão favorecedores do desenvolvimento e, portanto, não há dúvidas de que são o que o bebê necessita para sobreviver.

Diante deste contexto teórico, sustentamos que a transmissão dos fantasmas da cripta desta família deve ter começado a ocorrer logo no início da vida, ou até mesmo no período fetal, por meio das identificações cruzadas responsáveis pela experiência da mutualidade. Estas identificações, encarregadas da transmissão da herança, podem ser chamadas de alienantes (Faimberg, 2001), pois não pertenciam ao lactente, mas precisaram ser transmitidas na tentativa de uma elaboração futura e a fim de aliviar o peso da carga da genitora: a cripta. Nesse sentido, haja vista que a comunicação decorre da experiência da mutualidade, ela também sofreu perturbação, pois a identificação alienante contém o aspecto mudo e inaudível (Faimberg, 2001). Supõe-se que são estas identificações, portanto, que possibilitaram o intercâmbio da herança e ficaram misturadas entre mãe e bebê, como se funcionassem similares a objetos que se encaixam entre si, uns dentro dos outros (Faimberg, 2001), semelhante a uma peça de quebra cabeça. Dessa forma é possível entender como as meninas desta família foram receptáculos para os fantasmas da cripta das respectivas genitoras. Nos casos de Marina e Beatriz, especialmente, esta situação parece mais clara, pois a condição de fragilidade extrema de Joana fez com que elas se sentissem obrigadas a carregar um peso da mãe, a fim de tentar amenizar o seu sofrimento. O que se transmitiu a elas foi o indizível, o fantasma não nomeado, a clivagem, que atingiu o psiquismo das mesmas na medida em que a mãe foi quem o transmitiu (Granjon, 2000). É em virtude da transmissão desta clivagem que se observa a semelhança entre as participantes na maneira de se conceberem como mulheres frágeis e no modo como estabelecem os vínculos de dependência.

Este fenômeno da repetição inconsciente que se dá pela transmissão dos fantasmas da cripta é observado em uma afirmação de Winnicott (1963/1994) quando se refere a um "vivido não vivido e sempre a reviver". Ele menciona um medo terrível presente em alguns pacientes, que é o medo de um colapso. No entanto, eles não sabem que este temor diz respeito a um colapso que já ocorreu, mas que está escondido no inconsciente em virtude da incapacidade de metabolização do ocorrido, sem passar por qualquer representação de palavras. Ele revela que este colapso foi vivido próximo do início da vida, contudo, ele não foi experienciado, e existe um temor de reviver agonias primitivas, como o retorno a um estado não integrado, cair para sempre, perda do conluio psicossomático, perda do senso do real e perda da capacidade de relacionar-se com objetos.

Segundo Winnicott (1963/1994), "O paciente precisa 'lembrar' isto, mas não é possível lembrar algo que ainda não aconteceu, e esta coisa do passado não aconteceu ainda, porque o paciente não estava lá para que ela lhe acontecesse" (p. 74). É inevitável não relacionar esta afirmação com a ideia de que portar uma herança negativa gera a sensação de

que algo foi vivido e não vivido ao mesmo tempo, pois diz respeito a uma vivência de outra geração, mas que simultaneamente é sentida como própria. Uma das falas de Joana parece se referir a isto: “Então, assim, é uma coisa que parece que, assim, não é de Deus sabe? Parece que dá sequência, sabe? [Quando vai parar, né?] Quando? Por quê? (...) Eu estou de pé, mas por dentro, parece que estou, que eu não estou viva, sabe?” Nesse momento, ao questionar a repetição da violência, ela parece sentir uma agonia desesperadora por ter uma intuição de estar vivendo uma vida que não lhe pertence, mas que ao mesmo tempo lhe pertence, e quanto sofrimento isto gera por ter que experienciar esta repetição. Isto lhe provoca uma sensação de morte psíquica, semelhante à descrição winnicottina do medo do colapso, que não abandona o sujeito. Para Abraham e Torok (1995), esta sensação pode ser entendida pela “perseguição” dos fantasmas da cripta: “‘à meia noite’, o fantasma da cripta vem assombrar o guardião do cemitério, fazendo-lhe sinais estranhos e incompreensíveis, obrigando-o a realizar atos insólitos, infligindo-lhe sensações inesperadas” (p. 249).

Diante destas afirmações, pensamos que a repetição da vivência do abuso sexual nas participantes, que engloba todas as questões apontadas neste trabalho (os fantasmas da cripta, o sentimento de fragilidade e impotência, a culpa, as discriminações sociais, a intensificação da fragilidade da família, a submissão aos desejos do outro, a exacerbação da sexualidade) parecem ser sentidas como uma agonia primitiva, como um colapso prestes a ocorrer (mas que já ocorreu na geração anterior) e que lhes ocasiona um medo intenso. Para Winnicott (1963/1994), porém, há esperanças de tratar o paciente que apresenta este quadro quando ele estiver preparado para algum tipo de aceitação de que, apesar de não ter sido experienciado, o colapso foi de fato vivido no passado, e então será oferecida a oportunidade de experimentar a agonia na transferência. No mesmo sentido, a possibilidade de estas participantes romperem esta cadeia nociva implica encontrar uma figura capaz de vivenciar com elas estas agonias e proporcionar um espaço onde possa ser colocado em palavras as experiências transgeracionais.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nasceu com um propósito de investigar o tema do abuso sexual infantil intrafamiliar, com foco em díades (mãe e filha vítima) buscando abarcar alguns dos impactos desse fenômeno (na experiência materna, nos psicodinamismos da personalidade de mãe e filha e no desenvolvimento do *self* infantil), identificando os danos que ele promove na família, mas também os recursos dos membros para a assimilação desse trauma. Todavia, no início da coleta, deparamo-nos com a família avaliada (Joana, Beatriz, Marina e Eduarda), que, mergulhada em muita dor, havia iniciado os atendimentos psicológicos em virtude dos abusos incestuosos sofridos por Beatriz e por Eduarda. A situação destas duas meninas, na verdade, revelava a história de uma repetição da violência, a qual demarcava três gerações (pelo menos até onde conhecemos) e, à vista disso, este estudo acabou por trilhar um caminho um pouco diferente do proposto inicialmente, pois observou-se a necessidade de entender o fenômeno a partir de outro vértice, abarcando uma abordagem transgeracional.

Diante disso, o objetivo deste estudo foi o de investigar as condições do desenvolvimento do *self*, os psicodinamismos e a experiência materna destas mulheres (Joana e Marina), elas mesmas vítimas de abuso sexual, cujas filhas (Beatriz e Eduarda) também sofreram essa violência, entrecruzando os resultados das avaliações de mãe e filha nos três casos, de modo a identificar possíveis padrões na maternidade e outros conteúdos susceptíveis de serem transmitidos entre as gerações. Assim, identificaram-se aspectos centrais do desenvolvimento do *self* das participantes, com destaque para a transmissão da cripta que perpetua a vivência do abuso sexual, sentido como traumático. Foi possível observar que a cripta também interfere na qualidade da maternagem, fazendo com que se repita as falhas e deficiências da mãe, o que desencadeia sensações constantes de desamparo e desproteção nas participantes, as quais buscam amenizar por meio do encontro de um objeto anaclítico.

A avaliação psicológica de vítimas de abuso sexual intrafamiliar é complexa. Geralmente, a revelação do abuso desencadeia sentimentos intensos na criança, pois ela não sabe se receberá o apoio e o crédito em sua palavra, além de compreender que a descoberta da violência irá incitar grandes desarranjos familiares (Iencarelli, 2013). Logo, a vítima precisa lidar também com a culpa desta desarrumação por denunciar a realidade da figura do agressor que tende a ser negada por toda a família até então. Portanto, estas crianças estão imersas em uma confusão mental em relação ao corpo, à sua família, à sociedade, às suas emoções, e se encontram extremamente fragilizadas psiquicamente. Em virtude disso, um contato neste momento requer sensibilidade e manejos específicos dos profissionais. Elas tendem a

comunicar o abuso e seus sentimentos decorrentes dele em diferentes linguagens e expressões (gestos, brincadeiras, desenhos ou até mesmo por somatizações) (Iencarelli, 2013). É por isso que um psicodiagnóstico é fundamental nestes casos e os métodos projetivos auxiliam nesta tarefa, em virtude da liberdade de expressão e de suas características pouco estruturadas, que facilitam a comunicação de modo indireto (Anzieu, 1986; Grassano, 1996). Segundo Tardivo e Pinto Junior (2010), estas técnicas são importantes para conhecer a dinâmica psicológica de crianças vitimizadas, que se encontram demasiadamente angustiadas, pois auxiliam na expressão de fatores desconhecidos por elas ou que são considerados proibidos de serem revelados.

A literatura revela que a depressão, o comportamento suicida, o descontrole de impulsos, o transtorno de ansiedade e de personalidade *borderline* são consequências a longo prazo comumente presentes nas vítimas de abuso sexual (Furniss & Veronese, 1993; Lejderman, 1991; Teicher, 2002). Estas características foram observadas principalmente em Joana e Marina, que, com poucas experiências de um ambiente suficientemente bom e com a exigência de um amadurecimento precoce, desenvolveram sentimentos de fragilidade e impotência e a descrença em suas capacidades de suprirem sozinhas a função de cuidado e proteção para si mesmas e para as filhas; em vista disso, necessitam de um objeto que ocupe essa função, estabelecendo relações de dependência típicas de um ordenamento de personalidade limítrofe/*borderline*. No mesmo sentido, Beatriz e Eduarda também vivenciam angústias de perda do objeto, já que, assim como suas mães, também não puderam contar com figuras maternas suficientemente boas, porque estas reeditam as memórias de experiências primitivas da maternagem deficiente. Por isso, as garotas também estão em busca de um objeto que supra suas necessidades básicas e que lhes possa garantir um sentimento de existir no mundo. Em virtude de Beatriz e Eduarda ainda se encontrarem na infância, é possível pensar que o ordenamento limítrofe da personalidade é ainda apenas uma tendência, que pode ou não se consolidar no futuro.

A história de vida destas mulheres e meninas revelou aspectos importantes que são frequentemente observados nas famílias de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar, tais como: fragilidade do *self* verdadeiro, precárias condições materiais de vida, histórico de abandonos, negligência, violência física, relacionamentos afetivos comprometidos e ausência de figuras capazes de oferecer apoio ao longo do desenvolvimento e durante o período tumultuoso da revelação do abuso. Os casos de abuso sexual infantil são complexos em si mesmos e, quando sua ocorrência se repete ao longo das gerações, a complexidade é ainda

maior, pois é necessário compreender uma rede de significações e dinâmicas emocionais que incidem em toda a família que, de alguma maneira, fazem reproduzir a violência.

A análise detalhada desta família mostrou que existe a transmissão de fantasmas originados na cripta que desencadearam a repetição da violência nas diferentes gerações. Estes fantasmas, que assombram as participantes constantemente, provocam uma repetição catastrófica de algo que foi herdado, mas que não pôde ser apropriado. A vivência do abuso sexual parece funcionar como um imperativo para os membros desta família, pois é o que lhes assegura o pertencimento ao grupo. É por essa razão que a única filha (Flávia) que se livrou desta "maldição" parece ser considerada quase como uma estranha à família. Esta aliança inconsciente é o que determina o pacto denegativo (Kaës, 2001) desta família, o qual participa da constituição da subjetividade grupal e também da formação de aspectos singulares dos sujeitos. No entanto, a transmissão da cripta que mantém este pacto denegativo não diz respeito "somente" ao ato do abuso sexual em si, mas também às suas consequências, as quais, na medida em que ocasionam a perda da experiência infantil da ternura, provocam o aumento da fragilidade emocional e da dependência do objeto, que são mascaradas pela exacerbação da sedução e da sexualidade, com uma supervalorização da aparência, reflexo de um funcionamento falso *self*. Esse disfarce esconde ainda o sentimento de culpa intenso, que está intimamente relacionado com o "conhecimento" inconsciente que as participantes têm de serem reféns de uma herança funesta, que pode continuar a ser transmitida se não conseguirem cumprir com a árdua tarefa a que foram encarregadas: realizar o trabalho de simbolização que até agora foi fracassado.

A profunda angústia originada pelo fardo que portam evidencia, na verdade, que o cerne da problemática desta família não é propriamente os abusos sexuais recorrentes (apesar de terem sido evidentemente traumáticos), mas sim a busca de um encontro afetivo que nunca foi vivido. A deficiência de *holding*, as poucas experiências de cuidado e proteção, negligência, abandono e o amadurecimento precoce "superficial" geraram nas participantes a necessidade premente de encontrar alguém com quem pudessem retomar esta vivência frustrada: a experiência de uma boa maternagem. Diante disso, as relações conturbadas que estabelecem com os parceiros, inclusive os abusadores, servem como um instrumento para atingirem este objetivo: o retorno da relação de dependência terna com a mãe. No entanto, ao contrário do que procuram de fato, só encontram novas concretizações do abuso e sua repetição. Nesse sentido, a cripta comporta um conteúdo referente aos abusos, à fragilidade e aos maus tratos (característicos da erosão do campo da ternura), e também referente à culpa, à sedução, à sexualidade (característicos do campo da paixão). O segundo aspecto da cripta está

relacionado a uma maturidade superficial (que foi exigida pelo ambiente antes e após a concretização do abuso), pois não houve condições ambientais que possibilitassem um amadurecimento emocional real; apesar disso, esta falsa maturidade, acompanhada da submissão, é utilizada para conquistar e manter a relação com o objeto anaclítico, a qual, na verdade, representa a busca pelo vínculo materno que não foi bem sucedido. Em virtude disso, as participantes vivenciam constantemente uma confusão de línguas (Ferenczi, 1933/1992) na qual procura-se suprir necessidades infantis a partir de tentativas "maduras" e submissas que não correspondem a estas necessidades. Assim, os resultados desta busca acabam sempre em frustração e sofrimento.

Em termos teóricos, considera-se que a transmissão dos fantasmas da cripta desta família começou a ocorrer nas primeiras trocas de identificações mãe-bebê que acontecem no processo de mutualidade (durante o estado da preocupação materna primária), que antecede a comunicação (Winnicott, 1969/1994). Ao que tudo indica, neste momento inicial da vida houve identificações cruzadas alienantes (Faimberg, 2001), pois condensavam conteúdos adquiridos e encriptados de outras gerações que foram transmitidos para o bebê sem lhes pertencer. Isto ocorre porque o último tende a receber tudo o que vem da mãe de maneira positiva, pois acredita que ela é a única figura que pode favorecer a sua tendência inata ao desenvolvimento. Para isso, ele aceita inclusive ser portador de uma carga transgeracional terrorífica, a fim de amenizar o sofrimento da genitora (Granjon, 2000). Transmitiu-se, então, algo da ordem do indizível, do impensado, uma clivagem que atingiu o psiquismo das participantes e fez com que fosse reproduzido o abuso sexual, a maneira de exercer a maternagem, o modo de vinculação com o outro e a concepção a respeito de si mesmas.

A estratégia metodológica do estudo de caso foi essencial neste estudo para o alcance dessas conclusões, pois permitiu realizar uma investigação profunda sobre as razões de um mal-estar produzido em determinada situação, no caso, a vivência do abuso sexual transgeracional e todas suas implicações nesta família (Yin, 2010). Esta escolha, associada aos procedimentos projetivos utilizados, favoreceu a emersão de conteúdos às vezes difíceis de serem trazidos à tona. Em contrapartida, as dificuldades enfrentadas na realização deste estudo incidiram na questão mais sensível associada ao abuso sexual infantil: a resistência em enfrentar a situação abusiva e todas as suas mobilizações. A área da violência sexual acarreta muita angústia em todos os envolvidos, observadas em algumas faltas das participantes durante a coleta e na impossibilidade de contato com as mesmas para a realização das entrevistas devolutivas. O rompimento dos tratamentos psicoterapêuticos do serviço especializado também evidencia isto, além de estar relacionado com a dificuldade das

pacientes para manter o vínculo, pelo medo de perdê-lo, característica típica do ordenamento limítrofe. A angústia também é frequentemente observada nos profissionais envolvidos na situação, inclusive os psicólogos, pois lidar com casos deste tipo pode gerar mobilizações emocionais importantes. Lidar com situações abusivas normalmente esbarra em concepções e valores pessoais, além de estarem rodeadas de mitos e tabus. Tudo isto pode influenciar no andamento da psicoterapia.

Pesquisas da natureza que realizamos produzem conhecimento relevante para a expansão da compreensão dos casos de abuso sexual infantil na situação clínica, identificando que em muitos deles o ponto central a receber atenção é, além do reconhecimento individual da história de cada caso, a dinâmica transgeracional da família. O trabalho com vítimas de abuso sexual e suas famílias requer dos psicólogos disposição e capacidade de escuta sensível para aquilo que se encontra além dos discursos rotineiros. Estar atento e aberto às complexas dinâmicas emocionais, às criptas, às transmissões transgeracionais, ao campo do indizível, e ocupar um lugar de continência da angústia decorrente dessa violência aprisionante é o maior desafio deste profissional. À vista disso, é essencial que este receba um preparo que proporcione um manejo diferencial destes casos (Furniss, 1993), além de poder contar com uma equipe multiprofissional que auxilie uma compreensão mais profunda dos mesmos.

O caso desta família poderia ser entendido sob vários vértices teóricos, todavia, o caminho trilhado nesta pesquisa tencionou iniciar uma articulação entre a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional e a teoria da Transmissão Psíquica Transgeracional, que exige ainda muito trabalho em termos das suas semelhanças e diferenças nos níveis teóricos, técnicos e epistemológicos. Logo, não há nenhuma pretensão de alcançar conclusões e definições definitivas a partir desta investigação, afinal, assim como os fenômenos transicionais, as pesquisas estão sempre sujeitas a ocupar um lugar de descobertas e reelaborações infinitas, essenciais para o desenvolvimento científico.

Se procurar bem você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida.

Carlos Drummond de Andrade

REFERÊNCIAS

Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A Casca e o núcleo* (M. J. R. F. Coracini, trad.). São Paulo, SP: Escuta.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1995). O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. *Psicologia USP, 6*(2), 103-127.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e fazer: enquadres clínicos diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP: Ideias e Letras.

Albornoz, A. C. G. (2011). *Desenho da figura humana: indicadores de abandono, abuso sexual e abuso físico em crianças* (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Recuperado de https://lume.ufrgs.br.

Amazarray, M. R., & Koller, S. H. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11*(3), 559-578.

Amendola, M. F. (2004). Mães que choram: avaliação psicodiagnóstica de mães de crianças vítimas de abuso sexual. In M. C. C. A. Prado (Org.), *O mosaico da violência: a perversão na vida cotidiana* (pp.103-169). São Paulo, SP: Vetor.

Anzieu, D. (1986). O conceito de projeção em psicologia. In D. Anzieu, *Os métodos projetivos* (5a ed., pp. 15-34). Rio de Janeiro, RJ: Campus.

Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo, 7*(2), 3-11.

Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. A. (Orgs.). (1989). *Crianças vitimizadas*: *a síndrome do pequeno poder*. São Paulo, SP: Iglu.

Bandeira, D. F., Alves, I. C. B., Giacomel, A. E., & Lorenzatto, L. (2004). Matrizes progressivas coloridas de Raven – escala especial: normas para Porto Alegre, RS. *Psicologia em Estudo, 9*(3), 479-486.

Barbieri, V. (2008). Por uma ciência-profissão: o psicodiagnóstico interventivo como método de investigação científica. *Psicologia em Estudo, 13*(3), 575-584.

Barbieri, V. (2013). Laços e embaraços: o procedimento de desenhos de famílias com estórias na compreensão cruzada dos psicodinamismos de mãe e filha. In W. Trinca (Org.), *Procedimentos de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões* (pp. 231-277). São Paulo, SP: Vetor.

Bergeret, J. (1998). *A personalidade normal e patológica* (M. E. V. Flores, trad.) Porto Alegre, RS, Artmed. (Trabalho original publicado em 1996)

Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2008). Abuso sexual infantil: indicadores de risco e conseqüências no desenvolvimento de criança. *Revista Interamericana de Psicología, 42*(3), 528-536.

Buck, J. N. (2003). *HTP manual e guia de interpretação* (R. C. Tardivo, trad.). São Paulo, SP: Vetor. (Trabalho original publicado em 1964)

Chagas, L. F., & Moretto, M. L. T. (2013). A violência sexual e a repetição: a importância da função do segredo para a clínica psicanalítica e o tratamento na instituição de saúde. *Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, 16*(2), 54-72.

Childhood Brasil. (2014). *Números da causa*. Recuperado de http://www.childhood.org.br/numeros-da-causa.bole

Correa, O. B. R. (2000). Eclosão dos vínculos genealógicos e transmissão psíquica. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 61-72). São Paulo, SP: Escuta.

Correa, O. B. R. (2003). Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicologia USP, 14*(3), 35-45.

Costa, J. F. (2003). *Violência e psicanálise* (3a ed). Rio de Janeiro, RJ: Graal.

Cromberg, R. U. (2001). *Cena incestuosa: abuso e violência sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cuoghi, M. C., & Carrijo, C. E. M. (2018) Psicodiagnóstico de pré-adolescentes e adolescentes vítimas de violência sexual: contribuições psicanalíticas. In P. Porchat, & C. C. E. Mouammar (Orgs.), *Psicanálise e interfaces* (pp. 53-66). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Editora.

Davila, A. (1995). Las perspectivas metodológicas cualitativa y cuantitativa en las ciencias sociales: debate teórico e implicaciones praxeológicas. Em J. M. Delgado & J. Gutiérrez. (Orgs.), *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en Ciencias Sociales* (pp. 69-83). Madrid: Síntesis.

De Antoni, C., Yunes, M. A. M., Habigzang, L., & Koller, S. H. (2011). Abuso sexual extrafamiliar: percepções das mães de vítimas. *Estudos de Psicologia, 28*(1), 97-106.

Dias, E. O. (2006). O caráter temporal e os sentidos de trauma em Winnicott. *Winnicott E-prints, 1*(2), 1-8.

Douville, O. (2004). A mediação projetiva: o exemplo do Rorschach e do TAT. In C. R. d'Allonnes, C. Assouly-Piquet, F. B. Slama, A. Blanchet, O. Douville, A. Giami, K. C. Nguyen, M. Plaza & C. Samalin-Amboise, *Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: documentos, métodos, problemas* (pp. 127-145). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Eiguer, A. (1998). A parte maldita da herança. In: A. Eiguer (Org.), *A transmissão do psiquismo entre as gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica* (pp. 21-84). São Paulo, SP: Unimarco.

Faimberg, H. (2001). A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez, & J. J. Baranes, *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (p.71-93). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Favaretto, P. Z., & Valle, T. G. M. (2011). Compreendendo a dinâmica familiar de adolescentes expostos à violência sexual intrafamiliar. *Omnia Saúde*, *8*(1), 1-25.

Ferenczi, S. (1988). O conceito de introjeção. In S. Ferenczi, *Escritos psicanalíticos: 1909-1933* (pp. 61-63). Rio de Janeiro: Taurus. (Trabalho original escrito em 1912)

Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original escrito em 1932 e publicado em 1985)

Ferenczi, S. (1992). Confusão de línguas entre adultos e crianças. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)

Ferreira, A. L. (2005). Acompanhamento de crianças vítimas de violência: desafios para o pediatra. *Jornal de Pediatria*, *81*(5), 173-180.

Figaro-Garcia, C. (2004). Trauma e incesto. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, *17*(177), 66-73.

Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, *39*(70), 257-278.

Forward, S., & Buck, C. (1989). *A traição da inocência*: *o incesto e sua devastação*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.

França, C. P., & Matos, D. P. (2014). O *nonsense* de algumas mães: ressonâncias de ansiedades arcaicas. In C. P. França (Org.), *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar* (pp. 179-190). São Paulo, SP: Escuta.

Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 15-85). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1996). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 13-168). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Fuks, L. B. (1998). Abuso sexual de crianças na família: reflexões psicanalíticas. *Revista Percurso*, *20*, 120-126.

Fuks, L. B. (2006). *Consequências do abuso infantil*. Recuperado de http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs36/36Fuks.htm.

Furniss, T. & Veronese, M. A. V. (1993). *Abuso sexual: uma abordagem multidisciplinar: manejo, terapia e intervencao legal integrados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Gomes, I. C. & Levy, L. (2016). A Psicanálise vincular e a preparação de crianças para a adoção: uma proposta terapêutica e interdisciplinar. *Contextos Clínicos, 9*(1), 109-117.

Granjon, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar analítica. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 17-44). São Paulo, SP: Escuta.

Grassano, E. (1996). *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas* (L. S. L. P. C. Tardivo, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gutierrez, D. M. D., Castro, E. H. B., & Pontes, K. D. S. (2011). Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do Nufen, 1*(2), 3-24.

Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005) Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*(3), 341-348.

Herrmann, F. (2004). Pesquisa psicanalítica. *Ciência e Cultura, 56*(4), 25-28.

Iencarelli, A. M. B. (2013). *Abuso sexual: uma tatuagem na alma de meninos e meninas*. São Paulo, SP: Zagadoni.

Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendoza. (2009). *Violência doméstica infantil*. Recuperado de https://sites.google.com/site/violenciainfantilturma3107/violencia-domestica-infantil.

Jewkes, R., Sem, P., Garcia-Moreno, C. (2002). Sexual violence. In E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi, & R. Lozano (Eds.), *World report on violence and health* (pp. 149–181). Geneva, SWI: World Health Organization.

Kaës, R. (2000). Um pacto de resistência intergeracional ao luto: transmissão psíquica dos efeitos da morte de uma criança sobre os irmãos e irmãs e sobre sua descendência. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 45-59). São Paulo, SP: Escuta.

Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez, & J. J. Baranes, *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-25). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1996). *Vocabulário da psicanálise* (2a ed). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Lejarraga, A. L. (2008). Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Natureza Humana, 10*(2), 115-148.

Lejderman, A. T. (1991). Comentários sobre o trabalho abuso sexual na infância: diferentes modalidades de intervenção. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 13(3), 146-148.

Lima, J. A., & Alberto, M. F. P. (2010). As vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar. *Estudos de Psicologia, 15*(2), 129-136.

Lowenkron, A. M. (2006). Pesquisa clínica na psicanálise: caminhos. *Jornal de Psicanálise, 39*(71), 171-188.

Malgarim, B. G., & Benetti, S P. C (2011). O abuso sexual: estudos de casos em cenas incestuosas. *Estudos de Psicologia, 28*(4), 511-519.

Martins, M. C. F (2011). Arte, só na aula de arte? *Educação, 34*(3), 311-316.

Mendes, A. P. N. & França, C. P. (2014). Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. In C. P. França (Org.), *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar* (pp. 179-190). São Paulo, SP: Escuta.

Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência e Saúde Coletiva, 17*(3), 621-626.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde (2018). Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. *Boletim Epidemiológico, 49*(27), 1-17.

Ministério dos Direitos Humanos. (2018). *18 de maio: Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual.* Recuperado de https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/maio/18-de-maio-dia-nacional-de-combate-ao-abuso-e-a-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes-1.

Motta, I. F., & Rosa, J. T. (2008). Violência no relacionamento pais e filhos. In J. T. Rosa, & I. F. Motta (Orgs.), *Violência e sofrimento de crianças e adolescentes na perspectiva winnicottiana* (pp 17-44). São Paulo, SP: FAPESP.

Ocampo, M. L., Arzeno, M. E. G., & Piccolo, E. G. (2001). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas* (10a ed). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Pimentel, A., & Araujo, L. S. (2006). Violência sexual intrafamiliar. *Revista Paranaense de Medicina, 20*(3), 39-42.

Pinto, E. B., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2001). Psicanálise e universidade: perspectivas. *Psicologia USP, 12*(2), 137-145.

Piva, A. (2009). A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade,* (7), 74-85.

Piva, A. (2011). Abuso sexual: traumatismo e catástrofe psíquica. *Psicanálise, 13*(2), 545-559.

Puget, J. (2000). Disso não se fala... Transmissão e memória. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 73-88). São Paulo, SP: Escuta.

Raven, J. C., Raven, J., & Court, J. H. (1988). *Matrizes Progressivas Coloridas de Raven: m*anual. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Razon, L. (2007). A organização incestuosa. In L. Razon, *Enigma do incesto: da fantasia à realidade* (pp. 161-170). Rio de Janeiro, RJ: Cia de Freud.

Rehbein, M. P., & Chatelara, D. S. (2013). Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia, 25*(3), 563-583.

Rouyer, M. (1997). As crianças vítimas, consequências a curto e médio prazo. In M. Gabel (Org.), *Crianças vítimas de abuso sexual* (pp. 62-71). São Paulo, SP: Summus.

Safra, G. (1999). A clínica em Winnicott. *Natureza humana, 1*(1), 91-101.

Safra, G. (2002). Memória e subjetivação. *Memorandum, 2*, 21-30.

Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2008). Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência. *Estudos de Psicologia, 25*(4), 595-606.

Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Revelações do abuso sexual infantil: reações maternas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25*(1), 85-92.

Silva, M. F. X., & Villemor-Amaral, A. E. (2006). A auto-estima no CAT-A e HTP: um estudo de evidência de validade. *Avaliação Psicológica, 5*(2), 205-215.

Silveira, D. T., & Córdova, F. P. (2009). A pesquisa científica. In T. E. Gerhardt, & D. T. Silveira (Orgs.), *Métodos de pesquisa* (pp. 31-41). Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS.

Souza, C. M., & Adesse, L. (Orgs.). (2005). *Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios.* Recuperado de http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2014/02/SPM_violenciasexual2005.pdf.

Stake, R. E. (2011). Pesquisa qualitativa como as coisas funcionam. In R. E. Stake, *Pesquisa qualitativa: explicando como as coisas funcionam* (C. Reis, trad., pp. 21-45). Porto Alegre, RS: Penso.

Tardivo, L. S. L. P. C. (2007). *Enquadres diferenciados na intervenção junto a pacientes internados em Hospital Psiquiátrico: reflexões, possibilidades e relato de experiências.* Recuperado de https://abpsa.org.br/wp-content/uploads/2017/04/Textos%20Integrais/MesasRedonda/MR9.1%20%20Enquadres%20diferenciados%20em%20hospital%20psiqui%C3%A1trico.pdf.

Tardivo, L. S. L. P. C. (2017). O desenho da figura humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. *Boletim Academia Paulista de Psicologia, 37*(92), 63-78.

Tardivo, L. S. P. C., & Pinto Junior, A. A. (2010). *IFVD: Inventário de frases no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo, SP: Vetor.

Teicher, M. H. (2002). Feridas que não cicatrizam: a neurobiologia do abuso infantil. *Scientific American Brasil, 1*, 83-89.

Trachtenberg, A. R. C. (2012). Efeitos psíquicos das heranças culturais. In S. S. Pastori, & R. F. Nicolau (Orgs.). *Encontro transcultural: subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado* (pp.155 -165). São Paulo, SP: Escuta.

Trinca, W. (Org.). (1997). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimentos de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias*. São Paulo, SP: Vetor.

Trinca, A. M. T. (2013a). Desenvolvimento do procedimento de desenhos-estórias. In W. Trinca (Org.), *Procedimentos de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões* (pp. 27-77). São Paulo, SP: Vetor.

Trinca, W. (Org.). (2013b). *Formas compreensivas de investigação psicológica: procedimento de desenhos-estórias e procedimentos de desenhos de família com estórias*. São Paulo, SP: Vetor.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, *39*(3), 507-514.

Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro*, *20*(5), 383-386.

Vieira Filho, N. G., & Teixeira, V. M. S. (2003). Observação clínica: estudo da implicação psicoafetiva. *Psicologia em Estudo*, *8*(1), 23-29.

Winnicott, D. W. (1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In C. Winnicott, & R. Shepherd (Orgs.), *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu, trad., pp. 195-202). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1969)

Winnicott, D. W. (1994). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. In: D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (J. Abreu, trad., pp. 102-115). Porto Alegre, RS: Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)

Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso (Breakdown). In C. Winnicott, & R. Shepherd (Orgs.), *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu, trad., pp. 70-76). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)

Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise* (D. Bogolometz, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2000). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (J. Russo, trad., 2a ed., pp. 399-405). Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1978. (Trabalho original publicado em 1956)

Winnicott, D. W. (2007). *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1983)

Winnicott, D. W. (2011). *A família e o desenvolvimento individual* (4a ed., M. Cipolla, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965)

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (D. Grassi, trad., 4a ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Zaluar, A. (1999). Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo em Perspectiva*, *13*(3), 3-17.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você e sua filha estão sendo convidadas para participar da pesquisa *Experiência materna e psicodinamismos de meninas que sofreram abuso sexual e de suas respectivas mães*, que está sendo desenvolvida por mim, Mariana Campeti Cuoghi, psicóloga e aluna do curso de mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto USP, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Barbieri do Departamento de Psicologia.

Por meio desta pesquisa pretendemos compreender as relações entre mães e filhas (que sofreram abuso sexual), desde o seu nascimento até o momento atual, após a descoberta da violência sexual. Esta pesquisa irá possibilitar compreender melhor o sofrimento seu e de sua filha e as maneiras com que vocês tentam lidar com esta experiência da violência, pensando em propor alguma ajuda para vocês.

Para isto, precisamos da colaboração de crianças e suas mães e gostaríamos que você e sua filha participassem deste estudo. A participação de vocês é voluntária e sua recusa não implicará nenhum tipo de consequência ou prejuízo para você, nem para sua filha.

As informações que você e sua filha fornecerem poderão ser apresentadas em eventos científicos e publicadas em periódicos científicos, mas sempre será mantido o anonimato, de modo que a identidade não será publicada em nenhum momento.

Caso vocês aceitem este convite, realizaremos dois encontros com você em uma sala reservada. No primeiro deles, será mostrada a você uma obra de arte para que facilite uma conversa a respeito de sua experiência como mãe e depois será realizada uma entrevista para que eu tenha mais algumas informações sobre sua família. Depois, haverá mais um encontro em que você responderá a um procedimento de avaliação da personalidade, que consiste na realização de desenhos e estórias. Esses procedimentos contribuirão para o entendimento sobre o seu jeito de ser e de se relacionar com sua filha. Tais atividades são importantes para o objetivo deste estudo.

O procedimento com sua filha será semelhante: ela deverá participar de dois encontros individuais. No primeiro, ela responderá a um procedimento de completar figuras e outro de avaliação da personalidade, que consiste na realização de desenhos com algumas perguntas. No segundo, ela responderá a outro procedimento parecido com o seu, a realização de desenhos e estórias. Esses encontros com você e com sua filha ocorrerão aqui mesmo no SEAVIDAS (Serviço de Atendimento à Violência Doméstica e Agressão Sexual) ou no CPA (Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, conforme vocês preferirem e em horário de sua conveniência.

Durante cada encontro, se você e sua filha permitirem, será utilizado um gravador de áudio, para termos certeza de que nada do que você ou sua filha disserem será "esquecido" ou passará despercebido. Ao dar seu consentimento, você também estará concordando com o fato de que as gravações realizadas em áudio sejam transcritas e que o material produzido possa ser utilizado por nós, exclusivamente para fins de pesquisa, preservando os valores éticos quanto aos dados fornecidos, de acordo com as normas que regem a realização de pesquisas com seres humanos. Se, no futuro, desejarmos utilizar os seus dados e os de sua filha para outras pesquisas, você e ela serão consultadas e somente faremos isso se tivermos a autorização de vocês.

No decorrer dos encontros, caso você ou sua filha queiram descansar, podemos, a qualquer momento, parar por algum tempo até que vocês estejam dispostas a continuar. Cada encontro tem uma duração prevista de 60 minutos, podendo variar para pouco mais ou pouco menos.

Esta pesquisa não prevê benefícios diretos a você ou à sua filha, como remuneração ou outra vantagem especial. Entretanto, você será reembolsado caso tenha alguma despesa decorrente de sua participação e de sua filha na pesquisa, como transporte ou qualquer outra. Você e sua filha também terão direito de receber uma entrevista devolutiva referente aos seus resultados e aos de sua filha ao final da participação de vocês ou em qualquer outro momento que desejar.

A participação de vocês auxiliará os profissionais de saúde a compreenderem melhor as relações entre uma criança que sofreu violência sexual e sua mãe. A partir dessas informações, esses

profissionais poderão aprimorar os programas de atenção dirigidos a essas pessoas, e fortalecer mudanças positivas nos serviços de atendimento.

Pode acontecer que ao longo dos nossos encontros algumas questões que conversarmos provoquem desconforto psicológico em você ou em sua filha, como mobilização de emoções ou expressão de aspectos em que você e sua filha não estejam de acordo, consistindo este o risco de participar desta pesquisa. Caso isso ocorra, você ou sua filha poderão conversar comigo, que me encarregarei de acolher vocês para que recuperem o seu bem-estar. Além disso, se, ao final da participação de vocês na pesquisa, vocês sentirem necessidade ou desejarem realizar acompanhamento psicológico (além do atendimento que terão no SEAVIDAS em seguida), eu me responsabilizarei por encaminhá-las a um serviço de atendimento psicológico gratuito na cidade de Ribeirão Preto.

Você e sua filha são livres para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, bastando comunicar esse desejo. A desistência não implicará consequências para você, nem causará prejuízos ou interrupção nos tratamentos que sua filha irá realizar.

Ao aceitar participar deste estudo é importante que você saiba que tem direito de receber esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Se você tiver qualquer dúvida quanto aos procedimentos deste estudo, elas poderão ser esclarecidas a qualquer momento. Basta falar diretamente comigo ou entrar em contato por e-mail comigo ou com minha orientadora nos endereços: marianacuoghi@gmail.com ou valeriab@ffclrp.usp.br, ou no telefone: (16) 3315-3798, das 8 às 17 horas, de segunda à sexta-feira. O endereço profissional meu e de minha orientadora é: Departamento de Psicologia, Bloco 5, salas 5 e 34 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, situada à Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901 - Ribeirão Preto-SP.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, que tem a finalidade de proteger eticamente os participantes de pesquisas. Caso tenha necessidade de obter algum esclarecimento adicional sobre os aspectos éticos deste estudo, você pode entrar em contato com esse Comitê por meio do e-mail: coetp@ffclrp.usp.br, ou telefones: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660. O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da FFCLRP USP está localizado na Rua Clóvis Vieira, casa 37, bloco 23, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, situada à Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901 - Ribeirão Preto-SP.

Agradecemos a sua atenção e colocamo-nos à disposição para os esclarecimentos que você necessitar.

Considerando o que foi explicado acima, declaro que:

Fui informada de que a minha participação e a de minha filha nesta pesquisa é inteiramente voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem que isso possa acarretar qualquer tipo de consequência para mim ou minha filha. Estou ciente de que nossas participações serão registradas por meio de gravações de áudio, com o que consinto voluntariamente, desde que as mesmas sejam utilizadas com objetivos de pesquisa. Estou ciente de que a divulgação do material produzido irá resguardar meu anonimato e o de minha filha. Estou ciente também de que todo material derivado de nossa colaboração será utilizado com objetivo exclusivo de pesquisa e que serão tomados os demais cuidados éticos necessários para preservar nossos direitos à intimidade e dignidade pessoal. Fui informada ainda que a pesquisadora e a orientadora responsáveis por esse projeto poderão realizar apresentações em eventos científicos, bem como publicar os resultados deste estudo em periódicos científicos, respeitando-se os limites éticos aqui afirmados.

Considero que fui esclarecida a respeito deste estudo e estou informada de que tenho a disponibilidade da pesquisadora para prestar esclarecimentos em relação a eventuais dúvidas que possam surgir no decorrer da pesquisa. Também estou ciente de que terei acesso aos resultados deste estudo após sua conclusão, caso eu tenha interesse, e que posso retirar a minha concordância em qualquer etapa da pesquisa.

Considerando o exposto, aceito participar voluntariamente deste estudo e autorizo também a participação de minha filha nele.

Eu, _____ (nome da participante), recebi uma via deste Termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção antes de firmá-lo, depois que aceitei participar e autorizar a participação de minha filha neste estudo, sabendo que tais participações são livres e inteiramente voluntárias.

Data: _____ de _____ de 201__.

_____

Assinatura do participante

_____	_____
Mariana Campeti Cuoghi	**Profª Drª Valeria Barbieri**
Mestranda FFCLRP-USP	**Orientadora FFCLRP-USP**

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Apresento-me como psicóloga e aluna do curso de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Valeria Barbieri do Departamento de Psicologia. Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa chamado *Experiência materna e psicodinamismos de mães de meninas que sofreram abuso sexual e o desenvolvimento do self infantil*, sobre meninas que sofreram violência sexual e a relação que possuem com suas mães. O objetivo é conhecer a relação da mãe com a filha que sofreu a violência, de modo a propor alguma ajuda para elas. Por isso, como essa instituição atendeu e atende famílias que possam estar nessa situação, solicito a sua colaboração fornecendo indicações e colocando-me em contato com famílias que poderiam participar do estudo, caso elas desejem.

As atividades serão as seguintes:

1. Com a mãe: dois encontros em torno de uma hora cada um, em que serão realizadas entrevista e atividade que envolve a realização de desenhos e invenção de estórias.
2. Com a criança: duas sessões, em que será realizada uma atividade de completar figuras e dois procedimentos de investigação da personalidade, envolvendo também desenhos e estórias.
3. Será realizado também um encontro com cada mãe e cada criança para a devolutiva dos dados.

Com o consentimento das participantes, os encontros serão gravados e transcritos, sendo que apenas eu ouvirei o conteúdo. As transcrições serão utilizadas para fins acadêmicos e os nomes serão omitidos para garantia do sigilo e da privacidade das participantes.

Todos os casos serão avaliados por mim, e os encontros poderão ser realizados aqui nesta instituição, em sala reservada, ou no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, conforme a preferência das participantes, em horário a combinar, respeitando a disponibilidade da família.

As informações obtidas durante o trabalho são sigilosas, e embora os dados possam ser divulgados em congressos e artigos científicos de circulação restrita aos profissionais da área, haverá alteração de identificação dos participantes, de modo a preservar o sigilo ético.

A colaboração desta instituição, bem como a das mães e crianças, é voluntária, e a recusa a participar ou a desistência ao longo do processo não implicam qualquer tipo de penalidade ou ônus. Se houver necessidade de qualquer informação anterior ao início do trabalho ou no decorrer dele, esta poderá ser requisitada comigo ou com a minha orientadora.

Não haverá riscos diretos para a instituição colaboradora, nem para as famílias participantes, a não ser a possibilidade de se emocionarem como em um atendimento psicoterápico comum, se isso acontecer, eu me responsabilizarei por oferecer acolhimento psicológico imediato até que a mãe ou a criança recuperem o seu bem-estar. Caso as participantes desejem ou sintam a necessidade de iniciar uma terapia individual, além do serviço prestado pelo SEAVIDAS, eu me responsabilizo a fazer toda a orientação necessária sobre os serviços gratuitos de acompanhamento psicológico de Ribeirão Preto.

Os benefícios da pesquisa também não serão diretos, mas, ao final dela poderei realizar uma apresentação geral dos resultados à instituição, que auxiliará os profissionais a obterem um melhor conhecimento sobre a realidade emocional desses casos e, com isso, aprimorarem os atendimentos oferecidos. Disponibilizo-me também a auxiliar como for possível nos atendimentos durante os períodos em que estiver na instituição, caso seja necessário. As participantes receberão uma entrevista devolutiva da avaliação psicológica realizada na pesquisa.

Caso houver acordo da instituição em participar, solicito a assinatura da autorização, logo abaixo. Agradeço e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

_____	_____
Pesquisadora responsável	Profa. Dra. Valéria Barbieri
Mariana Campeti Cuoghi	Centro de Psicologia Aplicada
Telefone: (18) 99633-5777	FFCLRP - USP
E-mail: marianacuoghi@usp.br	E-mail: valerib@ffclrp.usp.br

AUTORIZAÇÃO

Concordo em colaborar com a pesquisa *Experiência materna e psicodinamismos de mães de meninas que sofreram abuso sexual e o desenvolvimento do self infantil***,** desenvolvida pela psicóloga e aluna da Pós-graduação Mariana Campeti Cuoghi, fornecendo indicações de famílias que poderão participar do estudo, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Declaro estar ciente das informações contidas neste Termo de Anuência, do qual guardo uma via assinada.

_____

Responsável

Ribeirão Preto, _____ de, _____ de, _____

APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA COM A MÃE

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Nome da criança:_____
Idade:_____
Residência:_____Nº_____
Série escolar:_____
Nome da mãe: _____
Idade:_____
Nível de instrução:_____
Profissão (a oficial e a que exerce):_____
Nome do pai:_____
Idade:_____
Nível de instrução: _____
Profissão (a oficial e a que exerce):_____
Situação da criança na constelação familiar; idade e sexo dos irmãos, se houver:
_____
_____
Outras pessoas que residem na casa:
_____
_____

2. SONO E SONHOS

a) Sono:
Verificar a presença de:
Pesadelos frequentes ( ) Sonambulismo ( ) Terrores noturnos ( )
Sono agitado ( ) Insônia ( )
Observações:
_____
_____
b) Sonhos:
Costuma ter muitos pesadelos? ( ) Sim ( ) Não
Se sim, o que sonha?
_____
_____
Como se sente quando tem esse(s) sonho(s)?
_____
_____
Qual a frequência desse(s) sonho(s)?
_____
Há algum outro sonho que a perturba ou a deixa feliz? Qual?
_____
_____
c) Dormiu no quarto dos pais ( ) Sim ( ) Não
Até quantos anos? _____
Por que e como isso acontecia?
_____
_____
Hoje dorme só ou com outros? Por quê?
_____
_____
Conduta dos pais:
_____
_____

Em geral, você acha que ela tem boas noites de sono? ( ) Sim ( ) Não
Observações:

Já teve ou tem enurese ou encoprese? Se sim, quando?
( ) Sim ( ) Não

3. SAÚDE

a) Sua filha tem alguma doença? ( ) Sim ( ) Não
Se sim, qual?

Como e quando se desenvolveu?

b) Ela costuma se queixar de algum tipo de mal estar (físico, mental ou psicológico)?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, do que e por que se queixa?

c) Como é rotina alimentar de sua filha?

d) Apresenta ou já apresentou algum problema alimentar (falta ou excesso de apetite)?
( ) Sim ( ) Não
Observações:

4. ROTINA DE VIDA

a) Tem horários regulares para as refeições e sono? ( ) Sim ( ) Não
Quais?
b) Respeita espontaneamente estes horários? ( ) Sim ( ) Não

c) Qual é o seu horário escolar?

d) Tem atividades extras escolares regulares? Como se distribuem? (aulas particulares, língua estrangeira, religião, ballet, ginástica, natação, música, etc.)

e) Outras atividades ocasionais? (esportivas, recreativas, sociais, culturais)

f) Qual o tempo que dispõe para os deveres escolares?

g) Na escola, qual é o rendimento de sua filha? Ela apresenta ou apresentou alguma dificuldade de aprendizagem?

h) Na escola, como ela se relaciona com os amigos e professores?

i) Para as atividades recreativas de sua escolha?

j) Nos fins de semana, o que costuma fazer?

_____
_____

5. SOBRE O ABUSO SEXUAL

a) Com que idade aconteceu o abuso?_____
b) Quem foi o abusador? _____
c) Como e quando descobriu?

_____
_____
_____

d) Eram episódios frequentes? ( ) Sim ( ) Não
Observações:

_____
_____

e) Como a criança reagia no período em que ocorria o abuso?

_____
_____
_____

f) Como você reagiu quando descobriu? Vocês conversaram?

_____
_____
_____

g) Como sua filha está hoje em relação ao abuso?

_____
_____
_____

h) Sua filha mantém algum tipo de contato com o a pessoa que cometeu o abuso?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, como? Onde? Qual a frequência?

_____
_____

i) Como é a sua relação com sua filha?

_____
_____
_____

j) Qual é a maior dificuldade que você enfrenta em relação à sua filha? Por quê?

_____
_____
_____

k) Quais os seus sentimentos atuais em relação à sua filha?

_____

6. SOCIABILIDADE

a) Sua filha possui muitos amigos? ( ) Sim ( ) Não
b) Sai sem a família com os amigos? Explique.

_____
_____

c) Sua filha costuma brincar bastante? ( ) Sim ( ) Não
d) Com os amigos ou sozinha?

_____

e) Como são as brincadeiras dela? Com quais brinquedos ela costuma brincar?

_____
_____

f) Como é o relacionamento de sua filha com os amigos?

_____
_____

f) Como reage às frustrações?

_____
_____

7. SEXUALIDADE

a) Sua filha namora/paquera? ( ) Sim ( ) Não

_____

b) Ela apresenta algum tipo de comportamento que preocupa você?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, como e quando ocorre?

_____
_____

c) Sua filha teve alguma orientação sexual? Quem a deu e como?

_____
_____

Observação:

_____
_____

ANEXOS

ANEXO A – OBRA DE ARTE “MATERNAL KISS” DE MARY CASSATT